

CROSS THE LINE

CRUZAR A META



SIMONE SOLTANI

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

CROSS THE LINE

CRUZAR A META



CROSS THE LINE
**CRUZAR
A META**

SIMONE SOLTANI

TRADU-
ZIONE DI
SILVIA FERRARI

 **Einaudi**

Para todos aqueles que diariamente superam a dor.

E para a mãe J. Este eu ia deixar -te ler.



CALENDÁRIO DAS CORRIDAS DE F1

Barém • 3-5 de março
Arábia Saudita • 17-19 de março
Austrália • 31 de março-2 de abril
Azerbaijão • 28-30 de abril
Estados Unidos da América (Miami) • 5-7 de maio
Itália (Imola) • 19-21 de maio
Mónaco • 26-28 de maio
Espanha • 2-4 de junho
Canadá • 16-18 de junho
Áustria • 30 de junho-2 de julho
Inglaterra • 7-9 de julho
Hungria • 21-23 de julho
Bélgica • 28-30 de julho
Férias de verão
Países Baixos • 25-27 de agosto
Itália (Monza) • 1-3 de setembro
Singapura • 15-17 de setembro
Japão • 22-24 de setembro
Qatar • 6-8 de outubro
Estados Unidos da América (Austin) • 20-22 de outubro
México • 27-29 de outubro
Brasil • 3-5 de novembro
Estados Unidos da América (Las Vegas) • 16-18 de novembro
Abu Dabi • 24-26 de novembro



Prólogo

Dev

OUTUBRO – AUSTIN, TEXAS

Fiz merda. Caramba, fiz *muita* merda.

Ouço o meu engenheiro de corrida ao ouvido, a fazer -me perguntas do tipo «O que aconteceu?» «Estás bem?» e, mais importante, «Quais são os danos do carro?» Tenho de lhe responder, tenho de o tranquilizar e à equipa de que estou consciente depois de ter derrapado na gravilha e chocado contra uma barreira a quase cento e sessenta quilómetros por hora. Mas, por agora, vão ter de confiar nos meus sinais vitais que lhes são apresentados nos monitores, porque eu não consigo formular nenhuma frase. Não que haja alguma coisa fisicamente errada comigo. É só que o meu cérebro não está... presente. Está de folga. Ausentou -se para ir almoçar. E não é por causa do acidente.

– Dev? – a voz do Branny atravessa o nevoeiro, e é evidente através do rádio que se sente profundamente preocupado. – Consegues ouvir -me? Estás bem? Repito, estás bem?

– Estou bem – engasgo -me, ainda agarrado ao volante. Os nós dos meus dedos devem estar brancos por debaixo das luvas. – Mas o carro ficou destruído. Peço desculpa a todos. A culpa é minha.

Como todos os bons engenheiros, ele vai querer saber qual foi o problema, mas sabe que é melhor não perguntar pelo rádio da equipa, onde qualquer pessoa no mundo pode estar a ouvir. Vai esperar até que seja feito o interrogatório e, depois disso, posso levar uma coça do nosso CEO, do chefe da equipa e do meu mecânico -chefe. E vou merecê -la porque a culpa foi mesmo minha.

A culpa não foi do carro, da superfície da pista, de outro piloto ou de qualquer força da natureza. Não, fui eu que cometi um pecado mortal enquanto estava ao volante.

Distraí -me.

Não devia ter acontecido. *Nunca* aconteceu em todos os meus anos de

corridas, e muito menos durante os cinco em que estive na Fórmula 1. Nunca deixei que a minha mente vagueasse tanto que me fizesse travar demasiado tarde e perder o controlo da traseira do carro. Mal tive tempo de reagir antes de colidir bruscamente contra as barreiras.

– Desliga o motor e volta para a *pit stop* – diz o Branny.

Faço o que me mandam para não piorar mais a situação. Imagino o que os comentadores da televisão vão discutir acerca das possíveis razões do meu acidente. Já os consigo ouvir dizer «É uma grande desilusão, mas o que importa é que ele está bem».

Mas eu não estou bem. Longe disso. Fiz asneira da grossa, e não estou a falar do acidente.

Não consigo parar de pensar no que fiz, nem mesmo quando saio do meu carro em ruínas e me afasto dos danos no valor de milhares de euros. Se for honesto comigo mesmo, as coisas podem nunca mais voltar a estar bem.

Porque, na noite anterior, beijei a Willow Williams. E é como se já estivesse morto.

¹ Paragem técnica (automobilismo) durante uma corrida para fazer mudanças no carro (N. da T.)



Capítulo 1

Willow

SETE MESES DEPOIS, MAIO – NOVA IORQUE

Quase incendiava o meu apartamento. Outra vez.

Fazer *macarons* não devia ser assim tão difícil. São pequenos e fofos, e a receita leva ingredientes muito simples, são só claras de ovo, farinha de amêndoa e açúcar. Portanto, pergunto-me o porquê, oh *porquê*, de não conseguir terminar uma única fornada sem fazer asneira?

– Oh não, oh merda – murmuro, enquanto agarro numa das luvas em cima do balcão e retiro os bolinhos, agora a fumegar. De acordo com o temporizador, só deviam estar prontos daqui a cinco minutos e, mesmo assim, estão quase queimados. Ou a receita estava errada em relação à temperatura da cozedura, ou o meu forno veio diretamente do inferno. Aposto que é a segunda opção.

Estou desesperada por recriar o clássico *macaron* da famosa Pastelaria Stella Margaux porque, há um mês, a única loja em Nova Iorque fechou para obras e não consigo viver sem eles. Aquela notícia foi suficiente para considerar voltar para a costa oeste, onde existe uma Stella praticamente a cada trinta metros.

Por outro lado, se não conseguir encontrar um emprego nos próximos meses, talvez não tenha outra hipótese se não regressar a San Diego e viver com a minha família. Vim para Nova Iorque há quatro anos por causa da faculdade e tinha planos de cá ficar, quem sabe, o resto da minha vida. A minha educação foi financiada pelos meus fantásticos pais, com a condição de que, após a licenciatura, me iria sustentar sozinha. Na verdade, eles não iriam ter qualquer problema em continuar a ajudar -me, e sem dúvida que têm a possibilidade de o fazer, mas estes são os meus valores. Fiz uma promessa e tenciono cumpri -la. Só não achei que fosse tão difícil.

Dei o litro durante a licenciatura e fiz duas especializações, em comunicação e *marketing* desportivo, e um *minor* em inglês, com novos estágios todos os semestres. Com toda aquela experiência, pensava que ia ser

fácil encontrar um trabalho a tempo inteiro no departamento de *marketing* de uma equipa desportiva profissional, ou seja, o meu trabalho de sonho. Mas depois de dezenas de candidaturas ignoradas, nenhuma passagem à segunda fase após entrevistas e intermináveis mentiras do tipo «Entraremos em contacto», continuo desempregada.

Era muito pior se eu não me tivesse licenciado somente na semana passada, mas há meses que envio candidaturas, na esperança de já ter trabalho assim que me entregassem o meu diploma. O meu irmão conseguiu trabalho na área dele alguns meses antes de se licenciar, por isso, achei que não havia razão para não conseguir fazer o mesmo.

Ah. Que piada, porque aqui estou eu sem trabalho, com uma quantia cada vez menor na conta bancária e a duas horas de carro da Stella Margaux mais próxima. Não é a isto que chamo *viver a minha melhor vida*. Mas raios me partam se não me estou a esforçar.

– O que está a arder? – pergunta Chantal da porta da cozinha, e torce o nariz ao sentir o cheiro.

Suspiro e abro a janela, olhando de relance para a minha companheira de casa.

– Os meus sonhos e expectativas.

– Imaginei. Cheira tão mal.

Não consigo discordar.

– É a quarta fornada que destruo – lamento, enquanto me arrasto para ao pé dela. À procura de algum conforto, pouso a cabeça no seu braço. Não no ombro dela, visto que mal tenho um metro e meio e ela é praticamente uma modelo com um metro e oitenta. – Os primeiros não eram suficientemente doces. Os segundos eram tão rasos como crepes. Os terceiros estavam mal cozidos, e estes estão...

– A arder.

– Chamuscados – corrijo, enquanto me afasto e lanço -lhe um olhar de advertência. Mas não posso ficar muito zangada, porque estavam, sim, a arder a certa altura. – Não consigo acertar e não sei qual é o problema.

Neste momento, é praticamente uma metáfora para a minha vida.

– Faz uma pausa – diz Chantal. O tom é firme, mas com um toque de ternura. – Podes tentar outra vez amanhã.

Ela tem razão, e vou com certeza erguer -me e tentar outra vez amanhã, tal como faço sempre. Mas ela sabe que a minha frustração não se baseia só nos *macarons*. Sabe o quanto eu quero que a minha vida seja perfeita e o quanto me chateia não estar a conseguir tê -la. Sendo a minha companheira de casa desde o nosso primeiro ano de faculdade, foi testemunha de todos os meus altos e baixos e conhece de trás para a frente todos os meus sonhos e expectativas. Tenho sorte de que o seu trabalho de sonho como analista

financeira, vá -se lá entender porquê, a mantenha em Nova Iorque. Não sei o que iria fazer sem ela.

– Vou encomendar comida para que ninguém tenha de entrar nesta zona catastrófica – tira o telemóvel do bolso de trás dos calções de ganga que revelam as suas pernas longas e castanhas. – E vai ver do teu telemóvel, está bem? Não para de tocar no teu quarto e está a dar comigo em doida.

Lanço -lhe um sorriso tímido.

– Desculpa. Não queria distrair -me, por isso deixei -o lá.

Ela levanta uma sobrancelha de forma brincalhona.

– Ou seja, não querias correr o risco de o deixar cair na batedeira outra vez.

A minha cara fica vermelha com a menção daquela tentativa culinária específica.

– Aconteceu só uma vez!

Ela atira as tranças para cima de um ombro enquanto sai da cozinha, com as missangas delicadas nas extremidades a cintilarem à medida que avança. Ajudei -a a escolhê -las na semana passada, o dourado e o azul são perfeitos para as temperaturas amenas e servem como uma despedida antes de começar o seu novo trabalho para a semana e ter de mudar para um penteado mais «profissional». Era maravilhoso se o mundo deixasse de dizer às mulheres negras o que é apropriado usar quando se trata do nosso cabelo, mas ainda não chegámos lá.

Com um suspiro, tiro o avental e penduro -o no gancho junto à janela. O tecido de algodão cor -de -rosa pastel esvoaça com a brisa quente, a troçar silenciosamente de mim e do meu fracasso. Nem me dou ao trabalho de olhar para os *macarons* carbonizados quando saio da cozinha e percorro o corredor estreito até ao meu quarto.

Pelo caminho, passo pela porta aberta da Grace e ouço um pouco da conversa que ela está a ter ao telemóvel. A julgar pelo grunhidos ocasionais e pelas (muito poucas) palavras em cantonês que compreendo, graças às lições que ela me deu ao longo dos anos, consigo perceber que está a falar com a mãe. Provavelmente a garantir -lhe que não vai perder o voo para Hong Kong amanhã, o que já aconteceu duas vezes.

Ela acena -me quando passo por ela, e sopra -lhe um beijo em resposta antes de entrar no meu quarto, na porta ao lado. O sol entra pelas minhas cortinas transparentes, e cria pequenas sombras na minha secretária. O meu telemóvel está ali em cima, entalado entre alguns produtos para a pele e uma caneca cheia de canetas de gel com purpurinas. O ecrã está escuro, mas quando o levanto vejo inúmeras mensagens e chamadas perdidas, todas do meu irmão.

A maioria das pessoas iria assumir que tinha ocorrido algum tipo de

emergência, mas é assim que o Oakley funciona. Se não consegue falar comigo, ou com qualquer outra pessoa, na primeira tentativa, continua a ligar e a enviar mensagens até o atenderem. Não tem subtileza alguma.

Não me dou ao trabalho de abrir nenhuma das vinte mensagens. Provavelmente, são só emojis e a palavra «Atende!!!!» repetida vezes sem conta. Em vez disso, toco no nome dele, levo o telemóvel ao ouvido e deixo -me cair sobre o edredão a olhar pela janela para o prédio de tijolo do outro lado da rua.

– Estava a ver que não – resmunga o Oakley, assim que atende.

– Estava ocupada – digo, vagamente. Se lhe confessar do meu fracasso na cozinha, nunca mais se vai esquecer. – O que se passa?

– Queres ir ao Mónaco?

Outra coisa acerca do meu irmão, não perde tempo com rodeios.

Já estou habituada, mas mesmo assim a pergunta deixa -me perplexa.

– Mónaco? – repito. – O país?

– Sim, Willow, o país – goza ele. – Tenta acompanhar.

Reviro os olhos, mostrando -lhe mentalmente o dedo do meio.

– Meu Deus, estava só a confirmar.

– Então? – imagino -o a apressar -me ao fazer círculos com a mão no ar, sempre tão impaciente. – Estás interessada ou não?

– Sim – respondo, apesar de desconfiar da oferta. – Quem é que não estaria? Mas porque é que me estás a perguntar?

– Porque vou para a semana e pensei que talvez quisesse vir comigo. Além disso, é um fim de semana de corridas, e...

Bufo e interrompo -o.

– Já devia saber que estava relacionado com corridas.

Quando era adolescente, a vida do meu irmão girava em torno das corridas de karts, o que o levou a uma carreira de sucesso, mas de curta duração, na Fórmula 3. No final, desistiu para ter uma vida dita «normal» e foi para a universidade. Pessoalmente, eu não teria desistido da oportunidade de ser atleta profissional por nada. Mas essa é a diferença entre mim e o Oakley: ele tinha opções na vida. Eu não.

– E – continua o Oakley – a minha empresa está a organizar um grande evento. Pensei que talvez quisesse conversar com os atletas e depois ver a corrida no *paddock*. Tenho passes, cortesia da SecDark.

Parte dessa experiência universitária dita «normal» do Oakley envolveu estudar cibersegurança. Foi recrutado durante o segundo semestre do último ano por uma das principais empresas desse setor, a SecDark Solutions, e trabalha para eles desde então.

Os negócios foram tão bem sucedidos que, recentemente, passaram a patrocinar várias equipas desportivas e atletas, entre os quais uma equipa de

Fórmula 1, o que explica a festa e os passes para o *paddock*. Se não estivesse tão orgulhosa do meu irmão por ter subido na hierarquia de uma empresa tão próspera, estaria cheia de inveja.

Mas, tendo em conta que as vitórias dele me trazem benefícios, não me posso queixar que esteja melhor do que eu.

– Sei que não está a ser fácil encontrares trabalho – diz, antes que eu possa perguntar mais coisas acerca do evento –, mas esta pode ser uma boa oportunidade para estabeleceres contactos. Não desististe do sonho do *marketing* desportivo, pois não?

Rebolo para o lado e puxo os joelhos até ao meu peito. Sinto -me mais envergonhada com a gentileza do Oakley do que se estivesse a gozar comigo por continuar desempregada.

Uma carreira relacionada ao desporto sempre foi o meu sonho. Cresci a adorar basebol e basquetebol, adorava ir aos jogos com o Oakley e com o nosso pai, adorava a energia elétrica de uma multidão a torcer pela sua equipa favorita. Fiquei viciada desde o momento em que o pai me agarrou pela mão e me levou ao meu primeiro estádio. Depois disso, não houve como voltar atrás.

Queria ser como as pessoas nos campo desportivos. Queria correr pelas bases e fazer remates a partir do meio -campo. Queria ouvir o meu nome a ser entoado, fazer com que ecoasse nas bancadas e batesse no coração dos adeptos.

Infelizmente, o meu corpo impediu que esse sonho se tornasse realidade. Apesar de terem sido precisos anos e inúmeros médicos até obter o diagnóstico de hipermobilidade, soube desde cedo que era diferente dos outros miúdos e que nunca iria conseguir fazer algumas das atividades que eles faziam. A minha carreira de basebol terminou depois de um ombro deslocado durante a primeira aula, e o basquetebol estava simplesmente fora de questão graças a todas as corridas e paragens repentinas que os meus joelhos instáveis não conseguiam suportar. Ser atleta não estava ao alcance das minhas possibilidades.

Portanto, depois de anos a observar e a aprender ndas bancadas, achei que o *marketing* desportivo era a segunda melhor opção. Podia continuar imersa num mundo que me trazia alegria e podia partilhar essa alegria com os outros. Ou poderia, se arranjasse um emprego.

– Não, não desisti – suspiro. – Ainda estou à espera de resposta de alguns sítios.

– Então, entretanto, vem ao Mónaco – diz ele. – Como disse, o evento vai ser perfeito para conheceres novas pessoas. Ou, que se lixe, considera -o umas férias oferecidas por mim. Uma mistura de prenda de licenciatura e de aniversário muito antecipada.

– Tudo numa só? – digo. – Uau, és *tão* gentil.

– Vamos ser honestos. Só estou a convidar -te porque a mãe me obrigou.

– Ou seja, devo agradecer -lhe a ela pelo convite e não a ti?

– Semântica – diz, ignorando o meu comentário. Depois, volta ao seu discurso. – Pensa em todas as pessoas que vais conhecer. Sabes quantos atletas e respetivas equipas vão estar na festa? Se não receberes nenhuma oferta de trabalho no fim da noite, mergulho de um penhasco.

Rio -me baixinho.

– Vais fazê -lo mesmo que não receba – ambos herdámos genes viciados em adrenalina. Eu simplesmente sei que é melhor não agir de acordo com os meus.

– Provavelmente – admite. – Mas a sério, Wills. É uma grande oportunidade. E nem tens de mexer um dedo. Eu trato de tudo.

Viro -me de costas e estudo o teto, enquanto torço a bainha do meu vestido entre os dedos.

– Juras que vai valer a pena? – contenho -me, mas a excitação já começa a florescer-me no peito. – Não quero estar fora muito tempo e perder uma entrevista.

– Juro. Podes ir na quarta -feira e voltar na segunda de manhã.

Solto um suspiro e penso no assunto. Ele tem razão. Pode ser uma excelente oportunidade para fazer novos contactos. E quem não iria gostar de passar uns dias num dos sítios mais fixes do mundo? Além disso, quem sou eu para recusar uma viagem gratuita?

– Está bem, está bem – digo, antes que o meu cérebro me consiga apanhar.
– Leva-me ao Mónaco.

2 Parque, numa pista de corridas, onde os carros são preparados antes da corrida. (N. da T.)



Capítulo 2

Dev

MÓNACO

Tenho quase a certeza de que toda a gente nesta festa acha que tenho uma DST.

Para que conste, não tenho nem nunca tive, mesmo com as minhas escapadelas que a imprensa adora divulgar. O rumor é da responsabilidade da minha gestora de redes sociais, agora *ex*-gestora de redes sociais, que se despediu do cargo ao anunciar ao mundo, em todas as minhas plataformas *online*, que eu era o novo rosto da marca de *kits* para testes rápidos de DST, IYK Resultados Imediatos. Sem eles, eu não teria descoberto tão rapidamente que tinha clamídia. Mas não se preocupem, estou a ser tratado. Contudo, infelizmente, é uma estirpe resistente aos antibióticos. Alguns tipos têm mesmo sorte.

As publicações deram lucro à empresa, mas a mim? Não faço sexo há seis semanas, e a maioria das mulheres que aqui está nem olha para mim. É um desastre.

Sei que tenho matéria para a processar por difamação, mas o dano já está feito e não estou interessado em magoar a Jani por vingança. Neste momento, seguir em frente é a minha melhor opção. E, sendo honesto comigo mesmo, *talvez* merecesse enfrentar a sua ira depois de tudo o que a fiz passar quando trabalhava para mim. Não fui o cliente mais fácil, mas quem é que quer ter todas as partes da sua vida documentadas para serem expostas ao mundo? Mas a Jani insistia, dia após dia, até que por fim me passei.

Infelizmente, isso fê -la passar -se. Agora, a minha reputação está na merda, a minha equipa ignora -me e há rumores de que os meus patrocinadores pensam que posso não ser a pessoa certa para os representar. Não os posso perder, não posso perder esse dinheiro, porque sem isso perco o meu lugar na Argonaut Racing.

– Meu Deus, podes animar -te? Com esse ar assustadas todas as mulheres.

Ao meu lado, o Mark bebe inocentemente do seu champanhe. O *smoking*

mal lhe serve, apesar de o ter aconselhado a substituí-lo. Os seus ombros desafiam as costuras do casaco, e os peitorais retesam os botões da camisa branca. A qualquer momento, vão saltar e cegar quem tiver a infelicidade de se encontrar na zona de impacto. Apenas com um olhar, qualquer pessoa consegue perceber que o homem trabalha em *fitness* e que adora exhibir o físico. Se não fosse meu treinador e um dos meus melhores amigos desde o jardim de infância, ia achar que ele era um idiota.

– Qual ar? – desafio, enquanto levanto a minha própria taça de champanhe e bebo de um trago. Passo as costas da mão pela boca antes de continuar. – O ar de que estou prestes a perder a minha carreira e a não conseguir dar uso à minha pila, tudo na mesma noite? Porque é assim que me estou a sentir.

Trabalhei demasiado para chegar onde estou e recuso -me a deixar a Fórmula 1 até estar preparado. Se a Argonaut Racing é a melhor equipa do campeonato? Só pode ser uma piada, se é que alguma vez ouvi uma. Mas, se me quero libertar deste meio -campo e conseguir um lugar numa equipa de topo, é a minha melhor aposta.

Todos os pilotos querem ganhar um campeonato, e as minhas hipóteses de algum dia o conseguir dependem do meu desempenho atual. Passei pelo programa de desenvolvimento de pilotos da Argonaut quando era miúdo e sempre conduzi pela mesma equipa, por isso sou -lhes leal em muita coisa, mas, se quiser ganhar, não posso ficar no mesmo sítio para sempre. E, sim, para um piloto que nunca ganhou uma única corrida de F1, é otimista ambicionar o campeonato, mas sou um idiota sonhador.

O problema é que esses sonhos parecem estar mais longe de serem alcançados a cada dia que passa. A menos que a NASA comece a desenhar os carros da Argonaut, nunca vou ganhar um campeonato. E de certeza que não o vou fazer enquanto o Zaid Yousef e o Axel Bergmüller estiverem a competir pelo primeiro lugar, independentemente do carro que eu esteja a conduzir. Sinceramente, ficaria muito contente se ficasse em terceiro ou quarto lugar com a minha equipa atual, mas isso parece tão provável quanto o sol explodir amanhã.

Porém, por agora, a minha prioridade é permanecer na Fórmula 1 até conseguir provar que pertenço ao escalão superior deste desporto de elite. Só tenho de manter a cabeça baixa e conseguir um desempenho suficientemente bom para chamar a atenção dos chefes das melhores equipas. O Zaid deve reformar -se nos próximos anos, por isso o Mascort está com certeza a pensar no seu substituto. Ou, talvez, a Specter Energy decida que precisa de um novo piloto número dois para apoiar o Axel e, se assim for, serei a melhor opção. Não me daria o título que ambiciono, mas seria um passo em frente.

Contudo, nada disso vai acontecer se perder os meus patrocínios e a Argonaut cancelar o meu contrato, tudo graças ao presente de despedida da

Jani. A equipa pode não depender muito do dinheiro que trago, mas ninguém quer um piloto que só contribui com talento. É uma merda, sem dúvida, mas é assim que o nosso mundinho funciona.

Depois desta época, resta -me mais um ano com eles – e se não corresponder ou exceder as suas expectativas? Porra, se passar muito tempo a pensar nas possibilidades, rastejo para o buraco mais próximo e nunca mais saio de lá.

– Vais voltar a ter sexo, Dev, prometo – diz o Mark. – Mas só se parares de te lamuriar como um coninhas.

Não deixo de reparar que ignorou a primeira parte das minhas queixas. Não sou o único preocupado com o meu futuro na F1.

– Não estou a lamuriar -me – murmuro. Mas ele tem razão. *Estou* a lamuriar -me. Sempre fui o tipo sorridente, não o carrancudo. Este não sou eu. – Estou só stressado, está bem? É uma noite importante.

Ou melhor, uma semana importante. Esta noite, tenho de provar que sou uma mais -valia para o mundo das corridas, não um risco. Amanhã, tenho de me esforçar para cumprir os meus deveres mediáticos para com a Argonaut e fingir que não odeio o meu companheiro de equipa. Depois, tenho de conseguir um tempo de corrida favorável nos treinos livres de sexta -feira, qualificar -me acima do P10 no sábado – não há maneira de marcar pontos de outra forma num circuito como o do Mónaco, onde é praticamente impossível fazer ultrapassagens – e no domingo conduzir como se a minha vida dependesse disso.

De certa forma, acho que depende.

– Vais conseguir ultrapassar isso – o Mark parece seguro, mas sei que ele também tem as suas dúvidas. – E, se não acreditas em mim – diz, acenando com a cabeça para o outro lado da sala –, vai perguntar ao Oakley. Sabes que ele não é de falinhas mansas.

Viro -me na direção para a qual o Mark está a acenar com a cabeça, e vejo o nosso amigo junto às portas do salão, a distribuir apertos de mão e palmadinhas no ombro.

Graças a Deus. Parece que estou há anos à espera de que aquele idiota chegue para me salvar do tédio que estes eventos sufocantes e os patrocinadores suscitam.

Conheci o Oakley antes de saber andar. As nossas famílias já eram vizinhas antes de eu nascer, e crescemos juntos nos circuitos de corridas de *karts*. Somos membros fundadores do Clube dos Pais Estranhos e Caucasianos, dois miúdos de raças mistas – negra, no caso de Oakley, e indiana, no meu – com pais brancos, unidos pelo facto de nunca nos termos realmente enquadrado no mundo dos desportos motorizados graças à cor da pele. E, também, porque os nossos pais são as pessoas mais estranhas do planeta. São dois *nerds* mas,

considerando o trabalho atual do Oakley, ele não lhes fica muito atrás.

Escusado será dizer que somos amigos desde sempre.

E quase arruinei tudo no ano passado, quando beijei a irmã dele.

Sacudo a memória da minha cabeça antes que esta se possa replantar e criar novas raízes. Sei que é melhor não pensar no assunto, já o fiz o suficiente e enfrentei as consequências.

Além disso, recuso -me a deixar que interfira na minha amizade com o Oakley; foi um erro isolado, que nunca mais se irá repetir. Já aprendi a lição.

Antes que possa fazer qualquer movimento na direção do Oakley, o meu agente bloqueia -me o caminho e impede -me de ir a qualquer lado. Ótimo.

O sacana do Mark consegue desviar -se deste homem carrancudo e sorri perante o meu infortúnio, levantando a taça de champanhe vazia num brinde sardónico.

– Até logo, amigo – diz -me, antes de se afastar.

Alguns passos atrás do meu agente está um Chava exasperado, com as mãos estendidas para o lado num gesto universal que diz *Tentei*. Não tenho dúvidas de que o meu assistente fez o seu melhor, mas não há como parar o Howard Featherstone quando a sua missão é tornar a minha vida num inferno.

– Howard! – exclamo, com o meu sorriso de sempre e entusiasmo fingido. Eu sabia que ele ia estar aqui, mas esperava evitá -lo pelo menos mais algum tempo. – Como é que estás?

– Já estive melhor, Dev – diz, sem rodeios, com aqueles olhos cinzentos e frios fixos em mim. – Mas acho que já sabias isso.

Sinto -me tentado a enfiar os dedos nos ouvidos e a imitar -lhe as palavras, mas tenho de me lembrar que sou um homem de vinte e cinco anos – a resposta apropriada na minha idade é dizer-lhe que se vá lixar.

Felizmente, deram -me formação suficiente em comunicação social para me impedir de ser inconveniente em público, por isso, modero a minha expressão para uma de compreensão e aceno solenemente com a cabeça.

– Compreendo – concordo. – Ultimamente, temos passado por momentos difíceis.

Ele olha -me com desconfiança, provavelmente ciente de que estou a fingir. Mas não está disposto a chamar -me à atenção, se isso nos fizer perder o foco.

– Pois temos. E já é altura de resolver as coisas. Podíamos ter começado mais cedo se não estivesses a evitar as minhas chamadas.

Solto um risinho e passo a mão pelo cabelo, num ato de falsa timidez, embora não consiga resistir a levantar um pouco o dedo do meio enquanto deixo cair a mão para o lado. Não queria falar com ele porque sabia o que ia dizer: *Tens de resolver esta situação, Dev. Contrata alguém para limpar a tua imagem. Contrata uma equipa completa de relações públicas. Deixa que te transformem num robô. Deixa que te suguem a vida.*

– Peço desculpa por isso – respondo, sendo corajosamente desonesto. – As últimas semanas têm sido uma loucura, sabes? Ei, viste a corrida no Azerbaijão? Consegui chegar à Q3...

– Deixa -te de merdas.

Não consigo evitar encolher -me ligeiramente perante a brusquidão das suas palavras. Oh, estou mesmo em sarilhos.

– *Ninguém* está contente contigo, neste momento – continua o Howard. – Nem a tua equipa, nem os patrocinadores. Com certeza que eu também não estou. E os outros todos? *Riem-se* de ti.

– Estou habituado a que se riam de mim – digo, e encolho os ombros. – Sou um tipo engraçado.

Ao que tudo indica, não é a melhor altura para brincadeiras porque, quando dou por mim, estou frente a frente com ele, as suas manchas de envelhecimento e as veias quase a rebentar são tudo o que consigo ver.

– Se continuares assim, estás acabado – rosna. – Nem na NASCAR vai haver lugar para ti.

Não gosto que insulte a NASCAR e a sua arte caótica de apenas fazer curvas à esquerda, e sem dúvida que também não gosto da forma como está tão perto da minha cara.

– Sugiro que recues um passo, Howard – murmuro. – Não é o lugar certo para armares uma cena.

E não quero *mesmo* ter de lutar com um homem de sessenta anos que pensa que está a esconder a careca crescente com aquele penteado.

Como se, de repente, se lembrasse de onde está, o Howard afasta a raiva e dá um passo cambaleante para trás, enquanto bufa e endireita o *smoking*. Olha em volta para ver se a sua explosão chamou a atenção de alguém, mas parece que a única pessoa que nos está a observar é um Chava a fazer caretas.

– Vê se metes na cabeça – diz ele, uma vez recomposto, com o cuidado de manter a voz baixa. – A tua carreira está em risco e eu não posso salvar -te a não ser que me deixes tentar.

Solto um suspiro. Não estou interessado na perspetiva que ele inventou, uma que já me apresentou muitas vezes.

– Ouve, se o Axel consegue recuperar de ser apanhado com uma câmara a gritar aquela palavra começada por «N» várias vezes, enquanto faz *rap* ao som de uma música, acho que estou bem com a minha DST falsa.

O Howard abana a cabeça como se não acreditasse que eu fosse assim tão estúpido.

– Devias saber melhor do que ninguém que as pessoas perdoam mais depressa o racismo do que um escândalo sexual.

O que diz cala -me. Porque, por muito que me custe admiti -lo, ele tem razão. Infelizmente, é assim que funciona o mundo em que vivemos.

Aproveitando o meu silêncio, aperta -me o ombro, e mantém o contacto visual.

– Deixa -me resolver isto, Dev.

A pior parte é que eu sei que ele consegue fazê -lo. Pode contratar quem varra tudo para debaixo do tapete e fazer -me parecer um príncipezinho perfeito dos *paddock*. Era tão simples.

Mas já fiz isso antes, já abdiquei do controlo da minha imagem e deixei que fizessem o mundo acreditar que tenho a personalidade de um boneco de papelão. Não me era permitido falar de nada que fosse remotamente político ou «controverso», mesmo que o assunto que queria abordar me afetasse diretamente a mim, ou a pessoas de quem gostava. Não me era permitido partilhar as minhas opiniões ou pensamentos honestos, tinha de ser o rapaz -propaganda em que todos os outros podiam inspirar -se. E odiei, mas alinhava porque toda a gente dizia que era o melhor para mim.

Como se fosse verdade.

Era suposto a Jani ser a solução de meio -termo. Em vez de uma equipa completa, foi contratada para tratar das publicações patrocinadas nas minhas redes sociais e de tudo o que a Argonaut exigisse, talvez para aprofundar certas facetas da minha personalidade junto dos meus fãs. Mas foi longe demais ao tentar intrometer -se na minha vida pessoal, publicando -a *online*. E, depois de ter tentado fazer com que eu partilhasse demasiado de mim, cansei -me.

Portanto, não. Não estou interessado em entregar a minha imagem a pessoas em quem não confio minimamente.

– Consigo resolver isto sozinho – digo, embora pareça que a minha voz não me pertence. – Só preciso que me dê um tempo.

– Não te resta muito tempo até que as pessoas desistam de ti – respira fundo e endireita os ombros. – Vou buscar champanhe. Mas, quando voltar, vamos dar uma volta os dois pela sala e relembramos a todos o porquê de ser tão bom ter -te no *paddock* e nos cartazes. Entendido?

– Sim, senhor. Entendido – mal consigo resistir à vontade de lhe fazer continência.

Como se percebesse, o Howard olha -me de soslaio e depois afasta -se, deixando -me a olhar para o Chava.

– Bem – diz o meu assistente, ao aproximar -se. A pele dele é quase do mesmo tom que a minha, mas não esconde o rubor que lhe subiu pelo pescoço. Odeia o Howard tanto quanto eu. – Que confusão do caraças.

– Nem me digas nada – resmungo, e queria ter uma caixa inteira de champanhe para beber agora mesmo. – Tenho de resolver isto.

– Alguma ideia de como vais fazer isso? Sem ser com uma empresa de relações públicas?

Abano a cabeça.

– Ainda não sei – solto um suspiro e apoio o cotovelo no seu ombro, subitamente exausto. – Tenho demasiados problemas para resolver neste momento.

– Incluindo o facto de todas as mulheres presentes olharem para ti como se estivesses contaminado – diz Chava num tom seco, enquanto um trio de mulheres com vestidos caros me olha de lado ao passar, criando um espaço exagerado entre nós. – E para mim também, por associação. Porra, Dev.

– A culpa não é minha – resmungo, deixando a cabeça cair para trás. – Mas tenho de dormir com alguém. No mínimo, tenho de resolver esse problema esta noite.

As hipóteses de encontrar aqui alguém que não acredite que estou a ser tratado para uma DST e que vá comigo para casa são escassas, mas tenho de tentar. Tudo o que tenho de fazer é encontrar uma mulher disposta a dar -me tempo suficiente para lhe explicar a situação. Rir -me como se fosse uma piada, porque é exatamente isso que é. Uma piada muito cruel.

É simples. Enfrento estratégias mais difíceis sempre que tenho uma corrida. Isto não é nada.

Endireito -me, entrego a taça de champanhe vazia ao Chava e passo os dedos pelo meu cabelo para o tirar da testa. Sou bonito e muito charmoso, por isso isto deve ser fácil. Vou acreditar que as últimas seis semanas foram um mero acaso. Que só não me esforcei o suficiente. Mas, agora? Estou nisto para ganhar.

Contudo, todos os meus planos vão por água abaixo assim que a Willow Williams entra na sala.



Capítulo 3

Willow

Não importa que esteja a usar uma roupa que custa mais do que um mês de renda, sinto -me muito mal vestida no meio da multidão.

Sei que estou fantástica com um vestido de seda azul -bebé e saltos de dez centímetros, mesmo que esteja a desafiar o destino *e* os meus tornozelos ao usá-los, mas continuo a sentir -me deslocada. Se há um lugar no mundo capaz de me fazer sentir que não estou no sítio certo, é uma festa chique no Mónaco.

Mónaco. Só de pensar, quase abano a cabeça de incredulidade. Porque, sendo honesta, quem espera receber um convite de última hora para visitar um lugar que é sinónimo de riqueza e carros velozes? Com certeza que eu e o meu passaporte com muito pouco uso não.

À tarde, depois de voar para Nice, fui recolhida no aeroporto por um motorista que o Oakley enviou para me ir buscar. Mantive a cara colada à janela do carro luxuoso enquanto descíamos a costa e atravessávamos a fronteira para o Mónaco, a admirar as águas azuis e bonitas, a vegetação exuberante e as falésias deslumbrantes.

Mesmo se o meu irmão não tivesse mencionado a corrida deste fim de semana, teria ficado a saber da sua existência pelo número de estradas fechadas e os iates de milhões de euros amontoados no porto. Era como um caos controlado. O entusiasmo pela chegada do fim de semana é praticamente palpável no ar quente da primavera.

Liguei à Grace e à Chantal por videochamada para lhes mostrar as paisagens enquanto passávamos lentamente por elas, mas quase perdi a capacidade de falar quando chegámos ao hotel.

O luxo não me é estranho. Os meus pais vivem bem, e o gosto da minha mãe por coisas caras é bem conhecido, mas nunca tinha visto extravagância assim. O edifício tinha um charme clássico nas colunas e na fachada envelhecida, com flores roxas e amarelas a subir em padrões perfeitos e penduradas no pórtico. O átrio, com os tetos amplos e arte do século XVIII, podia muito bem servir como cenário de um filme.

Quase me ri quando um bagageiro com um uniforme castanho e um pequeno chapéu me perguntou num inglês com sotaque se podia levar as

minhas malas. Foi perfeito.

A *suite* que o Oakley reservou para mim era igualmente incrível, com uma bela vista para o mar, uma banheira de imersão e uma cama grande o suficiente para lá caberem dez pessoas. É evidente que quis dar tudo no seu presente de licenciatura e de aniversário. Ou isso, ou a empresa dá -lhe ainda mais regalias do que eu imaginava.

Porém, ainda não tive oportunidade de lhe agradecer, porque o meu irmão tem estado desaparecido o dia todo. Mandou -me mensagem a dizer que estaria ocupado até ao início da festa, mas que se encontrava comigo no salão de baile do hotel para o evento da noite.

Passei as últimas horas a preparar -me. Lavei, esfoliei e hidratei o corpo antes de pôr o vestido que a Grace me encorajou a comprar, apesar de quase ter tido um ataque cardíaco ao ver o preço. Mas, é deslumbrante e senti -me como se valesse um milhão de dólares... até agora.

Sempre fui um pouco insegura em relação à minha aparência, e basta passar os olhos pelo salão para me sentir a encolher. Cada pessoa que passa por mim é, de alguma forma, mais bonita do que a anterior. E aqui estou eu, demasiado baixa, com cara de bebé e presidente do Comité das Mamas Pequenas. É uma combinação que faz com que as pessoas muitas vezes me perguntem onde estão os meus pais quando saio sozinha.

Tenho inveja de mulheres como a Chantal, de pernas longas e cheia de curvas. Ao contrário dela, estou convencida de que podia ser substituída por um pedaço de cartão quadrado com uma fotografia da minha cara sem que ninguém notasse.

Mas, sempre que começo a sentir -me assim, lembro -me dos atributos de que gosto. Adoro o brilho bronzeado da minha pele, independentemente da estação do ano. Adoro os meus caracóis (embora, esta noite, os tenha alisado até ao último centímetro). E sim, na maior parte dos dias, adoro o facto de poder não usar sutiã por baixo de quase tudo.

Com estes lembretes, endireito ligeiramente os ombros e levanto a cabeça, agradecida pela altura dos meus saltos. Sem eles, não seria capaz de ver nada no meio da multidão de bem -vestidos.

Demoro alguns segundos a analisar o salão de baile, desde os tetos altos com molduras intrincadas e acabamentos dourados até ao chão de madeira brilhante. Há um carro de Fórmula 1 esculpido em gelo, a jorrar bebida, posicionado num lado da sala, e alguém a cuspir fogo no outro. É evidente que não pouparam nas despesas, mas isso não deveria surpreender -me. É um desporto que sempre teve a ver com dinheiro, dinheiro e dinheiro.

– Wills!

Ao ouvir a voz do meu irmão, viro -me na direção de onde veio e vejo -o a acenar -me ao lado do bar elegante. Solto um pequeno suspiro de alívio e

caminho até lá. Sendo sempre o centro da festa, está rodeado por uma multidão de pessoas, mas é rápido a pedir licença e a encontrar -se comigo a meio caminho.

Abre bem os braços e refugio -me neles, apertando -o com força durante alguns segundos. Afastando -se, agarra -me pelos ombros e olha para mim.

– Ficaste mais baixa?

Franzo o nariz e afasto -lhe as mãos. É evidente que o momento de afeto entre irmãos acabou.

– Esqueceste -te que tenho a altura perfeita para te destruir as rótulas? Não me provoques.

– Sim, acho que não devia, especialmente com esses sapatos – faz uma careta para os meus sapatos de salto alto. – Devias estar a usá -los? Eu juro que, se deslocares alguma coisa, *não* volto a pô -la no sítio.

Reviro os olhos, mas a preocupação dele não é propriamente descabida, tendo em conta que as minhas articulações nem sempre gostam de ficar onde é suposto. Há muito tempo que aprendi que os saltos altos, por mais deslumbrantes que sejam, não são o melhor calçado para mim, o que nunca me impediu de os amar. Por vezes, temos de viver a vida no limite. O Oakley e os carros velozes, eu e os saltos altos.

Ainda assim, passo pelo menos uma hora por dia no ginásio ou num tapete de ioga, a fazer exercícios para aumentar a minha força, para encorajar o meu corpo a manter tudo no devido lugar. Com a ajuda da fisioterapia e de algumas cirurgias, atualmente, não me preocupo muito com lesões graves. Mas mantenho -me sempre cautelosa. Foi por isso que tive de ficar de braços cruzados enquanto o Oakley podia correr de forma imprudente e seguir os seus sonhos de ser um atleta.

Tento não me amargarar com isso, não desejar ser o irmão que vive sem dores crónicas e sem um tecido conjuntivo fraco, mas às vezes sinto o seu sabor no fundo da garganta.

– Calma, há muito tempo que não fico com nada fora do sítio – desvalorizo o comentário dele. – Mas é bom saber que não irias ajudar -me. És horrível.

Ele encolhe os ombros, não afetado pelo insulto.

– Nós os dois já sabíamos disso – esclarecidos, ele agarra gentilmente no meu cotovelo e vira -me em direção ao bar. – Vamos buscar bebidas e procurar o Dev. Tem de estar algures por aqui.

Quase que caio de cara no chão quando dou um passo em frente, e me sobressalto. Se não fosse o apoio do Oakley, teria caído e com força, tudo por causa da menção daquele nome.

– O Dev? – repito, encolhendo -me com o tom estridente da minha voz. Pigarreio, e depois esclareço. – O Dev Anderson? Está cá?

Se o Oakley estivesse mesmo a prestar atenção à minha pessoa em vez de estar a olhar para uma loura bonita, não havia como não reparar no meu pânico.

Há sete meses que não vejo o melhor amigo do meu irmão e, da última vez que o vi? Digamos que as coisas não correram exatamente como eu pensava, e continuo mortificada.

– Sim, claro que está – diz o Oakley, enquanto nos acotovelamos para chegar ao bar. – A SecDark é patrocinadora da equipa dele.

– Exato – eu sabia disso. Mas... esqueci -me. E com *esqueci -me*, quero dizer que genuinamente não fazia ideia. – Mas... pensava que tu patrocinavas uma equipa diferente – não é possível ser *tão* distraída. Posso não seguir a F1 de perto como faço com outros desportos, mas continua no meu radar. Tal como demasiadas coisas relacionadas com o Dev, o rapaz por quem tive uma enorme paixoneta durante a maior parte da minha infância.

O Oakley grunhe enquanto levanta a mão para fazer sinal ao empregado do bar, o que eu entendo como uma confirmação.

– Começámos com a Deschamp, mas a Argonaut conquistou os donos com a treta de *ser sempre americano*. Por isso, sim, mudámos no ano passado. Embora a Argonaut ainda não tenha subido ao pódio esta época, resta saber se é uma parceria melhor.

Aceno com a cabeça e tento assimilar toda aquela informação, mas a minha cabeça está ansiosa. Por vontade própria, os meus olhos percorrem aquele espaço enorme à procura do Dev no meio da multidão. Eu sabia que havia uma pequena hipótese de o encontrar na corrida deste fim de semana, e preparei -me para essa possibilidade, mas isto parece uma emboscada.

O Oakley continua a falar sobre estatísticas de corridas, mas eu já não lhe ligo nenhuma. De qualquer forma, já ouvi tudo. O homem podia falar acerca destas coisas para sempre. Normalmente, ouço -o com atenção, porque sou uma irmã fantástica... e também porque as acho interessantes, por muito que deteste admiti -lo.

Desta vez, porém, limito -me a fingir que estou a prestar atenção, fazendo murmúrios vagos sempre que me parece apropriado. Mas, quando os meus olhos pousam numa fisionomia familiar no meio da multidão, já não consigo manter aquele estratagema.

O sorriso característico do Dev, aquele que ele nunca tem medo de deixar escapar, ilumina a sala. Juro que a sua cara foi feita para sorrir e continuar a sorrir, e a barba escura no maxilar esculpido apenas acentua a sua luminosidade. Já vi vídeos nas minhas redes sociais que lhe atribuem constantemente o título de «melhor sorriso do *paddock*», e não consigo discordar. Nesse campo, tanto no passado, no presente, como provavelmente no futuro, ninguém tem um humor mais contagiante do que o Dev. Nenhum

deles consegue sequer aproximar -se.

Quando éramos miúdos, era raro vê -lo sem um sorriso no rosto, e isso não mudou nada. As preocupações parecem passar -lhe ao lado. Não é que não leve nada a sério, ele não teria chegado tão longe na sua carreira se não o fizesse, mas o Dev tem a capacidade estranha de ver sempre o lado positivo, por mais negras que as coisas possam parecer.

Sem a sua positividade, acho que não teria conseguido ultrapassar os momentos mais difíceis da minha adolescência, numa altura em que odiava o meu corpo por me impedir de fazer as coisas que eu mais queria. É muito para agradecer a alguém, mas o Dev, o seu sorriso e as suas palavrinhas encorajadoras fizeram toda a diferença.

Quando o vejo, o meu coração acelera como sempre, mas, esta noite, também me sinto ansiosamente nauseada. Ele está... bonito. *Muito* bonito. Mais do que me lembrava, mesmo que na minha cabeça o pinte sempre à melhor luz.

De onde estou, tenho uma visão perfeita do seu perfil. O cabelo preto é mais curto nos lados e mais comprido em cima. As madeixas ondulam e roçam -lhe a testa daquela forma desgrenhada que parece intencional, embora seja provavelmente causada pela forma como ele passa constantemente os dedos pelos cabelos. E aquele *smoking*... Nenhum homem deveria ficar tão bem num fato de pinguim, mas sei que muitas pessoas, incluindo eu, preferiam vê -lo e aos seus ombros largos sem as roupas.

No entanto, pelo que ouvi dizer, atualmente as mulheres não fazem fila para ter esse privilégio, e eu também não devia estar a pensar nestas coisas. Não por causa do rumor que corre na Internet de que está a curar -se de uma DST, mas porque está fora dos meus limites. O nosso beijo é um segredo que tenciono levar comigo para a campa.

– Oh, lá está ele – a voz do Oakley afasta -me dos meus pensamentos impuros e foca -me outra vez nele. Pelo canto do olho, vejo -o olhar na mesma direção que eu. – Vamos dizer -lhe olá.

– Hã? – aquela sílaba surpreendida escapa -me dos lábios.

– Nem me estavas a ouvir, pois não? – Entrega -me uma taça de champanhe que apareceu por magia, juntamente com o *old fashioned* que já estava a beber, enquanto eu olhava para o seu melhor amigo. – Vi o Dev. Quero falar com ele antes que os meus chefes me apanhem.

O Oakley agarra -me no ombro e dá -me um empurrão para que eu comece a andar ainda antes de me aperceber do que está a acontecer.

Mas, se há uma coisa que eu sei, é que não estou preparada para ver o Dev Anderson outra vez.



Capítulo 4

Dev

Estou metido em sarilhos. Num grande sarilho.

Parece impossível estar ainda em mais apuros do que estava há cinco minutos, mas é a verdade.

Porque com a Willow aqui, estou mesmo fodido.

Infelizmente, não literalmente.

Tenho de sair da festa. É a minha única opção, porque, se ela me vê antes que eu me consiga recompor, vou... Bem, não sei o que vou fazer, mas de certeza que não vai ser nada de bom, inteligente ou útil para recuperar a minha reputação.

Apesar de saber que tenho de me virar e sair daqui para fora, não consigo desviar a minha atenção dela.

Do outro lado da sala, ela olha ao seu redor, os ombros delicados a ficarem tensos enquanto procura por alguma cara conhecida neste mar de convidados. Se fosse um homem mais corajoso – o que é engraçado visto que conduz carros em pistas a duzentos quilómetros por hora para viver – ia lá e cumprimentava -a, dizia -lhe como é bom vê -la outra vez e oferecia -lhe uma bebida. Mas, no meu estado atual, há uma forte hipótese de essa saudação sair como «O que *raio* estás aqui a fazer?»

Por sorte, sou um cobarde, por isso deixo -me estar no mesmo sítio e a minha atenção permanece focada nela.

Está a usar um vestido que vai até ao chão e que é sustentado por alças tão finas que as poderia arrancar com um puxão ligeiro. Descai ligeiramente no centro, o que realça a suave inclinação do seu peito e, embora ela não tenha grandes atributos nesse departamento, isso não impediu que as minhas mãos gostassem do que sentiram quando tive o privilégio de a tocar. Examino a seda azul ondulante, seguindo -a até à curva suave das suas ancas, imaginando como seria levantá -la até à cintura, como fiz da última vez que...

Merda. Que *merda*. Neste momento, não posso pensar nela dessa forma. Correção, não posso pensar nela assim *nunca*. Eu sei que é o melhor. Todos nós sabemos, porque vimos o que aconteceu da última vez que um dos amigos do Oakley se envolveu com a Willow. E não foi nada bonito.

Já quase me tinha convencido a virar as costas quando, de repente, a cara dela se ilumina.

Um sorriso floresce nela, dando -me o mesmo nível de adrenalina que sinto ao entrar no meu carro antes de uma corrida. Mas, em vez de me incentivar a mexer, mantém -me congelado enquanto absorvo a força total da sua alegria.

Ela tem covinhas em ambas as bochechas, profundas, que se revelam quando está a sorrir ou a rir, ou a tentar *não* sorrir ou rir. Saltam quando dobra os lábios para dentro ou os encolhe para o lado. Mesmo quando franze as sobrancelhas, existe uma pequena amostra daquela cova em pelo menos um lado da sua cara. Se existe um momento em que estejam completamente escondidas, significa que ela está a dormir ou aborrecida de morte.

E sim, odeio saber isto.

Sinto o peso do pavor a cair no fundo do meu estômago quando vejo o destinatário do sorriso dela.

O Oakley abraça a irmã e por fim, *por fim*, desvio o olhar, porque sei que não devo repetir os mesmos erros.

E beijar a Willow Williams foi o maior erro da minha vida.

– Terra chama Dev. Está alguém em casa? Olá? *Morreste?*

Quando pestanejo e me viro para trás, o rosto do Chava está a centímetros do meu. O Mark está ao lado dele, tendo regressado da sua grande fuga, e olha para mim como se estivesse tentado a chamar o médico da equipa.

– Estás bem? – pergunta o Mark, inclinando -se e semicerrando os olhos, provavelmente para verificar a dilatação das minhas pupilas.

Eu afasto -o enquanto o Chava se ri. Estão os dois a gozar comigo, como de costume. Como se estivessem esquecidos de quem lhes paga.

– Estou bem – murmuro, enquanto passo uma mão pelo cabelo, mas dou por mim a olhar outra vez à minha volta à procura da Willow.

Tenho sorte por ela nunca ter falado ao irmão do nosso pequeno... incidente. Durante semanas depois de ter acontecido, estive convencido de que o Oakley iria aparecer e matar -me com as próprias mãos. Tendo em conta que quase matou o Jeremy pelo que fez com a Willow, não acho que os meus medos fossem injustificados.

No entanto, o Jeremy mereceu o que lhe aconteceu, e os seus crimes foram muito maiores do que um beijo roubado nas escadas de um hotel. Em comparação, estou praticamente inocente. Mas, a culpa continua a pesar -me nas entranhas.

– Nós a falar de lhe arranjar companhia para esta noite, e ele apaga – explica o Chava. – É provável que esteja a rezar para não ejacular precocemente depois de tanto tempo.

O comentário dele diverte -me, e, antes de conseguir travar -me, estou a

sorrir. Não consigo resistir a piadas feitas à minha custa.

– Vá, no mínimo aguento dois minutos.

– Aqui está ele – diz o Chava, enquanto me belisca a bochecha. Se não fosse um dos meus amigos mais chegados e a única razão pela qual chego a horas aos sítios, já o teria despedido. – Vamos arranjar -te uma rapariga ou quê?

– É esse o plano – respondo. Só espero que me ajude a tirar a Willow da cabeça. – Primeiro, preciso de outro...

Mas sou interrompido pelo Howard, que aparece mais uma vez ao meu lado, desta vez com uma taça de champanhe estendida na minha direção. Pelo seu ar carrancudo, não é uma oferta de paz.

– O que vais fazer é pegar neste copo e seguir -me – diz ele. – Já perdeste demasiado tempo e tens muito para recuperar.

Claro que queria outra bebida, mas não era assim que a queria tomar.

– Podes dar -me meia -hora? – pergunto, a conter a minha irritação. Estou farto deste tipo a respirar no meu pescoço e a estragar o ambiente. – Há algumas pessoas a quem tenho de dizer olá primeiro, depois prometo que falo com quem tu quiseses.

O Howard empurra o copo contra o meu peito, com força suficiente para que algumas gotas daquele líquido pálido se espalhem pela minha camisa.

– Quinze minutos – autoriza, e é o suficiente para que eu não queira dar -lhe um soco no queixo. – Mas vou ficar atento.

Mais uma vez, a vontade de gozar com ele é forte, porque o homem é um *cliché* ambulante do que seria um vilão. Eu sei que ele está apenas a tentar certificar -se de que eu consigo os melhores negócios, e que consegue ter tudo o que pode com a sua parte desses mesmos negócios, mas devia melhorar as maneiras.

Quando se afasta de novo, bebo o champanhe (possivelmente envenenado) e entrego o copo vazio a um empregado que passa por mim, antes de olhar para o Mark e para o Chava.

– Acham que consigo fugir pelas traseiras?

O Mark resmunga.

– Não tens hipótese. Além disso, o Oakley vai ficar furioso se fugires antes de ele aqui chegar. Todo o meu corpo fica tenso, e os meus olhos escapam para onde vi a Willow e o Oakley no meio da multidão, mas desapareceram. Em vez disso, um familiar e intenso perfume a baunilha envolve -me, e sei que é tarde demais para fugir.

Quando começam as saudações, não me junto de imediato. Ouço gritos alegres, palmadas nas costas e palavrões bem -humorados, mas ainda estou a aceitar o facto de estar a poucos passos da Willow pela primeira vez desde há mais de meio ano. Ao que tudo indica, já não faço ideia de como me

comportar ao pé dela.

Vá lá, meu. Fica calmo. Age normalmente. É fácil.

Quando chega a minha vez de encarar o Oakley, forço um sorriso e deixo - o puxar -me para os seus braços, à espera de que ele não tenha desenvolvido subitamente a capacidade de ler mentes.

- É bom ver -te, parvalhão - diz ao meu ouvido, batendo -me com tanta força nas costas que juro que desregula o ritmo do meu coração. Merda, se calhar ele sabe *mesmo* o que fiz.

Mas, não vejo nada para além de carinho nos olhos do Oakley quando se afasta, agarrando-me pelos ombros. Ainda é o meu melhor amigo. A pessoa com quem cresci dentro das corridas, ligados até à Fórmula 3. Se não tivesse decidido que corridas já não era o seu sonho, tenho a certeza de que ainda estaria comigo atualmente.

De certa forma, ainda bem que não o fez. Já vi amizades destruídas pela competição e a maior parte dos pilotos que conheço não são particularmente próximos uns dos outros, não são mais do que meros conhecidos profissionais. Somos colegas de trabalho, na verdade. Não são pessoas com quem fosse partilhar os meus segredos mais profundos e obscuros. Mas, o Oakley? Ele é a minha pessoa.

Ou, bem, *era*, até eu ter feito a única coisa que nunca lhe posso vir a contar.

Mas o Chava conhece o meu segredo, e lança -me um olhar de entendimento quando o Oakley se afasta e se desloca para o meu lado, deixando -me com uma visão desobstruída da Willow. O Mark acabou de a abraçar e agora é a minha vez, mas estou com dificuldade em mexer os pés.

Não sei como o consigo fazer, mas aproximo -me, abro os braços e envolvo -a neles, enquanto o meu cérebro continua a recuperar.

O topo da sua cabeça mal chega ao meu ombro, e ela é tão pequena que fico sempre surpreendido com o aperto dos seus abraços. Para mim, sempre foi delicada, suave e gentil. Mas, embora *pareça* frágil, já a vi a arrasar com tudo no ginásio. Se estivesse determinada a fazê -lo, é provável que conseguisse levantar -me. E ela tem sempre determinação.

O que não quer dizer que seja inquebrável. A doença fá -la ter mais limitações do que as outras pessoas, mas subestimá -la seria um erro. É mais forte do que a maioria das pessoas pensa.

Só deixei o abraço durar o tempo suficiente para inalar o seu perfume doce e lembrar -me que os meus sentimentos por ela são puramente platónicos, razão pela qual aquele beijo foi inapropriado a tantos níveis.

Pelo menos, é o que estou sempre a tentar dizer -me.

Recebo um sorriso hesitante quando ela deixa cair os braços à volta da minha cintura, mas está a observar -me com aqueles olhos escuros, enquanto envia uma mensagem clara: *Não tornes isto estranho.*

Bem, ela não tem de se preocupar com o facto de eu tornar as coisas estranhas, porque já o são. Mas não vou denunciar -nos, mesmo que isso signifique ignorá -la durante o resto da noite.

É desagradável? Sim, com certeza, mas um homem tem de fazer o que pode para não ser assassinado pelo seu melhor amigo.

Por falar nele, o Oakley passa o braço à volta do meu pescoço e pergunta -me como tem sido a época, poupando -me ao trabalho de ter de iniciar uma conversa com a Willow. Não tenho dúvidas de que ele tem acompanhado a minha carreira, o que significa que sabe do meu oitavo lugar no Azerbaijão e do meu DNF em Miami - os pontos altos e baixos até agora - portanto, baixo a voz e digo:

– Tenho de te contar o que aconteceu realmente com o Nathaniel em Itália, na semana passada – ele vai gostar dos mexericos acerca do meu companheiro de equipa, e, além disso, não posso perder a oportunidade de falar mal do tipo. – *Spoiler*: não havia nada de errado com o carro quando ele se despistou.

Viro as costas à Willow, enquanto o Oakley me pressiona para contar a história toda. É uma distração sólida, mesmo que a risada melódica da Willow flutue no ar à nossa volta enquanto fala com o Chava e com o Mark. Faço o meu melhor para a ignorar e continuar, até o Oakley estar praticamente a chorar de tanto rir. Tive a mesma reação quando ouvi a verdade: o Nathaniel vomitou dentro do capacete graças ao problema de estômago que disse à equipa já ter superado. A surpresa fez com que ele perdesse o controlo por um segundo, levando -o a bater nas barreiras.

O Oakley ainda está a limpar os olhos quando algo por cima do meu ombro capta a sua atenção e o seu sorriso diminui.

– Merda, os meus chefes estão a acenar -me – diz, levantando uma mão para lhes acenar de volta. – Espero que não demore muito – depois, vira -se para a irmã. – Ficas bem aqui, Wills?

Apesar de estar de costas para ela, estou demasiado consciente da presença da Willow atrás de mim.

– Sim, está tudo bem – garante. – Vai lá.

O Oakley acena com a cabeça e dá -me uma palmada no ombro.

– Não te divirtas muito sem mim.

Quando ele se afasta, não tenho escolha a não ser voltar -me para o Chava, para o Mark e para a Willow. Quase me sinto tentado a fugir e encontrar o Howard, mas seria demasiado, por muito que gostasse de evitar esta interação.

– Então – pergunto, enquanto olho de relance para os três e tento limpar as palmas das minhas mãos subitamente escorregadias às calças do *smoking*. – O que é...

– Sabem que mais? Preciso de outra bebida – interrompe o Chava, ignorando a minha tentativa de me juntar à conversa deles. – Mark, vem

comigo. Vamos trazer bebidas para a Willow e para o Dev, para não terem de lutar com a multidão.

O Mark franze o sobrolho para a sua bebida meio cheia, um passo atrás dos esquemas do Chava.

– Eu não preciso...

– *Vamos lá* – apesar dos punhais que lhe atiro, o Chava agarra no bíceps saliente do Mark e arrasta -o em direção ao bar.

Por mais que queira desculpar -me e ir falar literalmente com qualquer outra pessoa, não posso ignorar a Willow. Em parte, porque o Oakley iria berrar comigo por ser mau para a irmã, mas sobretudo porque, assim que olho para ela, dou por mim congelado no meu lugar mais uma vez.

Não costumava ficar assim ao pé dela. Tão hesitante, com a língua presa e... *desconfortável* na sua presença. E não é que esta seja a primeira vez que estou a sós com ela. Longe disso. Quando éramos miúdos, parecia que estávamos mais tempo juntos do que separados. Não digo que fôssemos amigos, mas éramos uma presença constante na vida um do outro.

Ficávamos a conversar enquanto esperava que o Oakley se preparasse para sair. Sentávamo-nos na minha cozinha quando a minha mãe fazia *jalebi*, e devorávamos todas as fornadas. Atirávamos pipocas um ao outro quando as nossas famílias iam juntas ao cinema. Bolas, uma vez sentou-se comigo durante horas quando tive um traumatismo craniano e não havia mais ninguém por perto para me vigiar. As coisas entre nós nunca foram estranhas.

Até agora.

Ela está a olhar todo o lado menos para mim, com as duas mãos a segurarem a taça de champanhe quase cheia com tanta força que os nós dos dedos estão pálidos. Saber que ela se sente tão estranha como eu faz -me sentir um pouco melhor, mas tenho de deixar de ser criança e resolver a situação.

Por isso, determinado a tirar o melhor desta situação surreal, pigarreio, desejando ainda ter uma bebida na mão, tanto para molhar a boca seca como um deserto, como para reunir alguma coragem.

– Então, Willow – começo, encolhendo -me internamente quando a minha tentativa de despreocupação soa mais a desagrado. Deixo -a de lado, pois sei que não vai funcionar. Não com ela. – Como vai a vida?

Os seus olhos grandes e castanhos olham por fim para mim, e a mão que segurava a taça relaxa ligeiramente.

– Vai bem – responde, o tom ofegante a agitar algo dentro de mim que *não* devia agitar. – E contigo?

A última coisa que quero fazer é falar da minha vida, por isso redireciono a conversa.

– Acabaste a faculdade, não foi? Desculpa não te ter enviado nenhuma prenda. Era o mínimo que podia ter feito.

– Tens andado ocupado – diz ela, desvalorizando as minhas desculpas. – E esta viagem ao Mónaco é o presente do Oakley. Podes assinar o teu nome no cartão e ficamos por aqui.

Descontraio um pouco com a sua piada e com o leve sorriso no canto dos seus lábios cheios, satisfeito por, embora a interação ser sem dúvida estranha, ainda conseguirmos encontrar algum sentido de normalidade.

Rio -me.

– Aceito de bom grado os louros do trabalho de outra pessoa.

Ela sorri, e consigo perceber que está tão contente como eu por termos reencontrado o nosso caminho.

– Liga ao teu patrão e pergunta se podes tirar mais uma semana de férias – continuo. – O Oakley e eu podemos alugar um iate.

Estou a brincar, mas talvez não esteja, o iate parece divertido, mas devo ter dito alguma coisa errada porque o sorriso desaparece da cara dela.

Que merda. O que fiz agora?

– Não é preciso fazer telefonemas, visto que não tenho trabalho – diz, e baixa levemente o queixo. – Candidatei -me a tantos cargos, mas não tive resposta da maioria deles. Se calhar, tenho de procurar fora do *marketing* desportivo.

Ótimo, fiz com que ela se sentisse mal por não ter conseguido encontrar um emprego. Só se passaram o quê, umas semanas desde que se licenciou? Não existe muita gente que tenha a sorte de ser contratada assim tão depressa. Pelo menos, eu acho que não. Não é como se alguma vez tivesse feito parte do mundo laboral real.

Sei que posso ser um parvalhão, e normalmente é propositado, mas desta vez não foi.

– Tenho a certeza de que vais encontrar alguma coisa – tranquilizo -a, com vontade de me bater. – Nem te preocupes com isso.

– Hum, sim. Pois.

Ela põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha e sigo as pontas dos seus dedos, lembrando-me de como fez o mesmo gesto antes de eu...

– Já chega de falar de mim – diz ela, interrompendo os meus pensamentos antes que eu consiga ser arrastado de novo para aquela memória. – Ultimamente, tens estado em muitas manchetes. Está tudo bem?

É a minha vez de fazer uma careta e odiar o facto de ela ser a mais recente pessoa a colocar sal na ferida que é a minha reputação. Para começar, odeio que ela saiba.

– Ah, sim. As coisas podiam estar melhores.

Estamos em pé de igualdade, agora que ambos nos fizemos sentir uma merda, mas a Willow tenta sempre encontrar leveza nas situações mais stressantes, por isso não é nenhuma surpresa quando ela sorri e diz:

– Então estás a dizer -me que a IYK Resultados Rápidos não te está a pagar milhões de euros para a promoveres? Que vigarice.

O que diz arranca -me uma gargalhada, alta e genuína.

– É chato, não é? Dou -lhes tanta publicidade que *deveriam* pagar -me. E, para ser sincero, é um excelente produto.

O sorriso dela mantém -se, mas há um vislumbre de preocupação nos seus olhos.

– Já o usaste antes?

Ah, merda. Agora ela pensa que o rumor das DST é verdade. Será que estou amaldiçoado para não dizer nada acertado esta noite?

– Estou a dizer no geral – apresso -me a responder. Não preciso que o boato se espalhe ainda mais, tal como uma... não. Não vou terminar a piada. – Testes rápidos e fáceis nunca são uma coisa má. É bom tê -los à mão, especialmente num sítio como este, onde as pessoas não são tão cautelosas quanto deveriam ser – estendo o braço e faço sinal para a multidão à nossa volta. Está cheia de dinheiro e de alpinistas sociais. – É melhor prevenir do que ter aquela sensação de ardor quando fazemos chichi.

Ela fecha os olhos como se não conseguisse acreditar no que acabei de dizer, com a cabeça a abanar quase impercetivelmente.

– Oh... meu Deus.

Encolho os ombros. É verdade. Os preservativos só protegem até certo ponto, e nem todas as utilizações são perfeitas, por isso, qual é o problema de ser cauteloso? Sempre achei que ter vergonha de DST era uma merda, mas agora que sou uma vítima sem sequer ter uma, esses sentimentos são ainda mais fortes. Talvez fossem *mesmo* o patrocínio perfeito.

A Willow respira fundo e puxa os ombros para trás, os olhos fixam -se outra vez em mim, desta vez com um brilho sábio por trás. Passou -se algum tempo desde que ela teve contacto com o meu senso de humor, mas está a lidar da maneira com que sempre lidou, com resignação e recusando-se a rir, não importa quão difícil seja conter -se. Ela acha que sou engraçado. Só não o quer admitir.

– Qual é a história por detrás dos *posts*? – pergunta, quando se recompõe. – A página foi pirateada?

Solto um suspiro e dou um puxão ao laço.

– Resumidamente, a Jani, a minha gestora de redes sociais, fartou -se das minhas merdas e despediu-se. E essa foi a lembrança de despedida.

– Sendo sincera, não vi a publicação toda. Apenas trechos que as pessoas que sigo partilharam – ela sorri, e eu tento o meu melhor para ignorar o quanto gosto da visão. – Acho que és uma espécie de celebridade.

– Sou. Obrigado por teres reparado, por fim – puxo do telemóvel e navego até ao meu arquivo do Instagram. – E *vais* ter uma surpresa.

Os meus dedos calejados roçam -lhe as unhas pintadas de cor -de -rosa quando lhe passo o telemóvel. Ela percorre lentamente o ecrã, a ler a legenda com vários parágrafos que a Jani se deu ao trabalho de escrever, e eu não consigo desviar o olhar. A expressão da Willow passa de passiva a carrancuda numa questão de segundos. Ao menos tenho um vislumbre das covinhas dela quando isso acontece.

– Ena, irritaste mesmo a mulher – diz, com os olhos arregalados e cheios de um misto de pena e humor.

Pego no telemóvel e deixo que os nossos dedos voltem a roçar -se.

– Admito. Eu chateei -a mesmo.

A Willow examina -me o rosto, o vislumbre de diversão na sua expressão é repentinamente eclipsado pelo pavor.

– Dev, o que é que fizeste?

Tenho uma lista de algumas atrocidades menores, mas vou escolher a pior de todas.

– Eu... cancelei -lhe o voo de saída de Austrália depois do Grand Prix e deixei -a lá retida.

– Não.

Levanto as mãos, com as palmas para fora.

– Em minha defesa, ela andou o dia todo a chatear -me para fazer um vídeo com aquele filtro de um bebé *sexy*, sabes? Aquele que anda por todo o lado, apanhou -me de surpresa depois de um treino mau e... sim. Cancelei -o ali mesmo. E não lhe disse nada.

As costas da mão da Willow tocam no meu peito.

– És mesmo um idiota!

– Nunca disse que não era.

Ela solta um suspiro irritado, mas depois põe -se a observar -me em silêncio, como se estivesse à procura de alguma coisa. Por fim, pergunta timidamente:

– Não publicaste mais nada desde o que aconteceu?

Abano a cabeça.

– Não tenho qualquer interesse em gerir as minhas redes sociais. Tenho um milhão de outras coisas para fazer – como conduzir um carro veloz sem me despistar.

– Estás a desperdiçar uma oportunidade incrivelmente valiosa de recuperar a tua imagem – diz, com uma expressão de desaprovação. Está claramente a olhar para a situação numa perspetiva de *marketing*, o que faz sentido tendo em conta a sua licenciatura. – É óbvio que a publicação causou imensos danos. Mas porque é que não deixas a agência de comunicação da Argonaut tratar do assunto, pelo menos por agora? Ou contratam uma empresa de relações públicas?

Encolho -me.

– Porque as pessoas conseguem sempre saber quem são os tipos que contratam empresas. As publicações são todas tão fracas. Tão sem personalidade, sabes? – não preciso de mencionar as minhas razões mais profundas. – E não confio na Argonaut para não me fazer passar vergonhas.

– Vá lá, isso não pode ser verdade – argumenta ela. – O objetivo deles é ajudar -te.

Bufo.

– Pois, se fosse a ti não tinha tantas certezas disso. Estão tão ocupados com o meu companheiro de equipa que nem sequer reparam em mim. Com este incidente, tudo o que recebi foi um sermão de cinco minutos do diretor de equipa. Só isso. Desde que o meu parceiro e o pai apareceram cheios de dinheiro, eles só me...ignoram.

Separou os lábios, surpreendida, e o meu olhar desce para os encontrar. São carnudos e rechonchudos, o de baixo ligeiramente mais cheio que o de cima, como se estivesse sempre a fazer beicinho. É tão *sexy*.

E *isto* é algo que não me é permitido pensar.

– A sério? – pergunta.

– A sério – confirmo, e forço os meus olhos a encontrarem -se com os dela.

– Não zelas pelos meus interesses. Estão à espera que o meu contrato acabe, porque são demasiado forretas para me pagarem a saída.

– Isso é horrível.

É verdade, especialmente porque devia ser o seu piloto número um. Cresci na escola de pilotos deles. Sou eu quem está sempre a marcar pontos, enquanto o meu parceiro é multado em todas as corridas. Estou em décimo terceiro lugar no Campeonato de Pilotos e sou a única razão pela qual não estamos em último no de Construtores. Mas, se as minhas estatísticas não são suficientes para merecer o seu apoio, então não sei o que será. Tendo em conta que ainda me resta muito tempo de contrato, por agora estou preso a um compromisso. Um dia, acabarei por ter a oportunidade de mudar para outra equipa.

Talvez. Meu Deus, espero que sim.

Mas quem é que me vai querer se eu não conseguir provar o meu valor?

Em vez de lhe explicar, encolho os ombros e descarto -o, como faço sempre que alguma coisa me incomoda.

– É a vida.

Mas a Willow não está disposta a abandonar a conversa. As engrenagens dentro da sua cabeça começam a girar.

– Não tem de ser assim – diz ela, com paixão por trás da afirmação. Contudo, está contida, porque quando fica mesmo empenhada, a sua voz treme. Ela odeia -o, e alega que a faz parecer demasiado emocional, mas eu discordo. Demonstra o quanto se preocupa.

É isso prova mais uma vez que conheço demasiado bem esta rapariga.

– Podes captar a atenção deles, Dev – continua, com as duas mãos a segurar a taça de champanhe. Desta vez, o movimento é de excitação, não de nervosismo. – Tens de expandir os teus círculos. Atrair novos patrocinadores e adeptos que comprem os produtos da tua equipa. Ambos sabemos que o dinheiro fala mais alto. Se lhes apareceres à frente com um cheque avultado, não têm como te ignorar.

Cruzo os braços, impressionado, e um bocadinho intimidado, com a capacidade da Willow de montar um plano em cinco segundos. Não percebo como é que ela ainda não tem trabalho. É óbvio que é teimosa e focada em arranjar soluções, seria a contratação perfeita.

Para ser sincero, se pudesse, contratava -a para resolver a minha embrulhada.

Ela continua a falar, com os olhos brilhantes, a delinear um plano. Mas já não a estou a ouvir, porque tive uma ideia, uma ideia que deveria ter -me ocorrido há muito tempo.

Eu posso contratar a Willow para resolver a minha reputação que está no lixo.

É brilhante. Quero dizer, o Oakley pode não gostar da ideia, mas seria um acordo estritamente profissional. Ele não tem nenhuma razão para achar que alguma coisa inapropriada iria acontecer entre mim e a Willow. E nós sabemos que é melhor que não aconteça. Com a ajuda dela, posso tornar -me o piloto número um da Argonaut. Quem sabe, até entrar numa equipa melhor.

A Willow pode ajudar -me. Ela obviamente sabe o que faz, e tem o diploma a apoiá -la. E, mais importante, ela sim quer mesmo ver -me a ser bem -sucedido. Esta rapariga torceu por mim e pelo Oakley das bancadas pequenas nas nossas corridas, e continua a torcer por mim. O que mais podia eu querer de uma pessoa que tem como função resolver os meus problemas?

Ela continua a falar, mas as palavras saem da minha boca antes que eu as consiga parar.

– Acho que já sei como resolver isto. Tudo isto.

Ela para, e franze as sobrancelhas.

– E estás a pensar fazer isso como?

Respiro fundo. É agora ou nunca.

– Tu, Willow. Preciso de *ti*.

⁴ DNF – acrónimo em inglês para Did not Finish, «não terminou a corrida» (N. da T.)

⁵ Doce tradicional indiano feito com massa frita (N. da T.)



Capítulo 5

Willow

– Tu, Willow. Preciso de *ti*.

O lugar para onde o meu cérebro vai quando o Dev diz aquelas palavras não é nem de perto apropriado para a nossa relação ou para o local onde nos encontramos. Só peço que ele não tenha visto a forma como fiquei corada da cabeça aos pés ou sentido o calor que irradia de mim, porque estou praticamente à mesma temperatura que a superfície do sol.

Tenho tido tanta dificuldade em manter a calma desde que o Chava e o Mark nos deixaram a sós que recorri a divagações acerca de *marketing* e recuperação de imagem numa tentativa de evitar um silêncio constrangedor, mas depois ele tem a audácia de abrir a boca e dizer que *precisa* de mim.

Acho que vou desmaiar. Ou vomitar. Talvez as duas coisas? Oh, meu Deus, não sei.

Ele examina -me, com os olhos castanhos arregalados e uma expressão esperançosa. Tudo o que posso fazer em troca é olhar para ele como se fosse um peixe.

– Podes... repetir? – peço, espantada com o facto de as palavras soarem coerentes.

Espero que ele reformule e diminua a intensidade do seu olhar em mim, porque, com aquele olhar, parece que todas as respostas do universo estão estampadas na minha cara. Obviamente, não estão, por isso *adorava* saber o que lhe está a passar pela cabeça neste momento.

Mas a expressão do Dev não se desvanece. Nem um bocadinho. E, quando dou por mim, ele está a agarrar -me pelos ombros e a aproximar -se ainda mais. A proximidade faz com que o cheiro do perfume dele e de mais alguma coisa que é unicamente dele se espalhe à minha volta.

– És exatamente o que eu preciso, Willow.

A Willow de catorze anos teria perdido a cabeça e caído numa poça de baba com esta confissão do Dev. A Willow de vinte e um, no entanto, dá um passo atrás e levanta as mãos no ar. Não gosto do rumo que a conversa está a tomar. Já cometemos os nossos erros, não precisamos de cometer outros.

– Vou precisar que me expliques a tua linha de raciocínio – digo,

lentamente. – Porque não está a fazer sentido.

O que digo fá -lo pestanejar, e desaparece alguma da adoração nos seus olhos. Passa mais um segundo antes de tirar as mãos dos meus ombros e dar um passo atrás.

– Oh, merda. Desculpa – diz, e olha à nossa volta, provavelmente para ver se alguém reparou na interação. – Entusiasmei -me um bocado.

– Hum – o calor do seu toque permanece na minha pele, mas faço o meu melhor para não lhe dar importância. – Então... explicas, por favor?

– Sim. Sim. Está bem – inala profundamente, as mãos levantadas, as palmas pressionadas como se estivesse pronto para implorar ou rezar. – Willow... acho que podes ajudar -me a ser melhor. Acho que podes resolver a questão da minha imagem. Gostava de te contratar para o fazeres.

Mais uma vez, fico sem palavras enquanto o meu cérebro tenta calcular o que ele acabou de dizer. Ele quer... contratar -me? Para reparar a sua imagem?

– É uma piada? – digo, inclinando -me para um lado para espreitar à volta dele, à espera que uma equipa de filmagem ou um tipo com um telemóvel apareça e diga *Apanhei -te!* – Foi o Oakley que te mandou fazer isso?

Ele franze as sobrancelhas e deixa cair as mãos ao lado do corpo.

– O quê? Não. Literalmente, tive a ideia enquanto estavas a falar – molha os lábios e olha para mim como se estivesse à procura das palavras certas para dizer.

É bom que procure bem, porque já não aguento estas declarações vagas a propósito de precisar de mim.

– Quero que me ajudes com todas as coisas que disseste que iam resolver o assunto. Tu és perfeita – meu Deus, outra vez com os elogios que fazem o meu coração saltar. – É óbvio que sabes lidar com situações assim, e teria sorte em ter -te a trabalhar comigo. Então, o que me dizes?

Neste momento, não consigo dizer nada. Não é possível que esteja mesmo a perguntar o que eu penso que está.

– Mas porquê eu? – acabo por conseguir dizer. – Sim, eu sei lidar com estas situações. Mais ou menos. Mas não queres alguém com mais experiência? Alguém com um historial comprovado? Alguém que tenha mesmo trabalhado com situações como esta?

O Dev abana a cabeça.

– Já tive alguém assim, e não resultou comigo. Além disso, eu... – respira fundo, os seus olhos desviam -se de mim por um segundo antes de regressarem. A profundidade da sua vulnerabilidade surpreende -me. – Neste momento, não confio em muita gente, está bem? A ideia de me entregar a qualquer pessoa assusta -me imenso.

– E confias em *mim*? – brinco.

Sinto -me um bocadinho mal quando os cantos da boca dele se curvam

para baixo, mas ele tem de pensar muito bem no assunto.

– Vá lá – tento argumentar. – Conheço -te desde que éramos miúdos. Sei de tudo o que tu e o meu irmão faziam. Posso fazer com que o que a tua antiga gestora fez pareça uma brincadeira inocente. Ambos sabemos que tenho mais com que te chantagear do que quase toda a gente.

– E nunca o farias – contrapõe ele. – Não és esse tipo de pessoa.

É a minha vez de franzir as sobrancelhas.

– Isso não sabes.

– Sim, sei sim – diz, como se soubesse mesmo quem sou, além de um nível superficial. Talvez pensa que sabe, simplesmente porque nos conhecemos há muito tempo, mas não passámos muito tempo juntos nos últimos anos. Há tanta coisa que ele não sabe sobre mim.

– Se nunca contaste aos nossos pais as coisas que eu e o Oak fizemos, então nunca as irias expor ao mundo.

– Está bem, mas, e se me irritasses e me tornasse numa Jani?

– Como disse, não és esse tipo de pessoa.

Meu Deus, este homem é impossível. Não gosto que me digam quem sou e do que sou capaz, mas ele tem razão. Acho que não tenho coragem de arrastar ninguém para o fundo, por muito que me tenha feito mal. Se não o fiz quando encontrei o meu ex -namorado na cama com outra rapariga, o crime do Dev teria de ser especialmente hediondo para me levar a considerar vingar -me.

Dev junta as mãos outra vez.

– Pago -te o que quiseres – insiste. – Diz um número e é teu.

Fico com o coração apertado. Isto está a começar a parecer mais um suborno do que uma oferta de trabalho.

– Sei que os teus pais e o teu irmão te podem sustentar, por isso, provavelmente, não é assim tão apelativo – admite, o que só faz com que eu franza ainda mais as sobrancelhas. – Mas seria o melhor para nós. Tudo o que tens de fazer é seguir -me para todo o lado durante uns meses e depois podes adicioná -lo ao teu currículo. Pensa em como ficaria bem. Não só ganhavas experiência, como podias gabar -te de ter reabilitado a minha reputação. Ganhamos todos. E não tens de trabalhar para mim para sempre. Só até a minha reputação deixar de estar em fanicos.

– Não faço gestão pessoal de redes sociais – digo -lhe, enquanto abano a cabeça. – Todos os meus estágios foram para marcas e equipas. Não posso fazer...

– Podes, sim – diz ele, com os olhos fixos em mim. – Não te estou a enganar quando digo que és a melhor pessoa para o fazer. Tu conheces -me, conheces o desporto e sabes como resolver esta confusão. Pensa em mim como uma marca, só que mais... humana. Esta reinvenção precisa de ser o mais autêntica possível. Como se eu estivesse pessoalmente por trás disto, embora

não possa estar de forma alguma.

Em silêncio, penso no que me acabou de dizer, enquanto prendo o lábio inferior por entre os dentes. Não quero sequer considerar a oferta, mas... acho que estou a considerar. O brilho nos olhos dele e a confiança que deposita nas minhas capacidades, embora não tenha a certeza de que sou capaz de fazer o que me está a pedir, tornam difícil dizer que não. Mais ninguém confiou em mim. Pelo menos, ninguém com capacidades de contratação.

– Wills, por favor – implora ele, com a voz a suavizar -se.

O seu tom de voz faz com que os meus joelhos fraquejem e a minha determinação quase caia por terra. Além disso, tudo o que foi dito faz sentido. *Ia* ficar bem no meu currículo. Na verdade, ia ficar fantástico. E podia voltar à minha vida em Nova Iorque daqui a alguns meses e, com sorte, conseguia um contrato a tempo indeterminado. Esta proposta pode preparar -me para o sucesso que procuro. E, entretanto, ia ganhar dinheiro, pelo que não teria de voltar a San Diego e viver com os meus pais.

Estou determinada a aguentar -me sozinha, e esta é a oportunidade perfeita para provar que sou capaz.

– O que dizes? – pressiona o Dev. Está tão perto que é tudo o que consigo ver. O resto da festa desapareceu.

– Até podíamos combinar uma data -limite. Que tal o casamento da Alisha?

A irmã dele vai casar em meados de agosto e, tendo em conta que já esta mos praticamente em junho, seria somente um compromisso de dois meses e meio. Como um trabalho de verão. Já tive muitos desses ao longo da minha vida, por isso, para quê recusar mais um? Desta vez, porém, em vez de servir gelados ou às mesas, vou fazer o que gosto.

Bebo o resto do champanhe e deixo o Dev ficar com a taça. Fá -la desaparecer de imediato, como um péssimo truque de magia. Neste momento, o mundo à minha volta parece uma ilusão, mas estou prestes a concordar com algo demasiado real.

– Está bem – digo, antes de poder pensar demasiado no assunto. – Eu ajudo -te.

A forma como a cara do Dev se ilumina faz -me pestanejar como se estivesse a olhar para o sol.

– Oh, obrigado...

– *Mas* – interrompo, antes de me perder no seu sorriso. – Só se o Oakley se sentir confortável com isso.

A sua alegria diminui, mas continua a ser quase ofuscante. Já me sinto a sorrir -lhe de volta. A energia dele é tão contagiante que é impossível não o fazer.

– Combinado – diz ele, a olhar para algo por cima do meu ombro. – Mas

conta ao Oakley amanhã, está bem? Gostava de me divertir esta noite sem me preocupar com o que ele vai dizer.

Não devia estar tão preocupada com a opinião do meu irmão, mas, depois do que aconteceu com o Jeremy, ele merece ser consultado. A separação não foi culpa minha, eu sei, mas continuo a sentir -me culpada por ter contribuído para que o grupo de amigos do Oakley fosse abalado. Agora, quando se trata de qualquer coisa que envolva os amigos dele, incluindo uma oferta de trabalho, estou decidida a falar primeiro com o meu irmão.

O Dev também parece compreender. Ele tomou parte na confusão que destruiu o grupo. Ele, o Chava e o Mark ficaram do meu lado depois de a relação acabar, enquanto dois outros amigos defenderam o Jeremy. O resultado foi praticamente uma carnificina.

– Sim, posso esperar – concordo, quando um cotovelo pousa no meu ombro. Sirvo sempre como apoio para o meu irmão.

– Dev, parece que o teu agente está prestes a ter um AVC – anuncia o Oakley, embora, felizmente, não me pareça que tenha ouvido a nossa conversa. – Faz -lhe lá a vontade para podermos sair daqui e ir a uma discoteca a sério.

Abano a cabeça, enquanto me afasto do braço do Oakley.

– Podem excluir -me das discotecas – digo, quando o Mark e o Chava regressam, com as bebidas que prometeram quando me deixaram sozinha com o Dev. – Estou com *jet lag* e quero estar funcional amanhã.

O Chava oferece -me outra taça de champanhe e de seguida a palma da mão dele virada para cima.

– Podes abandonar -nos, mas só se agora dançares comigo. Sim?

Reparo que a pergunta é dirigida ao Oakley que, pelo canto do olho, vejo acenar com a cabeça. Fazem isto como se pensassem que eu não reparo, mas têm sido muito cautelosos comigo desde o desastre com o Jeremy. Se não me sentisse ainda tão envergonhada, talvez os chamasse à razão. Mas, por agora, vou continuar a deixar passar.

Ainda assim, tenho esperança de que o Oakley aceite que trabalhe com o Dev porque, quanto mais penso no assunto, mais o quero fazer. Quero dar este passo em frente. E, sendo honesta? Viajar pelo mundo e seguir de perto um desporto emocionante durante alguns meses também não me parece nada mau. Além disso, ele não tem qualquer razão para não concordar. Podia ser diferente se ele soubesse da pequena indiscrição que aconteceu entre mim e o Dev o ano passado, mas parece que estamos na mesma página no que toca a mantê -la em segredo.

Agarro na mão estendida do Chava e olho para trás, para o Oakley e para o Dev. Não faço ideia de como o Oakley vai reagir à oferta do Dev.

Mas, amanhã, saberei o meu destino.



Capítulo 6

Dev

Depois de uma hora a lamber botas com o Howard ao meu lado, desisto de ir às discotecas com o Mark, o Chava e o Oakley, alegando estar com uma dor de cabeça. O Mark manda -me de volta para casa com dois paracetamol, uma bebida eletrolítica, um saco de gelo e uma recomendação de um programa de meditação guiada. Foi preciso muito para o convencer a sair, ele que sempre foi um treinador dedicado e uma mãe galinha, mas agora estou sozinho e posso pensar realmente no que fiz.

Ponto positivo: Contratei alguém para corrigir a minha reputação arruinada. Ponto negativo: Essa pessoa é a irmã mais nova do meu melhor amigo.

A Willow não é prisioneira do irmão, mas o Oakley nunca iria deixar que entrasse numa situação em que se pudesse magoar, fisicamente ou de outra forma. E, depois de algumas das coisas pelas quais Willow passou, não fico surpreso se ele reprovar a ideia de corpo e alma.

Se acontecer, retiro a oferta. Sem discussões. É o melhor, porque a Willow vai discutir com o Oakley se ele disser que não e ela achar que continua a ser uma opção. Não me vou meter entre irmãos. Só iria resultar em mais drama, e nenhum de nós quer isso.

Se calhar, não lhe devia ter pedido isto, mas acredito realmente que ela conseguiria fazer -me renascer. Ela não só sabe o que está a fazer profissionalmente, como *me* conhece. Conhece os meus limites. Além disso, conhece o desporto, por ter sido criada nesse ambiente. E não tenho de explicar nada acerca da minha história, porque esteve presente em quase tudo. É a solução perfeita.

Descalço os sapatos desconfortáveis na entrada do apartamento, sem me preocupar com as luzes. Dirijo -me ao quarto, guiado pelo brilho suave da cidade do lado de fora das janelas, determinado a não pensar mais nisto do que já pensei. É melhor dormir sobre o assunto e decidir o que fazer amanhã. Não tomo as melhores decisões com a barriga cheia de champanhe.

De manhã, quando estiver com a cabeça limpa, volto a pensar no assunto. Mas há muito que não sentia que algo estava tão certo.

A Willow pode ajudar -me. Eu sei que pode.

■ ■ ■

Estou outra vez a sonhar com aquela noite, a do ano passado, a que levou à minha pior decisão. Talvez seja um pesadelo. Ainda não sei.

Estou bêbado e a Willow também. Ela está encostada na parede ao meu lado enquanto o Oakley vomita as tripas atrás da porta à nossa esquerda. Está a vomitar e a gemer, enquanto jura que não volta a beber álcool até ao fim da vida, embora vá beber de novo no dia seguinte.

Eu e a Willow mal tivemos tempo de o levar à casa de banho da discoteca antes de vomitar, mas não conseguimos entrar com ele. Em vez disso, estamos aqui fora à espera que ele acabe para o arrastarmos de volta para o hotel, onde poderá passar o resto do aniversário na cama. Eu podia tratar disto sozinho, mas a Willow, sendo a boa irmã que é, quer certificar -se de que ele fica bem.

– É só porque a nossa mãe me mata se lhe acontece alguma coisa – tem o cuidado de me lembrar.

Ela pode dizê -lo quantas vezes quiser, mas eu sei a verdade. Ela nunca o iria admitir, mas *preocupa -se* mesmo com o irmão. É uma loucura. É um comportamento absurdamente louco. Eu nunca iria conseguir confessar o mesmo acerca da minha irmã (embora também seja verdade).

A Alisha está algures na zona principal da discoteca, com o noivo e o resto dos nossos amigos que estão todos aqui para festejar com o Oakley. Por sorte, consegui que todos viessem ao Texas para as festividades, uma vez que as minhas corridas ditavam que teria de estar em Austin durante a semana. Mas juntar -nos a todos resulta sempre no melhor tipo de caos, independentemente de onde estejamos.

Encosto -me à parede fria e cimentada, e fecho os olhos enquanto o mundo gira. Posso não estar a deitar fora o meu jantar neste momento, mas bebi tanto quanto o Oakley. Não consigo abrir os olhos, até a Willow gaguejar:

– Não, obrigada. Na verdade, estou aqui com o meu namorado.

Demoro um segundo a entender o que está a acontecer à minha frente: a Willow está encostada à parede, com os ombros tensos e meio virada para um idiota de alguma fraternidade que interfere com o seu espaço pessoal. Ele olha para mim com os olhos vidrados, como se estivesse a avaliar -me, hesitante antes de voltar a focar -se nela.

Namorado. A Willow mencionou um namorado. Apercebo -me que se está a referir a mim. É um esquema para que o idiota a deixe em paz, porque, tanto quanto sei, ela não anda com ninguém – e se anda, de certeza que essa pessoa não está cá. É uma merda não poder dizer *Não* ou *Não estou interessada* e esperar que o cabrão a oiça, mas tipos como ele não respeitam as mulheres

como respeitam os outros homens.

Contudo, parece que o tipo não respeita ninguém, porque a menção a um namorado não o perturba. Nem a minha proximidade, ao que parece. Ele aproxima -se ainda mais e sussurra -lhe alguma coisa ao ouvido que a faz virar a cabeça e encolher -se de nojo. E é tudo o que preciso de ver.

Não estou interessado em andar à porrada hoje. Preciso de estar bem para conduzir no próximo fim de semana, mas, se for preciso, dou conta deste tipo sem dificuldade.

Não perco nem mais um segundo antes de agarrar a Willow pelo cotovelo e puxá -la para trás de mim. Sorrio para disfarçar a minha raiva quando fico cara a cara com o tipo do colarinho.

– Eu sou o namorado – digo -lhe, com fogo a arder debaixo da superfície da minha pele. – E tu tens de te afastar da minha miúda.

As mãos da Willow estão na minha cintura, a empurrar -me, a tentar tirar -me do caminho para lidar sozinha com a situação. Mas o Oakley decapitava -me se eu não interviesse e a protegesse, e prefiro enfrentar a ira da Willow do que a do irmão. Além disso, não ficaria parado a ver o tipo do cola rinho praticamente a agredir sexualmente ninguém, muito menos alguém com quem me preocupo. Porra para isto.

O tipo tem a decência de dar um passo atrás. Não está exatamente estável das pernas, mas as mãos estão fechadas ao lado do corpo.

– Quem é que pensas que... – mas, depois, o maxilar dele descai e os olhos arregalam -se. E ali está. O reconhecimento que está prestes a pôr fim a tudo isto. – Oh merda! És o Dev Anderson! – diz ele, voz arrastada, levantando as mãos em sinal de excitação. Que parvalhão. Mas ao menos não me está a esmurrar. – Mano, a sério, desculpa. Não sabia que era tua...

– Está tudo bem – digo entredentes, embora não esteja. Sei que não posso fazer nenhuma cena. Se o fizer, vai acabar na imprensa. O que significa que tenho de o mandar embora antes que eu faça alguma coisa imprudente, como aleijar -me na mão enquanto lhe parto o nariz. – Aproveita o resto da tua noite, mano.

Depois de mais alguns segundos a olhar para mim de boca aberta, por fim, vai -se embora a cambalear. A Willow não parou de me bater nas costas desde que eu a puxei para trás de mim, então respiro fundo e viro -me para a encarar.

Começo a falar antes que ela tenha a oportunidade de berrar comigo, porque de certeza que o vai fazer.

– Antes que grites comigo – levanto as duas mãos – eu sei que não é certo, e se não tivesse de ter cuidado para não ser apanhado a fazer coisas parvas, tinha dado uma tarefa naquele cabrão.

Mas, em vez de berrar comigo, a Willow sorri.

– *Na verdade* – diz ela, com as covinhas profundas a surgirem nas

bochechas –, ia agradecer-te, mas é bom saber disso.

Pestanejo. Uma vez, outra vez, mais duas vezes. Estou demasiado bêbado para processar uma resposta.

– Não estás... zangada? – não é possível que não esteja zangada. Ela tem de estar zangada. Então, ela não odeia quando as outras pessoas tentam resolver os problemas dela? Será que a verdadeira Willow foi raptada por extraterrestres e substituída por este anjo misterioso e compreensivo?

Ela ri -se.

– Não, não estou zangada.

Só agora me apercebo de como estamos próximos. Praticamente, peito a peito. O cheiro do perfume dela envolve -me. Se não estivesse já bêbedo, seria intoxicante.

– Aquele tipo não me ia deixar em paz, acontecesse o que acontecesse. E, para ser sincera? O que fizeste foi muito atraente – dá -se um momento de silêncio, e depois ela pressiona a mão contra a boca, como se estivesse a tentar conter aquele segredo de volta.

Mas eu ouvi -a. E a minha pila também, ao que parece, porque sinto -a a contorcer -se atrás do fecho das calças, tal como fez quando a vi pela primeira vez esta noite.

Ela está a usar o vestido mais pequeno do mundo, que lhe evidencia as curvas e tapa somente o suficiente para ser legal. É preto e fino e está atado à volta do pescoço com um laço bonito que passou a noite a implorar para ser desatado. O Oakley tentou obrigá -la a voltar para o hotel e a trocar de roupa. Até olhou para mim à procura de apoio, mas mantive a boca fechada e virei -me para o resto dos nossos amigos. Como é que podia dizer alguma coisa quando já estava a imaginar como seria ter aquele vestido no chão do meu quarto?

A Willow é uma rapariga bonita, consigo admitir. Também consigo admitir que penso nela há muito tempo.

Mas nada disso importa, porque ela não é para mim. Nunca foi. E os únicos limites que ultrapasso são os de um carro de corrida.

Mas isso não significa que não me sinta tentado.

– Oh, merda – diz ela, por entre risos descontrolados. – Desculpa. Não devia ter dito isto. Juro que não quero que as coisas fiquem estranhas.

Abano a cabeça, principalmente para afastar os pensamentos que não devia estar a ter.

– Não, está tudo bem. Fico feliz por ser o teu namorado falso sempre que precisares.

Se calhar, até ficava feliz por ser o verdadeiro.

Ainda a rir, ela inclina a cabeça para trás, encostando -a à parede, com os caracóis a caírem -lhe pelos ombros nus. Sim, ela está bêbeda, e eu também,

porque tudo o que consigo pensar é em como fica bonita sob estas luzes fluorescentes de merda.

– Meu Deus, ainda bem que não me disseste nada disso há uns anos – murmura ela, com os olhos virados para o teto.

Franzo as sobrancelhas perante aquele comentário leviano.

– Porquê?

Ela abana a cabeça, ainda sem olhar para mim, com o objetivo de o desvalorizar.

– A sério, diz -me – insisto. – Fiz alguma coisa que não devia nessa altura?

Somente depois do que digo é que ela levanta a cabeça para fixar os olhos nos meus. Os dela são tão escuros que consigo ver -me refletido neles. Mas há uma linha, um quarto da íris direita, que é como caramelo derretido. Dourada e profunda. Algumas pessoas podem achá -lo imperfeito, ou uma anormalidade, mas é só... a Willow.

– Não sabes? – pergunta ela.

– Não sei o quê?

E depois, ela faz uma confissão que muda o curso da noite. Quem sabe até da minha vida.

– Que tinha uma paixoneta enorme por ti.

Sinto o mundo à minha volta girar, e não é completamente culpa dos sete *shots* de tequila que bebi.

– Tinhas?

– Sim, mas já foi há tanto tempo – tenta afastar as memórias, enquanto acena com a mão quase dando uma bofetada na cara. – Foi uma paixoneta infantil. Não é importante. Pensava mesmo que sabias – ri -se outra vez, tão doce e tão inocente. – Era tão vergonhosamente óbvia.

– Não sabia – digo, mas já a analisar todas as interações que tivemos. O que me escapou? *Como* é que não reparei? E, se não o tivesse feito, será que seria diferente agora? – Porque é que não me disseste?

Ela goza com o que digo, mas o sorriso torto mantém -se.

– Foi uma paixoneta estúpida de adolescente. Não foi como se alguma vez tu estivesse interessado. Depois o Jeremy convidou -me para sair, por isso...

Jeremy. O cabrão do *Jeremy*. A encarnação humana de um monte de merda. Um traidor, um mentiroso, e uma pessoa terrível. Odeio que o tenhamos considerado um amigo durante tanto tempo, somente porque crescemos juntos. Os sinais estiveram sempre lá, e mesmo assim nós... ignorámo-los. Fechámos os olhos. Convencemo -nos de que as piadas, os comentários misóginos e a forma como ele falava com as raparigas não eram problemáticos, que não significavam nada. Ele era bom rapaz. Éramos todos.

Mas nenhum de nós era, porque o protegemos das consequências. Acreditámos na palavra dele quando jurou que as raparigas com quem

namorava e acabava eram umas cabras psicóticas que exigiam demasiado dele. Defendemo -lo quando era acusado de traições. Claro que era a rapariga que não entendia o que uma relação casual significava. Até nos rimos quando nos contava histórias escandalosas acerca das coisas que essas mesmas perseguidoras obsessivas faziam para atrair a sua atenção.

Quando ele começou a namorar com a Willow, toda a gente se sentiu confortável, até o Oakley. Estavam ambos na faculdade, em Nova Iorque, o Jeremy no último ano e a Willow no primeiro. Era perfeito, na verdade. Ele podia tomar conta dela, ser uma cara conhecida no meio do caos de se viver numa nova cidade. Até brincámos com eles e dissemos que era o destino. Que estavam destinados a ficar juntos.

– Toda a gente sabe como acabou – termina a Willow, com um encolher de ombros e o sorriso menos radiante.

Sim, acabou com ela a ligar ao irmão em lágrimas e com o Oakley a meter -se num avião para Nova Iorque. Acabou com o Jeremy no hospital, a ameaçar apresentar queixa, e com o nosso grupo de amigos dividido. Felizmente, o caso nunca deu em nada, mas nenhum de nós voltou a ser o mesmo.

Mas, agora, penso no que teria acontecido se eu tivesse avançado antes do Jeremy. Quão diferente podia ter sido se tivesse sido eu a convidá -la para sair em vez dele?

– Se eu soubesse, teria... – interrompo, sem saber sequer o que teria feito se ela me tivesse confessado os seus sentimentos.

Se luto contra a minha atração por ela há algum tempo? Claro que sim, especialmente desde que fui com o Oakley visitá -la à faculdade, há uns anos. Mas sempre achei que sair com ela seria pisar o risco, e nunca me quis aventurar. O Oakley provavelmente não se iria importar, tal como não se importou com o Jeremy ao início, mas continuava a parecer... errado. Como se estivesse a trair o meu melhor amigo, não importa o quanto gostasse dela.

– Terias feito o quê, Dev? – pressiona a Willow, quando não termino a frase. Ela observa -me atentamente, com os lábios pintados de vermelho ligeiramente entreabertos.

Eu não sei. Não sei o que teria feito na altura. Mas agora, estou tentado a compensar o tempo perdido, e que se fodam as consequências.

Não me apercebo que tenho as mãos nas suas ancas até as dela cobrirem as minhas, suaves e quentes. Estou convencido de que me vai afastar, mas ao invés passa as pontas dos dedos pelos meus braços, lentamente e com cuidado, até as mãos pousarem nos meus cotovelos. Ela aperta -me, um convite para que a puxe para mais perto, e não penso duas vezes antes de o fazer – até a porta ao nosso lado se abrir.

Dou um salto para trás quando o Oakley sai a cambalear da casa de banho, ainda com um tom esverdeado.

– Vamos embora – resmunga ele, com os olhos pousados em mim e depois na Willow. Posso ter criado alguma distância entre nós, mas não a suficiente. Tendo em conta a maneira como semicerra os olhos, o Oakley provavelmente reparou na culpa estampada na minha cara. – Espera lá... O que raio estão a fazer?

– Nada – diz a Willow, rapidamente. Enquanto os meus pecados se refletem na minha expressão, os dela transparecem na voz. Dá um passo à frente para agarrar no braço do irmão, com a cabeça baixa. – Vamos embora.

– Não, para – o Oakley levanta uma mão, com o olhar desfocado a arrastar -se entre nós. Estar completamente bêbado não o impede de juntar um mais um. – Não me mintas, foda -se. O que estavam a fazer?

A Willow dá um passo em frente e puxa o braço dele, numa tentativa de o convencer a andar. – A sério, não foi nada, Oak. Estávamos só à tua espera.

Mas ele não se mexe. A sua expressão escurece, e arranca o braço da mão da Willow. Com a atenção focada somente em mim, encosta -me um dedo ao peito.

– Estavas a beijar a minha irmã?

– O quê? – gaguejo e a reação não me ajuda. – *Não*. Porra, não. Claro que não.

Mas se estava prestes a fazê -lo? Cem por cento que sim.

Não me atrevo a olhar para a Willow. Só espero que ela não leve a mal. Mas ela parece entender, porque agarra no braço do Oakley outra vez e força -o a olhar para ela.

– Estou com batom vermelho – diz ela, apontando dramaticamente para a cara e para a boca perfeita. – Se nos estivéssemos a beijar, estaria pela cara toda do Dev, idiota.

– Sim, ia parecer um palhaço – acrescento, em tom de defesa. – E, sem ofensa para a Wills, mas esse não é o tom vermelho certo para mim.

A um passo atrás do irmão, ela revira os olhos, mas ele suspira em resposta.

– Oh – murmura ele. A sua raiva desvanece -se rapidamente, substituída por um olhar vazio e perdido, que prefiro. – Tudo bem. Está bem. Sim – arrasta as costas da mão pela testa, antes de a deixar cair ao lado do corpo. – Mas nunca se atrevam.

■ ■ ■

Acordo com suores frios e com os lençóis emaranhados à volta das pernas. Empurrando -os para trás, levanto -me da cama e pego no telemóvel, indo diretamente para a cozinha antes de procurar um copo no armário. Com uma mão, encho -o com água do frigorífico e com a outra procuro pelo contacto do

Mark no meu telemóvel. Ambas as mãos a tremerem.

– Se estás a ligar para saber se cheguei bem a casa – diz ele, ao atender a chamada – então sim, mãezinha, cheguei. Já podes ir dormir.

Ignorando -o, ponho o telemóvel em alta -voz e deixo -o cair no balcão.

– Mark, acho que fiz asneira.

Ele geme.

– Juro, se te magoaste a fazer alguma coisa estúpida, vou ficar mesmo chateado. Não posso perder -te de vista por nada...

– Não são danos corporais.

– Okay... – pensa no assunto. – Então, o que aconteceu?

Passo os dedos pelo cabelo, ainda abalado com o sonho e com o aviso do Oakley, um aviso que ignorei mais tarde, durante esse fim de semana.

– Contratei uma nova gestora de redes sociais.

O Mark fica em silêncio por um instante, antes de perguntar por fim:

– Como é que isso é mau? Precisas de alguém. A menos que... Oh, merda, não me digas que voltaste a contratar a Jani.

– É pior do que isso – deixo -me cair num dos bancos de bar em frente à ilha de mármore. – Contratei a Willow.

O silêncio que se estende do outro lado da linha praticamente estala de tensão. O choque e o horror do Mark são transmitidos em alto e bom som.

– Não, não fizeste isso.

Fecho os olhos, com o queixo a cair no peito.

– Oh, mas fiz *sim*.

– Despede -a – exige ele. – Agora mesmo.

– Não posso – suspiro. – Fui eu que lhe ofereci trabalho. Preciso da ajuda dela.

– Então fizeste *mesmo* asneira. É preciso relembrar -te do que aconteceu da última vez que te aproximaste demasiado dela?

Definitivamente, não é preciso. Nunca me vou esquecer da maneira como choquei contra as barreiras durante a volta trinta e sete em Austin, porque não conseguia tirar a Willow e o nosso beijo da cabeça. Quando, por fim, voltei à *pit stop*, depois de ter andado no banco de trás da scooter da vergonha com um fiscal tagarela, disse ao meu chefe de equipa que tinha cometido um erro estúpido de principiante e bloqueado as rodas traseiras, mas bastou um olhar firme do Mark para confessar.

– Bateste com o carro numa corrida em casa, Dev – repreende ele. – Numa corrida em casa!

– Sim, obrigado. Estou bem ciente – murmuro, enquanto esfrego os olhos, como se isso fosse apagar da minha cabeça as imagens da cara da Willow e do meu carro arruinado. – E, tecnicamente, Vegas é que...

– *Cala -te* – interrompe ele. – É uma ideia péssima e tu sabes. Ela é uma

distração. Além disso, ambos sabemos que o Oakley te faz em postas se tentares mais alguma coisa com ela. Lembras -te de como me ameaçou quando tive coragem de dizer que ela estava bonita?

Oh sim, o Oakley ficou sensível depois da confusão com o Jeremy. Quase não podíamos olhar para a Willow sem sermos observados de lado pelo seu olhar atento. Com o tempo, ele acalmou, mas aquele aviso de outubro passado serviu para relembrar o que faria pela irmã.

– Sim, foi porque ele sabe que és uma puta – brinco, numa tentativa de aliviar o ambiente azedo.

O Mark goza.

– Como se tu fosses melhor. É preciso lembrar -te do que aconteceu em Monza, há dois anos?

– Foi só uma vez – digo eu. – Como é que não queres que acabe na cama com cinco mulheres depois de chegar ao meu primeiro pódio na F1?

– Mal chegaste ao terceiro lugar, e foi só porque os outros quatro pilotos foram penalizados.

– Um pódio é um pódio, querido. Tens de celebrar o que podes.

– Estás a ignorar o meu ponto – bufa o Mark. – O Oakley não vai deixar que nenhum de nós se aproxime da Willow depois do...

– Eu sei – interrompo gentilmente, desanimando.

Levo o copo à testa, na esperança de que o frio me faça ganhar algum juízo.

– E consegues culpá -lo? O Jeremy destruiu -a – solta um longo suspiro. – E ela é a razão pela qual *tu* foste destruído.

– Oh, vai -te lixar. Foi uma piada horrível. Estou a atirar -te tomates em pensamento. Buh!, assobio, sai do palco!

– Não estou a brincar – o tom do Mark deixa -o bem claro. – Não podes deixar que esta rapariga te afete outra vez, Dev. Se vais mesmo em frente com isto, tens de o manter estritamente profissional, para o teu bem e para bem da tua amizade com o Oakley.

Sinto a culpa a ferver no meu peito. Ele tem razão. Preciso de me manter longe da Willow, quer ela acabe por trabalhar para mim ou não.

Mas depois de a ver esta noite – depois de sonhar com as palavras que ela me disse naquela noite de bebedeira no ano passado – vai ser mais fácil falar do que fazer.

Porque a Willow já tem um certo controlo sobre mim, e não faço ideia de como me livrar dela.



Capítulo 7

Willow

Ainda bem que estava a sofrer de *jet lag*. Caso contrário, não teria dormido nada ontem à noite.

O Dev e a sua oferta de trabalho são as primeiras coisas que me vêm à cabeça quando acordo, com o estômago às voltas e confusa. Antes que a mente se recomponha, pergunto -me se o dia de ontem não terá sido uma alucinação. Mas o porto cintilante do Mónaco que avisto da minha varanda é a prova do contrário. Assim como o meu vestido do evento de ontem à noite, atirado para cima de uma cadeira a um canto. A meia dúzia de mensagens do Oakley a avisar -me que está a caminho do meu quarto solidificam -no. Estou mesmo aqui. E o Dev contratou -me mesmo para resolver a sua reputação problemática.

A resmungar, arrasto -me para fora da cama e dirijo -me para a porta quando a complicada e característica batida do Oakley ressoa do outro lado. É um resquício dos nossos dias a brincar aos reis do castelo na nossa casa na árvore. Naquela altura, não podíamos entrar sem a batida secreta, mas, atualmente, usamo -la para anunciar a nossa presença.

Sem me dar ao trabalho de verificar pelo óculo da porta, puxo a maçaneta e abro a porta pesada, com cuidado para não deslocar a anca para o lado com a força. Aprendi da maneira mais complicada que é melhor usar a força limitada da parte superior do meu corpo. Não tenho interesse em voltar a deslocar a anca ou em passar horas num hospital do Mónaco para a colocar no lugar.

– O que vamos fazer hoje? – pergunta o Oakley, ao entrar. Mal são nove da manhã, mas já tomou banho e está vestido.

Eu, por outro lado, continuo de pijama – um fofinho, de linho cor -de -rosa e mangas compridas, sim, mas mesmo assim é um pijama – e o meu cabelo está uma confusão porque não me dei ao trabalho de o atar ontem à noite, quanto mais de o enrolar num lenço.

– Podíamos ir ao casino, às compras, apanhar uma bebedeira num iate – sugere ele. – A escolha é tua. O mundo é teu, miúda.

Não sei de nada, mas preciso de falar com o Dev para saber como quer começar. Porque quanto mais penso no assunto, mais me apercebo da

dimensão do trabalho que vai ser, e deixa -me um bocadinho em pânico. E se eu não conseguir fazê -lo da forma que ele quer? Mas ele não teria insistido tanto em me contratar se não acreditasse que sou capaz, não é? Está do meu lado, mesmo que eu ainda não tenha a certeza.

Hoje seria o dia perfeito para um curso intensivo referente ao que ele espera. As quintas-feiras são dias de comunicação social, repletas de entrevistas, sessões fotográficas e outros tipos de criação de conteúdos para as equipas dos pilotos e patrocinadores antes das corridas. Podia ficar a observar e ele mostrava -me o caminho.

Mas, primeiro... tenho de ter uma conversa com o meu irmão. Nada acontece até eu ter a aprovação dele.

O Oakley deita -se na minha cama, com as pernas penduradas na borda e os pés no chão, e fica a olhar para mim à espera de uma resposta. Gostava mesmo de ter tido tempo para beber café antes de me lançar nisto, mas cá vamos nós.

Empoleirada na cadeira para a qual atirei o vestido na noite anterior, pouse as mãos entre os joelhos, para que a pressão me ajude a ficar calma.

– Concordo com o que quiseses – digo, a minha voz tão leve e descontraída quanto possível. – Mas... primeiro posso falar contigo sobre uma coisa?

Inquieto, o Oakley faz um círculo com a mão no ar para que eu desembuche.

Inspiro fundo e expiro lentamente.

– Afinal, tinhas razão quando disseste que iam oferecer -me trabalho até ao fim da festa.

Ele senta -se com rapidez e com muita mais agilidade do que eu alguma vez irei conseguir, por muito que trabalhe o meu corpo.

– A sério?

Aceno com a cabeça em resposta. Quando ele sorri e os seus olhos escuros se iluminam, o meu estômago põe -se às voltas.

– Wills, isso é incrível. Eu *sabia* que ias conseguir. Para quem vais trabalhar?

Ah, bolas, o momento da verdade.

– Tens de prometer que não te vais zangar nem tentar dizer -me que não posso fazê -lo, está bem? – ameaço, sem muita convicção por trás. De qualquer maneira, ele vai fazer o que quiser.

O Oakley ri -se.

– O que foi, concordaste em ser a namorada profissional de um dos diretores de equipa?

– Que nojo, *não* – atiro o meu cabelo emaranhado para cima do ombro. – Mas obrigada por ahares que sou suficientemente bonita para ser contratada.

Ele atira -me uma almofada, deixando -me com dificuldades para a

apanhar antes que me acerte na cara.

– A sério, o que foi? – exige ele. – Para de ser tão cautelosa. Odeio essa merda.

Levo a almofada ao peito, como se me protegesse do que tenho a certeza de que será uma desaprovação rápida e dura.

– O Dev quer que eu seja a gestora temporária das redes sociais dele – confesso, num turbilhão de palavras. – Apenas o tempo suficiente para recuperar a sua reputação, depois do acidente com a Jani, sem envolver uma empresa grande de relações públicas.

O Oakley olha para mim, a pestanejar, com uma expressão ilegível.

Oh, não. É agora. Ele vai dizer que não posso. E, mesmo que eu discuta, sei que o Dev não vai aceitar se o meu irmão não estiver de acordo.

Mas, para minha surpresa, o Oakley lança -me um olhar confuso.

– Porque haveria de ficar zangado? – ele aproxima -se mais da beira da cama. – É uma ótima oportunidade para começares. E pensa em como vai ser bom para o teu currículo – examina o quarto, com uma expressão contemplativa. – Não sei por que não pensei nisso antes. É literalmente perfeito.

Com licença, enquanto levanto o queixo do chão.

– Não te importas mesmo? – será que é assim tão fácil obter o selo de aprovação dele? Esperava histrionismo e que ameaçasse mandar -me de volta para Nova Iorque no próximo voo.

Se calhar, eu queria que o fizesse. Se calhar, queria que me convencesse que o melhor era desistir. São os meus nervos a tentarem assumir controlo, eu sei, mas quase que pedia que alguém pudesse apontar os pontos negativos que eu ainda não consegui descobrir. Deve haver alguma coisa que não estou a ver.

O Oakley encolhe os ombros.

– Claro que não. Só gostava de ter sido eu a lembrar -me disto. Quero ficar com os louros.

– E não te importas que trabalhe para um dos teus melhores amigos? – insisto, ainda à procura de uma saída.

– Não, não me importo – fica a olhar para mim durante uns instantes. Depois, os olhos arregalam -se. – Ouve, eu sei que disse que não te queria envolvida com outro dos meus amigos, mas este é um acordo profissional. Não é... pessoal.

Ele tem razão, e talvez tenha subestimado a sua capacidade de diferenciar o Dev do Jeremy. Além disso, ele não sabe do beijo.

Mas continuo a ter as minhas próprias preocupações, por muito que queira o trabalho.

– E se o Dev me despedir e me deixar encalhada na Austrália, como fez com a Jani? – desafio. – O que farias?

O Oakley levanta um dedo.

– Em primeiro lugar, o Grande Prémio já aconteceu na Austrália, por isso não é possível – levanta outro. – E, em segundo, ele sabe que não te deve abandonar em lado nenhum. Mas se fizeres asneira e fores despedida, o problema é teu – volta a baixar o primeiro dedo, enquanto o do meio continua levantado e sorri. – Por isso, não faças merda.

Atiro -lhe a almofada, e solto uma gargalhada de prazer quando lhe acerta em cheio na cara. Deve ter perdido os seus tempos de reação incríveis quando abandonou as corridas.

– Ainda bem que te vais embora – resmunga ele, ao atirar a almofada para o lado. – O Dev que te ature.

– Tu mal me vês. Estás demasiado ocupado em Chicago – murmuro, enquanto me levanto devagar da cadeira. Parece que me tiraram um peso enorme dos ombros. Se o Oakley não encontra nenhum inconveniente, talvez eu esteja mesmo a tomar a decisão certa. – E só vai durar alguns meses. Somente até ao casamento da Alisha.

O Oakley fica com um olhar melancólico quando menciono o nome da irmã mais velha do Dev, tal como faz há anos, mas afasta -o e descarta -me.

– Como quiseres. Vai vestir -te para podermos sair. Quero embebedar -me durante o dia e apostar os meus milhões.

Bufo, mas vou até à minha mala buscar uma roupa.

– Acho que estás a sobrestimar o número de zeros na tua conta bancária.

– Tu não conheces a minha vida – franze os lábios e avalia -me. – Ei, então tens de falar com o Dev? Quando é que comesças oficialmente?

– Não sei – confesso, enquanto procuro por entre vestidos de verão e casacos de malha, a ignorar a aceleração do meu ritmo cardíaco. – Queria ter a tua aprovação antes de avançar com os pormenores.

O Oakley resmunga qualquer coisa que não consigo perceber.

– Tudo bem, liga -lhe e diz -lhe que o irmão mais velho e mauzão não quer saber do que vocês fazem. Só não tornem as coisas piores para ele. Ele já está muito mal.

Reviro os olhos, enquanto escolho um vestido às florinhas cor -de -rosa e um par de ténis brancos. As minhas articulações não vão sobreviver a andar pela cidade sem apoio ortopédico, por mais bonitas que sejam as minhas sandálias às tiras.

– Liga -lhe tu – respondo. – Eu nem tenho o número dele, e, provavelmente, é a ti que ele prefere ouvir.

A primeira parte é mentira. Claro que tenho o número do Dev, a não ser que ele o tenha alterado nos últimos sete meses. E, quanto a ele preferir ouvir o Oakley, bem, não é *exatamente* uma mentira. Estou só demasiado nervosa para falar com ele. Com certeza que não é um bom presságio para a nossa

relação profissional, mas espero que voltemos à nossa velha camaradagem daqui a alguns dias.

Pelo menos, espero que sim. Meu Deus, não sei como é que vou fazer o meu trabalho se nem sequer consigo falar com o homem.

O Oakley resmunga, mas tira o telemóvel do bolso e toca no ecrã algumas vezes antes de o pousar na cama ao seu lado.

A voz do Dev está rouca quando responde, e não consigo deixar de me perguntar o que é que esteve a fazer depois de a festa de ontem terminar.

– O que se passa?

– Ei, estás no circuito? – a pergunta do Oakley é dirigida ao Dev, mas olha para mim, para avaliar a minha reação.

Ouve -se um ruído vago de fundo, como se fossem lençóis. Fico bloqueada com a imagem do Dev nu na cama, a pele morena contra os lençóis brancos, as partes íntimas mal cobertas. É repentina e não solicitada, mas a ideia agrada -me mais do que devia.

– Não, ainda não saí de casa – diz ele. – Porquê?

– Vem buscar a tua mais recente funcionária quando estiveres a caminho.

Dá -se uma pausa longa e enervante antes de ele perguntar:

– Estás a falar a sério?

– Olá, Dev – guincho.

– Willow. Olá – ele pigarreia, e a voz perde levemente aquela qualidade áspera. – Oak, estás mesmo à vontade com a ideia?

– Sim – diz o meu irmão. – Só estou chateado por não ter sugerido primeiro.

– Está bem. Uau. Está bem. Sendo assim, chego daqui a um bocado para te apanhar, Wills.

Antes que eu consiga entrar em pânico por vir a estar sozinha com o Dev, o Oakley acrescenta:

– Podemos ir todos. Também quero uma visita completa aos bastidores.

– Tu já sabes como é – digo, mas fico agradecida por ele servir de lembrete do porquê de eu não poder pensar no Dev como tenho pensado. – Esti veste em muitas corridas. E, literalmente, eras piloto.

– Não na F1 – contrapõe ele. – E o Dev está sempre muito ocupado para me mostrar o carro, aquele idiota.

O Dev solta um suspiro.

– Está bem, vamos todos.

– Como uma família grande e feliz – brinca o Oakley.

Sim. É uma maneira de se ver as coisas...

– Bem, Willow – diz o Dev, enquanto olho para o telemóvel ao lado da perna do meu irmão. – Bem -vinda à Argonaut Racing. Espero que gostes de vermelho, branco e azul.

O Dev não estava a brincar quando mencionou o esquema de cores. Parece que a bandeira americana vomitou em cima dele e de noventa e nove por cento das pessoas que aqui estão.

O *slogan* da Argonaut, *sempre americano*, é levado muito a sério. Todas as pessoas com quem falámos na *suite* da equipa, desde que chegámos há cinco minutos, têm sotaque americano, e o uniforme da equipa, composto por calções azuis combinados com um polo às riscas vermelhas e brancas, e gritam patriotismo. Ou um nacionalismo assustador.

Uma pesquisa às escondidas no meu telemóvel, enquanto esperamos pelo nosso café, informa -me de que a Argonaut se orgulha de contratar somente funcionários dos EUA, desde as fábricas até aos motoristas. O proprietário e presidente da equipa, Buck Decker, é um bilionário relacionado com o petróleo do Texas que assumiu o controlo da equipa há dois anos e implementou a regra do *sempre americano*, juntamente com a colocação do filho, Nathaniel, no segundo lugar da corrida ao lado do Dev. Antes disso, a equipa era um bocado mais internacional, mas sempre foi um produto americano.

Volto a guardar o telemóvel na mala quando o Oakley me entrega um *latte* de baunilha a fumegar, a minha bebida favorita. Ao menos não vou ter de me preocupar com as minhas doses de cafeína quando me fizer à estrada com o Dev. Para ser sincera, esta autocaravana parece o átrio de um hotel luxoso e não uma estrutura que é montada e desmontada a cada fim de semana em lugares mundo inteiro.

Um bar elegante e retangular ocupa o centro do espaço, com mesas altas espalhadas à volta, e existem televisões montadas nas paredes com poucos metros de distância. Há pequenas máquinas de venda automática, com garrafas da empresa que patrocina a equipa, mesas com aperitivos para levar e aquilo que parece ser uma cabine fotográfica. Até têm plantas suspensas para trazer um bocado de vegetação ao espaço.

Os uniformes são a única coisa desagradável. Até o Dev, que fica bem com tudo, parece um parvinho. Como um miúdo obrigado a usar uma roupa que a mãe escolheu para um desfile do 4 de julho. Não que a mãe *dele* alguma vez fizesse isso, a tia Neha nunca suportaria essa falta de gosto.

E, no entanto, embora pareça um parvo, o Dev fica melhor com ele do que qualquer outra pessoa. As mangas do polo esticam -se à volta dos bíceps largos, e os botões do colarinho estão abertos o suficiente para revelarem um vislumbre da sua pele. Se os calções fossem mais curtos, seriam quase obscenos, mas, assim como estão, mostram as coxas firmes e, por um instante, o que eu juro ser uma linha de tinta preta a espreitar da bainha. Mas, depois,

ele mexe -se e desaparece.

Não queria que os nossos olhos se cruzassem quando volto a olhar para cima, mas quando o faço, ele observa -me durante um segundo, como se conseguisse ouvir -me mentalmente a babar -me por ele e estivesse a tentar descobrir como dizer -me para parar. Mas, quando olho com mais atenção, tudo o que vejo é espanto, como se não conseguisse acreditar que estou aqui. Que isto está mesmo a acontecer. Eu sinto o mesmo.

Por fim desvia o olhar, e acena com a cabeça na direção de um corredor nas traseiras.

– Segue -me.

Respiro de alívio quando se vira e começa a andar por entre a multidão, como se tudo lhe pertencesse. Cumprimenta as pessoas à medida que passamos, e percebo que realmente está na sua praia. É muito mais atraente do que deveria ser.

– Antes de qualquer coisa, temos de falar com a maior luz da minha vida – diz o Dev, por cima do ombro. – A Patsy Beedle, chefe do departamento de comunicação da Argonaut.

Eu e o Oakley seguimo -lo, e o Chava acompanha -nos enquanto nos dirigimos para os escritórios na parte de trás da autocaravana. Ele também está com o uniforme horrível, o que não é um bom presságio para mim. Começo a pensar que toda a gente associada à equipa e aos pilotos tem de o usar.

– Ouvi dizer que te juntaste à Equipa do Dev – o Chava lança -me um sorriso meio torto. – Eu ajudo -te com o que precisares, incluindo reservas de hotéis e viagens enquanto estivermos na estrada.

Sorriso -lhe, agradecida, contente por ter outro aliado.

– Obrigada – sussurro. – Isto é tudo muito... repentino. Não estava propriamente à espera de uma oferta de trabalho ontem à noite.

– Nós também não – diz outra pessoa.

Olho por cima do ombro e vejo o Mark a aproximar -se por trás de nós. Apesar de estar a sorrir, não é o seu sorriso autêntico que vi um milhão de vezes. Nunca tive problemas com ele, mas ele nunca gostou muito de mim. E eu não o culpo. Se não me tivesse envolvido com o Jeremy, ele não teria sido forçado a escolher um dos lados, e não teria perdido uma mão-cheia de amigos durante o processo.

Retribuo -lhe o sorriso, na esperança de que o meu seja mais genuíno. Como treinador do Dev, o Mark está sempre com ele e, se eu for responsável pelas redes sociais do Dev, isso significa que também vamos estar constantemente juntos. Não vamos poder evitar -nos, por isso, para o nosso bem e para o do Dev, espero que sejamos civilizados.

À minha frente, o Dev para repentinamente. Olho à sua volta para

entender o bloqueio e vejo uma senhora ruiva e pequena de meia -idade que veste o uniforme da equipa Argonaut, embora o dela tenha sido alterado para uma saia -lápiz azul -marinho e um lenço estampado com estrelas. O sorriso sugere que iria oferecer -nos uma fatia de tarte de maçã caseira num abrir e fechar de olhos, mas o olhar insinua que poderia estar cheia de arsénico.

– Cá estás tu – diz -lhe o Dev, brilhante e radiante. Não perde tempo e passa um braço à volta dos seus ombros estreitos, antes de se virar para mim e para o Oakley. – Esta é a Patsy. Ela segue-me para todo o lado para se certificar que não digo nada calunioso à imprensa e que a equipa não fica em apuros.

A mulher respira fundo.

– Esse não é o meu trabalho, Sr. Anderson – as vogais longas e o sotaque doce indicam que é de algures das profundezas do sul. Ela poderia insultar toda a minha família e, ainda assim, teria uma entoação doce.

O Dev encolhe os ombros.

– É quase isso, não é?

A Patsy abre a boca como se quisesse protestar, mas fecha -a outra vez e acena com a cabeça.

– Na verdade, sim – admite, a abanar a cabeça antes de olhar para ele e franzir as sobrancelhas. – O que estás aqui a fazer tão cedo? Normalmente, às quintas -feiras, tenho de mandar alguém arrastar -te para cá.

– Isso não é verdade – diz o Dev a mim e ao Oakley, com um sorriso envergonhado.

Pois, claro.

– Eu sou muito pontual – ele pigarreia, para se livrar da mentira. – *Continuando.* Patsy, gostava de te apresentar a minha nova gestora de redes sociais, Willow Williams.

Estendo a mão. Ela envolve -a com a dela e aperta -a com firmeza, mas com um ar confuso.

– Prazer em conhecê -la – diz, antes de largar a minha mão e olhar para o Dev. – É só ela?

– Apenas ela – confirma ele, a desafiá -la a contestar.

Conheço -a há menos de um minuto, mas já percebi que é exatamente o que vai fazer.

– Dev, já falámos sobre isto. Precisas de contratar uma equipa inteira...

– Eu sei do que preciso, Patsy, e é que tires umas belas férias com o teu marido nos campos da Toscana – interrompe suavemente, e com um sorriso enorme, como se estivesse a sugerir -lhe férias por bondade, e não porque quer que ela o pare de chatear. – Eu prometo que a Willow é a melhor das melhores. Vai conseguir resolver tudo *assim* – estala os dedos.

É impossível que a Patsy acredite no que ele está a dizer, mas tem a educação de se virar para mim.

– Bem, menina Williams, é um prazer tê-la connosco. Vamos trabalhar juntas para garantir que este arruaceiro não tem mais nenhum... deslize.

– Fico contente – digo, com sinceridade. As mulheres aqui são uma minoria – acontece na maior parte dos desportos motorizados, na verdade – por isso vai ser bom trabalhar ao lado de outra mulher determinada e que é evidente que não atura as merdas do Dev.

– Pede a um dos rapazes que te dê o meu número e não tenhas medo de me contactar – ela vira-se para o Dev e afasta-se do braço dele. – Preciso que voltes dentro de uma hora para autografares os teus cartões de piloto e para umas filmagens. Agora, vai aterrorizar outra pessoa.

Ela afasta-nos, e obriga-nos a abrir caminho enquanto passa. Se me sinto ligeiramente intimidada por ela? Sem dúvida. Mas também estou impressionada e entusiasmada por irmos trabalhar juntas.

– E aquela era a mulher dos meus sonhos – diz o Dev, melancólico, enquanto a vê partir. – Tenho só um bocadinho menos de medo dela do que da minha mãe.

O Oakley ri-se.

– Tenho a certeza de que a tia Neha ia adorar ouvir isso – olha em redor, sem dúvida ansioso por sair daqui para ver os carros. – Agora, já podemos ir para a garagem?

O Dev estende um braço, e faz sinal para que o Oakley abra caminho.

– Fica à vontade.

Num piscar de olhos, o meu irmão corre por entre as pessoas. O Mark junta-se a ele, mas um leve toque no meu braço faz-me recuar. Espreito por cima do ombro a tempo de ver o Dev afastar a mão.

Para me distrair do quanto gostava que ele a tivesse deixado lá, bebo um gole do meu *latte* e acabo por queimar a boca. Meu Deus, preciso de me controlar.

– Tudo bem até agora? – pergunta, enquanto avalia a minha expressão. Quando aceno com a cabeça, ele continua. – A Patsy é assustadora, mas vai ajudar-te realmente. A Lillie e o Ransom são os administradores das redes sociais da equipa, e o Konrad é o nosso fotógrafo principal, por isso, se alguma vez precisares de conteúdo da equipa para publicar, eles arranjam-to.

Aceno de novo com a cabeça e tiro da mala um pequeno caderno e a minha caneta cor-de-rosa preferida. Podia escrever as informações nas notas do telemóvel, mas lembro-me melhor dos pormenores quando os escrevo à mão. Além disso, é menos provável que as perca na confusão tecnológica que é o meu telemóvel.

Com o *latte* na dobra do braço, anoto os nomes e os cargos. Quando termino, olho outra vez para o Dev. Ele está a sorrir, mas não é o sorriso habitual. Este é mais pequeno, mais pessoal. É o mesmo com que me brindou

ontem à noite. Como se, quem sabe, estivesse impressionado comigo. Tenho de me obrigar a não pensar muito no assunto.

– Não tens de trabalhar este fim de semana – continua ele. – Primeiro, fica a conhecer o terreno e, na segunda -feira, quando fores para casa, podes passar pela sede em Dallas. Tecnicamente, sou o teu patrão, mas também és funcionária da Argonaut, por isso tens de tratar de todas as questões legais com eles. Vou certificar -me de que o Chava te envia o contrato de trabalho esta noite, para que o possas rever.

Tinha -me esquecido de que o Chava ainda estava connosco, até o ver pelo canto do olho a saudar -nos.

– Diz -me também o teu tamanho de roupa, para te arranjarmos alguns conjuntos deste uniforme tão bonito.

Não consigo conter a careta que se apodera da minha expressão, e os dois rapazes riem -se em resposta. Ainda bem que estão contentes por, em breve, eu ter a infelicidade de usar o uniforme da Argonaut com eles.

– O guarda -roupa não é grande coisa, mas os benefícios são muito bons – diz o Chava, a acenar com a cabeça para o meu *latte*, que é mesmo um dos melhores que já bebi. – Espera só até ao almoço. Tens praticamente uma estrela Michelin a cada refeição.

– *Tu* podes comer, se calhar – resmunga o Dev. – O Mark dá -me uma tarefa se tentar alimentar -me de outra coisa que não seja peito de frango e vegetais grelhados.

O Chava revira os olhos.

– Pelo menos conseguiste que o chefe usasse a mistura secreta de especiarias da tua mãe.

Aquele gostinho a casa deve ajudar, mas entendo que deva ser um desafio para o Dev ter a sua dieta ditada. Tem de ter cuidado para não ganhar peso ou perder massa muscular, porque cada quilograma poupado no carro é importante quando se trata de um bom desempenho. Pode não correr num campo ou atirar bolas, mas continua a ser um atleta de elite.

A questão da alimentação foi parte da razão pela qual o Oakley abandonou o mundo das corridas. Parte da experiência «normal» que ele queria ter envolvia não ter de controlar cada caloria que lhe entrava na boca. Ele era infeliz, agora sei disso, mas na altura tinha inveja de ele ter tido a oportunidade de ir atrás do seu sonho. Às vezes, acho que ainda tenho.

Afasto os pensamentos da minha cabeça porque, neste momento, estou a seguir o meu sonho. Sim, é uma versão alterada, mas estou na autocaravana de uma equipa de Fórmula 1, a falar sobre contratos e regalias de trabalho. Estou a dar os próximos passos para iniciar a minha carreira. E estou a fazê -lo ao lado de pessoas que conheço há quase a vida toda.

Só tenho a agradecer ao Dev por isso. Olho fixamente para ele, a observar a

maneira simples como brinca com o Chava. Tem uma mão no bolso dos calções, os ombros relaxados, e a confiança flui -lhe do corpo. O meu coração gagueja ao vê -lo, mas tenho a certeza de que é só a cafeína a percorrer -me as veias.

– Isto está mesmo a acontecer – murmuro, mais para mim mesma.

Mas o Dev deve ter ouvido, porque vira -se para trás e observa -me enquanto o Chava se afasta, ao telemóvel.

– Sim – diz o Dev, em voz baixa. – Está mesmo a acontecer.

Gostava de achar que sei o que lhe vai na cabeça por ser o mesmo que vai na minha: estamos mesmo a fazê -lo. Vamos ajudar -nos um ao outro. Vamos tirar o melhor partido de duas situações merdosas para podermos sair desta situação no topo dos nossos respetivos jogos.

E vamos ter de ter muito, muito cuidado para não cometer outro erro.



Capítulo 8

Dev

Por uma reviravolta do destino, não me classifico em décimo lugar como esperava. Ou em nono. Ou mesmo em oitavo. Hoje, fico em sétimo na grelha de partida.

Talvez a Willow seja o meu amuleto da sorte, porque nunca imaginei vir a chegar tão longe, especialmente com um carro da Argonaut. Com toda a certeza, estou a léguas de distância do Nathaniel, que ficou em décimo terceiro. Não é horrível, tendo em conta que eu e ele costumamos estar algures nos lugares abaixo do meio, mas o pai dele deve estar furioso por eu estar à frente dele.

Não interessa. O Buck pode ficar zangado se quiser. Não estou aqui para mimar o ego do Nathaniel. Estou aqui para marcar pontos para a equipa e para trabalhar para sair deste inferno em tons de vermelho, branco e azul.

Amuleto da sorte ou não, não tenho visto muito a Willow desde quinta -feira. Tomei um pequeno -almoço rápido com ela e com o Oakley hoje de manhã e vi -os de relance na *pit stop* quando começou o caos de um dia de corrida. Ela tirou -me algumas fotografias e depois ao carro, mas foi pouco tempo antes de eu entrar, tendo em atenção os conselhos que lhe dei durante o nosso passeio na quinta -feira.

– Algumas coisas a ter em conta quando são tiradas fotografias aqui – disse -lhe, enquanto atravessávamos a garagem. O Oakley estava ocupado a falar com um dos meus mecânicos do outro lado da garagem e sem nos ouvir. – Primeiro, não publiques fotografias onde algum ecrã de computador esteja visível. Segundo, nunca fotografes o carro quando estiver sem pneus ou se algum componente interno estiver exposto. E terceiro, em geral, tenta não tirar demasiadas fotografias da parte de trás do carro. Não queremos que nenhum dos outros concorrentes tenha uma visão assim tão próxima.

– Nada de tirar fotos à traseira – disse ela, enquanto acenava com a cabeça pensativamente e escrevia no pequeno caderno que tinha tirado da mala. – Entendi.

– Willow Williams! – ofeguei e quase tropecei quando me virei para ela, genuinamente encantado com o espetáculo humorístico e atrevido. Lá se vai a

fachada de rapariga inocente. – Quando é que ficaste tão indecente?

Estava a abusar da sorte. Devia ter -me rido e seguido em frente, em vez de incentivar aquele comportamento. Mas aquela piadinha deixou -me com vontade de ouvir mais.

Ela ergueu a mão e desenhcou círculos no ar com a caneta. A cana do nariz ganhou um tom ligeiramente cor -de -rosa, mas, de resto, aguentou -se, embora se tenha recusado olhar para mim.

– Vamos somente reconhecer que foi engraçado e seguir em frente.

– Já passaste demasiado tempo comigo – provoqueei, enquanto ignorava a forma como o meu estômago se revirou. – Sempre em cima de ti, sou má influência. Pergunto -me como estarás quando chegarem as férias de verão.

Aquilo fez com que ela olhasse para mim. Os olhos escuros a brilharem, embora o resto da expressão não tivesse um pingote de humor.

– Estou a optar por ignorar que disseste que estavas sempre *em cima de mim*.

– *Willow*.

Por fim, ela riu -se, leve e lírica, e virou -se para inspecionar um dos compartimentos de ferramentas e de peças sobressalentes.

– Não sou nenhuma criança, Dev. Consigo conviver com os adultos.

E é esse o meu problema. Realmente, ela cresceu e já não consigo contar com as minhas defesas para evitar que a minha atração por ela se multiplique. Eu sabia que estava em apuros assim que a vi no evento da SecDark na quarta -feira à noite, mas esse desconforto aumentou dez vezes desde então. Especialmente, depois de estar perto dela todos os dias, mesmo que durante pouco tempo. Como é que eu vou conseguir passar os próximos meses sem perder a cautela e fazer alguma coisa que o Howard iria descrever como «imprudente»?

Mas, neste momento, não posso pensar nela. Não quando tenho esta classificação, pronto para entrar no meu carro para a volta de apresentação. Quando estiver sentado no carro, tenho de ter a cabeça limpa e a minha atenção tem de estar focada somente na estrada à minha frente. Qualquer problema que tenha criado pode esperar.

Porque isto é o Mónaco, *baby*. E estou prestes a dar espetáculo.

■ ■ ■

Pronto, um *espetáculo de merda*.

A parte desafiante de ter uma qualificação tão alta é manter a posição. Tenho -me esforçado pela minha vida desde que a corrida começou, há cinquenta e três voltas atrás, e quando faltam vinte e cinco, a hipótese de não terminar ainda é forte.

A fiabilidade do carro está a começar a degradar -se e os travões estão a ficar menos sensíveis a cada volta. Há seis voltas, quase perdi a asa dianteira depois de um Omega Siluro ter contornado uma curva em gancho e me ter batido, e os pneus traseiros não estão muito bons. A única coisa que me salvou foi a minha *pit stop* ter sido inferior a três segundos, sendo perfeitamente cronometrada. Somente isso evitou que ficasse tão para trás que não conseguisse recuperar com facilidade os lugares que tinha perdido com a paragem.

Desde que me consiga aguentar e acabar o circuito, termino em P7. Claro que não é o pódio, e sim, talvez seja otimista pensar que o carro do Vanderberg, que tem levado com a minha poeira, não me vai ultrapassar, mas acho que o consigo fazer.

– Continua a puxar pelo carro – diz o Branny, pelo rádio. – A distância até ao Kivinen é de 2,6.

Não é algo que oiça com frequência. A única vez que estou perto do Otto Kivinen ou dos carros Mascort, em geral, é quando me abanam bandeiras azuis para sair do caminho deles. O Otto e o Zaid estão, literalmente, sempre quilómetros à minha frente, mas esta é uma surpresa boa. Duvido que tenha alguma hipótese de ultrapassar o Otto, mas o meu engenheiro de corridas parece mais otimista.

Deve significar que o Otto está com problemas, e o Branny confirma -o. O piloto número dois da Mascort está com dificuldades. Pode ser um presente para mim, mas também pode ser uma armadilha se forçar demasiado e não conseguir que os pneus durem até ao fim.

– A este ritmo, estás à frente do Kivinen em três voltas. Repito, três voltas.

Porra, *okay*, está bem. Mas o Otto não vai desistir facilmente do seu lugar, mesmo que esteja com dificuldades, o que significa que vamos ter de competir pelo sexto lugar. E se chegarmos mesmo a isso, será que me consigo desenrascar com o combustível e a degradação dos pneus? É um equilíbrio cuidadoso, evitar que o carro falhe e, ao mesmo tempo, levá -lo ao limite.

Antes de ter demasiado tempo para pensar no assunto, tenho a asa traseira do Kivinen na mira. Tento cortar pela esquerda, mas ele prevê a minha jogada e bloqueia -me. É de esperar de um homem que está na Fórmula 1 há dez anos: ele já viu todas as jogadas.

Mas também não sou novato nenhum e aprendi uma ou duas coisas com as minhas poucas épocas.

Por isso, faço -o de parvo.

Desloco -me para a esquerda, para a direita e depois outra vez para a esquerda, antes de voltar a virar ao de leve para a direita. Mas quando ele se defende para a direita, viro para a esquerda. Quando se apercebe, já não tem tempo para me bloquear. Já estamos roda com roda. Corto -lhe a passagem na

curva seguinte, e quem diria. Estou à frente do cabrão do Otto Kivinen.

– Bom trabalho – elogia o Branny. – Mantém o ritmo.

Não vou conseguir subir mais do que isto, mas cruzar a linha de chegada em sexto lugar é como uma vitória. À exceção do meu DNF mecânico em Miami, terminei com pontos em todas as corridas. Em comparação, o Nathaniel só o fez duas vezes em seis Grandes Prémios, sete a contar com o de hoje. De acordo com o Branny, ele terminou em P15, tendo perdido dois lugares desde o início da corrida. Se isto não é razão para se saber quem deve ser o piloto número um da equipa, não sei o que é.

Claro que, se a imprensa alguma vez perguntar, a Argonaut não classifica os seus pilotos. Não dá prioridade a um em detrimento de outro. Isso seria escandaloso, porque acreditamos no valor sempre tão americano da *igualdade*. Só que classificam -nos mesmo, e o Nathaniel é sempre o melhor, graças aos biliões do paizinho.

Mas isso não pode continuar a acontecer se eu estiver sempre a superá -lo.

Dirijo -me ao parque fechado e desligo o carro enquanto o meu lado da garagem se alegra pelo rádio. Com rapidez, junto -me a eles. Sou abraçado por dúzias de braços e aplaudido nas costas pelo que parece ser um milhão de mãos. Nem é um lugar no pódio, mas para a Argonaut, é fantástico.

Só que não é com eles com quem quero celebrar primeiro.

Agradeço a todos os membros da equipa que fizeram com que isto fosse possível, enquanto observo as pessoas na secção isolada da garagem, onde amigos, família e convidados VIP, assistem à corrida. Não o posso negar, estou à procura da Willow. Mas é a cara do Oakley que vejo primeiro.

– Boa condução, mano – diz ele, quando me aproximo, com um sorriso aberto e puxa -me para ele. – Quase que me fizeste sentir falta desta merda.

– Ficamos todos melhor se estiveres do lado de fora – provoco, enquanto me bate alegremente nas costas.

Recebo uma gargalhada e outra *pancada* antes de ele me soltar.

Afasto o cabelo suado da testa, ainda à procura da Willow. Consigo o que quero quando uma mão pequena toca no meu pulso, e fico a olhar para a sua cara radiante.

– Foi fantástico! – grita por cima do estrilho da multidão lá fora, que aplaude quem ficou no pódio.

Rio -me quando ela saltita no espaço limitado que tem à sua volta. Mesmo em bicos de pé, continua a ser a pessoa mais baixa deste espaço. Eu também não sou o maior – ser mais alto ou mais largo iria trazer complicações à minha corrida – mas a forma como a Willow olha para mim neste momento faz -me sentir que tenho um metro e oitenta.

Sem pensar duas vezes, puxo -a para mim. Envolver -lhe os ombros com os meus braços enquanto ela grita e se queixa de como estou nojentto, mas abraça

-me com força. Por um momento, esqueço -me de onde estamos e de quem pode estar a ver quando inclino a cabeça e roço a bochecha no seu cabelo. Como um viciado, inspiro, a precisar de uma pitada da sua doçura de baunilha. Até agora, não me tinha apercebido do quanto a desejava.

É ridículo que me tenha sido reduzido a... *isto*. A cheirar o maldito cabelo de uma rapariga porque o cheiro me leva de volta a uma altura em que tinha as mãos em cima dela.

Afasto -me e seguro -lhe a face com as mãos, obrigando -a a olhar -me nos olhos.

– Continuas a querer fazer isto? Queres esta loucura por uns tempos?

– Mais do que tudo – o brilho que é refletido em mim quase que faz com que me incline para o ver de perto.

Estou a sorrir mais do que já estava – o que já é um feito – e pisco -lhe um olho antes de a largar e me virar para a fila de pessoas que disputam a minha atenção, pronto para mais uma ronda de abraços e palmadinhas nos ombros. Porque se tivesse ficado a olhar para ela mais tempo, teria feito algo em que nem devia estar a pensar, especialmente com o irmão dela mesmo ao nosso lado.

Mas, em breve, o Oakley vai -se embora, e a única coisa que me vai impedir de fazer alguma coisa *imprudente* serei eu mesmo. E eu nunca fui conhecido pelo meu autocontrolo.



Capítulo 9

Willow

Nessa noite, ainda consigo sentir a adrenalina do Grande Prémio quando me deito na cama.

O espetáculo da Fórmula 1 é único. A paixão é notória, desde os pilotos aos fãs. Deixar -me envolver por ela foi um privilégio. Até mesmo a festa depois da corrida, mais uma vez organizada pela SecDark, estava repleta da energia contagiante do dia, e não estava nem perto de acalmar quando saí. Teria ficado mais tempo se não tivesse um voo amanhã cedo desde Nice e se não me doessem as pernas de ter estado tanto tempo de pé. Mas, pelo menos, tive uma amostra do mundo da elite antes de me despedir.

Estou viciada, sem dúvida, e agora mal posso esperar por ver mais.

Continuo surpreendida com o facto de poder desfrutar disto, de perto e pessoalmente, durante as próximas semanas.

O trabalho vai ser, sem dúvida, árduo, e o horário esgotante, mas estou pronta para o desafio. Tanto, que estou ligeiramente aborrecida por ter de voltar amanhã para os Estados Unidos e perder o Grande Prémio de Espanha. Contudo, o lado positivo é que vou diretamente para o Texas para visitar a sede da Argonaut Racing, por isso vou poder ver onde começa magia.

Incapaz de desligar o meu cérebro depois do turbilhão de dia que tive, reviro -me imensas vezes. Contudo, não é só por causa da excitação que me percorre o corpo por ter visto a corrida a partir da zona VIP. *Talvez* seja por causa de uma certa memória que me continua a passar vezes sem conta na cabeça, aquela do Dev a puxar -me para o abraço mais suado, mais quente (em termos de temperatura) e mais apertado depois da corrida.

E a forma como me agarrou na cara como se fosse um gesto tão normal? Como se não se importasse com quem estava a ver? Como se eu fosse a única pessoa naquela garagem? Sim. Neste momento, isto é com certeza parte do meu problema.

Foi inocente o suficiente, o Oakley nem pestanejou. Mas pareceu -me muito mais do que isso. Pareceu -me aquele momento na escadaria, algumas noites depois de, bêbada, ter feito a confissão mais vergonhosa da minha vida – confessar que tive uma paixoneta pelo Dev durante toda a minha infância e

adolescência.

Para ser sincera, *continuo* a ter uma paixoneta por ele, uma paixoneta que esteve sempre escondida a um canto do meu coração. Há algum tempo que está contida, mas continua lá. Ficou confinada enquanto estive com o Jeremy, quando me apaixonei por um rapaz que pensava que me ia tratar bem, mas voltou à superfície quando o meu coração foi partido.

No final, o Oakley esteve comigo, a ajudar -me a apanhar o que restava de mim depois de ter sido traída e enganada. Mas o Dev também estava lá. Não com tanta frequência como o meu irmão e com certeza não no mesmo sentido – não foi ele que meteu o Jeremy no hospital com um nariz e algumas costelas partidas. Mas, através de pequenos gestos, fez uma grande diferença.

Mandava -me mensagens somente para saber como estava e enviava fotografias dos sítios por onde passava durante a semana. Mandava -me por *e-mail* receitas que encontrava na Internet, sabendo que cozinhar me ajuda a ficar calma quando estou stressada. Até me enviou um alvo de dardos personalizado com a cara do Jeremy. Foi uma parvoíce e um desperdício absoluto de tempo e dinheiro, mas fez -me rir, especialmente quando atirava os dardos diretamente aos olhos do «Jeremy».

Agora que vamos trabalhar juntos, está na altura de voltar a arrumar essa paixoneta a um canto. Talvez até adicionar um cadeado para garantir a sua segurança. Não podem existir distrações. Nada que possa manchar a minha reputação profissional. Esta é a minha hipótese de provar o meu valor.

Por falar em trabalho, o Chava já me enviou os dados do início de sessão das redes sociais do Dev e, como não consigo dormir, mais vale usar este tempo para percorrer o seu conteúdo. Mas *talvez* já esteja familiarizada com o mesmo. Pelo menos, estou familiarizada com tudo o que publicou até ao aniversário do Oakley no ano passado, altura em que deixei de o seguir ou o silencieiei em todas as plataformas por pura vergonha. Foi por isso que não vi o escândalo da IYK Resultados Rápidos mais cedo, mas ainda bem que não o fiz.

Tiro o portátil da mesinha de cabeceira e pouso -o em cima da minha barriga, semicerrando os olhos contra a forte luz azul quando se liga. Depois de abrir uma janela de pesquisa nova, começo pelo Instagram. Introduzo o *e-mail* e a palavra -passe do Dev com uma mão e hesito antes de clicar em *iniciar sessão*. Sustenho a respiração enquanto espero que a página carregue e solto -a com um gemido quando aparecem pontos vermelhos de notificação ao lado de quase todos os ícones.

A página do Instagram dele, no entanto, está vazia. Ele deve ter desativado tudo depois da infame publicação da Jani. Só isso já me vai poupar algumas horas. Significa que não vou ter de passar por milhares de comentários, provavelmente selvagens ou horrendos. As mensagens dele, por outro lado, possivelmente vão ser um circo.

Antes de as abrir, navego pelo arquivo. A prenda de despedida da Jani está lá, tal como na noite em que o Dev ma mostrou. Assim como centenas de publicações antigas. Uma vez que não estão publicadas, não há razão para as percorrer e, no entanto, dou por mim a ler uma atrás da outra, a parar mais do que devia nas imagens dele a sorrir para a câmara. O riso dele é tão contagiante que uma foto estática me faz lutar contra um sorriso e uma vibração no peito.

Não há forma de o contornar, o Dev é atraente como tudo, e as fotografias dele sem camisa, na sala dos motoristas com suor a brilhar pelos abdominais agressivamente definidos, não me estão a ajudar a controlar esta paixão. Eu *devia* estar a olhar para a conta dele com uma visão profissional. *Devia* estar a pensar em incorporar elementos da sua página antiga numa nova e a decidir a direção criativa para futuras publicações. E *devia* estar a tomar notas relativamente à maneira como vou fazer com que tudo isto se concretize.

Em vez disso, estou a imaginar passar os dedos pelos caracóis soltos do seu cabelo e pressionar os lábios no seu maxilar coberto de barba por fazer, depois descer e descer e...

Fecho o portátil, mergulhando o quarto em escuridão.

É o choque que o meu o sistema precisa. Daqui para a frente, estes pensamentos estão banidos. Proibidos. *Verboten*. Não preciso das complicações de uma paixoneta, e não vou deixar que interfira com o que o Dev me contratou para fazer.

Além disso, concordámos que era melhor se seguissemos em frente depois do incidente do ano passado. E, até agora, estamos a lidar bem com isso.

Desde que me mantenha afastada de *shots* de tequila ou de qualquer outra coisa que possa fazer com que fique demasiado desinibida, vai correr tudo bem.

Não tenho nada com que me preocupar.

■ ■ ■

A Chantal está à minha espera quando chego a casa na quarta -feira à tarde, pronta a ajudar-me com as malas. Plural. Tive de comprar uma segunda mala depois de ter saído da sede da Argonaut com os meus novos pertences da equipa.

– É bom que me tenhas trazido uma lembrança – avisa ela, lançando -me um sorriso torto por cima do ombro, enquanto arrasta as duas malas para o meu quarto.

Ajeito a minha mala mais acima no ombro, e arrasto -me atrás dela.

– Fiz uma visita muito especial a um Starbucks no Mónaco para te comprar uma caneca, como me foi pedido.

Ela emite um som leve e feliz, enquanto me leva para o quarto, depois deita-se na minha cama e olha para mim ansiosa. Deixo cair a minha mala ao lado das bagagens e caio no chão, dorida e exausta depois de tantos voos e de dormir em quartos de hotel durante uma semana. Estou desesperada por dormir na minha própria cama pelo menos durante algumas noites. Em breve, vão ser só aviões e quartos de hotel durante algum tempo. Nem as férias de verão vão ser um descanso muito grande, visto que vou ter de viajar para a Califórnia por causa do casamento da Alisha. Vai ser demasiado duro para o meu corpo aguentar.

– Então – diz a Chantal, afastando -me dos meus pensamentos.

Paira sobre mim, deitada de barriga para baixo, com os cotovelos apoiados no colchão e o queixo apoiado nas mãos.

– Conta -me tudo. Aliás, espera – vira -se de lado e tira o telemóvel do bolso dos calções. – Primeiro, deixa -me ligar à Grace por FaceTime. Ela mata -me se não o ouvir também.

– São três da manhã em Hong Kong – lembro -lhe, enquanto abro o fecho da minha primeira mala. Se não desfizer as malas e organizar as minhas coisas agora, nunca mais é feito, e não vou ter tempo de as lavar e voltar a arrumar quando for hora de me juntar ao Dev na estrada.

– Ela disse que não se importava – a Chantal acena com a cabeça, com o toque familiar já a ecoar no meu quarto. – De qualquer forma, sabes que a nossa miúda é notívaga.

Lá isso ela é. Quando não estou com um *jet lag* enorme, como aconteceu este fim de semana, sou uma pessoa matinal. Em mais do que uma ocasião, eu e a Grace cruzámo -nos às cinco da manhã, quando eu me estava a levantar para ir para o ginásio e ela prestes a ir para a cama. Nesses dias, sentávamo -nos juntas na cozinha com canecas fumegantes, com café forte para mim e chá para dormir para a Grace. Sinto o coração apertado quando penso nisso. Não a vou ver nem à Chantal durante os próximos meses.

A Grace responde como se não estivesse a meio da noite, e exige que a Chantal vire a câmara para me poder ver.

– Desembucha, cabra – ordena ela, a segurar o telemóvel perto da cara. Os seus olhos escuros brilham com a necessidade de bisbilhotice. – E não te esqueças de nenhum pormenor.

Depois de dada a ordem, começo a fazer um resumo dos últimos dias frenéticos, na tentativa de ser breve, mesmo com as intervenções das miúdas. Quando termino, a minha roupa suja já está organizada em pilhas de cores específicas, e a excitação da Grace salta pelo ecrã do telemóvel.

– És, literalmente, a rapariga mais sortuda do planeta – diz ela, a saltar tão violentamente que a imagem treme no ecrã. – Eu *matava* para assistir a essas corridas, e tu vais poder assistir a todas.

– Sim, porque vou *trabalhar* – sublinho, enquanto levanto a mala cheia do equipamento da Argonaut. – E vou ter de usar isto – tiro um polo às riscas vermelhas e brancas bordado com os nomes dos vários patrocinadores, mostrando -o a Chantal e para a câmara – sempre que lá estiver.

Ambas fazem uma careta, e a Chantal chega ao ponto de se engasgar.

– *Okay*, não é nada bonito.

– Essas cores não têm como ser conjugadas, a não ser numa bandeira ou num gelado – concorda a Grace. – Mas não importa. Acredito que faças com que funcione. E o Dev vai achar -te uma brasa, aconteça o que acontecer.

Lanço um olhar de leve para o ecrã, mas espero que o Dev goste do que vê. Claro que não vai acontecer nada entre nós. Mas mesmo assim, não há mal nenhum em querer que me ache atraente... não é?

– Não vai acontecer nada entre nós – digo.

A Chantal vira o telemóvel para que ela e a Grace possam partilhar um olhar cúmplice antes de o voltar a virar para mim.

– Acho que não nos devias ter contado tudo sobre a tua confissão bêbada e o beijo do ano passado, se não querias que vos juntássemos – diz a Grace, com naturalidade. – Porque, do meu ponto de vista, vocês são o par perfeito.

– Para com isso – ralho, e atiro o polo para dentro da mala, outra vez. Eu até podia concordar, se não houvesse demasiados obstáculos no nosso caminho. Como, por exemplo, o meu irmão. E, na verdade, nem sei se o Dev *gostava* de ser mais do que um amigo. Não esqueçamos também o mais recente obstáculo: o Dev ser, oficialmente, o meu chefe. – Tenciono manter a nossa relação profissional.

– Hum, hum – murmura a Chantal, sem acreditar numa palavra que sai da minha boca.

– Gracie, querida, dás -lhes quanto tempo até foderem?

– Três semanas, no máximo – responde ela, sem hesitar.

Sinto o calor a subir -me pelo pescoço, enquanto lhes mostro dois dedos do meio. O gesto dá origem a uma gargalhada coletiva. Baixo a cabeça e tiro várias camisas, saias e calças da mala e atiro -as para um monte de patriotismo que espero que não se estrague na máquina de lavar.

– Contaste ao teu irmão o que aconteceu entre ti e o Dev o ano passado? – pergunta a Grace. – É por isso que estás tão empenhada em manter a vossa relação platónica? Ele avisou -te de alguma coisa?

Levanto outra vez a cabeça e lanço -lhe um olhar.

– *Não* lhe contei nada. E nunca vou contar, porque não há nada para contar. Foi só um erro, e já está ultrapassado – maioritariamente. Mais ou menos. Está bem, nem por isso, mas não interessa.

A Chantal inspira por entre dentes.

– *Girl*, por favor. Estás prestes a viajar pelo mundo com um tipo por quem

estás obcecada há anos. Achas mesmo que se vai manter profissional?

Respiro fundo, e puxo os meus caracóis todos para um lado, nervosa.

– Tem de ser. Não vou arruinar a minha carreira, que ainda nem começou, ao envolver -me com um homem que tecnicamente é meu o chefe. Não sou assim tão irresponsável.

– Eu seria cem vezes mais irresponsável com um homem tão atraente como o Dev – diz a Grace, a abanar -se. – Ele sabe que tens uma paixoneta por ele, mais vale avançares para entenderes se sente o mesmo.

– Eu *costumava* ter uma paixoneta por ele – corrijo, com a cara a ficar ainda mais quente por causa da mentira. – Passado. Já não tenho.

– Pois, claro – desdramatiza a Chantal. – Continuas a gostar do rapaz. Também, não te posso culpar. Ele é um sonho.

– Está bem, digamos que *estou* interessada nele – levanto as mãos. Não importa o quanto o negue, elas vão saber a verdade. – Digamos que continuo a ter uma paixoneta grande e parva. Não é como se *pudesse* agir. Além disso... – solto um suspiro e deixo o meu queixo cair. – Lembram -se do que aconteceu com o Jeremy?

As meninas ficam em silêncio com o que digo. *Isto* elas compreendem. Não posso e não vou pôr em risco mais amizades do meu irmão. Não duvidou de mim nem uma vez quando lhe contei o que aconteceu com o Jeremy. Defendeu -me assim que precisei. Nunca lhe vou conseguir agradecer o suficiente pela sua lealdade e por acreditar em mim. Não posso desrespeitar o que fez envolvendo-me com outro dos amigos dele, por mais profundos ou duradouros que sejam os meus sentimentos. Não vou correr o risco de criar outra confusão.

– Está bem – admite a Chantal. – Talvez não seja a tua melhor opção em termos de namorados. Mas não vejo nada de mal nuns beijinhos secretos.

– *Chantal*.

– Vá lá, é perfeito! Vão viajar juntos e dormir nos mesmos hotéis. É tão fácil entrar nos quartos um do outro e...

– Não vai acontecer.

Ela atira as tranças por cima do ombro e observa -me.

– Se calhar, devia acontecer. Se calhar, se tiveres os orgasmos que te faltam ficas menos rabugenta.

Respiro fundo, mas antes de lhe poder dizer para se meter na vida dela – ou de me lembrar quando foi a última vez que tive algum orgasmo – a Grace suspira sonhadoramente.

– O verão é para nos apaixonarmos, Willow – diz ela, captando outra vez a minha atenção para o telemóvel. – Por que não deixas essa opção em aberto?

– Não com ele – tenho de dar este assunto por terminado, antes que elas tenham mais ideias malucas. – Oiçam: não vai acontecer nada. Não pode

acontecer.

A Chantal vira o telemóvel para trocarem um novo olhar. Não preciso de ver a Grace para saber que imita o revirar de olhos da Chantal.

– Vocês não sabem do que falam – resmungo.

O riso da Grace atravessa o meu quarto como se estivesse aqui connosco.

– Podes dizer o que quiseses, querida. Mas ninguém te conhece melhor do que nós.

■ ■ ■

A sentir -me mais descansada depois de alguns dias em casa, assisto à pré-estreia do Grande Prémio de Espanha no meu computador portátil, enquanto vasculho a minha roupa e penso no que vou mesmo precisar para os meses em que vou estar ausente. Nos fins de semana de corridas, vou ter de usar o uniforme horrível, mas na maior parte dos dias de semana devo conseguir usar o que me apetece. Ainda assim, está a ser um desafio levar pouca coisa.

Com exceção de uma corrida em Montreal, as próximas corridas são na Europa, por isso ao menos não vou ter de me preocupar com alterações climáticas drásticas de um sítio para o outro. Mas primeiro, de acordo com o Chava, o Dev quer que vá ter com ele a San Diego para uns dias de folga antes do Grande Prémio do Canadá, que é daqui a duas semanas.

Não quero mesmo ir para casa. Vi os meus pais quando vieram a Nova Iorque para a minha licenciatura, e não estou propriamente interessada em dormir no meu quarto de infância, mas, citando o Chava, a viagem não é opcional. Por isso, tenho de voltar à Califórnia.

– Estás bem? – pergunta a Chantal, encostada à ombreira da minha porta.
– Tens estado a observar aquela pilha de imitações da bandeira há algum tempo.

Baixo o volume das vozes dos comentadores que preveem o resultado da corrida e respiro fundo.

– Estou a tentar perceber o que devo levar na mala – admito. – Quero ter a certeza de que tenho o que preciso para todos os países por onde vamos passar.

– Acumula esses carimbos no passaporte, querida – suspira ela, com melancolia. – Tenho tanta inveja. Eu tenho de ficar aqui e trabalhar num *escritório*. Que horror.

– Tens razões para ter inveja – provoco. – Mas, talvez... Oh, merda, o meu passaporte.

A Chantal ri -se, enquanto me levanto e tiro da cómoda a mala que levei para o Mónaco. Quando meto as mãos na caderneta azul, os meus ombros descaem de alívio. Não podia ir a lado nenhum sem ele.

– Tens a certeza de que queres fazê -lo? – pergunta -me ela, enquanto guardo com cuidado o passaporte na minha cómoda, para que esteja sempre à vista. – É uma oportunidade fantástica, não me interpretes mal. Mas parece -me um bocado... caótico.

– É caótico – concordo, e volto a sentar -me no chão. Assim que me instalo, abro o meu pequeno caderno e confirmo a lista que criei referente ao que levar na mala. – Mas sim, tenho a certeza. Eu quero fazê -lo.

Um sorriso preocupado surge -lhe na cara.

– Ou seja, queres montar -te no Dev...

– Não digas isso! – grito, atirando -lhe a minha caneta.

Ela esquia -se com facilidade, a balançar nos calcanhares.

– Ambas sabemos que queres – diz ela, enquanto aproxima de mim o meu *nécessaire* com produtos de higiene, com as unhas dos pés pintadas de vermelho. – Mas tudo bem, desisto destas bocas. Por agora.

– Meu Deus, obrigada – resmungo, e agarro na caixa que está à minha esquerda. – É muito amável da tua parte.

A Chantal agacha -se ao meu lado, a ignorar o meu sarcasmo.

– É a Grande Caixa de Comprimidos?

Seguro uma caixa de sapatos com rótulos brilhantes e abano -a. Lá dentro, estão os frascos de anti -inflamatórios, suplementos para as articulações e comprimidos para as dores, em caso de emergência. Costumava ter vergonha de viajar com um arsenal de medicamentos atrás, bem como vários rolos de fita adesiva, mas acabei por aceitar que, se quero manter-me confortável, esta Grande Caixa de Comprimidos, como lhe chamamos carinhosamente, é imprescindível. Por que devo ter vergonha de algo que não posso mudar em mim?

– Abastecida e em segurança – digo -lhe, arrumando -a na minha mala de mão. Não posso perder esta carga preciosa de vista.

– Os hotéis têm todos ginásios?

Seguro as minhas bandas elásticas de treino, antes de as arrumar também na bagagem de mão.

– Quase de certeza, mas estou preparada, aconteça o que acontecer.

– Mantém essas articulações fortes. E tem cuidado, está bem?

– Não sei o quão cuidadosa queres que seja, se ao mesmo tempo queres que ande a montar-me em homens – respondo.

A Chantal guincha surpreendida com o meu comentário, e cai com o rabo grande no chão. Reviro os olhos e tento não sorrir, enquanto ela segura a barriga a rir -se.

– Meu Deus, adoro este teu lado – suspira, por fim. – Eras tão doce quando nos conhecemos, e agora és um monstro!

A rir, dou -lhe uma palmada no braço com as costas da mão.

– A culpa é tua.

E não o vou admitir, mas o Dev também me tem influenciado nestes últimos tempos. É difícil não dizer estas coisas quando me deparo com o seu humor nu e cru. Além disso, quero que ele saiba que já não sou uma rapariguinha passiva e que cora com facilidade. Talvez o fosse quando estava com o Jeremy e até posso ter sido durante um tempo depois disso, enquanto o meu coração sarava, mas estou prestes a entrar numa nova fase da minha vida. Não quero que essa reputação me continue a seguir.

– Arranquei -te a inocência – a Chantal limpa uma lágrima invisível antes de me abraçar e me embalar, enquanto finge chorar. – O meu bebé está tão crescido. Meu Deus, vou ter tantas saudades tuas.

– Vou -me embora daqui a uns dias, não agora – queixo -me, mas deixo -a continuar a inclinar-nos de um lado para o outro. – Podias ao menos deixar que sinta saudades tuas.

– Que malvada – gagueja ela, e aperta -me a cabeça contra o peito. – Meu demónio porta -chaves.

– És a pior – murmuro, enquanto a música de abertura da Fórmula 1 toca no computador. Recorda -me onde vou estar nos próximos meses – dentro do mundo das corridas, a quilómetros da minha zona de conforto habitual e longe das minhas amigas.

Por isso, deixo a Chantal abraçar -me como uma boneca enquanto as caras dos pilotos passam pelo ecrã. Sustenho a respiração quando o Dev aparece, a olhar para a câmara com uma intensidade indiscutível. Não importa que todos os outros pilotos também tenham olhado diretamente para a câmara. Não me fizeram sentir isto. Como se estivessem a olhar diretamente para mim.

Mas o Dev olha. E, de repente, não estou tão confiante das minhas capacidades para manter as coisas platónicas.



Capítulo 10

Dev

Tenho estado a contar os dias até à chegada da Willow.

Tecnicamente, só devia vir ter comigo na próxima semana, no Canadá, mas pedi ao Chava que lhe reservasse um voo para San Diego antes disso. Nós precisamos de começar a tratar da minha reputação o mais depressa possível. Não temos muito tempo e, depois do fim de semana passado, preciso de uma vitória.

Se o meu sexto lugar no Mónaco não foi suficiente para provar que ela é o meu amuleto da sorte, então o banho de sangue que foi o Grande Prémio de Espanha com certeza que o é. Não há outra forma de o descrever, tendo em conta que fui atingido por vários lados, aos cinco segundos da primeira volta, e tive de abandonar a corrida porque os danos no meu carro foram demasiado graves para continuar.

Também outros três pilotos foram apanhados pelo caos. A merda da FIA chamou ao que aconteceu um «incidente de corrida», apesar de ter sido a imprudência óbvia do Lorenzo Castellucci a causa do acidente. Devia ter sido punido com sanções, multas e avisos sérios, porque este tipo um dia ainda mata alguém.

– Tens a certeza de que não tens nenhum traumatismo? – a voz do Chava ouve-se nos altifalantes do meu carro. Ou melhor, do carro da minha mãe que roubei por hoje. – Tu odeias ir buscar pessoas ao aeroporto. E sou o teu assistente. Não é umas das funções do meu trabalho?

– Estou ótimo. Aproveita o dia de folga com a tua família, idiota – digo-lhe, enquanto entro na faixa de rodagem para a rampa de acesso ao terminal das chegadas. – E se cozinhares *tres leches*, é bom que me guardes algumas fatias.

Antes de ser o meu assistente, o Chava estudava culinária. Desistiu depois de entender que só gostava de cozinhar por diversão e não como trabalho, e veio trabalhar para mim. Era para ser apenas uma posição temporária, algo que o salvasse de desiludir os pais, mas, quatro anos depois, o rapaz continua comigo. A perda do mundo da restauração foi, com certeza, o meu ganho.

O Chava suspira.

– Sabes que o Mark vai matar -te se tu...

Sou salvo de reconhecer aquela ameaça à minha vida e à minha dieta quando a mãe do Chava grita:

– ¡*Salvador, ven acá!*

– Parece que a mãezinha está a chamar -te – digo, a sorrir sozinho. – E traz -me bolo! Mereço-o, depois de quase ter sido assassinado pelo Castellucci.

O Chava desliga, depois de resmungar qualquer coisa muitíssimo ofensiva em espanhol, que alegria o meu dia com a sua criatividade imunda. Não estava a brincar quando disse que merecia um mimo depois do fim de semana passado, e não tenho dúvidas de que ele vai estar em casa dos meus pais mais logo com um recipiente de plástico cheio de bolo e uma bênção da mãe. Vou precisar de ambos se tenciono sobreviver ao resto da época.

Sempre que entro no carro, corro um risco. Há sempre uma hipótese de não sair ileso. Os avanços nas tecnologias de segurança salvaram a minha vida inúmeras vezes, mas pilotos como o Lorenzo põem essa tecnologia à prova sempre que os cinco sinais vermelhos se desligam.

É uma sorte ele qualificar -se melhor do que eu. Está quase sempre na frente, perto dos carros da Mascort e da Specter Energy, mas a sua última volta na Q3 da qualificação de sábado foi interrompida por uma bandeira vermelha. Isso deixou -o em oitavo e a mim em décimo, o que fez com que ficassemos demasiado perto para um início de corrida confortável. Devia ter previsto que iria tentar avançar. Durante a sua tentativa, chocou contra outro carro, o que fez com que ambos rodopiassem e fossem contra toda a gente que estava por perto, incluindo eu.

A razão pela qual o D'Ambrosi o mantém na equipa é um mistério, tendo em conta que tudo o que faz é arruinar as hipóteses deles no campeonato vezes seguidas. A Scuderia é uma equipa lendária. O seu nome é sinónimo de F1 e de corridas de elite e tem o apoio dos mesmos fãs há gerações. Apesar do seu terrorismo nas pistas, o Lorenzo é a cara da equipa. É o garanhão italiano, o orgulho do *paddock* e filho de um antigo tetracampeão. Tenho de reconhecer que é fantástico quando não está a chocar contra nada, mas é descuidado – ainda demasiado jovem e convencido para ter desenvolvido qualquer tipo de medo.

Aos vinte e cinco anos, ainda sou relativamente jovem, mesmo para os padrões das corridas, mas aquele jovem de vinte e um anos faz -me sentir como um velho a abanar o punho e a bradar aos céus quando me queixo dele.

O barulho de uma buzina distrai -me dos pensamentos do Castellucci, quando paro em frente ao terminal do aeroporto. Não interessa que o meu trabalho seja, literalmente, conduzir; fazê -lo cá fora é um pesadelo horrível. Ao menos nas pistas tenho somente de me preocupar com dezanove idiotas, e não com milhares.

Estaciono no passeio e ligo os piscas, depois aumento o volume da minha *playlist* para abafar os sons à minha volta, enquanto me instalo para ficar à espera. De acordo com o localizador de voos, o avião da Willow aterrou há vinte minutos, por isso ela deve estar a sair a qualquer momento, se é que não o fez já.

Observo a multidão que se amontoa à minha volta, enquanto toca uma música de um filme de Bollywood do final dos anos 90. O homem a cantar fala de forma poética do sorriso de uma mulher e do que acontece ao seu coração quando o vê. É muito lamechas e nunca vou admitir ouvi-la com regularidade, mas, bolas, se não me faz lembrar quando me deitava no chão da sala, a brincar com carrinhos, enquanto a mãe via os filmes dela e falava alto ao telemóvel com a família na Índia.

Também não admito que as letras em hindi fazem mais sentido quando a Willow sai pela porta, com um sorriso surpreendido a iluminá-la quando me vê a sair do carro.

Tal como na letra da música, há definitivamente alguma coisa a acontecer, mas é menos casto.

– Olá – cumprimenta, sem fôlego, quando me encontro com ela no passeio. Parece minúscula com uma mala de viagem de cada lado. Os seus caracóis estão ligeiramente desfeitos pelo vento e o vestido verde -pálido esvoaça quando passa as palmas das mãos pelas ancas. – Desculpa, não estava à tua espera. O Chava disse que me vinha buscar.

Agarro nas pegadas das malas, para não tocar com as mãos na sua cintura. Cada vez que a vejo, a minha reação é mais intensa, o que não é um bom presságio para a minha promessa de manter as coisas estritamente profissionais.

– O Chava estava ocupado – arrasto as malas de viagem para a traseira do SUV preto. – Hoje, sou o teu motorista. Podes entrar.

Ela aperta a mala de ombro contra a barriga enquanto se dirige para o lado do passageiro, dando -me a oportunidade de me recompor antes de estar num espaço fechado com ela. Quando disse ao Chava que podia ir buscar a Willow ao aeroporto – bem, quando *insisti* em fazê-lo – estava focado no meu renascimento nas redes sociais. Não pensei que o sorriso dela iria fazer o meu coração disparar, ou que ia estar a lutar contra uma ereção por causa da forma como o vestidinho dela lhe roça nas coxas.

E, no entanto, aqui estou eu, a ajeitar as calças de ganga depois de pousar as malas dela na bagageira, com os nervos e a culpa a roerem -me o estômago. Meu Deus, estava mesmo a precisar daquele *tres leches* neste momento. Ou de um murro no estômago.

Quando as malas estão arrumadas, sento -me ao lado dela. Sinto o rubor a crescer quando a letra da canção de amor embaraçosa flutua entre nós,

levando -me a agarrar desesperadamente o botão do volume e a baixá -lo por completo. Não tenho a certeza do que é pior – o cantar do Udit Narayan ou o silêncio tenso que o substitui.

– Pronta? – pergunto, a optar por ignorar o constrangimento persistente.

A Willow acena com a cabeça, enquanto coloca o cinto de segurança no lugar.

– Obrigada por me teres vindo buscar. Não era mesmo preciso.

– Sem problema – desligo as luzes de perigo, volto a ligar a navegação e ponho o carro em andamento. Verifico os espelhos retrovisores, e guio o SUV de grande dimensões para o meio do fluxo de carros que tentam sair. – Deu -me algo para fazer, que não seja pensar em como o meu fim de semana foi uma merda.

– Sim, eu vi a corrida. Foi uma travagem complicada.

Bufo.

– É uma forma de ver as coisas. Mas estou contente por teres voltado. Decidi que és o meu amuleto da sorte.

Quando ela resmunga, por fim olho para ela e observo -a rapidamente.

– Não me responsabilizes! É muita pressão.

– É demasiado tarde. Por isso, é bom que estejas à altura – digo -lhe. – Planeio subir ao pódio no próximo domingo.

– *Okay, isso já é demais* – ri -se, quando a voz que vem do GPS me diz para virar à esquerda no cruzamento movimentado à nossa frente. – Se sou o teu amuleto da sorte, o que vais fazer quando me for embora?

Concentrado em entrar na faixa da esquerda e em conduzir defensivamente para que nenhum destes idiotas me bata – ultimamente, ando farto disso –, pergunto:

– Quem disse que deixo que te vás embora? – as palavras saem -me da boca antes de conseguir pensar em todas as formas como podem ser interpretadas.

A Willow goza comigo, felizmente, aceitando a minha pergunta como uma piada e a sua risada faz ricochete pelo carro.

– Vais fazer de mim tua refém?

Falo com a voz baixa e sinistra, a alinhar na brincadeira, embora não tenha a certeza se estou a brincar.

– Diz à tua família para pagar um resgate de um milhão de euros e considero soltar -te.

Ela está a sorrir quando me atrevo a olhar, com as covinhas profundas e os olhos quase fechados.

– Isso não vai ajudar a salvar a tua reputação. Manteres em cativeiro uma pobre rapariga inocente? Não parece o correto.

Carrego no acelerador e viro à esquerda assim que o semáforo acima

de nós fica amarelo.

– Não acho que sejas assim tão inocente.

De imediato, o ambiente muda. Porra, devia ter guardado as minhas ideias para mim. A mãe diz que a minha incapacidade de o fazer é uma maldição e, neste momento, estou inclinado a confiar no que diz.

A Willow respira fundo.

– *Okay*, eu... eu acho devíamos falar do elefante na sala.

– Eu disse -te para nunca mencionares o tamanho do meu nariz – choramingo, numa manobra de distração para evitar a conversa que ela tenta ter. Neste momento, não consigo fazê-lo. Ou mesmo nunca. Só me vou meter em mais sarilhos. – *Sabes* que tenho inseguranças, Willow.

O que digo leva -a a soltar uma gargalhada e sorrio vitoriosamente, embora ela se acalme rapidamente.

– Dev, estou a falar a sério – diz ela, embora o seu sorriso e o humor no tom digam o contrário. – E achava que sabias que não deves seguir os padrões de beleza eurocêntricos. Que vergonha.

O comentário faz -me rir antes de conseguir pensar melhor no que foi dito, ainda surpreendido quando ela me responde na mesma moeda. Ela era assim quando éramos crianças, acompanhava -me e ao Oakley sem quaisquer problemas. Mas quanto mais foi crescendo, mais isso se desvaneceu. Como se estivesse a fechar -se dentro de uma concha em vez de se libertar. Ela tornou -se... sossegada. Reservada. Como se a sua leveza tivesse sido esquecida. Quando me fui embora por causa das corridas a tempo inteiro pela Europa, aos dezoito anos, eu e ela quase não falávamos.

E continuou assim durante anos. Só depois do fracasso da sua relação com o Jeremy é que fiz um esforço para me aproximar, para me certificar de que a rapariga brilhante com quem tinha crescido não tinha perdido a sua luz por completo. Começou por ser um favor que fazia ao Oakley, vigiá -la e informá -lo. Mas acabou por se transformar numa necessidade minha em saber mais, para o meu próprio bem.

Contudo, era uma relação casual. Não tínhamos conversas profundas nem trocávamos mais do que algumas mensagens de duas em duas semanas. Mas ela estava a abrir -se outra vez, mesmo que fosse somente um centímetro de cada vez.

Foi por isso que fiquei tão surpreendido quando me confessou que tinha uma paixoneta por mim. Foi ousado. A Willow reservada não o teria feito, com ou sem a ajuda do álcool. Foi como um vislumbre da velha Willow. A rapariga destemida que tinha conhecia há tanto tempo. Aquela que dava tanto quanto recebia.

A que me faz sentir coisas que não devia.

– *Okay* – forço -me a dizer. – Vamos falar.

Por fim, somos apanhados num sinal vermelho, por isso aproveito a oportunidade para olhar para ela de frente. Se é isto que ela quer, então deixo - a guiar a conversa. Não vou meter -me num buraco do qual não consigo sair. De qualquer forma, já estou à beira de um.

Ela passa os dentes pelo lábio inferior e observa o trânsito através do para - brisas.

– O que aconteceu durante o fim de semana do aniversário do Oakley, no ano passado... – diz ela, a torcer os dedos no colo. – Não me arrependo, *okay*? Não vou ficar aqui sentada e dizer -te que menti acerca dos meus sentimentos ou que odiei o que aconteceu. Mas acho que ambos sabemos que foi um erro.

Mantenho a boca fechada e aceno com a cabeça. Ela tem razão. *Foi* um erro. E foi um erro ter deixado tudo como estava, como ela me pediu naquela noite, mesmo que eu não quisesse. Continuo a não querer, mas a decisão não é minha.

– Parece que ficou a pairar sobre as nossas cabeças – continua ela, as palavras apressadas. A atenção dela continua voltada para a janela, enquanto um rubor surge no topo das suas maçãs do rosto. – Só quero seguir em frente e que fiquemos amigos, sem esquisitices e sem namoricos. Podemos fazer isso, não podemos? Deixar tudo no passado e manter a relação numa boa?

Se é o que ela quer, vou fazer o meu melhor para que aconteça, por mais difícil que seja.

– Podemos – respondo, aliviando o acelerador quando o semáforo fica verde. – Desculpa se te fiz sentir desconfortável.

– Não – diz ela, por fim, virada para mim. Tem uma perna cruzada por baixo dela e o vestido a subir cada vez mais.

É preciso toda a minha força de vontade para desviar o olhar da sua pele morena e quente e mantê -lo na estrada.

– Está tudo bem, juro – continua ela. – E estou contente por estarmos a trabalhar juntos.

Agarro -me à oportunidade de mudar de assunto antes que encoste o carro na berma e enfie as mãos por baixo da saia dela.

– Foi por isso que te obriguei a vires esta semana. Queria começar a trabalhar o mais depressa possível.

De volta a um terreno familiar, ela ilumina -se.

– Então vamos a isso. Estive a pensar em como enquadrar o teu regresso ao mundo das redes sociais. Precisas de um novo começo. Um novo rumo, para poderes lavar as mãos do passado, sabes? – olha pela janela para as palmeiras, antes de voltar a olhar para mim. – Apetece -te surfar hoje?

Lanço -lhe um olhar divertido.

– Estás mesmo fazer essa pergunta? – nunca deixo passar uma oportunidade de entrar na água. O meu amor pelo *surf* só fica atrás das

corridas.

– Muito bem, ótimo, porque tenho uma ideia – insiste ela, visivelmente disposta a convencer-me mesmo se eu não estivesse de acordo. – Para a nossa primeira publicação, quero tirar algumas fotografias tuas a sair da água. Como *O Nascimento de Vénus*. Mas *O Renascer do Dev*. Uma nova identidade.

– Estás a dizer que me queres ver nu, Willow? – provoco, quando entro no bairro onde moram os nossos pais. – Só tinhas de pedir.

– Dev – recosta -se no assento. – O que é que eu *acabei* de dizer?

Resmungo. Insinuar é uma coisa muito minha, sobretudo em relação a ela.

– Nada de namoriscar. Sim, percebi. Mas, vá lá, puseste -te a jeito.

– Está bem, é verdade – admite ela. – Mas já chega, está bem?

Esta censura que está a impôr é para o meu bem ou para o dela? Saber que ela não se arrepende do que aconteceu entre nós é o tipo de informação que dispenso, porque com certeza não me está a ajudar a ultrapassar o aperto persistente no meu peito e a voz na minha cabeça que me diz para dizer *que se lixe* e namoriscar à vontade.

Por fim, chego à entrada de estacionamentos que as nossas famílias compartilham e estaciono o SUV atrás do veículo resultante da crise de meia -idade do meu pai – um carro desportivo Mascort 241. Quase fui processado pela Argonaut quando publiquei uma fotografia minha a posar ao lado dele nas minhas redes sociais. Gosto muito da minha equipa e do seu ego frágil.

– Deixa -me ir buscar as minhas coisas – digo -lhe, enquanto saímos os dois do carro. – Encontramo -nos aqui dentro de vinte minutos e levo -te ao meu sítio preferido.

Sem mais palavras, tiro as malas dela da bagageira e levo -as até à porta. Enquanto me viro para a minha casa, a mão dela pousa no meu braço e atrai a minha atenção.

– Vamos resolver isto – tranquiliza -me, docemente. – Prometo.

Será que se refere à tensão existente entre nós ou à minha imagem pública completamente lixada? Sem saber, tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. Pela primeira vez na minha vida, as palavras falham -me.

É mais uma coisa pela qual posso culpar a Willow. Não é só o meu amuleto da sorte, como é a única pessoa que conheço que me consegue deixar sem palavras.

6 Bolo tradicional da América Latina, confeccionado com leite evaporado, leite condensado e leite gordo. (N. da T.)



Capítulo 11

Willow

A pele dourada do Dev brilha à luz do sol, como se os raios tivessem sido feitos especificamente para o atingir.

Estou perplexa com o quanto tenho estado a olhar para ele. E por olhar, quero dizer olhar fixamente. Quase que me babo. Estou a chegar a um ponto em que considero *atirar -me ao mar e nunca mais sair de lá* de tanta vergonha, mas, pelo menos, posso culpar o meu trabalho por toda a atenção que lhe dirige nestas últimas duas horas.

– Que tal umas fotos com o fato de mergulho à volta das ancas? – peço, por cima do som das ondas. Meu Deus, espero ter apanhado sol suficiente hoje para disfarçar o meu rubor inquestionável.

O Dev abana a cabeça, com o cabelo escuro e a água a voarem por todo o lado.

– O que disse acerca de tentares que fique nu, Willow? – responde ele, mas já a libertar os braços do neopreno preto, enquanto se aproxima da margem.

Ignoro a piada e levanto a minha câmara outra vez, tirando fotos e mais fotos de ele a emergir das ondas, cada uma a revelar cada vez mais pele. Não sou a melhor fotógrafa, mas tive algumas aulas na faculdade, por isso sei como usar uma DSLR. Hoje, o meu objetivo é captar imagens que sejam fiéis ao Dev.

As pessoas deviam conhecer o seu verdadeiro eu – mas somente tanto quanto ele estiver disposto a mostrar. Não vale a pena invadir a sua privacidade; não o vai beneficiar mais do que prejudicar, e só nos iria fazer voltar à estaca zero.

– Assim está bom? – pergunta ele, quando o fato de mergulho é empurrado até às ancas. O «V» profundo das suas ancas é tão definido que parece uma seta a apontar para um tesouro escondido. Um tesouro que, na verdade, não está muito escondido pelo material apertado. – Ou queres que fique como vim ao mundo?

– Está ótimo! – grito, mantendo a câmara à frente da minha cara para esconder o que for que a minha expressão possa revelar. – Podes virar -te? Olha só para a água.

Ele faz o que lhe é pedido, mas a visão das suas costas não faz nada para

acalmar as minhas hormonas. O tipo é simplesmente... musculado. Da cabeça aos pés. Não consigo sequer contar -lhe os abdominais todos. E sinto -me uma perversa por olhar para ele desta forma.

Já o vi sem camisola centenas de vezes, mas não posso negar que os últimos anos têm sido incrivelmente generosos com ele. Se calhar, a Chantal tinha razão. Talvez não haja mal nenhum se tivermos um caso secreto, porque quem é que no seu perfeito juízo consegue resistir a um homem tão atraente?

Afasto o pensamento tão rapidamente quanto apareceu, porque é algo *muito* errado. Já esclareci com o Dev que não pode acontecer nada entre nós, mas alguns dos seus comentários no carro deram a entender que não sou a única com sentimentos mais do que amigáveis. O que tanto aumenta o meu ego como faz soar um alarme na minha cabeça. Mas isto vai ser muito mais difícil de resistir se a atração for mútua.

– Pronto, já tenho o que preciso! – deixo a câmara encostada ao meu peito e aceno -lhe até à beira da água. – Queres vê -las?

Quando está ao meu lado, percorro as fotografias no ecrã pequeno da câmara, e brinco enquanto ele se ri de algumas das fotografias menos lisonjeiras. Parece tão natural estarmos lado a lado, e só espero que esta facilidade entre nós se mantenha durante o resto do tempo que vamos trabalhar juntos.

– Estão ótimas – conclui o Dev, caindo na areia ao lado da sua prancha de *surf* abandonada, com os braços esticados atrás de si enquanto se inclina para trás. – Publica o que quiseres. Confio em ti para fazer boa figura.

– Palavras ousadas – aliso o meu vestido atrás das coxas antes de me sentar ao lado dele e admirar as ondas. Posso ter ficado reticente com a ideia de voltar a casa, mas não posso negar que senti falta da praia, mesmo que, hoje em dia, seja uma autoproclamada rapariga da cidade.

– Vou escrever alguma coisa sobre recomenços e ultrapassar tempos difíceis para acompanhar as fotografias. A partir daí, começamos a publicar conteúdos dos fins de semana de corridas e ofertas de marcas, mas também continuamos a fazer estas sessões fotográficas mais corriqueiras.

Olho para ele, sem saber como vai reagir à minha próxima pergunta.

– Sentes -te à vontade em mostrar o casamento da tua irmã? Não tem de ser nada sobre ela ou sobre o evento. Somente fotografias vossas e do cenário. Que mostre como és próximo da tua família. Os teus patrocinadores iam adorar.

O Dev inclina a cabeça para trás e sorri.

– Admite, queres fotos minhas coberto de *haldi* para as poderes usar como chantagem.

– Não me metas ideias na cabeça – aviso. – Posso fazê -lo acontecer.

– Acho que gosto quando me ameaças – o sorriso dele cresce. – E não

estava a namoriscar contigo. É só um facto.

Abano a cabeça e luto para não sorrir como ele. As borboletas que outrora se instalaram no meu estômago regressam triunfantes.

– Não te aguento.

– É bom que aguentes, porque vais ter de me aturar por uns tempos.

Consigo pensar em maneiras piores de passar o meu tempo.

– Vamos – levanta -se e estende a mão, a parte de cima do fato de mergulho continua a balançar junto às ancas. – É a tua vez de entrar na água.

– Pois, não – preparo -me e afundo os dedos na areia quente. – Estou bem aqui em terra.

– Eu deixo -te andar na minha prancha – propõe ele. – Lembras -te como costumavas implorar ao Oak para te deixar?

Oh, eu lembro -me. Independentemente do que o meu irmão fizesse, eu também o queria fazer, desde futebol a corridas e a aprender a surfar. Só que, ao contrário do Oakley, que conseguia fazer tudo sem preocupações, eu acabava por me magoar. Mesmo os desafios físicos mais leves eram um risco para a minha saúde física. À medida que fui crescendo, fui -me tornando mais fechada, experimentava menos coisas novas, e convencia -me de que estava feliz por ficar na minha. Que ficava feliz em manter -me segura.

Mas o Dev nunca me tratou como se fosse feita de vidro. Enquanto o Oakley me proibia de os acompanhar por preocupação, o Dev convencia -o quase sempre a deixar -me experimentar. Claro que eu conhecia os meus próprios limites, mas testemunhar a forma como ele se esforçava por mim derreteu -me o coração vezes sem conta.

– A água está demasiado fria – recuso mais uma vez, embora aprecie a oferta e o facto de ele se lembrar de um pormenor pequeno mas importante sobre mim. – E não trouxe nenhum fato de mergulho.

Ele aponta para mim, com o olhar fixado.

– Vou meter -te na água. Ouve o que te digo.

– Sim, claro – estico a mão para a minha mala para ver as horas no telemóvel, mas esqueço-me dessa tarefa quando vejo o nome do meu irmão várias vezes no ecrã.

Oakley: Espero que não tenhas feito merda no novo emprego!!! (estou a brincar, eu sei que não, o Chava já se teria chibado se o tivesses feito)

Oakley: Mas ele disse que
você vão estar em casa
esta semana, diz olá à mãe e
ao pai por mim

Oakley: E diz à mãe para
parar de me enviar tantas
receitas, juro que ela pensa
que só mando vir comida

Oakley: Não te atrevas a
dizer -lhe que sim

Oakley: As coisas estão a
correr bem com o Dev?
Estás bem?

Ver as mensagens dele depois de namoriscar, indiscutivelmente, com o Dev, quase que me faz sentir que fui apanhada a fazer algo de mau. Sem mencionar que passei horas a babar -me por ele, o que nunca teria acontecido se o Oakley estivesse aqui. Neste momento, posso ter o peito apertado de ansiedade, mas as mensagens do meu irmão são a recordação muito necessária do porquê de precisar de manter os meus sentimentos guardados.

Willow: Está tudo bem,
ainda não fui despedida!
Devo ter conteúdo para o
Dev publicar em breve, fica
atento

Pigarreio depois de enviar a mensagem e tento focar -me no presente enquanto olho de novo para o Dev.

– É melhor irmos para casa – digo -lhe, enquanto guardo o telemóvel na mala. – Quero começar a editar estas fotos para podermos partilhar a primeira publicação.

Há um momento de hesitação, como se ele tivesse sentido que alguma

coisa mudou para mim, antes de acenar com a cabeça e virar a mão outra vez, oferecendo -se para me ajudar a levantar. Desta vez, aceito -a e a sensação da sua palma na minha faz com que sinta um calor a subir -me pelo braço. É cuidadoso na forma como me puxa e fecha a outra mão à volta do meu cotovelo, para evitar puxar com demasiada força o meu pulso. É um movimento que lhe ensinei há muito tempo, e que é necessário para garantir que a articulação delicada não desliza para fora do sítio.

São coisas como estas, estes pormenores de que ele se lembra há tantos anos, que enfraquecem a minha determinação para manter as coisas entre nós platónicas. Na verdade, se é assim que ajo depois de três horas com ele, como vai ser depois de três dias? Quanto mais três *semanas*.

Agradeço -lhe rapidamente e afasto o meu braço do seu aperto para poder levantar uma vez mais a câmara.

– Importas -te que tire mais umas fotos tuas a afastares -te? – preciso de um minuto para me controlar outra vez. – Como se dissesse *estou de volta, ponham -se a pau*.

O Dev sorri, mas agarra na prancha e afasta -se de mim, enquanto diz por cima do ombro:

– Sei que odeias que me vá embora, mas adoras ver -me de costas!

■ ■ ■

Mais tarde, voltamos ao carro da mãe do Dev. Ele vestiu uns calções e uma *T -shirt*, o tipo de roupa com que estou mais habituada a vê -lo. O Dev de *smoking* é uma maravilha, e o Dev com um fato de corrida é impressionante, mas o Dev vestido de forma descontraída e casual? É a minha versão favorita.

– Podemos fazer uma paragem a caminho de casa? – pergunto, quando estamos a voltar para a estrada.

– Claro – ele está relaxado no banco, com as mãos apoiadas na base do volante como se conduzir um carro de três toneladas não requeresse a sua atenção. Prefiro não admitir o quão atraente é.

– Onde?

– Na Stella Margaux – respondo e baixo o queixo envergonhada. Mas estou desesperada por um mimosinho para comer enquanto edito as fotografias o resto da noite.

Ele olha para mim, a franzir as sobrancelhas.

– O sítio dos *macarons*?

– Esse mesmo.

– Hum – murmura ele, com os olhos outra vez na estrada. – Não sabia que gostavas disso.

– Se calhar, até demasiado – confesso. – A loja deles em Nova Iorque

fechou para obras, por isso já não os como há algum tempo. Tentei fazê -los em casa, mas não correu muito bem.

– Cozinhar não é uma forma de aliviar o *stress*?

– Nunca disse que tinha jeito – ele franze as sobrancelhas pensativamente por um segundo, depois acena com a cabeça, os lábios erguem -se num sorriso pequeno, como se estivesse a imaginar-me a queimar as sobremesas.

– *Touché*.

Passam -se cinco minutos em silêncio antes de pararmos em frente ao edifício pintado de lilás. O nome está escrito em letra cursiva nas janelas de vidro. Tudo na Stella Margaux é um sonho extravagante e em tons pastel, desde as vitrinas decoradas de forma a parecerem que os *macarons* estão a flutuar nas nuvens até às pinturas ao estilo de Michelangelo no teto. De acordo com várias histórias de interesse humano, os murais de cada loja são pintados por artistas marginalizados da comunidade local e uma parte das vendas das lojas destina -se a apoiar a educação artística nas escolas públicas. Para além de fazer os melhores *macarons* do mundo, a Stella Margaux é uma mulher preciosa, o tipo de pessoa que quero ser.

É pena que os meus dotes de pasteleira nunca estejam à altura dos dela.

– Quais são os teus sabores preferidos? – pergunta o Dev, enquanto nos guia para dentro, a segurar a porta.

– Adoro o de pêssego e baunilha – respondo, enquanto o aroma doce do açúcar me atinge em cheio na cara. Este é o lugar onde sou feliz. – Eles também têm um de lavanda e mel espetacular, mas todos os sabores clássicos são fantásticos. Vou pedir -te o de pistácio para experimentares. Vais adorar.

Mas antes de me dirigir ao balcão para fazer o pedido, o Dev afasta -me do caminho e sorri para a mulher com um leve vestido cor -de -rosa atrás do balcão. Ela pestaneja rapidamente quando o vê, com a mão a alisar o cabelo já por si perfeito. Nem consigo culpá -la por ter reagido daquela maneira.

– Olá, então – cumprimenta ele, dando uma olhadela pela vitrina antes de se concentrar na mulher. – Podiam ser dez de cada sabor?

– Dev – digo, pestanejando horrorizada para ele. – Isso dá uns duzentos *macarons* – não digo que tenho o menu inteiro, incluindo os sabores sazonais, memorizado... mas tenho o menu inteiro memorizado, e são muitos *macarons*.

– Querem alguma caixa em particular? – pergunta a mulher atrás do balcão, sem hesitar. Acena delicadamente com a mão, a apontar para o expositor de caixas bonitas à nossa frente.

O sorriso do Dev cresce, e juro que ela quase desmaia.

– Surpreenda -me.

– Dev – digo outra vez, desta vez a agarrá -lo pelo cotovelo. – O que estás a fazer?

Ele encolhe os ombros, puxa da carteira e tira um cartão de crédito preto de uma das ranhuras.

– São despesas de trabalho. Estás a trabalhar. Além disso, quero entender se vale assim tanto a pena. Vejo estas lojas pelo mundo inteiro, mas nunca entrei.

– Não podemos comer isto tudo!

– Partilhamos com a tua família – diz ele, com um encolher de ombros. – E se o Mark perguntar o que comi esta semana, mentimos. Tu proteges -me, não é?

– Claro que sim – respondo. Sempre o fiz. Mesmo assim, gozo com ele. – Só podes ser louco.

– Ei, disseste que gostavas disto, não foi? Porque é que eu não havia de fazer algo que te faz feliz?

Ele passa uma mão pelo cabelo, com a atenção focada em mim.

– Estás a fazer -me um grande favor, por isso, isto não é nada em comparação.

Como é que é suposto eu responder? Uma outra mulher na caixa registadora conta o nosso total, por isso, aperto os lábios e observo enquanto ele entrega o cartão e conversa animadamente com os empregados. Enquanto isso, o meu estômago dá voltas e reviravoltas, a lutar contra o novo influxo de borboletas.

Passados alguns minutos, chegam sacos e mais sacos, desde o cor -de -rosa pálido ao amarelo manteiga, cheios de caixas da minha sobremesa preferida. Admito que uma vez comi quinze de seguida – um recorde que me fez ficar com os níveis de açúcar muito elevados durante horas – mas isto é demasiado. O Dev segura mais uma vez a porta quando saímos, e depois ajuda -me a carregar todos os sacos para o banco de trás do SUV.

– Devia tirar uma fotografia desta compra e enviá -la ao Mark – ameaço fracamente, mas o meu cérebro está demasiado ocupado a repetir *que ele comprou duzentos macarons porque tu disseste que gostavas*.

A rir -se, o Dev abre a porta do passageiro, mas não sem antes tirar uma caixa de um dos sacos.

– Desafio -te. Ele também iria gritar contigo por me trazes cá.

– Pronto, está bem. O teu segredo está seguro comigo – concedo, enquanto subo para o SUV.

Vergonhosamente, a brisa levanta a bainha do meu vestido leve antes de eu conseguir entrar no assento, e a minha cara cora com a ideia do que o Dev pode ter visto. Estou a usar um biquíni, felizmente, porque podia ter sido preciso entrar na água, mas essa informação não acalma a minha vergonha.

A expressão dele continua leve, sem revelar nada enquanto levanta uma caixa laranja e branca e ergue uma sobancelha.

– Queres comer isto comigo? Ou vais fazer queixinhas? Porque os chibos não comem *macarons*.

Levanto o meu dedo mindinho.

– Prometo que não me chibo.

Os nossos olhos encontram -se no segundo em que o seu mindinho envolve o meu. O contacto provoca faíscas entre nós e rouba -me o fôlego. Parece perigoso. Como um aviso de que devo prestar atenção. Só que o aviso deixa -me emocionada, em vez de me assustar. Faz -me querer estar mais perto, ultrapassar os limites. Faz -me querer quebrar a minha promessa de ser sempre cuidadosa, com o meu corpo e o meu coração, e fazer algo inegavelmente descuidado.

Mas, depois, o Dev deixa cair o meu dedo e a onda de desejo selvagem diminui outra vez, trazendo -me de volta à razão. Eu sei que é o melhor. E pelo brilho cauteloso nos seus olhos cor de ónix, ele também sabe.

– Vamos comer o nosso lanche – diz ele, com a voz carregada de tensão. Como se estivesse a reter as palavras que realmente quer libertar.

Aceno com a cabeça e deixo -o fechar a minha porta, parando um segundo para respirar.

Vê se te recompões, diz -me a vizinha no fundo da minha cabeça.

É pena que seja abafada pela memória do riso da Chantal.

7 Pasta de curcuma aplicada na cerimónia de purificação dos noivos, nos casamentos indianos. Os noivos são pintados com esta pasta, que se acredita que os limpa e purifica antes de contraírem casamento. (N. da T.)



Capítulo 12

Dev

Se fosse possível morrer de frustração sexual, eu já estaria morto.

Entre o período de seca que parece ter durado a merda da minha vida inteira e os grandes olhos castanhos da Willow em mim, enquanto me dizem o que os seus lábios se recusam a dizer, tenho quase a certeza de que a minha pila vai pedir socorro a qualquer instante.

Sim, eu podia fazer alguma coisa em relação ao assunto. A maioria das pessoas daqui – sendo sincero, a maioria dos meus compatriotas americanos – não sabe quem sou, por isso é pouco provável que o rumor que me persegue seja um problema. Podia ir a um bar, engatar uma rapariga qualquer e levá-la para casa. Mas, estando ciente da minha sorte, ainda me saía o tiro pela culatra e acabava com um novo escândalo em mãos. Mais uma coisa para irritar a Argonaut e acabar com a minha carreira.

E, admito, tenho dinheiro e influência suficientes para conseguir o número de algum serviço que iria enviar uma mulher deslumbrante diretamente para a minha porta, mas pagar por sexo não me agrada. Não há nada de errado em haver profissionais do sexo que apreciam o que fazem, mas acho que nunca serei o tipo de homem que contrata os seus serviços, embora conheça várias pessoas do *paddock* que o fazem.

Resta -me a opção a que tenho recorrido há semanas e a inspiração que tenho usado desde aquela noite em Austin: a minha mão à volta da minha pila e a Willow nos meus pensamentos. E tenho material novo para usar depois de hoje – o vento a levantar -lhe o vestido até às ancas, expondo a parte de baixo do biquíni estampado de margaridas que mal cobria o seu rabo redondo e perfeito.

Na altura, fui um cavalheiro e fingi que não reparei. Mas agora? A minha cabeça só pensa em ideias porcas enquanto ela entra em casa e se vira para fechar a porta, sorrindo -me ao de leve.

Vou para casa, subo diretamente para o quarto e dirijo -me à minha casa de banho. Felizmente, os meus pais foram passar o dia a Malibu, para analisarem o sítio onde será o casamento da Alisha.

Porque passei uma tarde com a Willow e estou com a maior tesão de

sempre. Abençoados sejam os sacos de *macarons* com que a consegui esconder a caminho de casa. Se não fosse pela sua presença divina, provavelmente teria assustado a Willow para sempre.

Num piscar de olhos, tiro a roupa e entro no duche, com a cabeça encostada aos azulejos frios e a mão à volta da minha pila, com a água a escorrer. O sorriso dela é o que me surge primeiro na mente. Os lábios carnudos, a língua cor-de-rosa a sair para os molhar, covinhas a brilharem nas bochechas. A partir daí, imagino o seu pescoço esguio, a saliência dos seus seios cobertos pelo algodão fino do vestido, a brisa a sacudir o tecido e a levantá-lo até à sua cintura. As estrias pálidas e desbotadas a mapear-lhe as ancas e o rabo, como uma tentação para traçar cada uma delas, para mergulhar entre as suas coxas e provocar-lhe suspiros suaves. Para sentir o seu aperto à volta do meu membro. Para a levar à loucura e ouvi-la gritar o meu nome e derreter-se com o meu toque.

Atinjo o clímax em tempo recorde, com os olhos fechados e apoiado num antebraço. Era muito vergonhoso se estivesse gente em casa. Mas que se lixe. É o que a Willow e o celibato imposto pelos escândalos me fazem. Voltei a ser um maldito adolescente.

Quando acabo de tomar banho, enrolo uma toalha à volta da cintura e pego noutra para secar o cabelo. Um músculo no meu ombro estremece quando levanto o braço. Que merda. Já há algum tempo que não era sacudido pelas ondas do mar, sem dúvida que vou ficar dorido. Tendo em conta que dei a semana de folga ao Mark, não tenho ninguém para tratar de mim se fizer alguma asneira, por isso, visto uns calções de banho e vou para a banheira de hidromassagem no quintal, o meu fisioterapeuta improvisado.

O sol está quase a pôr-se quando saio para o terraço, as luzes cintilantes que o pai instalou acendem-se automaticamente por cima da minha cabeça à medida que o céu escurece. A banheira de hidromassagem fica dois degraus para baixo, na parte inferior do terraço, onde mal pode ser vista da casa e da cerca alta à esquerda que divide o nosso quintal do dos Williams. A abertura pequena que eu e o Oakley criámos a um canto continua lá, nunca tendo sido tapada, embora já nenhum de nós consiga passar por ela. Neste momento, só o Herman, o São Bernardo da família, é que a usa, e até ele a força com o seu tamanho.

Depois de tirar a cobertura da banheira de hidromassagem, pouso um pé na água e depois outro, afundando-me até ficar completamente submerso num dos bancos. Deixo a cabeça cair para trás e gemo enquanto os meus músculos são aliviados aos poucos. Ao premir um botão, os jatos de água disparam e martelam por entre os meus ombros, mas distraio-me do alívio quando o cintilar de uma luz capta a minha atenção.

Da minha posição estratégica, consigo ver o segundo andar da casa dos

Williams, e a luz vem da janela do quarto da Willow. Os estores estão abertos, e lá está ela, com uma caixa laranja numa mão e um *macaron* na outra. Ela para e dá uma trinca, inclinando a cabeça para trás com prazer enquanto mastiga, os caracóis pretos a caírem -lhe pelas costas. Como se alguém a tivesse chamado, ela olha por cima do ombro e os lábios movem -se. Depois dirige -se à janela.

A minha respiração para enquanto aguardo que me apanhe a observá -la, mas os seus olhos permanecem fixos na porta enquanto ela puxa o cordão dos estores, fechando o vislumbre que eu tinha da sua vida.

Começo a aperceber -me de que estar com ela durante horas a fio já não parece suficiente. Como é que passei meses sem a ver depois da má decisão que tomámos – *okay*, pronto, a má decisão que eu tomei – nunca vou saber. Mas agora que ela voltou à minha vida.... Sim, estou lixado. Completa e totalmente lixado.

Por isso, faço a única coisa que posso. Mais uma vez, fecho os olhos e perco -me novamente na memória daquela noite, aquela em que tudo mudou.

■ ■ ■

É sábado à noite em Austin – *aquela noite* – e preciso de ir dormir.

O Mark já me tratou dos ombros e do pescoço, para que não esteja tenso quando entrar no carro amanhã. O Chava tem estado a rever os planos da nossa viagem para o México, na semana que vem. A Jani conseguiu irritar -me imenso com os seus videozinhos. E, há trinta minutos, depois de horas a jogar videojogos comigo, o Oakley saiu do meu quarto de hotel para que eu pudesse descansar.

Mas o sono abandonou -me. Tudo porque não consigo parar de pensar na Willow.

Ela tem -me ocupado a cabeça desde quarta -feira à noite, quando estávamos todos bêbados na discoteca por causa do aniversário do Oakley. Ela com o vestido minúsculo, os caracóis soltos e despenteados, o tipo de sensualidade que fez com que o meu olhar fosse demasiado prolongado. Ela é, habitualmente, *a rapariga da porta ao lado*, mas com tanta pele à mostra e com um olhar intenso nos olhos... Porra, parecia uma fantasia.

Ainda sinto o calor da sua pele, as suas ancas suaves sob as minhas palmas, as suas mãos sobre as minhas. Consigo ouvi -la murmurar «*Terias feito o quê, Dev?*».

A questão é essa. Continuo sem saber o que teria feito se tivesse sabido mais cedo da sua paixoneta por mim. Não parei de me atormentar com essa questão desde que ela me perguntou, esforçando -me por analisar todos os encontros que tivemos ao longo dos anos e pensar se houve uma oportunidade

em que pudesse ter dado um passo em frente.

Mas se os sentimentos dela por mim eram tão óbvios, como é que não os vi? Como é que a pude ignorar durante tanto tempo, quando podia ter tido tudo aquilo por que ansiava? Será que fui assim tão distraído?

A resposta surge através da porta de uma casa de banho que se abre e sou furiosamente acusado de beijar a irmã dele. O Oakley. O *Oakley* foi a razão pela qual perdi todas as pistas, dicas ou sinais de néon que a Willow enviou. Ele esteve sempre lá para as interceptar. Manteve os meus olhos tapados e encorajou -me a colocar a Willow firmemente na categoria de *família*. Ele certificou-se de que a via como uma chata e nada mais.

Mas a Willow *não* é da família. Não é a minha irmã mais nova. Nunca foi irritante ou chata. Não para mim. Nunca para mim.

No entanto, mantive sempre a minha distância. A distância de um braço. Olhos desviados. Para me convencer de que ela era uma extensão do Oakley quando sempre foi a sua própria pessoa. E somente me apercebi disso esta semana.

Enterro a cara numa almofada e mal consigo conter um grito de irritação. O universo só me pode estar a pregar uma partida. Os deuses que tiverem o meu destino nas mãos estão a apreciar lixar -me. Caso contrário, não me iria sentir como se tivesse sido atropelado por um camião de emoções da treta, só porque uma rapariga confessou que gosta de mim. Ou que gostava. Mas tendo em conta a forma como me respondeu, estou disposto a apostar que ainda há ali qualquer coisa.

Não sou convencido o suficiente para achar que consigo ter qualquer mulher do mundo, mas guio carros velozes, ganho milhões e tenho a aparência e um sorriso que põem as tipas em alvoroço. Sou adorado pelas mães e pelas filhas, um sacana atrevido com tendência para fazer gracinhas e dizer piadas porcas em entrevistas. Sou uma *delícia*, e as mulheres gostam de mo dizer. Normalmente, sem usarem palavras.

Por isso, não, não estou desabituaado a que me confessem paixonetas e que me façam olhinhos. Sei como lidar com uma declaração de amor num momento de paixão e com as lágrimas que surgem quando digo que não sinto o mesmo. Sei como evitar relações que acabem em drama. Sei como me livrar de problemas.

Mas a Willow faz -me querer mergulhar de cabeça. Faz -me pensar se devo sair da cama e ir à sua procura. Porque se o fizer, talvez haja uma hipótese de conseguir dormir esta noite. Iria odiá-la por arruinar os meus rituais de fins de semana de corridas se não estivesse tão apaixonado por ela, e se não estivesse preso à memória daquelas palavras intensas e de um toque muito pouco inocente. Porra, tenho de me recompor.

O que mais perturba é o facto de termos... esquecido o assunto. Assim que

o Oakley me disse para nunca me atirar à irmã dele, não voltei a falar com ela. Não falei no dia seguinte ao pequeno-almoço, quando estávamos os dois com uma ressaca de merda. Nem na sexta -feira, quando ela passou pela *pit stop* antes de ir sair com as amigas por Austin. Nem hoje, quando me deu os parabéns por me ter qualificado em P12 e se sentou perto o suficiente ao jantar para que a pudesse ter puxado para uma conversa privada, sem levantar suspeitas ao irmão.

Estamos os dois a fingir que não aconteceu nada, como se aquelas palavras condenatórias nunca tivessem saído da sua boca bonita. Mas não consigo continuar a fingir, e tenho de o fazer...

Uma batida ao de leve na porta faz -me desistir dos meus planos de ir até ao quarto dela e dizer -lhe como me deixou lixado. Solto um suspiro, saio da cama e visto uma *T -shirt* e umas calças de fato de treino. Não vou abrir a porta de *boxers*, mesmo que, provavelmente, seja alguém que me tenha visto com muito menos ao longo dos anos. Acho que já estive nu ao pé do Mark mais vezes do que ao pé de qualquer outra mulher com quem já dormi.

Mas não é o Mark, nem o Chava, nem o Oakley que está do outro lado da porta. Nem sequer a Jani ou a Patsy para me torturarem.

É a ruína atual da minha vida.

– Olá – saúdo a Willow, a pestanejar surpreendido. Merda, será que a conjurei? Será que, lá de baixo, conseguiu sentir que estava a pensar nela? Será que estou prestes a descobrir que sou mesmo um feiticeiro? – O que estás a fazer aqui em cima?

Os seus olhos não se encontram com os meus quando ela levanta o olhar do tapete. Passam da minha cara para o meu ombro e voltam a mexer -se.

– Estava à procura do Oak – explica ela, a torcer os dedos em frente ao estômago. – Deixei fechar a porta do nosso quarto quando fui à máquina de venda automática. Pensei que podia estar aqui em cima contigo e que podia pedir -lhe a chave.

Abano a cabeça, sobretudo para afastar os meus pensamentos anteriores. Não fui eu que a conjurei, mas parece que o destino está, outra vez, a conspirar. A questão é saber se é a meu favor ou contra mim.

– Ele saiu há cerca de meia hora – neste momento, o tipo deve estar no bar do hotel, a conversar com três mulheres diferentes. – Se quiseres, posso ir contigo à receção e pedir outra.

Com uma vermelhidão leve a inundar os pontos altos das suas bochechas, quase espero que ela recuse e se vá embora a correr. Mas, em vez disso, ela acena com a cabeça e solta um suspiro aliviado.

– Não te importas?

Não me importo nada, especialmente porque foi o destino a trazer à minha porta. Mais vale deliciar -me.

– Nem um bocadinho – respondo, enquanto mexo nos bolsos das minhas calças de fato de treino para me certificar de que tenho a minha própria chave.

– O quarto está em meu nome, por isso até é mais fácil.

– Obrigada – diz ela, virando -se para trás para me deixar sair depois de eu calçar os meus tênis. – Foi uma parvoíce, literalmente, deixei a chave em cima da cómoda.

– Acontece aos melhores – tranquilizo -a, estendendo -lhe o braço e fazendo sinal para que se dirija aos elevadores.

– Olha, podemos usar as escadas?

Sorriso.

– Continuas a não gostar de elevadores?

Quando fico ao seu lado, ela levanta o queixo, indignada, desafiando -me a provocá -la. Vou fazê -lo de certeza.

– Evito -os se puder.

– Ficaste presa *uma vez*, Wills – não consigo parar de rir. – E foi só por cinco minutos.

– Foi mais do que suficiente – bufa, lançando -me um olhar. – Agora, todos os meus sonhos stressantes envolvem ficar presa num elevador que cai do nada. Os meus joelhos preferem o elevador, mas a minha ansiedade não.

– Está bem, está bem, já percebi. Que seja pelas escadas.

Abro a porta corta -fogo que dá acesso às escadas e seguro -a para que ela passe primeiro. Fiquei no nono andar, por isso não vai ser uma viagem rápida, mas suponho que funcione a meu favor. Agora tenho tempo para me preparar para o que quero dizer, dizê -lo e lidar com as consequências.

A Willow agarra -se ao corrimão da esquerda, dando cada passo como se tivesse medo de falhar um degrau. Está a usar tênis para pés sensíveis com o seu vestido branco, mas não posso julgar os seus cuidados. Para ela, erros pequenos podem resultar em grandes consequências. Eu percebo -a.

Quando chegamos ao patamar do oitavo andar, pigarreio finalmente, na esperança de que isso ajude a acalmar a força com que o meu coração bate contra a caixa torácica. Não estou nervoso, por isso não sei qual é o problema. Não, não estou nada nervoso...

– Willow, acerca da outra noite – digo. – Eu...

– Não precisamos de falar sobre isso – interrompe ela, com os olhos firmemente fixos nos degraus enquanto contornamos o patamar e descemos outro lanço de escadas.

Ainda bem que temos mais sete andares pela frente. Ao que parece, não vai ser uma conversa fácil.

– Não, acho devíamos falar.

Ela solta um suspiro, mantendo a cabeça e os olhos para baixo.

– Não podemos esquecer o que aconteceu? Disse algumas coisas que não

devia e deixei -te numa posição desconfortável. Peço desculpa, *okay*? Vamos esquecer que aconteceu e seguir em frente.

Eu pestanejo, surpreendido pelo seu pedido de desculpas.

– Não tens de pedir desculpa.

– Claro que tenho. Fiz com que as coisas ficassem estranhas entre nós.

– Não, não fizeste – molho os lábios, dando -me a oportunidade de formular a minha resposta e de calcular o modo como quero abordar o assunto. – Mas fizeste -me perceber algumas coisas.

Isto fá -la olhar para cima. Olhos arregalados, assustados, mas cautelosamente esperançosos, encontram os meus.

E depois, ela tropeça.

As corridas deram -me o dom de reflexos quase super -humanos, aperfeiçoados ao longo de milhares de horas de exercícios, por isso mal penso no que estou a fazer quando estico um braço para a apanhar. Envolver -o à volta da cintura dela e puxo -a contra o meu peito, quase levantando -lhe os pés do chão. Com o contacto, a respiração abandona -lhe os pulmões e ela agarra o meu braço, pressionando -o contra mim como se eu fosse a sua única salvação.

Gosto da sensação mais do que quero admitir.

– Oh, meu Deus – suspira ela, a recuperar lentamente o juízo e o equilíbrio antes de retirar os dedos trémulos do meu antebraço. – Obrigada por me impedires de partir todos os ossos do meu corpo. Foi por pouco.

Nem pensar que a deixava magoar -se. Nunca deixei, nunca vou deixar. Especialmente agora, que estou a começar a aceitar o que ela me faz sentir.

O meu coração bate com força no meu peito. Tenho a certeza de que ela o sente.

– Estás bem?

Ela acena com a cabeça, o que devia ser uma deixa para a largar, mas não consigo afastar-me.

O seu corpo é quente e macio contra o meu, e o seu perfume doce inunda -me os sentidos. Fico perturbado com a ideia de que podia tê -la agarrado desta forma há muito tempo, se não fosse tão cego.

– Eu estou bem – diz ela, quase num sussurro. – Já podes largar -me.

– Acho que não quero.

É uma minha confissão. É a mesma que a dela, da outra noite, mas ela ri -se sem fôlego em resposta, como se fosse uma piada, e encosta a cabeça ao meu peito.

– Consigo aguentar -me em pé sozinha – promete ela, com as suas covinhas profundas a brilharem enquanto sorri. – Não tens de te preocupar se vou voltar a tropeçar. Vou ter mais cuidado.

– Não foi isso que eu quis dizer, Willow.

Ela fica imobilizada, depois levanta a cabeça devagar. O seu sorriso desapareceu por completo. Se o seu olhar manso e assustado quer dizer alguma coisa, sei que ela não me vai pedir para esclarecer.

Mas não faz mal. Ela vai ouvir de qualquer maneira, porque não consigo conter -me, mesmo que este não seja o sítio mais romântico para me confessar. Pelo menos, será memorável.

– O que me disseste na discoteca – murmuro, reduzindo o meu aperto para a poder pousar ao meu lado. Não quero perder nem mesmo um lampejo das suas expressões. – Não consigo parar de pensar nisso. De pensar em ti.

– Dev, não – sussurra ela, escorregando do meu aperto e apoiando -se contra o corrimão. Ela agarra -o de cada lado das suas ancas, apoiando -se. – Não tens de fazer isto – a sua garganta vibra enquanto ela engole, e as palavras são mais fortes quando volta a falar. – Não tens de me tentar agradar. Eu estou bem. Já o ultrapassei.

– Agradar -te? – repito, quase a gozar em descrença. – É isso que achas que estou a fazer?

– Obviamente – ela desce um degrau, ainda agarrada ao corrimão, e eu sigo -a sem hesitação. – Tentas que as pessoas se sintam melhor quando fazem asneira. É o que tu fazes. É quem tu és.

A afirmação deixa -me desorientado e trava os meus movimentos. Claro que gosto de manter a paz e a minha vida o mais livre possível de caos, mas isso não significa que esteja constantemente a tentar agradar as pessoas à minha volta. Certo?

Mas merda, é o que ela pensa? É o que faço? O que estou a fazer, neste momento?

A resposta é um *não* convicto. Não o estou a fazer para que ela se sinta melhor com a sua confissão. Estou a fazê -lo porque estou tão focado nesta rapariga que não consigo dormir. E estou tão focado nela que nem me importo com o facto de ter uma corrida amanhã, uma corrida para a qual não vou estar minimamente preparado. O que me admitiu na outra noite abriu portas que estavam trancadas por uma fechadura enferrujada, e agora estou preso a lidar com um ataque. Sou egoísta o suficiente para querer que ela esteja ao meu lado na zona de desastre.

– Não é o que estou a fazer.

Ela dá outro passo para baixo, chega ao patamar seguinte, e eu sigo -a. Durante todo o processo, ela mantém as costas contra a parede, mas o queixo levantado em desafio.

– E tu não fizeste asneira – digo eu. – Tudo o que fizeste foi confessar -me como te sentias.

Ela ri -se e fica tensa, mas não recua.

– Sim, e estava bêbeda quando o fiz.

Com outro passo, fico à frente dela. Dedo do pé com dedo do pé. A apertá-la.

– Mas isso quer dizer que não era verdade?

Corajosamente, ela encontra o meu olhar e não o larga. Os seus lábios curvam -se enquanto ela olha para a minha cara, embora eu não tenha a certeza do que procura.

– Que importância tem isso para ti? – pergunta, por fim.

– Porque não consigo tirar -te da cabeça – as minhas mãos encontram a curva da sua cintura enquanto ela inspira arduamente, e digo o que quero dizer. – Porque não consigo parar de pensar no que podia ter acontecido se o Oakley não nos tivesse interrompido – espalho os meus dedos pelas costas dela, pressionando gentilmente e empurrando -a para mim. – O que queria que tivesse acontecido.

– O que querias... – interrompe, com os lábios separados, a fecharem -se enquanto pestaneja, como se não conseguisse acreditar no que estou a dizer. Depois franze as sobrancelhas e, com um grunhido, prende um caracol atrás da orelha, ignorando -o quando volta a soltar -se. – Estás a gozar comigo?

O que lhe sai da boca deixa -me tentado a rir, mas a vulnerabilidade aberta da sua expressão faz com que qualquer tentação morra na minha garganta. Ela não acredita mesmo em mim. Mesmo com as minhas mãos no seu corpo. Mesmo depois de lhe ter dito que não consigo parar de pensar nela, ela pensa que é uma piada.

– Não estou a brincar contigo – digo, com a voz baixa, como se estivesse a falar com um animal assustado e pronto a fugir. – Talvez pareça ter surgido do nada. E talvez tenha, não sei. Mas, Willow, o que tu disseste, fez -me ver que... – de repente, as palavras secam na minha boca, e os nervos sufocam -me. Mas, de qualquer forma, as palavras não estão a servir para nada nesta situação, por isso, se calhar é altura de alterar o modo como conduzo esta situação. – Sabes que mais? Que se lixe.

E, por fim, faço a única coisa que não consigo parar de desejar há dias. Enfio os meus dedos no cabelo sedoso que se derrama sobre os seus ombros, puxo -lhe a cabeça para trás e viro o seu rosto para o meu. Ela tem os lábios entreabertos e os olhos arregalados, como se estivesse à espera do inevitável. Mas não tenta afastar -se enquanto deslizo a minha outra mão à volta da sua cintura uma vez mais.

Estamos tão perto que consigo contar cada gota dourada da linha cor de caramelo da sua íris. Quase me sinto tentado a fazê -lo. Mas há algo que quero mais.

– Dev – murmura ela, com o peito a bater contra o meu.

Mas não é um aviso. É um convite.

O mundo fica confuso quando os nossos lábios se encontram, por fim.

Gostava de poder dizer que não foi assim, que me pareceu errado, que queria voltar atrás e apagar este erro antes que piore.

Mas não consigo. Tudo o que consigo fazer é puxá -la para mais perto e deixar que o seu calor suave se derreta em mim. Só consigo apertar os seus caracóis com a minha mão e deslizar a minha língua pelos seus lábios. Só consigo fechar os olhos e perder -me nela.

Ela deixa -me entrar com facilidade, beija -me de volta, deixando -me agarrar no que quero e dizer tudo o que as palavras não conseguem exprimir. Mas ela deve saber exatamente o que estou a tentar dizer -lhe, porque pressiona as palmas das mãos contra o meu peito, depois move -as para cima para agarrar os meus ombros, mantendo -me perto, dando -me mais. Eu aceito tudo de bom grado.

As minhas veias incendeiam -se. O fogo corre por mim. E a Willow atíça as chamas com os sons doces de prazer, os arquejos, e os gemidos silenciosos. É melhor do que qualquer sonho que eu pudesse ter.

Ela suspira surpreendida contra a minha boca quando aperto o meu braço à volta dela e a levanto. O que a leva a meter as pernas à volta da minha cintura, a enfiar os dedos no meu cabelo e a agarrar -me com força, sem me largar. E não quero que ela o faça nunca. Pode ter -me o tempo que quiser.

Com as costas apoiadas na parede, consigo que as minhas mãos se desloquem para as suas coxas, para a bainha do seu vestido, e deslizo -o com força até à sua cintura. O calor da sua essência pressiona o meu abdómen, desafiando -me a deslizar os dedos até à borda das suas cuecas de algodão, para mergulharem sob o elástico junto à sua anca.

Eu podia fazê -lo. *Quero* fazê -lo. Era tão simples e estou desesperado por sentir um pouco mais dela. A suavidade das suas coxas já é tentadora o suficiente, e a forma como inclina as ancas contra mim é nada menos do que pura provocação.

É impossível que ela não sinta o quanto eu também a quero. Mas isto precisa de parar antes que vá longe demais. Preciso de saber com certeza se estamos na mesma página.

– Porra, Willow – murmuro, a recuar o suficiente para respirar. Encosto a minha testa à dela, sentindo -me como se estivesse a ser arrastado de um sonho. – Entendes o que quero dizer?

Ela está ofegante, como se tivesse corrido um quilómetro e meio, com os olhos desfocados nos meus lábios, mas acena com a cabeça.

Não consigo evitar que as minhas mãos passem pelas ancas dela, ainda por baixo do vestido.

– Não és a única que sente alguma coisa, está bem? Lamento que tenha demorado tanto tempo a aperceber -me.

Quando ela abre a boca para responder, uma porta fecha -se algures nos

andares abaixo de nós, e é o suficiente para a fazer sobressaltar -se, arrancando -a do feitiço em que se encontrava. Pestaneja rapidamente meia dúzia de vezes, depois o olhar horrorizado fixa -se em mim.

Ela é rápida a mover as mãos e a colocá -las de novo no meu peito, mas, em vez de me puxar para mais perto, afasta -me.

Por muito que não queira, agarro -lhe a cintura e dou um passo atrás, deixando -a outra vez de pé.

– Sabes... sabes que mais? – gagueja ela. Os dedos passam pela parte inferior do corpo, enquanto ela alisa de novo o vestido. – Posso ir à receção sozinha.

Demoro alguns segundos a assimilar as suas palavras. É... assim? Vai mesmo ignorar o que acabou de acontecer?

– Ainda temos de falar sobre...

Ela levanta uma mão e fecha os olhos. Inspira profundamente e segura a respiração por um instante, antes de olhar para mim mais uma vez.

– Isto não devia ter acontecido – diz ela. As palavras são como uma faca cravada nas minhas entranhas. – E não vai voltar a acontecer. Não pode. Ambos sabemos porquê.

A faca torce -se, porque sei que ela tem razão.

– Ouve, nós devíamos...

– Não, Dev – interrompe, com voz firme. – Não faças isso. Vamos esquecer.

O problema é que não consigo. Acho que nunca vou conseguir. E agora que sei que ela sabe a açúcar e ao pecado mais doce, nunca mais vou conseguir tirá -la da cabeça.

■ ■ ■

A água que salpica contra a minha cara faz com que espirre e me levante. O meu coração ainda está acelerado quando a memória é cortada e sou arrastado de volta à realidade. Com a cabeça erguida, olho para o pátio à procura do culpado e, quando vejo o Chava no terraço, gemo e deixo-me cair para trás. Pelo menos, não estou prestes a ser assassinado.

– Mano, há quanto tempo estás na água? – pergunta ele a olhar para mim, com a preocupação estampada no rosto. – Estás mais vermelho do que o Mark quando o deixamos ao sol mais de cinco minutos.

O coitado do nosso amigo pálido tende a ficar da cor de uma compota de morango quando o sol o encontra. Nunca tive esse azar – Deus abençoe a minha melanina – mas, aparentemente, estar sentado em água praticamente a ferver tem o mesmo efeito visual.

– Adormeci – murmuro a mentira, passando as mãos pela cara. – Obrigado por me teres salvo antes de me afogar.

– Teria sido uma maneira de me livrar do teu contrato – diz ele. Depois, levanta um recipiente de plástico. – Trouxe bolo.

– Sabia que te tinha mantido por perto por uma razão.

Subo para a borda da banheira de hidromassagem, mantendo os pés na água, enquanto o Chava descalça os sapatos e faz o mesmo à minha frente, com o recipiente pousado ao seu lado.

– O que é que andaste a fazer o dia todo? – pergunta ele, pontapeando lentamente as pernas. – Vi a tua prancha lá à frente. Foste à água?

Aceno com a cabeça e passo uma mão pelo cabelo, ainda a reorientar -me no presente enquanto o ar da noite baixa a temperatura do meu corpo.

– Sim, a Willow queria tirar umas fotos minhas a surfar, por isso passámos lá umas horas.

– Oh, a *Willow* queria passar algum tempo contigo, foi?

Mergulho uma mão na água e salpico -o, deixando -o a praguejar enquanto limpa a cara.

– Foi puramente profissional, seu idiota.

– Hum, claro – diz ele, quando recupera. – Quando é que vais admitir que gostas dela?

Olho de relance para a casa dos Williams e volto a olhar para ele. Dificilmente existe alguma hipótese de alguém ouvir a nossa conversa, mas mesmo assim baixo o tom de voz.

– Quando tiver a certeza de que o Oakley não me vai matar.

– Ah, ou seja, no dia de São Nunca à tarde – acena o Chava com a cabeça, sabiamente. – Mas, sendo sincero? Aconselho -te a fazeres o que quiseres e a lidares com as consequências depois.

– Isso é porque gostas de ver o circo a arder e não tens medo de morrer.

Ele bufa.

– Tu fazes coisas perigosas todos os dias – mas, depois, olha para mim com um olhar que me põe a cabeça a andar à roda outra vez. – O que é mais um risco?



Capítulo 13

Willow

Acordo com o Herman a respirar barulhentemente na minha cara.

Com um gemido, enfio as mãos no pelo do São Bernardo e empurro -lhe o peito com força. Claro que ele não se mexe. Pesa quase o mesmo que eu, e a minha força não tem a mesma intensidade que o amor dele por mim.

– Herman – abro um olho. – Amigo, tens de te mexer. Eu amo -te, a sério, mas podes dar -me um bocadinho de espaço?

Ele bufa, quente e ruidosamente, mas aceita e deita -se ao meu lado. Dou -lhe uma palmadinha na cabeça enorme e aliso -lhe as orelhas antes de rolar para a beira da cama. Fico ali sentada durante um bocadinho para ter a certeza de que não vou ficar tonta, depois levanto -me e agradeço quando a minha visão não fica cheia de pontos negros. De acordo com o relógio na mesinha de cabeceira, passa pouco das sete, embora, para ser sincera, tenha estado em tantos fusos horários ultimamente que o tempo em geral não me parece real.

O meu portátil está aberto na minha mesa de cabeceira, ao lado de uma série de animais de peluche e por baixo de um póster do grupo de K-pop pelo qual era obcecada no secundário. O ecrã está escuro, mas um toque no teclado coberto de migalhas de *macaron* abre o Photoshop e o documento Word em que o meu cérebro despejou um monte de legendas para as futuras publicações do Dev. Às três da manhã, achei que eram muito boas. Vamos ver se continua a ser verdade à luz do dia.

A revisão pode esperar até estar com o Dev, e espero adiar -la... o máximo de tempo que conseguir. Ontem estive demasiado perto de tomar decisões péssimas e preciso de alguma distância para me proteger do seu charme. Às vezes, não sei se ele se apercebe de como é sedutor, independentemente da pessoa com quem está a falar. No entanto, outras vezes, acho que sabe exatamente o que está a fazer e o efeito que tem. Especialmente em mim.

Mas passei anos a enterrar essa paixão. Quando, bêbada, confessei os meus sentimentos, não estava à espera que desse nalguma coisa. Merda, tentei esquecer tudo. Foi *ele* quem deu o primeiro passo. Foi ele que me encostou à parede, me puxou o vestido para cima e me fez sentir partes de dele que nunca pensei vir a sentir.

Mas não lhe disse que não. Não estabeleci um ponto final, até ele se afastar. Mesmo aí, não queria que acabasse, mas o medo surgiu e desci sete lanços de escadas como um atleta olímpico.

Há dias em que gostava de não ter fugido. Gostava de ter ficado com as minhas costas contra a parede e as pernas à volta da cintura do Dev. Quem sabe o que teria acontecido, mas pelo menos não estaríamos presos a este padrão estranho de atração persistente que não conseguimos satisfazer. Dava qualquer coisa para que as coisas voltassem a ser como eram antes de as arruinar.

Mas, agora, é demasiado tarde. Disso não há dúvida.

Gemo, enquanto me deito no tapete de ioga debaixo da minha janela, a precisar de me esticar e fazer alguns exercícios de força, antes de começar o meu dia. As minhas costas estão doridas por causa do voo de ontem e só vão piorar com as viagens que tenho pela frente. Mas recuso -me a queixar -me. Quero este trabalho, este lugar ao lado do Dev e da equipa dele, e vou fazer tudo o que puder para evitar que a dor me atrase.

O Herman observa -me da cama, só levantando a cabeça quando o meu telemóvel toca na mesa de cabeceira. Olha do telemóvel para mim, como se estivesse a dizer que me levante e o agarre.

– Podias trazê -lo – sugiro, mas tudo o que ele faz é grunhir e voltar a baixar a cabeça.

Levanto -me e vou buscar o telemóvel, e o meu coração dá um pulo engraçado quando uma mensagem aparece no ecrã.

Dev: A minha mãe quer que venhas tomar o pequeno - almoço cá a casa.

Lá se vai a resolução de o evitar ao máximo.

■ ■ ■

O cheiro a *masala chai* envolve -me quando entro pela porta destrancada dos Anderson – não me lembro da última vez que bati à porta – e descalço os sapatos, enquanto chamo pelo Dev.

– Willow! – É a mãe dele que responde, com a voz suave a guiar -me para a sala de estar. – Vem cá! Quero mostrar -te fotografias vergonhosas do Dev.

– Mãe – queixa -se o Dev, quando entro. Ele está sentado no chão em frente à mesa de centro, onde a mãe tem uma coleção de fotografias

espalhadas. – Ela conhece -me desde que era miúdo. Testemunhou todas as minhas épocas vergonhosas.

– Nem todas – acena ela, com o sorriso grande que o filho herdou.

A pele dela é um pouco mais escura do que a dele e o seu corte *bob* preto está salpicado de fios cinzentos. Sem dúvida que a aparência bonita do Dev provém dela.

– Preciso de ajuda. Estou a juntar fotos para o PowerPoint do casamento.

– Quão embaraçosas são as fotos? – pergunto, sentando -me no chão ao lado do Dev e examinando as fotografias à minha frente. Faço o meu melhor para ignorar o olhar dele em mim. – Dava -me jeito ter algum material para chantagens.

O Dev faz uma careta, enquanto Neha se ri e me entrega uma foto do Dev em bebé a chapinhar na banheira, com um patinho de borracha em cima da cabeça.

– Esta serve? – pergunta ela.

Já estou a agarrar o meu telemóvel para tirar uma fotografia.

– É melhor do que o esperado.

O Dev levanta as mãos, mas parece saber que não deve interferir.

Passo os vinte minutos seguintes a ajudar a mãe dele a escolher fotografias do Dev e da Alisha em crianças, antes de ela bater palmas e me levar para a cozinha. Um copo de *chai*, um prato de *khaman dhokla* com vários *chutney* à parte, e uma omeleta são dispostos pouco depois à minha frente. Ela observa -me como um falcão, enquanto como cada dentada.

– Então – diz, quando estou cheia e a rebentar. – Estás a trabalhar para o Dev, não é?

Observo -o do outro lado da mesa. Ele passa o dedo pelo último pedaço de *chutney* de coentros que tem no prato. Quando o põe na boca, tenho de desviar o olhar. A minha cabeça não pode ir para os sítios perigosos para onde uma visão como aquela me iria levar de imediato, enquanto a mãe dele olha para mim fixamente.

– É verdade – respondo, a encostar o meu copo de *chai* quente ao peito. – Ele acha que consigo reavivar as redes sociais, e sou louca o suficiente para tentar.

Ela cantarola contente, com a cabeça a abanar.

– Bom para ti. Ele precisa de muita ajuda para melhorar a reputação péssima que tem – depois disso, lança ao filho um olhar de desaprovação, mas este desaparece quando volta a olhar para mim. – Além disso, sempre achei que vocês os dois faziam um ótimo par.

Se estivesse a bebericar o meu chá quando ela proferiu aquelas palavras, não tenho dúvidas de que me teria engasgado neste momento. Mas o Dev não tem tanta sorte. Ele tosse e bate no peito com um punho, depois vira -se para a

mãe e diz algo rude em gujarati, só posso sonhar o que tenha sido. Apesar do tom de voz dele, ela vira a cabeça para trás e ri -se. Os olhos semicerrados do Dev dizem -me que não era essa a reação que ele pretendia.

Ele afasta -se da mesa, com um músculo trémulo no maxilar.

– Willow, queres mostrar -me o que fizeste até agora?

Está, sem dúvida, ansioso por se afastar da mãe e desta conversa. E... está a *corar*?

Aceno com a cabeça, depois de um momento de hesitação, e pouso de novo o copo.

– Está tudo no meu portátil. Não me lembrei de o trazer.

– Não faz mal – diz ele, já à porta. – Vou a tua casa. Vamos lá.

Bom, assim sendo. Sorrio para a mãe dele, levanto -me e agradeço o pequeno -almoço.

– Até logo, Willow – diz ela, calorosamente, agarrando e apertando a minha mão antes que possa ir muito longe. – Volta para jantar. Tenho a certeza de que o Dev iria adorar.

Solto uma gargalhada desconfortável, enquanto lhe devolvo o aperto de mão e depois saio para ir ter com o Dev. Está ao pé da porta da frente, a bater com o polegar na lateral do telemóvel, impaciente. Quando me vê, abre a porta. Enfio rapidamente os pés nos sapatos e depois sou guiada para fora. Sinto -me tentada a perguntar o que se passa, mas a forma como evita o meu olhar faz -me recuar.

– Parto amanhã para Dallas – anuncia ele, quando atravessamos a entrada comum. – Preciso de passar um tempo no simulador da sede.

Desilusão. Ele insistiu para que viesse a casa e agora abandona -me?

– Oh. Pensei que íamos ficar aqui até irmos para o Canadá.

– Podes dizer que vais ter saudades minhas, Willow. Não faz mal.

Quase que faço uma careta, mas depois vejo o seu sorriso e, em vez disso, dou -lhe uma cotovelada nas costelas.

– Cala -te – embora isto deva significar que já ultrapassou o achaque que a conversa com a mãe lhe provocou. – Pensava que querias criar mais conteúdo comigo. Parece -me uma viagem desperdiçada.

– Lamento – mas não parece lamentar coisa alguma. – Só soube ontem à noite que a equipa queria que eu voltasse – o seu tom suave torna -se amargo num instante. – Acho que estão preocupados com o meu desempenho, embora tenha sido o Nathaniel quem falhou nas duas últimas vezes que lá estivemos, e não eu.

Observo -o e reparo na tensão à volta dos seus olhos.

– Parece -me que vocês não são amigos.

O Dev bufa, enquanto nos aproximamos da porta de entrada.

– Pode -se dizer que não.

Como não desenvolve o assunto, atravesso a entrada da casa e aceno ao meu pai que está no seu escritório, à saída do corredor de entrada. O homem magricela está encolhido na sua cadeira ergonómica com quatro ecrãs de computador à frente. Antes de o Oakley ingressar nas corridas, o meu pai era engenheiro de *software* e, agora que já não gere a carreira do meu irmão, voltou às suas raízes. A mãe é uma cirurgiã cardiorácica bem -sucedida, por isso ele não tem de trabalhar, mas acho que o faz somente para se manter ocupado. Sei que tem saudades dos tempos das corridas do Oakley.

O pai retribui a saudação com um aceno entusiástico, mas distrai -se rapidamente com alguma coisa num dos seus ecrãs. Sorrio quando ele afasta o olhar e, de seguida, subo as escadas com o Dev atrás de mim.

– Então, vemo -nos em Montreal? – pergunto -lhe, assim que chegamos ao patamar superior. Estou desiludida por ficarmos separados durante quase uma semana, mas pelo menos temos este tempo juntos. Para trabalho, claro.

– Se não houver problema – responde ele.

Aceno com a cabeça e entro no meu quarto.

– Sim, está tudo bem. Tenho conteúdo suficiente para publicações diárias e para histórias, até estarmos juntos outra vez. Mas se não te importares de tirar algumas fotografias enquanto estiveres fora, agradecia.

– Faço tudo por ti.

Demora um segundo, mas depois as palavras e o seu potencial significado atingem -me em cheio no peito. Quando me viro para ele, o Dev parece ter a mesma perceção acerca do que disse, porque depressa adiciona:

– Ou seja, tudo o que precisares para trabalhar.

Depois do deslize de ontem e do que ele disse à mãe esta manhã, não acredito muito naquilo. Mas obrigado -me a acreditar, porque a alternativa é ter outra discussão acerca do porquê de termos de manter as coisas profissionais.

– Obrigada – digo -lhe, lançando -lhe um sorriso fechado. Agarro no meu portátil pousado na mesa de cabeceira, levo -o para a secretária e abro -o. – Dá -me um segundo para abrir tudo.

O Dev resmunga em concordância e percorro as fotografias, abrindo as que lhe quero mostrar. Editei tudo a preto e branco, exceto a última foto que vou incluir no carrossel do Instagram. É uma do Dev com a prancha de *surf* debaixo do braço. Estava a afastar -se, mas virado o suficiente para que o seu sorriso característico tivesse ficado à vista. Está um bocado torta, e ele a semicerrar os olhos contra o sol, mas parece... feliz. É o Dev que conheço há uma vida.

O Dev que quero que o mundo conheça.

– Oh, meu Deus. Ainda tens isto? – pergunta ele atrás de mim com uma gargalhada.

Congelo, ainda a examinar a fotografia, porque não faço ideia do que ele

pode ter encontrado. Este quarto está cheio de relíquias da minha infância. Quando me viro, está a segurar num pequeno elefante de peluche que tenho na mesa de cabeceira há mais anos do que os que consigo contar. A Ellie vive aqui há tanto tempo que mal me lembro da sua presença. Mas, de repente, sinto -me outra vez muito consciente de que está lá.

Porque, há muito tempo, foi um presente do Dev.

Ganhou -a numa feira e deu -ma. Os nossos pais tinham -no encarregado e ao Oakley de me vigiarem nesse dia e, assim que vi a exposição de elefantes de peluche numa das bancas de jogos, ninguém me conseguiu tirar dali. Enquanto o Oakley ameaçou chamar a mãe quando não lhe obedeci, o Dev encolheu os ombros e disse que ia conseguir um para mim, se o queria assim tanto. E, então, foi o que fez.

Mesmo tendo doze anos, ele tinha uma melhor coordenação entre a mão e o olho do que a maioria dos adultos e, menos de cinco minutos depois, a mulher que geria a banca entregou -lhe o brinquedo. O Dev segurou o elefante por um momento, a saborear a sua vitória, e depois entregou-mo. Se tivesse de identificar o momento em que me apaixonei por ele, talvez fosse esse.

Ofegante, levanto -me da cadeira e corro para junto dele.

– Mete -a no chão! – o Dev segura a Ellie acima da minha cabeça e estuda -a.

– Não acredito que guardaste esta coisa.

– Claro que guardei – franzo o sobrolho, a tentar agarrar o brinquedo, mas ele mantém -na fora do meu alcance. – A Ellie é demasiado gira para me livrar dela.

– *Ellie?* – repete ele, ainda a rir. – Ellie, a elefante?

– Eu tinha *nove* anos, Dev. As crianças não são exatamente conhecidas por darem nomes criativos às coisas. Agora *devolve -a*.

Salto para a apanhar, encostada a ele para ter mais hipóteses de o conseguir, mas o Dev passa um braço à volta da minha cintura e levanta -me do chão. Depois, atira -me sem cerimónia para a minha cama. Não é bonito, mas ele é gentil o suficiente para não magoar nada além do meu ego.

Mesmo assim, gaguejo ofendida.

– Oh, seu idiota! – mas, caramba, aquele movimento incendiou algo dentro de mim.

Ele olha para a Ellie com carinho, sem me prestar atenção.

– És mesmo obcecada por mim desde sempre.

Fico tão espantada que me tenha a atirado isto à cara neste momento que tenho quase a certeza de que a minha boca está aberta. Nunca desejei tanto não ter deixado que a tequila me abrisse a boca naquela noite. Talvez precisemos *mesmo* de ter outra conversa acerca do que se passou, porque, se

ele continuar assim, vou morrer de vergonha antes de conseguirmos reparar -lhe a reputação.

Mas antes que eu consiga encontrar as palavras certas para o repreender, o Dev diz:

– Ainda bem que é mútuo.

De alguma forma, é pior do que qualquer outra coisa que ele pudesse ter dito.

Continuo sem palavras, esparramada na cama, quando ele pousa carinhosamente a Ellie e se dirige à minha secretária, como se não tivesse acabado de dizer algo para agitar o meu mundo inteirinho.

Há um minuto, ele estava a tentar agir corretamente, a tentar evitar que eu pensasse coisas que não correspondiam à verdade, e agora diz... *isto*. Um animal de peluche velho mudou tudo.

– Queres mostrar -me as fotografias agora? – pergunta ele, muito mais descontraído do que eu poderia sonhar estar.

Preciso de mais um segundo antes de conseguir sair de cima do edredão e arrastar -me atordoada. Se isto é tudo o que Dev precisa de fazer para me tirar dos eixos, estou com muitos problemas.

– Claro – a minha voz treme, e pigarreio para a manter firme.

Levanto -me e dirijo -me a ele. Ele afasta -se e eu sento -me na cadeira giratória. Passo devagar pelas fotografias, sustendo a respiração quando ele apoia uma mão na borda da secretária e se inclina para mais perto. O perfume dele e as especiarias persistentes do pequeno -almoço que a mãe preparou rodopiam à minha volta. Tanto me conforta como faz com que o meu coração martele contra as minhas costelas, e quando o peito dele roça o meu ombro, juro que estou prestes a entrar em combustão.

Por fim, ele acena com a cabeça em sinal de aprovação e afasta -se ligeiramente, embora não o suficiente para eu deixar de sentir que estou envolvida por ele. Levanto um dedo para indicar que tenho mais para lhe mostrar e abro o documento do Word com a legenda que escrevi para a publicação.

Pelo canto do olho, vejo -o examinar o texto. Sendo sincera, é mais uma dissertação de vinte e dois mil caracteres do que uma legenda, que descreve a razão do seu desaparecimento – como cometeu um erro e magoou alguém que, por sua vez, o magoou de volta – o que se tem passado na sua vida (sem esquecer de elogiar a Argonaut) e terminando com algumas linhas otimistas acerca de um novo recomeço e da sua reapresentação ao mundo. Gosto de pensar que é orgânico e sincero, mas não demasiado lamechas. Como se pudesse ter vindo do próprio Dev.

Quando termina, tira as mãos da minha secretária e afasta -se, o que me faz girar na cadeira. A ansiedade corre nas minhas veias, com a ideia de que

possa não ter gostado da minha escolha de palavras. Não me importo de começar de novo, e o seu *feedback* vai tornar o segundo rascunho mais forte, mas...

– Está perfeito.

O medo desaparece e exalo uma gargalhada surpreendida.

– A sério?

– Sim, a sério – afirma ele, sentando -se na beira da minha cama. As suas pernas estão abertas, os cotovelos apoiados nas coxas robustas e ele inclina -se para a frente, sem desviar o olhar de mim. Não há nenhum sorriso no seu rosto. Nem humor. Está a falar a sério acerca do quão bom acha que está. – Adorei. Devia ter -te chamado mais cedo.

Reprimo o meu contentamento, mas aquilo aquece -me de dentro para fora na mesma.

– Afinal o meu diploma de Inglês serve para alguma coisa – brinco. Mas ele não se move, por isso pigarreio outra vez. – Estás pronto para o publicar?

Acena com a cabeça.

– Vamos a isso.

Com alguns cliques, destaques e edições de última hora, é tudo copiado, colado e carregado para os respetivos locais. Tudo o que tenho de fazer agora é clicar em *publicar*.

– Toma – digo, agarrando no portátil e empurrando -o para o Dev. – Faz as honras. É a tua reputação.

Contudo, ele empurra -o de volta para mim.

– Foste tu que fizeste o trabalho todo. Faz tu.

Deslizo o computador de novo para o colo, franzindo -lhe o sobrolho.

– Tens a certeza?

– Como acabei de dizer, confio em ti.

Okay. Está bem. O meu coração pode ainda sentir -se hesitante, mas aqui vamos nós.

Surpreendentemente, a minha mão não treme quando passo o cursor por cima do ícone e olho para ele uma última vez. Quando os nossos olhos se encontram, parte da preocupação persistente desaparece. Ele quer fazê -lo. Eu quero fazê -lo. E estamos empenhados em resolvê -lo. Juntos.

Clico.

⁸ Chá de especiarias, tradicional da Índia (N. da T.)

⁹ Salgado indiano que se come geralmente acompanhado por *chutney*. (N. da T.)

¹⁰ Molho de origem indiana, à base de frutas ou legumes, vinagre, especiarias e açúcar. (N. da T.)



Capítulo 14

Dev

Notícias fantásticas: agora, só *algumas* pessoas acham que tenho uma DST.

Na última semana, a Willow tem trabalhado arduamente, ao publicar diariamente em todas as plataformas de redes sociais que possuo – e noutras que nem sabia que existiam antes de ela entrar em cena – para me trazer de novo a atenção da opinião pública. E, se a seleção de comentários que ela me enviou por mensagem todos os dias em que estivemos longe um do outro for significativa, está a correr muito bem.

Hoje, por fim, voltámos a estar juntos. Estamos sentados na autocaravana da Argonaut instalada no circuito de Montreal, a conversar durante o pequeno-almoço. Em breve, tenho de me ir embora para um passeio na pista, um *meet and greet* e uma reunião estratégica, mas estou a saborear este tempo. É uma quinta-feira tipicamente preenchida, ainda mais atarefada devido ao jantar a que tenho de comparecer esta noite para um dos nossos patrocinadores. Infelizmente, ainda não arranjei forma de me esquivar.

– O que é que as pessoas estão a dizer hoje? – pergunto à Willow, enquanto toco nos ovos mexidos que o Mark meteu à minha frente.

Ela mantém a cabeça baixa enquanto percorre o telemóvel, com um sorriso de satisfação a comprimir os cantos dos seus lábios brilhantes.

– Que o teu sorriso é a oitava maravilha do mundo.

– Ótimo.

Não devia ter sentido tanto a falta dela como senti, mas a semana em que estivemos separados pareceu -me mais um mês. E, admito, foi como se uma pequena parte de mim estivesse ausente durante esse tempo todo. Ela só voltou à minha vida há algumas semanas e, no entanto, conseguiu tomar conta de todos os meus pensamentos. Quando nos separarmos no final do verão, receio que se tenha apoderado de tudo.

É parte da razão pela qual parti mais cedo de San Diego. Claro que precisava de tempo para a simulação e para falar com a equipa da fábrica de Dallas, mas não era assim tão urgente como fiz parecer à Willow. Podia ter ficado mais uns dias na nossa cidade, mas tinha de sair dali, especialmente depois de a minha mãe ter, literalmente, rido da minha cara quando lhe disse

que nunca iria acontecer nada entre mim e a Willow. Depois, quando vi o peluche que ganhei para a Willow quando éramos miúdos, tudo ficou pior.

A ideia de ela ter guardado o brinquedo – a *Ellie* – ao lado da cama durante tanto tempo, uma confirmação visual de que gostou de mim durante anos, explodiu com alguma coisa na minha cabeça. E, quando ela pressionou o corpo contra o meu para reaver o elefante de peluche... Porra, foi um milagre que eu somente a tenha atirado para cima da cama e dito qualquer coisa referente à sua obsessão não ser unilateral, porque o que queria fazer era puxá -la e beijá -la até ela implorar por mais.

Tentei disfarçar e voltar ao assunto em questão, ou seja, o trabalho que ela andava a fazer para mim, mas já tinha violado o nosso acordo. A Willow, felizmente, deixou passar. Provavelmente, porque não queria dar -lhe mais atenção. De qualquer forma, o que é que ela podia ter dito depois daquilo? Conhecia as regras e ignorei -as por completo. Repreender -me por quebrá -las não teria mudado nada.

Hoje, voltámos às gargalhadas descontraídas, como se tudo o que aconteceu na semana passada tivesse sido esquecido. Ajuda o facto de estarmos, outra vez, na presença de um «segurança». O Chava senta -se à nossa frente, também a percorrer as minhas redes sociais e a ler os seus comentários preferidos à medida que se depara com eles.

Até o Mark está a participar. Agarra no telemóvel do Chava e ri -se, antes de ler em voz alta:

– «Com clamídia ou sem clamídia, comia -te todo na mesma» – os seus olhos deslizam para mim. – Parece que as tuas chances estão a melhorar, mano. Talvez consigamos, por fim, que tenhas relações sexuais.

Faço o meu melhor para não olhar na direção da Willow, enquanto forço uma risada.

– As minhas chances hão de melhorar quando as pessoas pararem de mencionar o meu nome e DST na mesma frase.

– Vamos lá chegar – promete a Willow, e, por fim, atrevo -me a olhar para ela. Está perfeitamente composta, como se o comentário do Mark não a tivesse incomodado da mesma maneira que me incomodou. – Citando um dos comentários que li há bocado, em breve vais estar a afogar -te em cona outra vez.

O sumo de laranja é cuspidado da boca do Chava, cobrindo a mesa à sua frente. Com um sobressalto, uso o guardanapo para limpar algumas gotas do meu braço.

– *Jesus Cristo*, Willow – a blasfémia dele é uma junção de tosse e gargalhada. – Não sabia que conhecias essa palavra.

Ela encolhe os ombros, a sorrir para ele. O brilho nos seus olhos escuros faz com que os calções do meu uniforme fiquem mais apertados.

– Eu conheço muitas palavras.

Aposto que sim. E consigo fantasiar com as suas pernas à volta da minha cintura e os seus lábios no meu ouvido, enquanto as sussurra, ali mesmo, à frente de toda a gente.

Levanto -me repentinamente, afastando -me da cadeira para esconder a minha quase -ereção, que espero que não seja muito óbvia.

– Perdi a noção do tempo – digo, quando vejo expressões confusas. – Tenho de ir fazer uma visita à Patsy. Ver se ela, por fim, me incluiu na conferência de imprensa dos pilotos. Talvez seja hoje que me dá, por fim, autorização para dizer aos jornalistas que o Nathaniel é um con... – interrompo, lembrando -me de onde estou e de quem pode estar a ouvir. – Um rapaz doce, querido e lindo que respeito muito.

– Hum, hum – diz o Chava, enquanto o Mark bufa.

A Willow franze o sobrolho, enquanto olha de mim para o Mark, para o Chava e depois para mim outra vez. Provavelmente, é melhor que não entenda inteiramente o ódio que sinto pelo meu companheiro de equipa. Não preciso que transpareça inadvertidamente nas coisas que ela publica.

Além disso, para ela, gosto de me limitar a ser o Dev. O Dev que resolve tudo. O Dev que olha sempre para o lado positivo. Ela não precisa de ver a corrente de escuridão e descontentamento que me perfura. Por enquanto, não quero que os seus lindos olhos percam ainda a visão romantizada da coisa.

Mas, se a Argonaut continuar a lixar -me, em breve ela e o resto do mundo vão poder ver mais do que aquilo que pediram.

• • •

Quem quer que tenha dito que o mundo da Fórmula 1 é uma emoção e um entretenimento contínuos é um mentiroso descarado.

– Se adormecer, certifica -te de que não deixo cair o meu champanhe – murmuro para o Mark, mal resistindo à vontade de me debruçar na mesa pequena onde estamos sentados. Alguns eventos de patrocinadores podem ser divertidos, mas este é uma seca. Quem diria que os relojoeiros suíços eram tão *aborrecidos*?

Esta noite, o Mark é o meu acompanhante. Se não puder vir com os dois, ele e o Chava acompanham -me à vez. Embora em breve possa tentar incluir a Willow nessa rotação. Se é uma desculpa desesperada para ficar mais tempo com ela? Claro que sim. Se me importo? Nem um bocadinho.

O Mark lança -me um olhar divertido.

– Desde que exibas essa coisa no teu pulso enquanto o fazes, acho que ninguém se vai importar com os cacos.

Possivelmente, tem razão. Abano o pulso para que o punho da minha

camisa se levante e mostre o relógio a brilhar. Tenho de admitir que, por vezes, as vantagens desta vida são ótimas. Provavelmente, nunca mais vou ter de pagar por um relógio.

Infelizmente, uma das partes mais merdosas caminha na minha direção.

– A chegar – diz o Mark, pelo canto da boca. – Não faças nada estúpido.

Os meus olhos fixam -se no Buck e no Nathaniel Decker, e forço um sorriso. É mais sarcástico do que devia.

– Eu *nunca* o faria.

O Mark solta um suspiro e endireita -se, puxando os ombros para trás. Ele é mais alto do que a maioria dos homens presentes nesta sala, por isso não é mesmo necessário, mas fico agradecido pelo meu guarda -costas improvisado. Não que *eu* precise de proteção. Não, preciso mais de alguém que me segure se o Buck me dirigir uma das suas famosas micro agressões.

– Buck – saúdo, falsamente caloroso quando ele e o filho se aproximam. – É tão bom ver-vos.

O dono da Argonaut, vestido com botas e chapéu de *cowboy*, lança -me um sorriso que não lhe chega aos olhos frios. Ele odeia -me, mas não me excluiu de imediato da equipa depois do escândalo, o que significa que precisa mais de mim do que me odeia. Infelizmente, não sei quanto mais tempo vai durar, e o meu contrato determina que ele pode pagar pela minha saída quando quiser, por isso vou continuar a dar o meu melhor para me manter nas suas mais ou menos boas graças.

– Dev – retribui ele, inclinando a cabeça de maneira que o chapéu esconda, por um instante, os seus olhos. – Ainda bem que não te baldaste a esta.

No ano passado, faltei a *uma* festa de patrocinadores quando estava tão engripado que não me conseguia levantar da cama, e este tipo continua a chatear -me a cabeça. Sempre que o vejo– o que não é frequente, graças a Deus, por estar demasiado ocupado a gerir o seu império maléfico para comparecer a muitas corridas – dá -me outra razão para o odiar.

– Não faltava por nada deste mundo – viro a minha atenção para o Nathaniel, que parece aborrecido. Por uma vez, não o posso julgar. – Como estás, Nate?

Apenas certas pessoas estão autorizadas a tratá -lo pela alcunha, e eu não sou uma delas... e é por isso que faço questão de a usar sempre que posso.

Ele levanta o queixo definido.

– Estou bem – o seu sotaque texano é levemente mais suave do que o do pai. – Entusiasmado pelo fim de semana.

Aposto que sim. A equipa vai fazer de tudo para o manter feliz, por isso só posso imaginar o inferno que me vai cair em cima para que isso aconteça.

– Deve ser uma boa corrida, se o tempo se mantiver.

Os olhos do Nathaniel iluminam -se como se tivesse mais alguma coisa

para dizer, mas o pai corta -lhe a palavra.

– Vejo -te no *paddock* de manhã – diz o Buck. É uma despedida, uma promessa e uma ameaça, tudo embrulhado numa só frase. – Certifica -te de que socializas esta noite. Quero que todos vejam que, efetivamente, vieste. Na verdade, estou surpreso por teres chegado a tempo. O teu género de pessoa não é propriamente conhecido por ser pontual.

Aceno com a cabeça, e mordo a língua para não dizer algo do género *vai -te foder*.

– Sim, senhor.

Ele olha de relance para o Mark, mas não fala com o meu treinador, depois junta as mãos atrás das costas e vai -se embora, com o Nathaniel a segui -lo relutantemente. Pela primeira vez, sinto -me mal pelo meu companheiro de equipa. Com um pai como o Buck, não admira que ele se tenha tornado no que é.

Depois de terem desaparecido pela multidão, viro -me para o Mark e deixo o meu sorriso tombar.

– Se aquele homem me mantiver até ao fim do meu contrato, fico chocado.

– Como se fosse desperdiçar dinheiro para te pagar o fecho do contrato – goza o Mark, mas alguma dúvida passa -lhe pelo rosto. – Sem os pontos que marcaste, a equipa estava no fundo da classificação. Ele precisa de ti.

Mas só até encontrar alguém que ache melhor. Mas, fora das três grandes equipas, são poucos os pilotos melhores do que eu. Não, que se lixe. Nas restantes catorze, *nenhum* é melhor do que eu. Se ao menos tivesse um carro melhor e o apoio de uma equipa para me ajudar a prová -lo.

– Vamos ver por quanto tempo – murmuro, quando o meu telemóvel toca no bolso.

Quando o tiro, recebo uma notificação. *Dev Anderson* *postou uma nova foto*. Sigo as minhas contas principais nas contas falsas que criei depois do desastre com a Jani, especialmente para conseguir acompanhar o que as pessoas diziam de mim depois de ter desaparecido. *Spoiler*: não eram coisas boas. Parei de verificar ao fim de dois dias horríveis.

Parece que a Willow está a trabalhar, embora seja um bocado tarde para publicar alguma coisa. Ela deve estar no quarto de hotel, a algumas portas do meu, já de pijama e deitada na cama. Era esse o seu plano, pelo menos, quando falei com ela há pouco. Gosto daquela imagem mais do que devia.

– Porque estás a sorrir como um idiota?

Pestanejo para fugir da fantasia, com os olhos virados para o Mark.

– Desculpa?

– És um pateta do caraças num dia bom, mas isto – acena com a mão à frente da minha cara – é diferente.

Bloqueio o telemóvel e volto a metê -lo no bolso sem verificar o que a

Willow publicou. Partilho quase tudo com o homem que está ao meu lado, mas quero guardar isto para mim por mais algum tempo. Não preciso dos seus julgamentos.

– Não é nada de importante.

Mas o Mark conhece -me demasiado bem.

– É a Willow?

Respiro fundo e confesso.

– Ela publicou qualquer coisa. Estava a verificar a notificação.

Conhecendo -o como conheço, ele não acredita em mim. Acabou de testemunhar a minha reação demasiado jubilosa a uma notificação que não devia ter recebido mais do que um olhar superficial.

– Pois – diz ele, lentamente. – Vi como estavas a olhar para ela há pouco.

Fico paralisado sob o seu olhar firme e aperto o maxilar para não me incriminar ainda mais.

– Sabes que não pode acontecer nada – avisa, enquanto baixa o tom de voz ao começar o sermão. Mais vale afastar -me e deixá -lo deitar tudo cá para fora. – Para de alimentar a ideia de que pode acontecer – levanta uma mão para fazer sinal para a festa à nossa volta. – Escolhe qualquer mulher presente. Exorciza isso. Só a estás a bajular porque estás a pensar com a tua pila carecida. Prometo -te que, assim que te satisfizeres, vais esquecê -la.

Ele pode acreditar nisso tanto quanto quiser, mas, esta noite, nem uma única mulher me chamou a atenção. Se isso não é prova de que ele está errado, então não sei o que é.

Forço um sorriso torto, determinado a guiar a conversa para longe do tópico da Willow.

– Achas que a minha reputação está recuperada o suficiente para que aconteça? – pergunto, tentando juntar humor às palavras, embora apenas sinta suores frios a escorrerem -me pela espinha.

– A única razão pela qual ainda não aconteceu é porque tens estado demasiado dentro da tua própria cabeça – ao que parece, o Mark está farto de ser simpático. – E agora estás a usá -lo como desculpa porque queres alguém que não podes ter.

Aquela verdade é como um murro no estômago.

– Não sabes do que falas – respondo.

– Sei, sim – lança -me um olhar, sem se preocupar em esconder o seu descontentamento. – Se a perspetiva quase garantida de vir a arruinar a nossa amizade com o Oakley não é suficiente para convencer -te a ficar longe da Willow, então pensa no que lhe faria a ela. Pensa no que iria fazer à carreira dela associar -se a ti dessa maneira. Se te envolveres com ela e o público descobrir, ninguém a vai contratar depois de acabarem. Vão pensar que ela anda por aí a comer atletas para subir na carreira. É o que tu queres que lhe

aconteça?

Sinto o gelo a espalhar -se pelas minhas veias, a congelar -me e a bloquear a minha reação. Claro que não quero. Ela merece o melhor. É parte da razão pela qual lhe ofereci trabalho, para ter a certeza de que estava pronta para sucessos futuros. A última coisa que quero é destruir tudo.

– Não o faças, Dev – murmura o Mark. – Não estragues isto para todos.

■ ■ ■

Vou para a cama sozinho.

Se esta noite indiciou alguma coisa, foi que a minha reputação entre as mulheres está a melhorar. Ao contrário dos últimos meses, algumas foram corajosas o suficiente para se aproximarem de mim, e não hesitei em deixar que o meu charme voasse. Mas quando por fim me afastei para ir buscar outra bebida e verifiquei a notificação que tinha recebido, o meu desejo de dormir com qualquer outra pessoa atingiu valores negativos.

A Willow tinha publicado uma fotografia do *meet and greet*. Eu tinha a cabeça inclinada para trás, a rir -me, enquanto um grupo de raparigas *desi* segurava um cartaz meu em *Photoshop* como o herói de um filme de Bollywood, com o resto dos pilotos como dançarinos de fundo. Diverti -me imenso e posei com as raparigas para várias fotografias. Não me tinha apercebido de que a Willow também estava a captar aquele momento.

O texto por baixo da publicação diz *Se as corridas não funcionarem...* que foi a piada exata que eu disse na altura. Contudo, com o barulho da multidão e a distância entre nós, a julgar por esta foto, não há forma de a Willow ter ouvido.

Se a Jani tivesse sido responsável pela publicação, teria escrito algo piroso, algo que eu nunca iria dizer. Mas a Willow compreende o meu humor e o que se adequa a mim.

Ela conhece -me.

Saí da festa pouco depois, farto de namoriscar com mulheres que não me interessavam. O Mark lançou -me um olhar desapontado quando me despedi, mas não me importei. Para quê desperdiçar a minha energia com o que não quero?

Mas, mesmo que rejeite a ideia dele, o seu aviso não me sai da cabeça.

Não quero arruinar a carreira da Willow antes mesmo de começar. O mundo é cruel com as mulheres de uma forma que nunca vou entender completamente, mas se ela se envolver comigo isso vai persegui -la para o resto da vida. Não posso arriscar, por muito que a queira.

A opinião do Oakley por si só não é suficiente para me impedir, mas ser um risco para a carreira da Willow, conjugado com as outras consequências –

como provavelmente acabar com o que resta do nosso grupo de amigos... – é.

Talvez.

Porra, será?

Não é como se planeasse partir o coração à Willow se nos envolvêssemos, mas não sou cartomante. Não consigo ler as estrelas ou prever o futuro. Mas se tivesse de escolher entre magoá-la ou nunca mais participar numa corrida, afastava -me da F1 num piscar de olhos.

Envergonhado, pressiono uma almofada na cara na esperança de que sufoque esta ideia, mas continuo a respirar, e tudo o que consigo ver é o sorriso tímido da Willow hoje de manhã. A minha miúda não tão inocente.

Eu sabia que estava metido em sarilhos desde o aniversário do Oakley no ano passado, mas agora? Estou mais enterrado do que alguma vez pensei vir a estar.

■ ■ ■

O resultado da minha noite atribulada é uma péssima sessão de treinos e o décimo terceiro lugar na qualificação. Isso não é inédito, mas o Nathaniel ficou em décimo segundo por dois milésimos de segundo, e dói como o caralho. O Buck está feliz e toda a garagem soltou um suspiro de alívio. Mas eu? Estou a tentar não ter mau perder antes de a corrida sequer começar.

Na minha sala de piloto, o Mark ajuda -me com exercícios de tempo de reação enquanto o Chava e a Willow estão sentados no sofá estreito, cada um a trabalhar para manter a minha vida a funcionar sem quaisquer problemas.

– O Reid tem espaço no jato dele se quiseres viajar em privado amanhã – diz o Chava, assim que acerto na última luz acesa no painel. – Diz que somos todos bem -vindos, e que vai para casa esta semana, portanto, vai passar por Dallas de qualquer forma.

O Reid Coleman é o terceiro piloto americano nas classificações. Se a Scuderia D'Ambrosi não o tivesse visto primeiro na F2, tenho a certeza de que a Argonaut o teria querido. É um verdadeiro rapaz americano: cabelo dourado, olhos azuis e pele cor de marfim, embora, ultimamente ostente um bronzado que sugere um inverno passado num lugar quente. Não é nada parecido com a minha tez castanha. Há dias em que tenho quase a certeza de que a Argonaut só me contratou porque queria ganhar pontos pela diversidade, mas é uma conspiração que nunca vou dizer em voz alta.

Eu e o Reid partilhámos um apartamento no Mónaco, pouco depois de termos assinado contrato com as nossas equipas. Não éramos mais do que uns rapazinhos que mal tinham saído da adolescência e que viviam o sonho de conduzir no mais alto nível do automobilismo. É a ele, sem dúvida, que devo agradecer por me ter mantido são durante o primeiro ano. Sem ele, talvez me

tivesse deixado levar pelos nervos.

Afastámo -nos um bocado desde então. É o que é normal quando se está em equipas diferentes e, suponho, faz parte do crescimento, mas continuamos a olhar um pelo outro.

Ajustando o meu fato de corrida à cintura, aceno com a cabeça.

– Alinho. Prefiro não voltar a viajar com a equipa – especialmente se hoje encontrarem uma forma de me lixar. Como sempre, estou a tentar ver as coisas pelo lado positivo, mas a Argonaut torna -o mais difícil a cada dia que passa.

A Willow pigarreia.

– Quando dizes que somos todos bem -vindos – começa ela, com as sobrancelhas levantadas, – isso também me inclui?

O Chava passa um braço à volta do pescoço dela e puxa -a para si. Levanta a mão livre para lhe afagar o cabelo como costumava fazer quando éramos crianças, mas, antes de estabelecer o contacto, recua. Sem dúvida que fez a escolha certa, não acho que ela fosse gostar se ele lhe frisasse os caracóis.

Uma corrente inesperada de ciúmes atravessa -me o peito ao vê -los encostados um ao outro. O sufoco leve com que ele a aperta não passa de uma brincadeira platónica de irmão mais velho, e a mão dela está no cimo do peito dele apenas para o impedir de a apertar com mais força. Mas, independentemente disso, faz com que a minha adrenalina suba numa altura em que devia estar calmo.

– *Dah*, inclui -te a ti – diz o Chava, a sorrir para ela, alheio à subida da minha temperatura. – Agora és uma de nós.

Todos os instintos dentro de mim gritam para o tirar de perto dela. Para lhe dizer para guardar a merda das mãos para si. Mas antes que se apoderem de mim, o Mark lança um olhar a advertir -me, com os olhos azuis penetrantes. Assim, em vez disso, respiro fundo para me acalmar e baixar o ritmo cardíaco. Que merda. Não posso arriscar ficar stressado antes de entrar no carro. Conduzir com raiva não me vai levar a lado nenhum, exceto contra as barreiras.

Faço o meu melhor para ignorar a conversa do Chava e da Willow, enquanto peço ao Mark que agarre no aparelho de tortura que usamos para treinar o pescoço, mas os risos dela quando o Chava lhe conta as vantagens de viajar em privado flutuam pelo ar e atingem -me um atrás do outro, como golpes físicos.

O Mark quase que me parte o pescoço quando puxa as correias com força, porque eu não estava preparado. Felizmente, consigo soltar -me das correias na minha cabeça antes que faça algum dano. Ele fica preocupado comigo, esfrega com as mãos a minha cabeça e os meus ombros para ver se tenho algum ferimento, mas desvio -me e viro -me para o sofá.

– Importam -se de ir para a garagem? – pergunto, na esperança de que não

conseguam ouvir a tensão na minha voz. – Preciso que o Mark alongue a minha zona lombar e não quero que me vejam só com as calças à prova de fogo. Um rapaz também precisa da sua privacidade.

Com acenos de cabeça e ruídos de afirmação, pegam nas coisas deles e dirigem -se para a porta, mas não antes de o Chava me lançar um olhar interrogativo.

Quando se vão embora, o Mark dirige -me uma cara de reprovação.

– Estás distraído.

Agarro outra vez no equipamento de treino e volto a colocá -lo.

– Estou bem. Prometo. Estava a acontecer muita coisa à minha volta – faço sinal para o fio. – Vais torturar -me ou não? Sei que gostas de me ver sofrer, amor.

Ele ignora a minha provocação, e a rejeição arde.

– Estás a deixar que ela te afete.

– Cala a puta da boca – a frase sai -me da boca antes de a conseguir parar, mas estou farto das suas repreensões. Respiro fundo e fecho os olhos para me acalmar antes de os voltar a abrir. O Mark está do meu lado. Só quer zelar por mim. – Desculpa, mano. Não devia ter dito aquilo.

Com um aceno de cabeça, ele aceita as minhas desculpas.

– Não faz mal. Eu percebo – faz uma pausa e encontra os meus olhos. – Mas tens de a deixar partir.

Não sei como interpretar as suas palavras. Deixá -la partir, ou seja, despedi -la? Ou abandonar os sentimentos que desenvolvi? Seja como for, não sei se o consigo fazer.

– Vamos voltar ao treino – volto a oferecer -lhe o cabo. – Tenho um companheiro de equipa que precisa de levar uma tarefa.

■ ■ ■

Volto a sentir -me eu próprio quando estou no meu lado da garagem.

O rugido dos motores e o cheiro a óleo fazem com que a minha tensão arterial volte aos níveis normais. Neste momento, o fio de adrenalina que me percorre deve -se à corrida iminente e nada mais. Saltito nas pontas dos pés, enquanto tenho uma conversa estratégica de última hora com o Brand e o Sturgill, o diretor da equipa. O Sturgill não é má pessoa, mas é lacaios do Buck. E, embora a prioridade deva ser marcar pontos para a equipa, independentemente do piloto que os obtenha, o Sturgill nunca escondeu que a sua prioridade é manter o Buck feliz.

Dito isto, já me defendeu algumas vezes, e tenho de o respeitar por isso. Só é pena que não o faça mais vezes.

Depois de terminarmos, caminho até onde o Chava ajuda a Willow a

ajustar os auscultadores.

A sua expressão é tão brilhante que quase tenho de desviar o olhar. Ela é como um raio de sol puro, iluminando tudo e todos à sua volta, atraindo -me para as chamas como se fosse uma traça.

– Nunca estive tão gira – diz ela ao Chava, a emoldurar o rosto com as mãos e a mostrar os auriculares vermelho -vivo. Pintou as unhas a condizer, com os dedos anelares realçados com purpuras.

Ela é a única pessoa presente que consegue ficar bem com o uniforme da Argonaut. A saia justa azul -marinho abraça -lhe as ancas e o polo às riscas está casualmente enfiado para dentro na parte da frente. Atou os caracóis para trás com uma fita estampada com uma estrela, de alguma forma desportiva e ao mesmo tempo extremamente sexy.

Mesmo tendo -lhe lançado somente um olhar, já sei que estou em sarilhos. Mas não estou interessado em manter -me afastado.

Como é que posso deixá -la partir – como o Mark insiste – quando ela parece um anjo e tem uma mente tão brilhante?

Ela repara em mim quando me aproximo, e as suas covinhas acentuam -se.

– Boa sorte para hoje.

– Não preciso – provoco, a imitar -lhe o sorriso. – Tenho -te a ti.

O que digo arranca -lhe um gemido, e ela deixa a cabeça descair para trás.

– Disse -te para não me pressionares!

– Hoje, vou subir ao pódio somente porque estás aqui.

– És do piorio – suspira ela, depois faz sinal para que saia do seu caminho.

– Vou procurar o Konrad. Ele tirou algumas fotos ontem que quero para a tua página.

Enquanto penso na publicação da outra noite, dou um passo para o lado, deixando -a passar. Tudo o que ela fez até agora é perfeito. Deu aos fãs os vislumbres da minha vida que eles imploram, mas nunca o suficiente para me fazer sentir desconfortável. Tem tido o cuidado de manter o equilíbrio entre o pessoal e o profissional. Ontem, até sugeriu uma série de publicações centradas nas minhas relações com os membros da equipa com quem trabalho diariamente – uma espécie de guia de agradecimento, para mostrar o meu respeito pelo que cada um deles faz por mim. Por outro lado, a Jani partilhava mais fotografias minhas sem camisa no ginásio do que qualquer outra coisa. Era como se a sua estratégia fosse fazer parecer que eu era um idiota egocêntrico.

Depois de a Willow se ir embora, viro -me para o Chava, revirando os olhos perante a sua expressão entendedora. Entre os seus sorrisos de soslaio e os comentários de desaprovação do Mark, é como ter um diabo num ombro e um anjo no outro. Só não sei quem é quem.

– Não digas nada – aviso -o.

- Não ia dizer nada.
- Mas estavas a pensar nisso.

Um sorriso malicioso ocupa -lhe a cara.

- Disso, sou culpado.

Suspiro e estico -me ao lado dele para agarrar o meu capacete na prateleira.

- Não tenho tempo para isto.

O Chava junta as mãos atrás das costas e balança -se para a frente e para trás, sempre muito ameaçador.

- *Boa sorte para hoje* – brinca, numa imitação de merda da voz da Willow.
- Vou matar -te.
- Põe -te na fila, *cabrón*.

■ ■ ■

Assim que estou no carro, as merdas desaparecem.

O motor ronca atrás de mim. O meu capacete limita -me a visão para que o asfalto e os carros à minha frente sejam tudo o que vejo – incluindo o Nathaniel à direita. Vê -lo enche -me de determinação. Objetivo número um de hoje: ultrapassá -lo o mais depressa possível. No entanto, só será possível se o Omega Siluro, no lugar à minha frente, sair do meu caminho.

O que, evidentemente, não acontece.

Ele é lento na linha de partida, dando -me possibilidade de ultrapassá -lo pela direita, mas o Nathaniel teve um bom arranque, forçando -me a ficar atrás dele quando chegamos à primeira curva. Permaneço próximo durante a primeira volta e mantenho a calma, embora o fumo sujo do seu motor me atrase em todas as curvas, mas a forma como desliza nas retas vale a pena. Na altura em que o DRS entra em ação, não tenho dúvidas de que o consigo ultrapassar.

Dou mais umas voltas, a aquecer um pouco mais os pneus até o carro parecer confortável debaixo de mim. Estou no meu ponto ideal, pronto para acelerar, sabendo que posso alcançar um lugar mais alto.

Só há um problema...o meu companheiro de equipa não sai do caminho.

Defende -se como se a sua vida dependesse disso, o que vai ser uma desgraça para os seus pneus, especialmente tão cedo. Provavelmente, o seu engenheiro de corrida está a dizer -lhe para ir com calma, para preservar a estratégia das duas paragens para pneus novos, mas este tipo está desejoso por estragar tudo.

- Preciso de o ultrapassar – digo ao Branny pelo rádio, a ignorar os seus apelos para me afastar da asa traseira do Nathaniel. – O meu ritmo é, no mínimo, mais rápido meio segundo.

Há um silêncio ensurdecedor antes do Branny anunciar:

– Negativo, não tens autorização para acelerar.

Sou apanhado de surpresa pela decisão. Neste momento, estamos ambos longe de receber pontos e, para que isso mude, ou ultrapasso o meu companheiro de equipa, ou um punhado de pilotos à nossa frente vão enfrentar complicações consideráveis. Portanto, por que não me deixam fazer o que é melhor para a nossa posição no Campeonato de Construtores?

Na verdade, é uma pergunta estúpida. Eu já sei porquê.

– Então, que seja uma ordem de equipa – exijo. – Diz -lhe que me deixe passar.

– Negativo – diz o Branny, de imediato. Nem sequer um segundo de reflexão é dedicado à resposta. – Mantém -te na mesma posição e defende -o.

Que grande *treta*. Até os comentadores têm de reparar que o meu ritmo é melhor do que o do Nathaniel. Se ele me deixasse passar, facilmente estaria segundos à frente dele. E há uma hipótese de apanhar o McMorris em décimo.

Mas não, tenho de defender o meu companheiro de equipa de merda que só sabe verificar os espelhos retrovisores quando estou atrás dele.

Fico furioso durante mais sessenta voltas, amaldiçoando o Nathaniel, o Buck e todas as pessoas que os apoiam, até cruzar a meta.

Se não me tinha decidido antes, acabei de decidir. Tenho de me ir embora daqui.

¹¹ Pessoa originária, ou cuja família é originária, da Índia, Paquistão ou Bangladesh e que vive noutro país. Também se aplica à cultura ou produtos originários desses países. (*N. da T.*)



Capítulo 15

Willow

– Parece que afinal não sou o teu amuleto da sorte.

Num canto isolado da garagem da Argonaut, o Dev passa uma toalha pelo cabelo suado. Afasta os caracóis soltos da cara e despenteia -os, deixando -os cair ao acaso. Mesmo depois de uma corrida extenuante, passada a defender o companheiro de equipa, ele parece quase perfeito.

Mas o Dev que está agora à minha frente é um homem que mal reconheço. Este tem os ombros descaídos e uma boca sombria. Está infeliz, é óbvio, e escondido neste canto para que mais ninguém o veja assim.

Ele também não queria que eu o testemunhasse, mas eu sabia que o meio sorriso com que entrou nas *boxes* era falso, por isso segui -o depois de o Chava lhe ter entregado em silêncio uma garrafa de água e uma toalha, sabendo evidentemente melhor do que eu que não devia incomodar o Dev num momento como este.

O Dev tentou protestar quando reparou que eu estava atrás dele, mas calou -se depois do meu comentário acerca do amuleto da sorte. Ainda não falou, por isso fico a observá -lo e a pensar numa forma de aliviar o ambiente.

Ouvi o rádio da equipa, ouvi o seu engenheiro de corrida dizer -lhe que não estava autorizado a ultrapassar o companheiro de equipa. O resultado foi o décimo segundo lugar, décimo primeiro para o Nathaniel. Nenhum deles marcou pontos. Não admira que esteja derrotado e exausto. Tudo isto para nada.

Posso ser nova aqui, mas a tensão entre o lado da garagem do Dev e o do Nathaniel é impossível de passar despercebida. É óbvio quem é a prioridade, o que sem dúvida tem alguma coisa a ver com o dono da equipa.. Não sei exatamente porque é que o Dev odeia tanto o Nathaniel, mas vou acabar por lhe arrancar a história toda. Por agora, ver em primeira mão como a equipa trata o Dev explica muita coisa.

Desde o início da minha aventura como sua gestora de redes sociais, o meu objetivo tem sido chamar a atenção dos responsáveis da Argonaut, para que vejam o seu valor para a equipa. Mas talvez esteja a olhar para isto de forma errada. Talvez precise de organizar um novo plano de jogo, porque, pelo que

tenho visto até agora, este grupo nunca terá em conta o que é melhor para ele enquanto o Buck Decker estiver no comando.

– Quando acabarem as entrevistas e o interrogatório – digo eu – vem ter comigo ao hotel, está bem?

Há uma longa pausa antes de ele responder rudemente:

– Sim.

Abusando da minha sorte e dos limites que estabelecemos, ponho -me nas pontas dos pés e afasto um caracol que lhe caiu na testa. Não deixo de reparar nos seus olhos surpreendidos, mas opto por não o reconhecer.

– Pronto – digo, a sorrir para ele, com o coração a bater ligeiramente mais depressa. – Agora sim, estás pronto para as câmaras.

■ ■ ■

Passa das onze quando batem à porta.

Levanto -me da cama e aproximo -me, pousando as pontas dos dedos na superfície lisa para poder verificar pelo olho mágico da porta. Não consigo ver a cara do homem que está no corredor do hotel. Tem o braço estendido para se apoiar na ombreira da porta e o queixo encostado ao peito, mas não há dúvida de que é o Dev.

Lentamente, levanta a cabeça quando abro a porta. Tomou banho e mudou de roupa, mas a sua expressão é tão sombria como quando o deixei na garagem depois da corrida. Para minha surpresa, tem vestida uma *T-shirt* azul -marinho com o logótipo da Argonaut e umas calças de ganga. Depois de hoje, era de esperar que escolhesse alguma coisa sem a marca da equipa, mas penso que – tal como a ordem que lhe foi dada durante a corrida – não teve escolha.

– Olá – diz ele, a voz baixa e seca.

– Olá – afasto -me da porta e estendo o braço para o receber. – Entra.

Ele olha para mim durante um instante antes de largar a mão da ombreira da porta e entrar. Descalça os sapatos mesmo no limiar da porta, depois continua a caminhada até à poltrona do canto. Com um suspiro, deixa -se cair nela e encosta a cabeça à almofada. Os joelhos estão bem abertos, os cotovelos curvados sobre os apoios de braços. A pose é aberta mas exausta e não consigo deixar de me imaginar a posicionar -me entre as suas pernas, com as mãos nas suas coxas...

Meu Deus, rapariga. Vê se te recompões.

Fico na entrada estreita mais um segundo para me recompor, antes de me virar e ir para a cama. Empoleirada no canto mais próximo dele, coloco as mãos debaixo das pernas e encaro -o.

– Estás bem? – pergunto, por fim, embora a resposta seja óbvia.

Ele fecha os olhos, as pestanas roçam -lhe a face durante alguns segundos.

Depois abre -os outra vez e foca a sua atenção em mim.

– Vou ficar bem.

Por outras palavras, *não* está mesmo bem. Nunca iria deixar aquelas palavras escaparem -lhe pela boca. O Dev que está sempre contente não o iria dizer.

– Queres falar sobre isso? – pressiono.

– Nem por isso.

Aceno com a cabeça e deixo o silêncio pairar entre nós. Quando lhe pedi que viesse ter comigo, queria elaborar uma estratégia nova para fazer com que outras equipas, para além da Argonaut, reparassem nele, mas esta não é a altura certa para falar do assunto. Ele está mal, a travar uma batalha invisível que eu não conheço. Nem sei se alguma vez vou conhecer.

Mesmo que não esteja pronta para falar de estratégias ou para o pressionar a falar, não quero que volte para o quarto dele e fique amuado sozinho. Claro que podia ir ter com o Chava ou com o Mark, mas duvido; em toda a minha vida ao seu lado, nunca vi esta vulnerabilidade. Tenho sorte que ele tenha aparecido sem estar na defensiva. Quero ter a certeza de que fica.

Levanto -me da cama, assustando -o, penso. Mas os seus olhos deixam de parecer tão distantes quando me começa a acompanhar.

– Vamos ver um filme – declaro, mantendo o olhar no dele durante um instante, antes de ir buscar o comando da televisão à mesa de cabeceira.

Já tenho a minha conta Netflix ligada, porque vi um episódio de uma das minhas séries favoritas enquanto estava numa chamada de FaceTime com a Chantal. Por isso, quando carrego no botão de ligar e o ecrã ganha vida, é revelado o meu perfil e uma série de comédias românticas que o algoritmo presume eu que vá gostar. Mas, esta noite, não é para aí que vou.

– Ainda gostas de terror? – pergunto, olhando -o de relance.

A sua expressão já não é tão severa como antes, mas franze o sobrolho à minha pergunta.

– Lembras -te disso?

Gozo com ele, passando para a fila seguinte de sugestões.

– Se me lembro de me assustar sempre que tu e o Oakley tinham uma das vossas maratonas de filmes de terror? Sim, lembro -me.

O que digo fá -lo rir -se. É um riso seco, quase como se ele se tivesse esquecido de como emitir aquele som.

– Continuo a gostar, mas não te vou obrigar a ver o meu filme de terror preferido.

Escondo um sorriso. Ao menos, parece disposto a ficar por cá. Se a única coisa que consigo fazer é distraí -lo do que aconteceu hoje, ajudando -o a lembrar -se de que a vida é mais do que as corridas e as políticas que as acompanham, então considero -o um sucesso. Normalmente, é ele o raio de sol

que traz leveza à vida daqueles que se encontram na sua órbita. E merece o mesmo. É a vez dele de ser bem tratado.

– Por mim, tudo bem – volto a deitar -me na cama, certificando -me que fico perto de um dos lados para que haja espaço suficiente no caso de ele querer juntar -se a mim. – O que queres ver?

Endireitando -se lentamente, observa -me enquanto espero pela resposta.

– Tenho uma ideia – diz ele, por fim. – Mas tens de prometer que não contas a ninguém. Muito menos ao Chava. Ele nunca o iria esquecer.

Esfrego as mãos uma na outra como uma supervilã e sorrio.

– Uma coisa que nem o Chava conhece? Conta lá.

Com outra gargalhada, abana a cabeça e desvia o olhar, como se não conseguisse olhar -me nos olhos ao admiti -lo.

– Quando tenho um dia mesmo mau... vejo um filme de Bollywood.

Pestanejo, à espera da reviravolta. Quando ele não continua, franzo a sobrancelha.

– A sério? Estás a agir como se eu não soubesse que querias ser cantor de *playback* quando tinhas onze anos.

A sua atenção volta -se para mim. Com os olhos arregalados, aponta -me um dedo ameaçador.

– É melhor lebares isso para a cova.

– Juro por tudo – prometo, tentando não rir. – Mas, a sério, não me choca que seja a tua escolha para os dias maus. Quem é que não quer ver dramas exagerados e intervalos de danças quando não se está a sentir bem?

– É um pouco mais... específico do que isso – ele respira fundo, solta a respiração num ápice e depois confessa: – Normalmente, vejo o *Kal Ho Naa Ho*.

Não conheço muito cinema indiano, mas vi muito Bollywood quando era miúda, graças à tia Neha. Tenho quase a certeza de que ela emprestou todos os DVD da sua coleção à minha mãe, nas décadas em que são vizinhas. E há um filme que sempre se destacou mais do que os outros, porque foi o que me fez chorar durante horas depois de ter terminado.

– Desculpa – digo devagar, tentando combater a minha descrença. – O *Kal Ho Naa Ho* é o filme que te *reconforta*? Estás a falar a sério?

O Dev levanta a mão sem forças, mais uma vez a evitar o meu olhar.

– Sim.... É sobre termos orgulho em quem somos – nas nossas origens, de onde vimos – e vivermos a vida ao máximo, mesmo sabendo que podemos morrer a qualquer momento. Se isto não explica a minha vida... – ele não termina a frase e encolhe os ombros.

Está bem, percebo. Embora não estivesse à espera de uma resposta como esta.

– Estou a perceber. Mas esse filme fez -me chorar na única vez que o vi, por

isso não o vou ver esta noite. Dá -me outra opção.

Pressionando os lábios para um lado, ele examina a sala, depois volta a concentrar -se em mim, com uma pequena centelha de esperança acesa nos olhos.

– *Devdas?*

Quase me engasgo.

– Estás doido.

– *Dil Se?*

– É como se *quisesses* ficar triste!

Ele ri -se outra vez, mas desta vez é o som caloroso a que estou habituada.

– Está bem, está bem – cede ele. – Que tal o *Om Shanti Om*?

– Ah, estou a perceber – aceno com a cabeça, enquanto junto as peças do *puzzle* das suas escolhas cinematográficas. – O comum aqui não é a depressão, é o Shah Rukh Khan.

E lá está, o sorriso que me faz saltar o coração, mesmo ele sabendo que o melhor é não acontecer nada.

– Apanhaste -me. Não há como errar com o Rei Khan.

– Aceito o *Om Shanti Om* – pego de novo no comando e escrevo o título na caixa de pesquisa.

Quando passo o ponteiro pela imagem que representa uma cena popular do filme, tento a minha sorte e dou uma palmadinha no lado vazio da cama *king -size*, num convite direto. – Vem cá. Não quero que tenhas de esticar o pescoço para ver o ecrã. O Mark mata -me se lesionares um músculo.

O comentário é casual, mas ambos sabemos que abusa dos limites da nossa amizade, mesmo com tanto espaço e uma montanha de almofadas entre nós. Convicta de que ele ia recusar e, ao invés, arrastar a cadeira, engulo em seco surpreendida quando se levanta e se dirige para a cama. Sobe com cuidado para o colchão, um joelho, depois o outro, e agarra numa das muitas almofadas, pousando-a entre nós e descansando um cotovelo em cima dela como se fosse um apoio de braço, enquanto se apoia na cabeceira da cama.

Nos últimos dias, perdi a conta à quantidade de vezes que nos abraçámos, cumprimentámos ou estivemos ombro com ombro sentados em reuniões, por isso não devia estar a suar por causa da ideia de ele estar a quase meio metro de mim. Mas isto parece -me íntimo. Estamos sozinhos, e literalmente juntos na cama, mesmo que não estejamos perto de nos tocarmos. O quarto está pouco iluminado pelo candeeiro de mesa e o zumbido suave do ar condicionado é o único som, por isso, o ambiente também não ajuda.

Assim que ele se acomoda, solto um suspiro e deito -me no meu lado da cama. Vou fingir que isto é normal, mesmo que esteja longe de o ser.

– Pronto? – pergunto, levantando o comando. Mas, antes de poder carregar no *play*, deixo cair o braço outra vez e sento -me direita. – Espera aí.

Atiro -lhe o comando e corro para a minha caixa de aperitivos na cómoda.

– Há pouco, fui comprar comida – explico, com dois sacos de batatas fritas.

– Não podemos vir ao Canadá e não ter batatas *all -dressed* e de *ketchup*. Escolhe o teu veneno.

Ele bate com um dedo nos lábios, olhando para um saco e depois para o outro.

– Dividimos?

– Gosto da tua maneira de pensar. – Entrego -lhe primeiro as de *ketchup* e volto para o meu lado da cama. O Dev começa o filme enquanto abro o meu saco e suspiro satisfeita com a primeira dentada salgada. Quando os créditos de abertura terminam já comi algumas, e demoro -me algum tempo a perceber que não consigo entender uma palavra dos diálogos.

– Dev, preciso de legendas – lembro -o, olhando para o lugar onde ele se instalou, com as batatas fritas e o comando na barriga.

– Oh, merda. Pois, claro – esforça -se para as ligar, enviando -me um sorriso torto e apoloético. – Esqueci -me de que nem toda a gente foi obrigada a andar numa escola hindu.

– Podes não ter gostado, mas tenho inveja que fales três línguas – resmungo, enfiando outra vez a mão no saco das batatas fritas.

– Cinco, na verdade – diz ele, casualmente, com o olhar pregado na televisão enquanto o Shah Rukh Khan entra no ecrã. – Aprendi francês e italiano quando me mudei para a Europa. Tornou a comunicação no *paddock* mais fácil. É um bocado chato esperar que toda a gente saiba falar inglês na perfeição.

Olho para ele, sem ler a tradução no ecrã. Se pensava que não podia ficar mais impressionada com o Dev Anderson, aqui está ele a provar que estou errada... e a fazer com que mais borboletas se espalhem pela minha barriga.

– Eu odeio -te um bocadinho – provoco. – Para de ser bom em tantas coisas. Guarda alguns feitos impressionantes para os outros.

O Dev ri -se. O som é familiar e genuíno, e soou tão leve agora que me pergunto se o homem que aqui entrou é o mesmo que está deitado ao meu lado.

– Tu também és boa em muitas coisas – diz ele, encontrando os meus olhos através do abismo de roupa de cama que nos separa. – Nunca te menosprezes, Willow.

■ ■ ■

No intervalo – adoro Bollywood – levanto -me para me esticar enquanto o Dev vai buscar bebidas à máquina de venda automática no fundo do corredor.

Já nos livrámos da estranheza inicial e voltámos aos nossos velhos hábitos.

Enchi -o de gomas enquanto ele cantava *Ajab Si* como se fosse eu a pessoa por quem estava a confessar os seus sentimentos. Soltámos sons de desagrado para o ecrã sempre que o Mukesh aparecia. O Dev até prometeu mandar recriar para mim todos os fatos que a Deepika Padukone usou, depois de eu os ter elogiado pelo menos meia dúzia de vezes, provavelmente só para me calar.

Estamos no nosso mundinho, onde nada que esteja fora deste quarto de hotel ou que não esteja relacionado com esta obra -prima cinematográfica tola importa. Espero que seja um alívio para ele, uma oportunidade de retomar e de se livrar de toda a porcaria que esta semana lhe trouxe, porque amanhã é um novo dia e não quero que essas preocupações o acompanhem. Não posso livrar -me delas por completo, mas *posso* tornar as coisas um pouco mais leves, mesmo que seja somente com um filme e comida processada que ele provavelmente não devia estar a consumir.

A fechadura faz um clique e o Dev volta a entrar. Mas em vez de descalçar os sapatos e voltar para a cama, coloca as águas e o meu cartão de acesso na mesa de apoio pequena e passa uma mão pelo cabelo.

– Acabei de me aperceber das horas que são – diz ele, com o queixo encolhido e a expressão menos descontraída do que antes.

Dirijo -me para a entrada e paro a uns centímetros de onde ele segura a porta com o pé.

– É melhor ir deitar -me – acrescenta. – Amanhã temos de sair muito cedo.

– Oh – não quero parecer desiludida, mas a palavra sai -me assim. Abanando a cabeça, forço o meu tom a soar mais leve. – Sim, tens razão. E ainda tenho de fazer as malas, portanto...

– Acabamos o filme noutra altura – pelo sorriso tranquilizante que me dá, sei que é uma promessa. – Tens a certeza de que queres vir a Dallas na semana anterior a irmos para a Áustria? Se quiseses voltar a Nova Iorque, o Chava pode alterar o teu bilhete.

Abano a cabeça. Temos de estar na Europa dentro de uma semana para a próxima corrida, e se o Dev planeia passar o tempo entre as sedes, então eu também. Estarmos separados não é favorável à criação de conteúdo e, como vamos estar na fábrica, vou ter a oportunidade de falar com os trabalhadores da Argonaut. É a oportunidade perfeita para elaborar a publicação de agradecimento do Dev, que continua a ser útil independentemente da estratégia que adotarmos.

– Continuo a estar de acordo – tranquilizo -o. – Então, vemo -nos de manhã?

Ele acena com a cabeça, segurando a porta aberta agora com a mão, afastando -se devagar.

– O carro para o aeroporto parte às nove.

– Parece -me bem.

Há um momento de silêncio, como se nenhum de nós soubesse como terminar a conversa. Eu não quero mesmo que ele se vá embora. Será que ele sente o mesmo?

– Pronto – diz ele por fim, dando um passo decisivo para trás.

Agarro na porta para o poder ver sair e para me agarrar a estes últimos segundos juntos. Voltamos a encontrar -nos de manhã, de certeza, mas quero mais antes que se desvaneça.

O Dev está meio virado para mim quando a sua cabeça volta atrás, os olhos subitamente brilhantes.

– Uma última coisa.

Agarro a porta com um bocado mais de força. As borboletas voltaram em grande.

– Sim?

– Quais são os melhores abdominais, os meus ou os do SRK no *Dard -e - Disco*?

A pergunta inesperada arranca -me uma gargalhada. Nem sequer consigo fingir que não acho piada.

– Para de tentar receber elogios – repreendo -o. Porque os abdominais do Dev *são* melhores. E isso significa alguma coisa.

O sorriso dele ocupa -lhe praticamente a cara toda.

– Boa noite, Willow – diz ele.

– Boa noite, Dev.

Ele enfia as mãos nos bolsos das calças de ganga e sai, com os ombros para trás e o queixo levantado.

Este é o Dev que eu conheço, confiante e contente. O desânimo que o seguia previamente evaporou -se.

Quando estou a fechar a porta, um movimento ao fundo do corredor chama a minha atenção. É o Mark, a esgueirar -se de volta para o seu próprio quarto, mas não sem antes lançar um olhar penetrante ao homem que vai na sua direção. O Dev não fala com ele, mas aquilo faz -me franzir o sobrolho.

Porque desconfio que foi ele quem fez com que o Dev se quisesse ir embora.

¹² A *box* é o local reservado para cada equipa em competição numa prova de automobilismo montar a oficina de apoio aos carros de corridas e aos pilotos. (N. da T.)

¹³ Com sabor a vários molhos. (N. da T.)



Capítulo 16

Dev

A minha miúda está encantada com o Reid Coleman.

Tecnicamente, a Willow não é a minha miúda. E *okay*, sim, *toda a gente* no avião está encantada com o Reid, as suas aventuras e o seu sotaque sulista. Mas o meu ponto permanece o mesmo. O rapaz está na minha lista negra até que os corações desapareçam dos olhos da Willow.

O calor opressivo do Texas não ajuda a queimar os ciúmes enquanto o Chava, o Mark, a Willow e eu atravessamos o asfalto até ao SUV que nos espera. O Mark está ao meu lado, enquanto o Chava e a Willow caminham à nossa frente, a recontar a história de paraquedismo do Reid e a agir como duas fãs obcecadas.

– Já me perdoaste?

Olho de relance para o Mark, erguendo a minha mala de viagem ao ombro.

– Não tenho nada a perdoar.

– Ambos sabemos que isso não é verdade.

– Podemos fingir que é.

Ele suspira e mantém a voz baixa.

– Só estou a tentar manter -te focado.

– Não estou distraído – respondo, mas isso não alivia o mau -humor do Mark.

Ele preocupa -se comigo, é o trabalho dele, mas também é porque é um bom amigo. Geralmente, isso não me incomoda, porque noventa e nove por cento das vezes ele tem razão e eu preciso de ser guiado de volta ao caminho certo. Mas os avisos dele contra a Willow e a forma como quase me arrastou para longe dela ontem à noite não me estão a agradar.

– Ouve, foi um dia difícil. Ela só me queria animar – explico, mas quando sou atingido pelas possíveis suposições dessas palavras, elaboro antes que ele possa tirar conclusões precipitadas.

– Tudo o que fizemos foi ver um filme. E, sendo sincero? Ajudou. Ela... – calo -me, numa luta para encontrar uma maneira de o fazer compreender a leveza que a Willow traz à minha vida. A forma como afasta as nuvens que pairam sobre a minha cabeça com o seu brilho tão puro. – Ela salvou -me.

O Mark semicerra os olhos como um aviso.

– É um grande elogio só para uma pessoa.

Se calhar, é. Ou talvez não seja o suficiente. Porque ela afastou -me do buraco negro onde podia ter caído ontem à noite, e a presença dela agora é o que me impede de pensar em como me sinto preso à Argonaut. Estamos prestes a entrar no covil que é a sede da minha equipa, mas sabendo que ela também lá vai estar? Não tenho medo.

Submerso no som do seu riso, mantenho os olhos nos seus caracóis saltitantes.

– Ela merece.

■ ■ ■

A semana em Dallas passa rapidamente em reuniões, sessões no ginásio extralongas e horas passadas no simulador. Quando chegamos ao avião para a Áustria, tenho a certeza de que conseguia conduzir no circuito de olhos fechados. Estou pronto para lutar outra vez.

Resta saber se a Argonaut me permite fazê -lo.

– Muito bem, está na hora da atualização semanal – anuncia a Willow, assim que o avião atinge os três mil metros e nos é permitido ligar os aparelhos eletrónicos.

Ela tira o portátil da mala que tem aos pés e abre -o. Quando o ecrã se liga, aparece uma apresentação. A rapariga está preparada.

Ultimamente, não temos passado muito tempo juntos, tirando às refeições. Temos estado demasiado ocupados com as nossas próprias responsabilidades para muito mais do que cumprimentos passageiros e fotografias tiradas apressadamente. Sentarmo -nos um ao lado do outro, em primeira classe, num voo comercial é uma bênção. Mas o aviso do Mark para me manter afastado dela ocupa -me a cabeça quando ela pigarreia e se prepara para começar a sua apresentação.

A Willow merece usar estas capacidades numa escala superior, trabalhar para uma equipa que valorize a sua dedicação e talento. Não quero tirar -lhe essa oportunidade. Por isso, em vez de me inclinar como queria, aceno com a cabeça e deixo que ela vire o ecrã na minha direção.

– Os seguidores aumentaram em média nove por cento em todas as redes sociais – começa ela. O primeiro diapositivo mostra os gráficos de crescimento dos seguidores e do envolvimento.

Depois de eu ter dado uma vista de olhos, ela passa para o seguinte. Este está cheio de logótipos das marcas de empresas com as quais teria todo o gosto em trabalhar.

– O Howard preparou duas novas parcerias para ti. Tenho imensas

anotações para cada uma delas, se as quiseses rever mais tarde. Vamos certificar -nos de que são boas parcerias.

– Quão insuportável foi o meu agente quando falaste com ele? – pergunto -lhe a brincar. Ela lança -me um olhar.

– Deveras.

– Confere – aponto para o ecrã do computador, fazendo -lhe sinal para que continue.

– Muito bem, podes esquecer esta ideia se achares que é demasiado cedo – começa ela – mas as anfitriãs deste *podcast* gostavam de te entrevistar. Ouvi quase todos os episódios que gravaram até agora, e estas mulheres sabem mesmo o que fazem. Também são hilariantes e estão a ganhar um grande destaque.

Ergo uma sobrancelha, surpreso. Ela fez tudo isto antes de saber se eu estava interessado?

– Ouviste todos os episódios?

– Quase – corrige ela. – Fiz a devida diligência. E ouvi outros programas focados na F1 para ver se seriam mais adequados, mas acho que este é o melhor.

– Meu Deus, estou tão impressionado contigo.

As palavras escapam -me da boca antes de as conseguir travar, mas mesmo quando um rubor lhe sobe ao pescoço, não as retiro. Ela merece este elogio e muito mais.

– Obrigada – murmura ela, mantendo os olhos fixos no portátil enquanto passa para o diapositivo seguinte. – De qualquer forma, vou pedir ao Chava para agendar tudo. Depois, há...

Enquanto ela continua, tento concentrar -me no ecrã e não na sua cara bonita e corada. Sempre que ela faz uma sugestão, eu concordo. Ela sabe o que é melhor. Isso é óbvio. Eu só a acompanho.

– Muito bem, vou organizar -me com toda a gente e guardar tudo no calendário e na tua agenda – diz ela, radiante, depois de ter tocado no último diapositivo.

Tenho de resistir ao impulso de percorrer a curva do seu sorriso, porque isso é algo que um chefe nunca deve fazer. Mas a tentação está lá, e quanto mais tempo passar ao pé dela, mais difícil se vai tornar.

Se calhar, o Mark tinha razão. Talvez devesse deixá -la partir. Pela minha sanidade mental e pela reputação dela.

Só que a lucidez desaparece numa nuvem de fumo quando ela aperta a minha mão, e a sua excitação é palpável. É um toque breve, totalmente inocente. Somente uma manifestação de como está feliz por trabalhar com tudo isto. Duvido que ela tenha pensado duas vezes sobre o assunto.

Com aquela expressão satisfeita ainda na cara, ela guarda o portátil e pega

no pequeno caderno, depois enrosca -se na sua cadeira extralarga. Rabisca na página, com o lábio inferior preso entre os dentes enquanto se concentra. É nesse momento que sei que estou apanhadinho. Não a deixo partir para lado nenhum que não seja perto de mim.

Pelo menos, não até o verão acabar e o nosso tempo juntos terminar.

Sabe -se lá como é que eu a vou deixar ir -se embora outra vez.

■ ■ ■

O domingo chega com um céu azul e um sol tão brilhante como a minha disposição. Sinto mais uma vez que nada me pode parar. É um alívio desejado do peso que me tem estado a empurrar para baixo.

Os treinos de sexta -feira decorreram sem problemas e ontem qualifiquei -me em décimo primeiro lugar. Para aumentar o meu ânimo, o Nathaniel classificou -se em décimo sétimo, por isso é improvável que as ordens da equipa afetem a minha corrida. Não me podem dizer para ficar atrás dele se já estou a quilómetros de distância à frente.

Evito -o quando todos os pilotos se juntam na parte de trás de um camião de caixa aberta modificado, no qual vamos andar para o desfile dos pilotos. Cumprimento o Thomas Maxwell-Brown com um sorriso e uma palmadinha no ombro, metendo -me com ele por causa das fotos idiotas de um iate que ele publicou na semana passada. O tipo é mais elegante do que a realeza britânica... de que, na verdade, até podia fazer parte, se a sua linhagem fosse antiga o suficiente.

Tinha acabado de subir para o camião quando o Zaid Yousef levanta o queixo, fazendo -me sinal para o lugar livre junto ao corrimão, ao lado dele – e longe dos jornalistas. Fico estático por um segundo, antes de forçar os meus pés a mexerem -se.

É ridículo, mas ainda fico impressionado quando vejo o Zaid. É, literalmente, somente um tipo contra quem corro há anos, mas é um deus aos meus olhos desde que eu era miúdo. Com sete títulos de campeão no currículo e um número quase infinito de recordes batidos, é facilmente o maior de todos os tempos. E como um homem de pele morena – o tipo de moreno do Médio Oriente comparado com o meu moreno sul -asiático – mostrou -me que era possível pessoas com a nossa aparência atingirem os mais altos níveis no automobilismo.

– Estás bem? – pergunta -me ele depois de nos cumprimentarmos com um toque de mãos. O seu sotaque inglês é um pouco mais classe operária do que o do Thomas.

– Não me posso queixar – respondo, tentando fazer -me de desentendido. Estou, sem sombra de dúvida, a falhar.

– Como está a tua mãe?

Outra coisa sobre o Zaid, ele lembra -se dos pormenores mais exíguos. Conversou *uma vez* com a minha mãe e ainda hoje pergunta por ela.

– Está bem. Ainda não consegui que deixasse de trabalhar, embora já não precise de o fazer.

O Zaid lança -me um sorriso caloroso e empático.

– A minha é igual. Prefere morrer a deixar que seja outra pessoa a gerir a loja da família.

Conversamos enquanto o camião começa a dar a volta ao circuito para os fãs nos verem, mas sou empurrado para longe por um operador de câmara quando os entrevistadores se aproximam para perguntar ao Zaid acerca das suas hipóteses de conquistar o oitavo título de campeão.

Há um lugar vago ao lado do Reid, por isso, faço o meu caminho até lá.

– Mais uma vez, obrigado pelo voo para Dallas – cumprimento -o. – Como foi o teu regresso a casa?

– Foi uma pausa agradável – apoia o cotovelo no meu ombro enquanto acena para a multidão. – Mesmo que a minha avó tenha passado a semana a chatear -me por não ir a casa o suficiente.

Rio -me e aceno também, a absorver a excitação da multidão.

– Diz à Dottie que tenho saudades da tarte de maçã dela.

– Vou dizer – bufa. – Por falar em Texas e tarte de maçã, tens planos para o 4 de julho?

– Não, para além do que a Argonaut estiver a fazer – não vou a casa celebrar, tendo em conta que é daqui a dois dias e o próximo Grande Prémio em Silverstone é somente alguns dias depois disso. – Vou diretamente para Londres de manhã, para me preparar para aquele espetáculo merdoso. E tu?

– Então, vais ao jantar? – pergunta ele. – Ainda não decidi se sou corajoso o suficiente para aparecer, mas com certeza não quero ir sozinho.

– Oh, estás a falar da festa foleira da Argonaut? – apetece -me revirar os olhos só de pensar nisso. Vai ser uma festa para ofender a Inglaterra... no meio de Londres. – Sim, eles dão cabo de mim se não comparecer. Por favor, vem sofrer comigo.

O Reid abana a cabeça, ainda a observar a multidão.

– Não, estou a falar do jantar do Buck antes disso. Vão ser poucas pessoas, não é? Ele disse que seriam somente os atletas principais, mas não sei se quero estar na presença desse tipo mais tempo do que o necessário.

Sinto frio na barriga e franzo o sobrolho, a observar o seu perfil.

– Estás a falar de quê?

O Reid para de acenar e olha para mim, com as sobrancelhas franzidas. As câmaras estão a captar isto tudo, mas pelo menos não conseguem ouvir o que estamos a dizer.

– Tu não sabes?

– Não. Não sei.

Não me surpreende que o Buck esteja a organizar mais alguma coisa, mas *surpreende* -me que seja a primeira vez que ouço falar disso, e que ele tenha convidado um piloto rival.

Nesta momento, a minha barriga está congelada. É óbvio que o Buck me quer fora da equipa, mas duvido que o Reid me substitua. Não o consigo imaginar a sair da D'Ambrosi. Está feliz na Scuderia e tem lutado pelo terceiro lugar no pódio durante o ano inteiro. Não iria abdicar disso para conduzir numa equipa medíocre que não tem uma vitória há séculos.

Mas se o Buck lhe oferecer dinheiro suficiente para que a mudança valha a pena, estou lixado.

Porque o Reid é o piloto americano que a sempre americana Argonaut quer.

Tenho de me esforçar para manter um sorriso no rosto, para evitar que as câmaras captem o tumulto que sinto. Também não quero que o Reid se aperceba.

– Foste convidado por causa do acordo técnico? – sugiro, em tom de brincadeira. – Tenho a certeza de que a D'Ambrosi pensa que, uma vez que fabrica os nossos motores, também pode aparecer nas festas todas.

– Sim – diz o Reid, mas não me anima. – Tenho a certeza de que deve ser isso.

■ ■ ■

Tenho o estômago embrulhado quando chego ao meu lugar na grelha, mas a náusea mistura -se com uma raiva intensa.

O motor ronca enquanto flexiono os meus dedos à volta do volante. Mantive a cabeça baixa e evitei toda a gente, à exceção dos meus engenheiros, depois de sair do camião com os pilotos, sem querer perder o ardor crescente no meu peito. Agora, está totalmente em chamas.

O meu coração abranda quando as luzes vermelhas se acendem uma a uma, e estremece quando se apagam. Saio reto da linha de partida e ultrapasso de imediato dois carros. Quando chegamos à primeira curva, estou em nono lugar. Mantenho a vantagem por dentro, ficando atrás de um McMorris e colando -me à sua asa traseira. A distância aumenta ligeiramente com o decorrer das voltas, mas vou conseguir ultrapassá -lo em breve se me esforçar um pouco mais.

O Branny é como um mosquito a zumbir -me ao ouvido. Ignoro tudo, exceto o que é importante, dando respostas curtas quando necessário. Normalmente, temos uma relação boa, mas hoje não. Não depois de descobrir

que conspiram contra mim mesmo debaixo do meu nariz.

Na vigésima terceira volta estou à frente do McMorris e o carro está a corresponder. Os pneus estão a aguentar -se bem, o equilíbrio é o melhor que consigo e estou a usar toda a potência disponível.

Conduzo para provar alguma coisa. Quer seja à Argonaut ou a outra equipa, estou determinado a mostrar aquilo de que sou capaz, o porquê de merecer estar aqui. Há uma razão para ter sido o *rookie* do ano em que me estreei. Há uma razão para os patrocinadores se terem associado a mim desde o início. Há uma razão para ter vencido centenas de outros pilotos até chegar à F1. Estou aqui porque lutei para cá chegar. E vou continuar a lutar.

Continuo, determinado a reduzir a distância entre o carro à minha frente e o meu. Estou prestes a perguntar ao Branny qual é o tempo de intervalo, quando ele comunica pelo rádio.

– Há algo de errado com o carro – diz ele. – Temos de o encostar. Ablanda e dirige -te à *box*. Repito, ablanda e dirige -te à *box*.

Fico atordoado e em silêncio. O carro parece tão perfeito como qualquer outro da Argonaut.

– Qual é o problema? – pergunto. – Não sinto nada de errado.

– Há um problema – repete o Branny, embora sem avançar pormenores. Talvez não queira que os nossos concorrentes saibam, mas eu estou a conduzir esta merda. Podia pelo menos dar -me uma pista para que eu pudesse ajudar a avaliar a situação.

– Diz -me – exijo, enervado.

Mas, mais uma vez, não me esclarece.

– Não podemos arriscar – diz ele. – *Box, box*.

Não me interessa que o mundo consiga ouvir -me a praguejar pelo rádio. Não me interessa que quase ultrapasse o limite de velocidade das *boxes* ao guiar o carro para dentro. Não me interessa que o meu capacete caia com um barulho horrível no cimento dentro da garagem enquanto os engenheiros e os mecânicos se apressam.

A ferver da cabeça aos pés, cerro os dentes para não dizer algo de que me vou arrepender a alguém que não o merece. Com o queixo encostado ao peito, desvio -me dos corpos determinados a parar -me para discutir a situação. Mas, neste momento, não consigo. Não consigo. Não consigo ouvir as desculpas.

À exceção do Sturgill, o diretor da equipa, que se interpõe entre mim e o corredor que conduz à saída da garagem, não me dando outra alternativa senão passar por ele. Preparo -me para o contornar, para evitar as tretas que me vai dizer, mas assim que dou um passo ao seu lado, a sua mão sobe e agarra -me o braço.

Estou prestes a rosnar -lhe para me largar, mas fico tenso perante o seu olhar inquietado. A cautela. A preocupação sombria. Por isso, deixo -o

aproximar -se. Quando estamos mais perto, ele pousa a boca junto ao meu ouvido, não se atrevendo a ser escutado.

O seu hálito é quente na minha pele, mas arrepio -me quando ele fala.

– Não havia nada de errado com o carro – murmura ele. – A ordem veio do Buck.



Capítulo 17

Willow

Assim que o Dev entra na garagem, vou na direção dele.

Arranco os auscultadores e atiro -os para a primeira superfície disponível, focando -me em ir ter com ele sem pensar duas vezes. Nem mesmo a dor que sinto nas ancas, por ter estado sentada em cadeiras duras e ter passado horas em pé, consegue parar -me.

O Mark, contudo, tenta.

Agarra -me no braço, fazendo -me tropeçar e parar. Puxo os ombros para trás, levantando a cabeça e fazendo -lhe uma careta. Temos os dois sorte por ele não ter puxado com força suficiente para causar algum dano.

Antes que possa abrir a boca para o repreender, ele abana a cabeça.

– Deixa -o em paz – as palavras soam baixas mas firmes e indicam que há pouca margem para eu argumentar. É uma pena que seja mesmo isso que pretendo fazer.

– Acho que vou arriscar.

Sou igualmente firme, pressionando o seu olhar até ele reduzir devagar o aperto. Relutantemente, observa a minha cara, e as pontas dos seus dedos roçam a parte de trás do meu braço quando, por fim, se afastam.

Ignoro a forma como chama o meu nome como um aviso enquanto me afasto, dirigindo -me para onde o Dev desapareceu pelas traseiras da garagem. Não sou rápida o suficiente para o apanhar, mas acho que sei para onde vai.

A porta da sala de piloto do Dev está fechada quando a alcanço. Bato, mas não espero pela resposta antes de entrar e fechar a porta atrás de mim.

O Dev está do outro lado da sala pequena, de cabeça baixa, com os dedos enterrados no cabelo, a andar de um lado para o outro. Os ombros estão tensos sob a camisa à prova de fogo, como se mal estivesse a conter a vontade de soltar as mãos e bater em alguma coisa. O fato de corrida aberto esvoaça à volta das ancas quando ele se vira ao ouvir o som da porta a fechar -se, e o meu coração parte -se com a dor no seu rosto.

Fico no meu lugar. Se ele me pedir para sair, eu saio, sem perguntas. Mas até isso acontecer, vou ficar aqui. Ele não devia ter de lidar com isto sozinho.

Ninguém gosta de abandonar uma corrida antes da hora, mas tendo em

conta a sua reação, isto não é *apenas* um DNF. Há algo mais em jogo.

– Tenho de sair desta equipa – declara, com a voz a quebrar -se na última palavra. Por fim, deixa cair as mãos e fecha -as em punhos ao lado do corpo, com o cabelo despenteado. O calor da sua raiva tornou -se frio. – Não posso ficar aqui enquanto me sabotam uma e outra vez. Estou a desperdiçar a merda da minha carreira.

Mantenho -me calada. Ele precisa de desabafar antes que isto o coma vivo. O Dev pensa sempre positivo. É um homem que aceita sempre tudo. Mas, pela primeira vez, está a deixar transparecer a sua verdadeira frustração.

– Não havia nada de errado com o carro – continua ele, a falar apressadamente. – O Sturgill disse que a ordem para me retirar veio diretamente do Buck. Ele armou -me uma cilada. O idiota lixou -me para que eu deixasse de envergonhar o filho dele, e para que eu parecesse menos apelativo a qualquer outra equipa que pudesse estar interessada em mim – resmunga com desgosto e abana a cabeça, com o cabelo húmido a cair -lhe pela testa. – Tenho de me ir embora daqui. Antes que me descartem primeiro.

Porque lhe fariam isto? Não faz sentido. O Dev é um piloto fantástico. Marca pontos consistentemente, impedindo que a equipa seja aniquilada por completo no Campeonato de Construtores, por isso, por que iriam querer arruinar as hipóteses de ele ser bem -sucedido? Saem também prejudicados.

– Não tens ainda um ano de contrato? – pergunto. – Eles não têm de o honrar?

O Dev bufa e abana a cabeça, voltando a andar de um lado para o outro.

– O contrato não quer dizer nada. Já vi tipos a serem pagos pela saída e depois nunca mais conduziram. Não quero que me aconteça isso. Não pode acontecer. Não vou deixar.

Começa a ficar agitado outra vez, como um tigre numa jaula demasiado pequena. A Argonaut está a prejudicá -lo, e é a primeira vez que o vejo perder a cabeça por causa disso. Mas tenho a certeza de que não é a primeira vez que acontece.

Não cheguei a falar -lhe sobre a mudança de direção da sua imagem pública, mas se vai deixar a Argonaut vai precisar de toda a ajuda possível para encontrar outra equipa e permanecer na F1.

– Se me vão foder, talvez deva fazer -lhes o mesmo – divaga o Dev, parando de novo no centro da sala. Ele está a olhar para mim, mas é como se não me visse. – Bater com o carro todos os treinos, qualificações e corridas para que eles tenham de gastar uma pipa de massa a consertá -lo. Íamos ser constantemente penalizados por causa de todas as alterações. Era um desastre para toda a gente, não só para mim.

Esta reação, ponderar sabotar tudo aquilo pelo qual trabalhou, é extrema. Mas está zangado e a agir de acordo com isso, e não o posso culpar.

Querendo poder fazer mais para o acalmar, digo -lhe, devagar:

– Não vais fazer nada disso, Dev.

Ele pestaneja rapidamente, como se se apercebesse pela primeira vez de que estou aqui. Depois, os seus ombros descaem e os olhos fecham -se enquanto se recompõe. Quando os abre de novo, já não estou a falar com o predador enjaulado. O meu Dev está de volta, mesmo que lhe falte aquela luz radiante.

– Willow – suspira ele, abrindo os punhos. – Peço desculpa. Não devia ter dito nada daquilo. Não quis dizê -lo. Eu só... – cala -se, passando outra vez a mão pelo cabelo antes de abanar a cabeça com uma risada triste e curta. – Porra, já não sei o que devo fazer.

Afundo os dentes no meu lábio inferior, enquanto penso em como gostava de poder oferecer-lhe outra solução para além da que já temos em marcha.

– Até as equipas deixarem de me ver como um risco – continua o Dev, com a derrota a infiltrar -se na voz – ninguém me vai querer.

Sinto uma dor no peito com a sua confissão. Parece uma impossibilidade que nenhuma das equipas queira o Dev. Talvez a sua reputação não seja espetacular neste momento, embora esteja a melhorar de dia para dia, mas as suas corridas falam por si. Lutou com unhas e dentes por cada ponto que marcou com a Argonaut. Não é preciso ser -se um engenheiro ou um físico para saber que a maquinaria com que trabalha não está ao nível da Mascort ou da Specter Energy, mas os seus tempos de qualificação raramente estão a mais de um segundo do ritmo do líder. E nove em cada dez vezes, supera o seu privilegiado companheiro de equipa. A dedicação dele é óbvia, e uma pessoa teria de ser completamente ignorante para não reparar na sua vontade de subir cada vez mais. Ele tem tudo o que é preciso para ser campeão, exceto uma equipa que possa – ou queira – fazer dele um.

E sim, ele está a falar da sua carreira nas corridas, mas gostava de lhe poder dizer o quanto os amigos, a família e os fãs o amam e o querem ver bem. O quanto *eu* o quero.

– Estamos a trabalhar nisso – declaro. Estou desejosa de me aproximar e de o agarrar pelos ombros, para o fazer entender o meu ponto de vista. Mas não o faço. É melhor manter a distância quando as emoções estão à flor da pele. – As coisas estão a começar a melhorar. O Howard sabe que queres sair?

O Dev acena com a cabeça e respira lentamente, como se estivesse a controlar os seus sentimentos para se poder concentrar num pensamento lógico.

– Eu disse -lhe para pôr as mãos à obra, mas ele não me deu nenhuma pista em concreto. Está sempre a dizer -me para ficar aqui, para dar o meu melhor para que as minhas hipóteses sejam maiores quando o meu contrato estiver quase a terminar. Mas como é que posso esperar que as minhas hipóteses

melhorem se a Argonaut nem sequer me deixa competir?

A sua compostura quebra -se outra vez, a expressão distorce -se com raiva e tristeza. A Argonaut tem os sonhos dele na mão e pode esmagá -los à vontade. Raios, já os estão a moer, e com força.

Não consigo continuar a resistir. Dou alguns passos acelerados na sua direção, só parando quando estamos frente a frente e as palmas das minhas mãos estão abertas no seu peito. O coração dele está acelerado, a bater -lhe contra as costelas. Estou a ultrapassar os limites, neste momento, mas ele precisa de saber que vai ultrapassar isto. E que estou do lado dele.

– Ei – insisto, enquanto lhe observo o rosto, reparando que o ressentimento na sua expressão se desvanece um pouco. – Vai correr tudo bem. Vamos fazer com que ultrapasses esta situação e vais assinar contrato com uma equipa que te valorize. Pode não ser amanhã, nem no próximo mês, nem no final desta época, mas vais conseguir o que queres – engulo a emoção que começa a surgir. – Está bem? Eu sei que sim. E vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para o garantir.

Deslizo as mãos pelas suas costas e subo até às omoplatas, depois abraço -o com força, com a minha bochecha encostada ao seu peito. Sinto -o tenso nos meus braços, com os seus ainda caídos ao lado do corpo e, por um momento, entro em pânico, preocupada com o facto de ter feito a coisa errada. Estou a testar os limites da nossa amizade, da nossa relação profissional, mas como é que o posso deixar sem conforto quando é evidente que ele precisa disso?

Começo a aliviar o aperto, pronta para me render e afastar, quando ele envolve gentilmente os meus ombros com os braços. Deixa cair a testa no topo da minha cabeça, envolvendo -me repentinamente no seu abraço. Já abracei o Dev inúmeras vezes, desde apertos apressados somente com um braço, até abraços de urso, mas há algo muito diferente na maneira como me está a segurar – como se pudesse partir -se, caso me soltasse.

Abraçando -o com a mesma intensidade, fecho os olhos e respiro -o. Não me interessa que esteja suado e cheire ligeiramente a gasolina. Só quero aproximar -me ainda mais e ficar aqui para sempre. Encaixamos na perfeição, como se eu sempre tivesse estado destinada a ser abraçada por ele.

Ele suspira com força contra o meu cabelo e murmura:

– Desculpa – mas não levanta a cabeça. – Eu sei que não foi para isto que vieste. Devias estar a publicar fotografias parvas de mim, não a afastar -me do precipício.

– Não quero saber – respondo, com a voz abafada pela camisa dele. – Tens o direito de estar chateado. Porque isto é mesmo merdoso.

O peito dele vibra sob a minha bochecha e ele ri -se.

– Ouvir -te dizer asneiras continua a ser tão emocionante.

– Cala -te – aperto -o com mais força durante outro segundo, antes de, por

fim, me convencer a largá -lo. Temo que, se não o fizer agora, nunca o irei fazer.

Tem um meio -sorriso exausto quando me afasto o suficiente para olhar para ele, e deixo as mãos pousarem nos seus peitorais, a absorver o seu calor. Depois, com uma respiração lenta, obrigo-me a soltá -las.

– Obrigado por me deixares desabafar – diz ele. – E por me teres dissuadido de destruir um carro de vários milhões de euros.

Rio -me e abano a cabeça, mas estou a conter um sorriso e o maior caleidoscópio de borboletas que a minha barriga alguma vez enfrentou.

– Não acredito que me deixaste ver -te a ser menos do que perfeito.

– Às vezes acontece.

A voz é calorosa, mas a intensidade nos seus olhos enche -me de fervura. Tenho de desviar o olhar. Caso contrário, fico tentada a cometer outro erro.

– Queres terminar de ver *o Om Shanti Om* esta noite? – pergunta ele, graças a Deus virando -se para ir buscar uma toalha à prateleira. Esfrega -a na cara, limpando aquele olhar. – Era fixe se me pudesse rir. E, durante algum tempo, gostava de perder -me no drama de outra pessoa.

Com toda a certeza do mundo, quero passar a noite com ele, mas a lógica rapidamente vence.

– O Mark vai voltar a perseguir -te? – pergunto, sarcasticamente.

Ele bufá e atira a toalha para o lado, numa confirmação do que já suspeitava. O Mark foi a razão pela qual o Dev se foi embora do meu quarto tão repentinamente na semana passada.

– Temos de ver – diz ele, tirando uma garrafa de água da mesa e abrindo a tampa. – Pode nem sequer me deixar sair depois do meu recolher obrigatório.

Mordo o interior da minha bochecha para me distrair da dorzinha que sinto. Vou até ao sofá estreito, sento -me e aproximo os joelhos ao peito.

– Eu sei que o Mark não gosta muito de mim – digo. Guardo este pensamento desde sempre. Mas se o Dev me ensinou alguma coisa hoje, é que o melhor é deitar as mágoas para fora, ao invés de as guardar. – Mas entendo o motivo.

– O quê? – diz, a observar a minha cara com descrença. – Isso não é verdade.

Solto uma gargalhada breve e abano a cabeça, desviando os olhos.

– Não tens de fingir. É óbvio que ele não gosta de me ter por perto. Provavelmente, lembro-o de tudo o que aconteceu com o Jeremy, de como arruinei a vossa amizade com ele e com os outros rapazes.

– Não arruinaste nada – a voz dele é bruta, decidida. – Sabes disso, não é?

– Sim, claro – aceno com a mão, descartando a pergunta dele e a minha mentira descarada. – É só que...

– Não, a sério – pousa a garrafa de água em cima da mesa e avança até

estar de pé à minha frente. – Nada do que aconteceu foi culpa tua. O Jeremy era um monte de merda autêntico. Foi por isso que o abandonámos. E os tipos que ficaram do lado dele? Também eram uns merdas. Nós crescemos juntos, sim, mas não significa que fosse suposto ficarmos amigos para sempre. Não quero perder o meu tempo com pessoas que acham que tratar alguém como o Jeremy te tratou é correto.

As palavras dele atingem -me como uma onda de alívio. Uma que não sabia que precisava. Mas nada disso explica porque é que o Mark não suporta estar ao pé de mim.

– Então porque é que o Mark me odeia? – digo.

Quando as palavras saem da minha boca, quero engoli -las outra vez. Sou uma pessoa que gosta de agradar às outras. Sempre me preocupei mais do que devia com a questão de as pessoas gostarem de mim. Esse hábito diminuiu um pouco nos últimos anos, o que pode decerto ser atribuído à convivência com a Chantal e a Grace. O facto de não quererem saber da opinião dos outros influenciou -me, mas a necessidade de agradar aos que me rodeiam e de ser apreciada por eles está tão enraizada que não sei se alguma vez vai desaparecer por completo. E é por isso que a minha procura de emprego malsucedida dói tanto – ninguém gostou de mim o suficiente para me contratar.

É também por isso que o comentário do Dev sobre ser indesejado me afetou tanto. Porque eu sei o que é não ser desejada. Desde os trabalhos, ao Jeremy, até ser a irmã mais nova de articulações frágeis que não podia fazer nada sem se magoar. Sei o que é ser empurrada para o lado e o que é sentir -me excluída.

A expressão do Dev suaviza -se quando se agacha à minha frente, com as mãos pousadas na parte externa dos meus tornozelos.

– O Mark não te odeia – murmura ele. – Garanto.

Engulo em seco, a desejar não me preocupar tanto com isto.

– Mas ele não quer que eu ande por perto. E não me quer perto de ti.

A forma como o canto dos lábios do Dev se ergue num sorriso compreensivo faz com que o meu coração bata com mais força e que a minha boca se franza.

– Acho que sabes exatamente do que estou a falar.

Paro de respirar e olho para ele. Ele passa ternamente os polegares pela pele dos meus tornozelos, mesmo por cima das meias, e a forma como os seus olhos castanhos se derretem faz com que as minhas entranhas façam o mesmo.

– Não sei o que queres dizer – minto, mas a minha voz falha, o que trai as minhas palavras.

Claro que o Dev continua a fazer -me a vontade.

– Ele tem medo que atire pela janela o acordo que fizemos. Acha que me vou atirar a ti.

- Isso não vai acontecer – digo, decidida, mas sai mais como um sussurro.
- Ele não tem nada com que se preocupar.
- Ele acha que sim. E não sei se está errado.
- O meu coração pula até à minha garganta.
- Dev...

Não tenho a certeza se o universo está a tentar ajudar -me ou a conspirar contra mim, mas uma batida na porta faz -me saltar, os meus tornozelos soltam -se do seu aperto.

– Os engenheiros estão prontos para falar contigo – diz uma voz grave, do outro lado. – Podes descer em cinco minutos?

O Dev faz uma careta e as linhas na sua garganta movem -se enquanto engole em seco.

– Sim – diz ele, a soar ligeiramente magoado. – Vou lá ter – passam -se mais uns instantes antes que os seus olhos escuros voltem a encontrar os meus, alguma da sua vulnerabilidade anterior desapareceu. – Acho que tenho de ir enfrentar os Judas.

Não sei bem como devo responder. Podia voltar ao tópico anterior e esclarecer tudo neste momento. Mas tenho medo do que vou deixar escapar se voltarmos à conversa. Tenho medo de lhe dizer que os receios do Mark têm alguma razão.

Por isso, brinco:

– Lembra -te, nada de destruir a propriedade alheia.

E lá está ele, aquele sorriso que tudo consome e pelo qual é conhecido. Dentes brancos e brilhantes e uma pitada da sua habitual malícia no olhar.

– Não prometo nada.

Balança o corpo e pousa as mãos nos joelhos antes de se levantar, mais uma vez elevando -se sobre mim. Olho para o lado, sabendo que tenho de voltar para a garagem e para todas as coisas que deixei para trás. Mas antes que possa mover -me, o Dev pressiona as pontas dos dedos no meu queixo e inclina -me a cabeça para cima.

– Obrigado – diz ele, com os olhos presos nos meus. – A sério. Precisava disto. Precisava de ti.

A minha garganta está tão apertada que fico sem palavras. Ele lança estes comentários de forma tão leve, atirando -os como se os proferisse a toda a hora, mas cada um deles atinge -me como um murro. Será que não entende que não pode falar desta forma? Não pode fazer -me sentir que estou firmemente instalada no centro do seu mundo quando é suposto estar na periferia.

– Vou estar sempre aqui para ti – digo, por fim.

Porque não sou melhor do que ele. Posso ter ido longe demais, mas não lhe vou mentir. E parece que ele decidiu o mesmo.

Acaricia -me a bochecha por um segundo antes de parar, o seu sorriso tão doce e tão particular que só reforça a sua afirmação.

Ambos sabemos o que queremos. O que precisamos. A única questão é se somos imprudentes o suficiente para ir atrás disso.



Capítulo 18

Dev

Nada diz *Amo a América* melhor do que uma festa em Londres.

Localização à parte, todos os pormenores do clube gritam isso mesmo. Há pouco, quase fui atingido na cara por uma pinhata em forma de águia, e tenho quase a certeza de que o George Washington está a servir *shots* de gelatina no bar. Os cânticos *EUA! EUA!* vão começar a qualquer momento.

Ao meu lado, o Chava baba -se pela modelo e empregada de mesa que passa, vestida apenas com umas cuecas de biquíni às riscas vermelhas e brancas e com um sutiã brilhante em forma de estrela. Não vou negar que olhei de relance, mas só para confirmar que não estava a alucinar. As festas do 4 de julho do Buck são sempre foleiras e selvagens, mas caramba, isto é um nível inteiramente novo.

– Acho que estou demasiado vestida – diz a Willow, do meu outro lado, a tocar na bainha curta do seu vestido. É vermelho e de seda, com tiras finas que se cruzam nas costas dela. Assim que saiu do hotel a usá -lo, quis puxar uma das alças e arrastá -la de volta para o meu quarto.

Passaram -se dois dias desde que o Buck acabou com a minha corrida antes do tempo por causa do seu ego desmedido – e dois dias desde que disse à Willow, por demasiadas palavras, que estava pronto para desfazer o nosso acordo de manter as coisas profissionais. Ela entendeu o que eu quis dizer, mas não tocou no assunto, e eu não insisti.

Mas não sei por mais quanto tempo consigo continuar a fingir que não estou completamente obcecado por esta rapariga.

– Estás perfeita – digo -lhe, deitando ao lixo qualquer esperança de manter a minha obsessão em segredo. Se calhar, mais vale dizer agora o que penso. Com a voz baixa, acrescento:

– Não que me importasse de te ver com aqueles tapa -mamilos.

– *Dev* – avisa ela, num suspiro horrorizado, com os olhos arregalados virados para mim. E, embora a sua expressão seja de choque, a faísca subjacente no seu olhar aquece -me o sangue.

– Não vou pedir desculpa – é impertinente e sincero, e estou farto de ser subtil. Com uma mão a segurar -lhe o cotovelo, ponho a outra no ombro do

Chava para os guiar aos dois. – Vamos, têm um bar de tacos.

O Chava solta um som sonhador, por fim, desviando a atenção da empregada.

– Não há nada mais americano do que comida mexicana.

– E, provavelmente, é o melhor que vamos ter neste país. Vamos lá.

O Chava afasta -se enquanto nos dirigimos para a fila para nos servirmos, agarra num prato e aguarda ansiosamente a sua vez. Eu mexo -me mais devagar, com a mão ainda no cotovelo da Willow. Se ela questionar a minha necessidade de lhe tocar, digo -lhe que é porque não quero que tropece nos seus saltos altos gigantes, embora se tenha safado muito bem até agora. Se teve algum problema nas articulações ou sentiu dores desde que começámos a viagem, não o mencionou. Ou atualmente está melhor ou esconde -o de mim.

– Sentes -te bem? – pergunto -lhe, por cima do barulho das conversas e de uma música dos AC/DC.

Ela acena com a cabeça e inclina -se um pouco para mim, o que faz o meu coração vibrar. Não sei se ela se apercebe do que faz, como se fosse normal para o seu corpo procurar o meu. Dá-me uma esperança que não devia sentir.

– Só um bocado cansada – admite, com um sorriso leve, aparentemente recuperada do meu comentário acerca dos tapa -mamilos. – Não sei como é que viajas tanto e ainda consegues participar nas corridas. Tenho a cabeça a andar à roda.

Enquanto penso na minha resposta, viro -me para a encarar antes de falar, mas o corpo dela move -se comigo. Ao contrário do que pensava, ela não está somente inclinada para mim. Não, está a redistribuir a maior parte do seu peso para o lado direito, o que significa que a estou a apoiar muito mais do que imaginava. Tem a anca esquerda ligeiramente virada para o lado, como se estivesse a tentar aliviar alguma pressão. É óbvio que sente dores – e provavelmente não são poucas.

– Deixa -me levar -te de volta para o hotel – digo -lhe, dando -lhe uma vista de olhos, à procura de qualquer outra pista que revele o seu desconforto. – Não tens de estar aqui se estiveres a sofrer.

Ela franze a testa, endireitando -se um pouco.

– Eu disse que estava cansada, não que estava a sofrer.

– Wills – olho -a, com atenção. – É óbvio que estás desconfortável. Podemos ir embora agora mesmo. Vou ligar ao Mark quando estivermos a caminho, para que esteja pronto para te ajudar com as...

– Estou bem – interrompe ela e afasta o cotovelo da minha mão, para ficar de pé sem apoio com aqueles sapatos idiotas. – Tomei um anti -inflamatório antes de sairmos, por isso, deve estar quase a fazer efeito. Mas se tiver de me ir embora, posso fazê -lo sozinha.

O raio é que pode. Não vou deixá -la subir uma escadaria íngreme e sair

para as ruas de Londres sozinha. Ela vai ficar onde eu a possa ver, para saber que está bem.

Estou prestes a dizer -lhe isso mesmo, mas ela não me dá hipótese de argumentar.

– Esta noite, tens de estar aqui o máximo de tempo possível – olha para a multidão, a sua atenção prende -se a alguma coisa atrás de mim. Provavelmente, o Buck e o grupo do Texas. – Ainda não acredito que ele não te convidou para aquele jantar.

O meu instinto de proteção diminui ligeiramente ao lembrar -me daquilo. Ontem, no avião, contei -lhe acerca do comentário do Reid. Sentámo -nos lado a lado e pusemos a conversa em dia, sendo que aterrei na cama assim que voltei para o meu quarto de hotel depois da reunião com os engenheiros. Foi uma bênção, na verdade, ter -me baldado acidentalmente ao nosso encontro. Se tivesse partilhado a informação na altura, ela não teria conseguido dormir tranquilamente. Dizer que a chateou não é o suficiente para descrever o quão zangada ficou quando, por fim, lhe contei os pormenores.

Se ela ainda não entendia o porquê de eu querer sair da Argonaut, agora entende. E concorda plenamente. Tenho de encontrar uma equipa que me aceite, porque o meu tempo nesta está a acabar. Se não tiver cuidado, fico sem lugar na próxima época.

Não é necessariamente o fim do mundo. Muitos pilotos desaparecem durante um ano ou dois, ou mesmo três, e regressam com sucesso. Mas não quero correr esse risco. Não quero voltar atrás e dar por mim esquecido. Não tive um impacto forte o suficiente no desporto para permanecer na consciência coletiva durante muito tempo. Preciso de triunfar.

Preciso de ganhar.

– É a vida – agarro num prato e entrego -lho. – Daqui a nada, vou procurar o Reid e ver que informações consigo obter.

– Achas que ele foi mesmo ao jantar?

Encolho os ombros e agarro nas pinças da primeira estação de tacos.

– Não faço ideia. Mas o Buck é um homem a quem é difícil dizer não, mesmo que não estejamos interessados no que diz.

A Willow baixa a voz enquanto coloco a comida no prato dela, a sua atenção firmemente fixada no meu rosto.

– E achas que ele quer que o Reid ocupe o teu lugar?

– Não é como se fosse ocupar o do Nathaniel.

Ela fica em silêncio, com os lábios vermelhos franzidos. Não protesta quando lhe coloco cinco tacos no prato. Não espero que os coma todos, e ela não os come, mas surpreende -me ao comer três e meio assim que encontramos uma mesa, embora esteja sempre a falar do que aconteceu.

Não a interrompo, e o Chava foi comer com um grupo de mecânicos, por

isso fico calado até ela finalmente afastar o prato e se virar para mim.

– Está na altura de acelerar as coisas – declara, com os olhos iluminados por uma intensidade determinada.

Sorrio, mas a minha pulsação acelera ligeiramente. Ela fica *sexy* a conspirar.

– Acho que sei um bocadinho como o fazer.

Ela inclina o corpo na minha direção, com uma postura direita, como se já não tivesse dores. Os medicamentos devem ter feito efeito e o facto de estar sentada deve ajudar. Para não falar da distração de ter um problema para resolver.

– É hora de te levatares e socializares – instrui ela. – Fala com o Buck e com todos os que estão com ele. Fala com qualquer pessoa que pareça minimamente importante, mesmo que não a conheças. *Especialmente* se não as conheceres. Chega de ficares à sombra e de manteres a cabeça baixa. O escândalo acabou, fizemos imensos progressos na tua reputação. Está na altura de um ataque de charme e de trazeres as pessoas outra vez para o teu lado.

O meu sorriso cresce. Adoro ver a forma como a mente dela funciona. Ela é uma maravilha, um génio no que faz. E raios me partam se, neste momento, não estou a ficar ligeiramente teso com o quão apaixonada está por este plano. Por mim.

– Este é apenas o primeiro passo – avisa. – Prepara -te para voltares *realmente* a expor -te, incluindo participares nas conferências de imprensa dos pilotos.

A Argonaut não me enviou a nenhuma desde que a publicação da Jani se tornou viral, embora seja suposto os companheiros de equipa irem rodando. Têm arranjado várias desculpas para o facto de eu não poder ir, como estar a recuperar de uma infeção nos ouvidos ou ter perdido a voz depois de um *meet and greet*. Não ficava surpreendido se dissessem à imprensa que uma baleia gigante saiu do oceano e me engoliu inteiro – mas não se preocupem, vou estar apto para correr no fim de semana.

Não me queixei. Meter -me a jeito de receber perguntas invasivas, depois do grande «vai -te foder» da Jani? Não, obrigado. Já me deparei com muitas dessas situações no recinto dos *media* depois das corridas, embora possa contar com a Patsy para me afastar rapidamente antes que as coisas corram demasiado mal.

Mas se a Willow conseguir o que quer, vou ter de as enfrentar de cabeça erguida.

– Está na altura de dizer ao mundo que o Dev Anderson está de volta – termina ela, acenando lentamente e decididamente com a cabeça.

– Não, não é que esteja de volta – corrijo -a, passando os dedos pela sua têmpora enquanto lhe prendo o cabelo atrás da orelha, incapaz de resistir a

tocar na fonte do seu brilho. Quem sabe não passa algum para mim. – Quero que saibam que nunca me fui embora.

Os olhos dela brilham e o sorriso é radiante. Acho que nunca quis tanto beijá -la.

– É verdade – diz ela. – Nunca te foste embora.

■ ■ ■

A Willow estava a falar a sério quando disse que estava na altura de acelerarmos as coisas.

As minhas redes sociais evoluíram imenso. Estou em negociações para um novo patrocínio de uma empresa de tecnologia de *fitness*. E alguns canais conhecidos de comunicação social até contactaram o Howard para marcar entrevistas. Não sei ao certo que tipo de magia negra andou a Willow a fazer nos bastidores nestes últimos dias, mas está a resultar. O meu nome está de novo na boca das pessoas – e nenhuma das conversas é negativa.

Hoje, porém, cabe -me a mim desempenhar o meu papel. Estou à espera, em Silverstone, que a conferência de imprensa dos pilotos comece. Dentro de alguns minutos, vou partilhar o sofá com o Zaid Yousef, o Thomas Maxwell - Brown, o Axel Bergmüller e o Reid Coleman. O Zaid e o Axel, de momento, lutam pelo primeiro lugar no campeonato, pelo que as perguntas de hoje vão ser provavelmente dirigidas aos dois. Mas raios me partam se não estou tão interessado como o resto do mundo em ver os rivais amargurados sentados lado a lado.

Quando o Reid aparece, fazemos o nosso cumprimento de aperto de mãos e palmadinhas nas costas, e ele acena obedientemente à mulher que está ao meu lado. Eu juro que a chefe do departamento de comunicação da Argonaut só sorri quando o seu rapaz texano favorito está por perto.

– Olá, Sra. Patsy – o sotaque do Reid é sempre um pouco mais acentuado quando fala com outros sulistas. – Tem passado bem?

A Patsy sorri -lhe e dá -lhe uma palmadinha no braço.

– Estou muito bem, querido. Andas a cuidar de ti?

– Sim, senhora – responde ele. – O melhor que posso.

Após um ou dois minutos de conversa fiada entre eles, é -nos dada autorização para entrarmos na sala de conferências de imprensa. Nessa altura, já tenho a barriga às voltas. Somente com base nesta interação, é óbvio que a Patsy preferia cuidar do Reid, o seu menino de ouro, do que de mim. Tenho de o apanhar sozinho depois disto para confirmar se foi ao jantar do Buck, já que não o vi na festa que se seguiu. Se o meu tempo na Argonaut acabou, preciso de saber.

Eu e o Reid somos os primeiros a sentarmo -nos no sofá e ficamos à espera

que os outros pilotos, que podem dar -se ao luxo de chegar atrasados, se juntem a nós. O Thomas é quem entra a seguir. Cumprimenta calorosamente os jornalistas presentes antes de se juntar a nós no palco e cumprimenta -nos da forma britânica mais hilariante e estereotipada. Assim que se senta do outro lado do Reid e de iniciarem uma conversa serena, examino a audiência restrita.

A Patsy ficou de guarda na parte de trás da sala, com o telemóvel na mão para gravar a sessão, de modo a poder reproduzi -la mais tarde e criticar todas as minhas palavras. Mas a pessoa que procuro está ao lado da Patsy, com um pequeno caderno cor -de -rosa apertado contra o peito e os olhos castanhos arregalados a observar a sala.

A Willow não tem os caracóis amarrados com uma fita, como normalmente usa quando se veste com a farda da Argonaut completa. Não, hoje deixou -os caídos pelos ombros. Tudo o que me apetece fazer é enrolar um deles à volta do meu dedo, de preferência enquanto ela se senta ao meu colo. Não me importava que acontecesse aqui mesmo, neste sofá desconfortável.

A cada dia que passa, torna -se mais evidente, ganho mais certezas de que faria qualquer coisa – em qualquer lugar e a qualquer hora com ela, desde que a tivesse perto de mim.

Perco -me das minhas fantasias quando outra figura entra na sala. O Zaid. Acena e pede desculpa pelo atraso antes de entrar no palco. Com um aceno de cabeça dirigido ao resto de nós, senta -se ao lado do Thomas. É o único no sofá que não está a usar uma cor ou um padrão ousado. A sua *T -shirt* é a preta e prateada da Mascort; as cores discretas ficam -lhe bem.

Por um segundo, imagino como seria usá -la, competir por uma equipa de topo, ser realmente um candidato ao campeonato. Raios, até aceitava vestir -me com o verde britânico, como o Thomas e a equipa McMorris, atualmente em quarto lugar no Campeonato de Construtores. Ou, se a Scuderia D'Ambrosi me quisesse, trocava de bom grado o meu vermelho, branco e azul por apenas vermelho. Se a oferta do Buck for boa o suficiente para convencer o Reid a entrar na equipa, talvez possamos fazer uma troca. É sonhar mesmo muito alto.

Quando o Axel entra, vejo as últimas cores de topo, o azul -marinho e o amarelo néon da Specter Energy.

O homem mal olha para nós e dirige -se para o meu lado do sofá, fazendo -me sinal com a cabeça para me sentar. Há muito espaço no outro lado, mas ele não se quer sentar ao lado do Zaid. Com aquela história atribulada entre os dois, o máximo de tempo que estão dispostos a passar juntos é quando estão no pódio, alternando entre o primeiro e o segundo degrau.

O Campeonato de Pilotos tem sido disputado entre os dois nos últimos quatro anos. O Axel ganhou no ano passado, depois de uma época

incrivelmente próxima. Esta época, é o Zaid quem lidera, mas não por muito. O total dos pontos é tão próximo que ninguém sabe quem vai levantar o troféu este ano. Mas, como sempre, estou a torcer pelo Zaid.

Com relutância, aproximo -me do Reid, que segue o exemplo e se aproxima do Thomas. Pronto, sendo justo, o Axel agradece -me quando se senta, o que não se teria dado ao trabalho de fazer quando era mais novo e, de alguma forma, ainda mais idiota e egoísta. Considerando que passámos juntos pelas Fórmulas e temos a mesma idade, conheço -o melhor do que gosto de admitir. O Reid e o Thomas também competiram ao nosso lado. Nós os quatro entrámos na F1 na mesma época como principiantes, mas enquanto eu e os outros eramos amigos, o Axel mantinha -se afastado.

Não o posso culpar. Não existe nenhuma regra que diga que temos de ser mais do que colegas de trabalho. Eu e ele não somos amigos. Nunca fomos. E duvido que alguma vez venhamos a ser, uma vez que o comportamento dele fora da pista não é exatamente aquilo com que me quero rodear. Pode gritar insultos raciais em letras de músicas longe de mim.

O Steven Watters, o nosso entrevistador, tem estado pacientemente sentado em frente ao sofá, à espera de que nos instalemos. Agora que estamos todos presentes, vira -se para as câmaras e para o público, apresentando -nos e dando início ao espetáculo.

Como era de esperar, a maior parte das perguntas são dirigidas ao Zaid e ao Axel, que estão sentados em lados opostos, e todos os olhares se viram para os dois. É tenso, tendo em conta que não terminaram ambos a última corrida, graças a uma manobra ousada do Axel que correu mal. Tiveram sorte em saírem ilesos, mas se a batalha aquecer ainda mais, pode não ser esse o caso.

– Dev, agora para ti – diz o Steven, alguns minutos depois.

O meu ritmo cardíaco acelera um pouco, pego no microfone em que ainda não tinha tocado.

– Estamos todos a par do teu... escândalo, logo depois do Grande Prémio da Austrália. Desativaste as tuas redes sociais depois de ter sido feita uma declaração onde contestavas as alegações, desapareceste por uns tempos, mas parece que voltaste.

Ainda bem que vai direto ao assunto, embora a forma como mencionou o meu *escândalo* seja quase ridícula. Se o tipo não fosse tão arcaico, tinha de enfrentar uma pergunta ligeiramente mais perspicaz.

– Voltei, sim – descontrainho no sofá e passo um braço pelas costas. – A vida é aborrecida quando não temos nada com que nos entreter quando estamos sentados na sanita.

A audiência de jornalistas e representantes de equipas murmura e ri -se enquanto o Steven pigarreia, aparentando ter ficado um pouco perturbado com a minha resposta.

– Pois. Bem. O que te levou a voltar? – pergunta ele, trazendo -me de volta ao tema em questão.

Olhando de relance para a Willow e para a Patsy, resolvo regressar ao guião. A Patsy pode assustar -me a maior parte do tempo, mas estou mais preocupado em desiludir a Willow.

Assim que a multidão e os pilotos a rirem -se ao meu lado se acalmam, pigarreio, embora mantenha a postura descontraída.

– Estava na altura – digo, levemente, ainda que tenha o cuidado de não parecer insolente. – Gosto de partilhar partes da minha vida com os meus fãs e apoiantes. As redes sociais tornam -no mais fácil e, sem isso, sinto -me afastado. Como se estivesse a perder uma ligação importante.

Respiro fundo e observo a multidão.

– Oiçam, eu sei que a Internet pode ser um lugar sem lei. Existem pessoas à espera em cada esquina, determinadas a intimidarem e a deitarem os outros abaixo. Mas também existem pessoas que me apoiam imenso. São elas que me incentivam a continuar e a insistir, a dar o meu melhor. Não quero desiludi -las, porque não estaria a correr atrás dos meus sonhos sem o seu apoio. Quero lutar por elas. Quero dar -lhes tudo o que tenho.

Esse grupo também inclui a rapariga do outro lado da sala com um sorriso que ilumina toda a sua cara e que me levanta o polegar. Como é que alguém pode ver isto – vê -la – e não derreter, deixa -me boquiaberto. Só de a ver, apetece -me gritar ao mundo que ela é a razão pela qual me consigo sentar neste sofá sem querer vomitar de nervos. O tema da conversa não é o mais confortável, mas estou a fazê -lo porque ela disse que é o melhor. E ela tem razão. Sem o seu incentivo, continuava escondido do mundo.

– Portanto, é isto – forço -me a terminar antes que, acidentalmente, confesse algo que não posso apagar. – Preparem -se para ficarem fartos de mim.

Outra rodada de risos abafados espalha -se pela sala, mas a minha atenção está focada na Willow e na forma como leva uma mão aos lábios para esconder o próprio riso.

Não desvio o olhar dela quando o Steven se dirige ao Reid e registo apenas ao de leve a pergunta que lhe faz, sobre como o Reid acha que o D'Ambrosi se vai sair este fim de semana. A Willow está a olhar para mim, com uma pergunta nos olhos, o que torna impossível concentrar -me em qualquer outra coisa. Respondo ao olhar que me dá piscando -lhe um olho. Mal reparo nos *flashes* no meio da imensidão de fotos que são tiradas e tenho a certeza de que, brevemente, um vídeo meu vai estar online.

Mas não faz mal. Eles que se perguntem quem será que estou a tentar seduzir. O importante é que ela sabe. E que compreende que já não me estou a conter.

– Reid. Espera.

Ele vira -se e afasta -se para o lado no corredor, à espera que o apanhe. Temos de ir à sessão de autógrafos dos fãs, mas ele afasta o próprio diretor de comunicações para que possamos ter alguma privacidade.

– Estou surpreso por o Steven nos ter feito uma única pergunta – diz ele, quando me encosto à parede, ao seu lado. – Deviam ter chamado somente o Zaid e o Axel, em vez de nos obrigarem a assistir àquela rivalidade da treta.

– Concordo contigo – digo, embora me aproxime rapidamente e baixe a voz. Não é acerca da rivalidade deles que quero falar. – Queria perguntar -te... Foste ao jantar do Buck, naquela noite?

O Reid abana a cabeça, o que me deixa simultaneamente aliviado e desapontado. – Não, tive um imprevisto. Também não fui à festa.

Solto um suspiro.

– Okay. Percebo.

– Dev – ele pausa uma mão no meu ombro e aperta uma vez. – Não tenho interesse em juntar-me à Argonaut, não importa o que Buck me ofereça. Estou feliz onde estou e... – ele muda o olhar para o corredor atrás de mim e, depois, olha por cima do ombro –, cá entre nós, estou prestes a assinar um novo contrato com a D'Ambrosi. Vou ficar mais três anos.

– Não me digas – respiro em choque. – Isso é espetacular, mano. Parabéns.

Ele aperta -me o ombro outra vez, olhando para mim intensamente.

– Se contares a alguém, faço com que o que a Jani fez pareça uma brincadeira de miúdos.

– O teu segredo está seguro comigo.

Separamo -nos um minuto depois, com a minha cabeça a andar à roda. Ao menos não tenho de me preocupar se o Reid me tira o lugar. O Buck vai ter de voltar a fazer das suas se quiser encontrar outro piloto americano para ser o companheiro do Nathaniel, o que me dá um pouco de tempo. Não acalma os meus receios mas, por agora, serve.

Consigo respirar, por muito pouco que seja.

E estou a respirar profundamente quando uma mão suave pausa no meu braço.

– Estás pronto para irmos? – pergunta a Willow, a olhar para mim com um sorriso. – Estiveste muito bem.

Relaxo sob o seu toque. Por enquanto, este pouco contacto é suficiente para acalmar os meus pensamentos acelerados.

– As minhas respostas estiveram à tua altura?

– Serviram – brinca ela, mas fica rapidamente séria e a sua expressão suaviza -se. – Estou muito orgulhosa de ti. Esta situação foi uma porcaria, mas

agora estás a enfrentá -la e vais ficar mais forte por causa disso.

– E vou ser menos idiota para as pessoas que trabalham para mim – brinco. – Confia em mim. Não quero que isto volte a acontecer.

– Tu não és idiota – diz ela, muito séria, o que faz com que alguma coisa no meu peito se torça. – Tu és humano. Tens dias bons e maus. Aguentas o máximo que consegues até não aguentares mais e, às vezes, reages de formas não muito perfeitas – ela desliza a mão até à minha e agarra os meus dedos. – Mas estás a aprender a ser melhor e a seguir em frente. É por isso que estou orgulhosa de ti.

Será que iria continuar orgulhosa de mim se baixasse a cabeça e a beijasse, aqui e agora? Porque é tudo o que quero fazer.

Quero saborear as palavras nos seus lábios. Sei que seriam mais doces do que o mel, porque tudo nela o é. Essa doçura desliza por mim agora, entra nas minhas veias, reforça a verdade das suas palavras. Fazendo -me querer viver de acordo com quem ela pensa que sou.

– Obrigado – obrigo -me a dizer. As palavras são duras porque quero dizer muito mais. Mas este não é o momento nem o lugar para nenhuma confissão, mesmo que lugares de merda – como corredores das traseiras de clubes noturnos ou escadas de hotéis – sejam onde todos os nossos grandes momentos aconteceram até agora. – Vens à sessão de autógrafos?

Mudo de assunto porque se ela me diz mais uma palavra simpática, talvez perca o último pedaço de controlo a que me agarro.

Ela assente.

– Vou estar no meio da multidão a fazer alguns vídeos. Quando terminarmos a nossa publicação de agradecimento à equipa, quero concentrar -me nos fãs. Talvez tente fazer umas minientrevistas com alguns deles hoje – encolhe os ombros, mas está, sem dúvida, onde se sente confortável. – Quem sabe. Se calhar, conseguimos alguma coisa fantástica.

Só o facto de saber que ela vai lá estar, a observar e a ajudar, é o suficiente para fazer com que o resto da tensão abandone os meus ombros. Com a fé dela depositada em mim, consigo enfrentar qualquer coisa.

– O que quiseses fazer – digo –, eu apoio.

Agora, ela sorri para mim e juro que o meu coração não sabe como reagir ao vê -lo. Estou tão perdido de amores por ela.



Capítulo 19

Willow

Com uma semana de descanso entre as corridas e sem vontade de regressar à América do Norte só para ter de dar meia -volta e viajar para a Hungria uns dias depois, estou de volta ao Mónaco... com o Dev.

Se vamos em frente com os nossos planos de mostrar às outras equipas porque é que seria uma sorte contratá -lo, temos de estar juntos. *Juntos*, no sentido físico. Bom, não *esse* tipo de físico, mas físico no sentido de estarmos no mesmo sítio. Sim. Isso.

O que nos salva é que fiquei instalada num hotel, em vez de insistirem que eu ficasse no apartamento dele. Não tenho dúvidas de que estive tentado a oferecê -lo, mas foi inteligente o suficiente para não o fazer.

Nos últimos dias, a tensão entre nós foi esticada ao máximo e ameaça rebentar. Distanciei -me o mais que pude e continuo a fazer o meu trabalho, por muito difícil que se esteja a tornar. E, nesta altura, *difícil* parece ser um eufemismo.

No fim de semana passado, em Silverstone, ele começou e terminou em oitavo lugar. O Nathaniel, por outro lado, foi forçado a arrancar a partir das *boxes* devido a uma substituição da caixa de velocidades, o que significa que a equipa não teve com que travar o Dev para que o Nathaniel ficasse melhor na fotografia. Ainda assim, o Dev usou a ofensa da semana anterior como combustível interno para se esforçar ao máximo, e vê -lo a fazê -lo fez -me querer trabalhar ainda mais diligentemente. Estou determinada a tirá -lo da Argonaut e levá -lo para uma equipa que realmente mereça o seu talento.

Mas isso significa passar mais tempo com ele, e *isso* significa atizar as chamas da minha paixão com ainda mais fervor. Não pensei que pudesse tornar -se mais intensa, especialmente depois da festa do 4 de julho e da forma como o Dev me piscou o olho na conferência de imprensa. E, contudo, o meu coração inchou quando ele apontou para mim e explicou aos fãs que eu era a pessoa por detrás de alguns dos seus vídeos preferidos, ou quando contrabandeou um café com leite de baunilha antes da reunião da equipa no sábado, porque estava atrasada e não tive tempo de ir buscá -lo.

Tenho tido o cuidado de manter firmemente os meus sentimentos na

categoria *paixoneta*, evitando quaisquer outros rótulos. Nada relacionado com apaixonar -me, mesmo que seja o termo mais adequado para o que sinto. Não posso permitir que se torne assim tão sério.

Felizmente, ele deu -me algum tempo para respirar e controlar as minhas emoções, uma vez que insistiu que eu tirasse alguns dias de folga durante este descanso da equipa. E, melhor ainda, coincidiu na perfeição com a viagem de última hora que a Grace planeou depois de me ter ligado na sexta -feira à noite a perguntar onde eu estaria na semana seguinte – vantagens de ter o verão livre e não ter preocupações económicas.

Portanto, neste momento, tenho o oxigénio a ser espremido dos meus pulmões enquanto uma das minhas melhores amigas me abraça. Ou talvez esteja a tentar matar -me. Não tenho bem a certeza.

– Tive tantas saudades tuas – diz a Grace, de alguma maneira agarrada a mim ainda com mais força. – Tenho andado tão *aborrecida*. Precisava mesmo de visitar um lugar divertido.

– Tens estado em Hong Kong – digo, quando consigo respirar ligeiramente.
– Que é, sem dúvida, um dos lugares mais fixos do planeta.

Ela acena com a mão, afastando o meu comentário, e ao mesmo tempo concede -me um alívio muito necessário do seu abraço.

– Sim, sim. É uma cidade fixe para se nascer, mas ainda assim é a cidade onde cresci. Mas, este sítio... – abana o mesmo braço, para indicar o hotel à nossa frente. – É *disto* que estou a falar. Estas são as férias de que precisava.

– Não fiques muito entusiasmada – aviso -a, quando nos dirigimos à entrada.

Atrás de nós, um funcionário do hotel carrega a bagagem dela para um carrinho. Vai ficar uma semana, mas tal não a impediu de trazer seis malas.

– Não sou propriamente uma jogadora profissional de casinos e, definitivamente, não tenho orçamento para estar mais de cinco segundos num iate.

Dito isto, os ordenados que tenho recebido do Dev e da Argonaut têm sido muito generosos. Vão ser suficientes para poder viver confortavelmente em Nova Iorque durante o próximo ano, mesmo que não encontre outro trabalho depois deste.

Lembrar -me de que eu e o Dev seguimos caminhos diferentes no final de agosto, somente daqui a um mês, dá -me palpitações. As últimas semanas foram algumas das melhores e mais emocionantes da minha vida. Vou sentir falta da ação e do ritmo emocionante do desporto e... vou sentir falta do Dev.

Saber que não o volto a ver até ao final da semana também me enche de desilusão. A presença da Grace alivia a dor, mas mesmo assim... tenho saudades dele.

– Então, já dormiste com ele?

Pestanejo surpreendida e olho para a Grace. Uma das suas sobrancelhas escuras está levantada e o sorriso nos lábios diz que ela já me topou.

– *Desculpa?* – gaguejo, dando um passo cambaleante para trás.

Ela usa um dedo, com uma manicure perfeita, para desenhar um círculo no meu rosto.

– Esse olhar. Estavas a pensar no Dev.

– Não, não estava – digo, demasiado depressa para soar credível.

– Estavas *sim* – pressiona o dedo na minha testa, a sorrir enquanto afasto a mão dela. – Eu conheço esse olhar. Estavas a pensar num rapaz e o único rapaz que te interessa é o Dev. Por isso, a minha pergunta, já dormiram juntos?

Calo -a, virando a cabeça para trás para me certificar de que ninguém à nossa volta a ouviu. – Fala baixo – sussurro, agarrando -lhe no braço para a arrastar comigo para a entrada.

– O que foi? – protesta ela, dando um passo por cada dois meus. – É uma pergunta legítima. Preciso de saber se ganhei aquela aposta com a Chantal.

Mal resisto à vontade de me lamuriar.

– És horrível. E nenhuma de vocês está a ganhar.

– Estás a dizer que *não* queres fazer sexo com ele?

Desta vez, recebemos alguns olhares, e levo -a rapidamente para um canto perto dos elevadores, para termos alguma privacidade.

– O que eu quero ou não, não interessa – digo. O meu tom é firme, mas o meu coração bate com força e ameaça fazer a minha voz tremer. – Trabalhamos juntos e não precisamos desse tipo de complicações, nem de consequências adversas, independentemente do que sentimos um pelo outro.

Ela inclina a cabeça, observando -me.

– Então, a atração é mútua?

A voz do Dev ecoa na minha cabeça, dizendo -me o quanto gostava de me ver com uns tapa-mamilos como os que a empregada usava. Na altura, quase me engasguei, mas também me fez sentir um calor intenso, fazendo -me pensar seriamente se iriam dar pela nossa falta se o arrastasse para o canto obscuro mais próximo.

Quando não respondo de imediato, a Grace continua, enquanto roda uma madeixa do seu cabelo escuro por entre os dedos.

– Estou a perguntar porque, neste momento, há um vídeo dele a circular. Ele piscou o olho a alguém na multidão e todas as raparigas estão a enlouquecer. Por acaso não sabes nada acerca disso, pois não?

A pergunta é enganadoramente inocente, mas eu conheço os jogos dela e não vou declarar que a piscadela de olho foi dirigida a mim.

– Nada de nada.

– Hum. Chocante.

Reviro os olhos, sem querer jogar a este jogo agora... ou nunca.

– Vamos – resmungo, agarrando -lhe o braço outra vez para a levar até ao elevador. – Vamos afastar -te do público, em geral.

Ela ri -se, mas segue -me de bom grado, a saltitar.

– É bom que seja dama de honor quando tu e o Dev se casarem!

■ ■ ■

Alguns dias depois, acho que não existe uma única parte do Mónaco que não tenha visto.

A Grace pode não ser de cá, mas é a melhor guia turística e tenho de respeitar a tabela que criou para garantir que não perdíamos nada. Já vimos quase tudo, mas ainda há alguns pontos que temos de visitar.

Ela está a explicar o nosso itinerário do dia enquanto passo um pouco de rímel, ajoelhada no balcão da casa de banho para que fique alta o suficiente para me conseguir ver ao espelho. Esta *suite* de hotel não foi feita para aquelas de nós que pararam de crescer no quinto ano.

– Depois disso, podíamos ir até... – interrompe a Grace, franzindo o sobrolho na direção do quarto. – Acho que o teu telemóvel está a tocar.

Olho para o balcão, à procura do meu telemóvel por entre a maquilhagem espalhada pela superfície. Podia jurar que o tinha trazido para aqui, mas não o vejo em lado nenhum. Levantando-me, endireito -me depressa e passo pela Grace, que está à porta da casa de banho. Correndo para a cama, descubro que o meu telemóvel está de facto aceso e a tocar.

– Provavelmente, é o Oakley – digo -lhe, enquanto agarro no dispositivo. Passámos a maior parte do dia de ontem a enviar memes ridículos de F1 um ao outro; ultimamente, tem sido o nosso principal meio de comunicação. É surpreendente a quantidade de sentimentos que podemos expressar com uma única fotografia da cara hilariantemente expressiva do Thomas Maxwell - Brown.

Mas, inesperadamente, não é o Oakley quem está a ligar.

O meu coração salta quando o nome do Dev aparece. Hesito por um segundo, antes de arrastar o dedo pelo ecrã, respondendo com um envergonhado e ofegante:

– Olá.

– Olá – responde ele. – Desculpa interromper -te a manhã, mas preciso de ti.

Mais uma vez, sou apanhada pela frase do Dev e perco a capacidade de falar por um instante. Felizmente, ele continua, poupando -me à dificuldade de encontrar as palavras.

– Eu sei que disse que conseguia resolver tudo sozinho, mas se calhar preciso de ajuda com o *podcast* – explica ele, e solto um suspiro tranquilo. –

Quando dou entrevistas, normalmente tenho a Patsy a um palmo de distância, a certificar -se de que não digo nada que não deva. E ambos sabemos que sou um idiota sem filtros, por isso pode ser uma boa ideia ter alguém por perto para me dizer quando devo calar a boca. Ou seja... importas -te de ser a minha Patsy, por hoje? – faz uma pausa de um segundo, as palavras são rápidas quando fala de novo. – A não ser que tenhas planos. Eu sei que hoje estás de folga, por isso...

– Posso ser a tua Patsy, sem problema – interrompo, com uma gargalhada.
– Mas só para avisar, uma das minhas amigas está cá e...

– Oh, merda, desculpa. Esquece a pergunta, Wills. Vai divertir -te.

– Não, não, está tudo bem – tranquilizo -o, enquanto olho para a Grace, que me observa com uma sobranceira curiosa erguida. – Só queria perguntar se há problema em ela ir comigo.

– Claro que não. Quantas mais pessoas me impedirem de meter os pés pelas mãos, melhor.

Rio -me, enquanto tento esconder um sorriso para que a Grace não comece a chatear -me com o Dev outra vez. Não vale a pena, claro. Não consigo deixar de sorrir. Quando desligar, sei que posso esperar por uma imensidão de comentários indecentes.

– Ótimo, vemos -te mais logo – digo.

Mal carrego no botão de desligar, a Grace atira -se para a cama ao meu lado.

– Vou conhecer o Dev? – exige ela, com um brilho nos olhos escuros que não me agrada nem um bocadinho.

Levanto -me do colchão e entretenho -me a arrumar a mala para o dia.

– Se me envergonhares à frente dele, nunca te vou perdoar – ameaço. – Prometes que te vais portar bem?

O seu sorriso é idêntico ao do Gato que Ri.

– Oh, *sem dúvida*.

■ ■ ■

Trinta minutos depois, estou à porta do apartamento do Dev, com a minha mão suada pronta a bater e a Grace ao meu lado. Antes que o meu punho pudesse tocar na superfície de madeira maciça – e antes que a Grace me pudesse chatear outra vez para me despachar – a porta abre -se com uma corrente de ar. E então lá está ele, a atingir -me com toda a força do seu sorriso.

– Estou tão contente por estares aqui – diz o Dev, com os olhos castanhos agradecidos postos em mim.

Acho que a minha resposta é compreensível, mas o meu cérebro entra em curto -circuito só de o ver.

A Grace empurra -me para fora do caminho e estende -lhe a mão.

– Sou a Grace – está praticamente a sussurrar. – É um prazer conhecer -te *por fim*.

Juro que o sorriso do Dev muda ligeiramente quando se concentra na Grace. Não se desvanece ou diminui e não chega nem perto de desaparecer, mas é... diferente. É o que se destina aos amigos, colegas e família. É diferente daquele que me dirige.

Estou demasiado ocupada a pensar no que isso significa para me concentrar na conversa deles, até estarmos dentro do apartamento e a Grace anunciar:

– A Willow tem andado perdida sem ti, nestes últimos dias. – viro a cabeça para ela, horrorizada. Tento negá -lo, quando ela diz: – A sério, esta miúda é viciada em trabalho. Não sabe relaxar.

O esclarecimento acalma -me um pouco, mas não impede que as minhas bochechas fiquem coradas.

– Sim – rio -me, num som sufocado. – Estive a trabalhar em algumas coisas. Não pude evitar.

– Estás a ver? Não sabe fazer uma pausa nem pela própria vida – continua a Grace. Ela distrai-se depressa com o simulador de corridas montado no canto da sala de estar. – Oooh, *tenho* de o experimentar.

Enquanto ela se apressa e sobe para o banco baixo, viro -me para o Dev, com uma careta lamentável.

– Peço desculpa em nome dela. Ela não tem filtros.

O Dev ri -se, metendo as mãos nos bolsos das calças de ganga.

– Não peças desculpa – olha na minha direção, mas o foco está preso a alguma coisa por cima do meu ombro. – Aprecio a honestidade dela.

Consigo ler nas entrelinhas. Eu e ele não estamos a ser honestos um com o outro. Continuamos a dançar à volta do que realmente sentimos, vendo -o crescer a cada minuto que passa. Em breve, vamos ter de assumir o que sentimos ou deixar que nos esmague debaixo dos seus pés gigantes.

– Além disso, não quero que te esgotes – olha finalmente para mim com alguma preocupação. – Sinto -me mal por te ter ligado no teu dia de folga.

Abano a cabeça, mas agradeço a sua preocupação.

– Está tudo bem. Fico feliz por estar aqui.

A verdade é essa. Uns dias separados deixaram -me com mais saudades dele do que pensava ser possível. Tenho tentado afastar os pensamentos dele e aproveitar o meu tempo com a Grace, mas tem sido difícil. Neste momento, grande parte da minha vida gira à volta dele. É um pouco difícil *não* pensar nele quando o rolo da minha câmara está cheio de fotografias suas, quando esta cidade está cheia de produtos relacionados com a Fórmula 1 e quando tudo o que quero é voltar a enroscar-me na cama ao lado dele e rir -me com

um filme foleiro de Bollywood. Sinto -me outra vez uma adolescente tonta.

Inspiro rapidamente para me concentrar, aceno com a cabeça para o local onde o portátil dele está pousado na mesa de centro em frente ao sofá.

– Estás pronto para isto?

O sorriso atrevido está de volta, aquele que é só para mim.

– Estás pronta para garantir que não digo nada que piore a minha reputação?

Solto um suspiro.

– Vamos ver o que podemos fazer.

■ ■ ■

Quando a entrevista termina, duas horas depois, a Grace já se despistou no simulador de corridas cerca de sessenta vezes e eu quase esborratei a minha maquilhagem a chorar de tanto rir com as respostas do Dev, que não são nada de especial – mas nunca são ofensivas, cruéis ou incriminatórias. O Dev, obviamente, conseguiu encantar mais um grupo de pessoas.

As suas brincadeiras e piadas fáceis com os anfitriões australianos fizeram com que as horas parecessem minutos, mantendo -me tão entretida que quase me esqueci de que estava ali para o impedir de dizer o que não devia. Afinal, ele não precisava de mim. O homem teve formação suficiente com os *media* e já deu entrevistas que cheguem para saber o que deve ou não fazer. Fui, basicamente, uma espetadora. Não que me importasse, só provou que a minha paixão não é descabida. O Dev é mais do que digno de toda e qualquer adoração.

– Bem, não foi horrível, como pensava que iria ser – anuncia ele, depois de fechar o portátil. Com os braços levantados num alongamento, recosta -se nas almofadas do sofá.

É um desafio impedir -me de inspecionar a extensão de pele que é revelada entre a parte de cima das suas calças de ganga e a bainha da sua *T-shirt* preta, ou as linhas dos bíceps que se esticam contra as mangas. Meu Deus, ele é lindo. E, felizmente, parece não se aperceber da minha atenção.

Infelizmente, a Grace repara que estou a observar o Dev e a sua expressão perversa diz -me que vamos falar sobre o assunto quando sairmos daqui.

– Estiveste tão bem – digo -lhe, ignorando a Grace enquanto volto a guardar o meu bloco de notas e o telemóvel na mala. Tirei algumas fotografias dele, que já publiquei, e tomei nota de algumas das suas respostas, para poder retirar excertos do *podcast* quando for publicado. – Possivelmente, vão ter de editar os meus risos de fundo. Mas, isso só prova que as pessoas vão adorar.

O Dev também me sorri, os olhos seguem todos os meus movimentos enquanto me levanto e aliso o vestido à volta das ancas.

– Desde que te tenha feito rir – diz ele, baixando lentamente os braços. – É só isso que importa.

A Grace engasga -se do outro lado da sala, mas recuso -me a olhar na sua direção. O Dev ou não repara ou opta por ignorá -la. Embora, a julgar pela forma como olha para mim como se só eu estivesse presente, eu aposte na primeira opção.

É emocionante e enervante e leva -me a arrumar rapidamente as minhas coisas e a inventar uma reserva de almoço falsa para a qual eu e a Grace corremos o risco de chegar atrasadas. Se não fugir agora, estou destinada a fazer algo parvo como rastejar para o colo dele, envolver os meus braços à volta do seu pescoço e dizer -lhe como é fantástico. O ego dele não precisa disso e eu, com certeza, não preciso de encorajar as borboletas que flutuam na minha barriga, por isso, agarro na Grace pelo cotovelo e aceno -lhe adeus antes de a puxar para fora do apartamento do Dev.

Entramos no elevador antes de ela se colocar à minha frente, com as mãos nas ancas.

– Miúda – diz ela. E depois, outra vez, com mais ênfase. – *Miúda*.

Solto um suspiro e encosto -me à parede de aço atrás de mim. Vou precisar de apoio para esta conversa.

– Sim?

– Sabes que ele não precisava de ajuda, não é? – olha -me severamente. – Ele só queria ver-te. E fazer -te rir.

Ela tem razão, mas nunca o vou conseguir esquecer se o admitir.

– Tenho a certeza de que isso não é verdade.

– Willow – qualquer traço de humor desapareceu da sua voz. – A maneira como aquele homem olhou para ti quando abriu a porta? Eu nunca vi ninguém a ficar iluminado daquela maneira.

Mais uma vez, ela tem razão. Não vale a pena tentar negá -lo. Mas dizê -lo em voz alta significa que já não é somente uma fantasia ou uma simples ilusão. A Grace reparou, o que significa que eu não estou a inventar – e *isso* significa que a minha capacidade de não agir de acordo com os meus sentimentos pelo Dev basicamente desapareceu.

Merda, estou metida num grande sarilho.

– Ele é assim – argumento, sem muita energia. – Literalmente, ele é conhecido por ter o melhor sorriso do mundo.

– Não estou a falar do sorriso dele. Estou a falar de toda a reação a ti. A maneira como ele... – ela abana a cabeça, e depois olha -me séria. – Eu percebo que queiras manter as coisas profissionais. E percebo que nós, como mulheres, tenhamos de tolerar ser esbofeteadas com nomes e rótulos feios quando nos envolvemos com homens com cargos acima dos nossos. E até compreendo que não queiras pôr em risco as amizades do teu irmão. Mas,

Willow, se deixas esse homem escapar... então és uma cobarde.

Como que para validar as suas palavras, o elevador estremece até parar no rés do chão. O meu mundo parece ter sido abalado por um terramoto.

– Vai atrás do que queres – termina a Grace. – E não te arrependas disso.



Capítulo 20

Dev

Está a chover.

Não, não está só a chover, está a chover a potes e, neste momento, o circuito húngaro assemelha -se a um lago para patos. Se as coisas melhorarem, é possível que possamos correr, mas por agora tudo o que podemos fazer é sentarmo -nos e esperar que a chuva acabe.

– Vai pescar.

– Foda -se!

Do meu cantinho, rio -me, com o queixo encostado ao peito, a tentar não chamar a atenção enquanto a equipa das *boxes*, aborrecida, joga a jogos de cartas para crianças no meio da garagem. Optei por ficar de fora nesta ronda, mas isso não significa que não estivesse a dominar o jogo de Uno antes deste.

O Nathaniel desapareceu para lugares desconhecidos, evitando toda a gente, como sempre, e sem fazer amigos. Ainda bem que não precisa de o fazer; enquanto o pai estiver no comando, o seu lugar está seguro.

Ao contrário do meu.

Já não me interessa lutar pelo meu lugar na Argonaut, mas vou esforçar -me por manter uma boa relação com a grande maioria das pessoas. Muitos deles ajudaram -me – os meus mecânicos e engenheiros, todo o pessoal de apoio, até o Konrad, que está neste momento a enfiar -me a câmara na cara, todos merecem o meu melhor. E não estou disposto a desiludi -los.

Por falar em pessoas que não quero desiludir, a Willow entra pelas traseiras da garagem com a Patsy ao seu lado. Pela primeira vez, a Patsy está mesmo a sorrir e tem uma mão no ombro da Willow como se a elogiasse. Seja o que for, é merecido.

O episódio do *podcast* que a Willow organizou para mim foi lançado há três dias e, pelos excertos que ouvi e pelos comentários que li na Internet, a reação tem sido extraordinária. É como se as pessoas tivessem voltado a *gostar* de mim. Não que devessem ter deixado de gostar, mas ela salvou -me do abismo e tenho outra vez uma boa reputação no tribunal da opinião pública. É um milagre.

Não, está errado. Não foi um milagre. E não foi um fenómeno do outro

mundo.

Foi a Willow e o seu cérebro brilhante.

E os elogios que recebe agora são somente uma gota no balde da veneração que lhe é devida. Mas quero ser eu a dar -lha. Se ela me deixar.

E esse é o problema. Não sei se ela o fará.

– O que se passa com a tua cara? – pergunta -me o Konrad, parecendo quase enojado quando sai de trás da câmara. – Porque parece que vais vomitar?

Está tudo bem, tudo fixe, portanto a minha cara de apaixonado parece literalmente doente com a ideia de que a Willow pode não sentir o mesmo que eu. É bom saber disso.

O Konrad afasta -se quando não lhe dou uma resposta, presumindo que estou assim porque estou preocupado com a corrida. Sendo sincero, a chuva não me incomoda e, de qualquer forma, corro um risco enorme sempre que entro no carro. Por isso, conduzir numa pista molhada, apesar de, logicamente, ser mais perigoso do que numa pista seca, não me deixa nem de perto nem de longe tão nervoso como ver a Willow a vir na minha direção.

O cheiro a baunilha pura e doce atinge -me quando ela desliza e se aproxima, a observar o resto da garagem e as *boxes* do lado de fora da porta. Tem uma ruga ligeira entre as sobrancelhas e os olhos castanhos profundos estão um pouco mais abertos do que o habitual quando se viram para mim.

– Achas que vão cancelar a corrida? – pergunta ela.

Demoro um segundo a registar as suas palavras. Estou demasiado distraído com a simples visão dela e com a forma como o meu coração bate de forma irregular no meu peito.

Nem o uniforme horrível da Argonaut consegue esconder o quão deslumbrante ela é, mas a minha miúda radiante nunca repara nos olhares que a seguem – e que são muitos. Já vi vários dos mecânicos a observarem -na, embora um olhar meu os encoraje a voltar ao trabalho. Toda a gente sabe que não se devem meter com ela, o que talvez signifique que há rumores acerca do porquê. Desde que não destruam reputações, consigo viver com a sua existência. Só espero que ela também consiga.

Perante a sua pergunta, olho de relance para os engenheiros, que examinam o radar meteorológico nos ecrãs. Não sou meteorologista, mas parece que a frente climática se está a afastar do circuito.

– Não me parece.

Na altura certa, o Sturgill atravessa a garagem e começa a dar ordens enquanto regressa ao seu posto. Um segundo depois, uma mensagem do controlo da corrida aparece num dos ecrãs do engenheiro. Ele lê -a em voz alta, proclamando que vamos retomar dentro de quinze minutos.

Está na altura de ir até lá.

Antes que possa dizê -lo à Willow, a mão dela pousa no meu ombro, apertando -o levemente.

– Tem cuidado na pista, está bem?

Há preocupação nos seus olhos, mas é quase ofuscada por um brilho de esperança, de reverência. Ela compreende e respeita o risco que estou a correr e está preocupada com a minha segurança, mas a sua expressão está cheia de fé pura nas minhas capacidades. Acredita que vou lá para fora e que volto para ao pé dela intacto, porque sou brilhante no que faço.

– Sou sempre cuidadoso – provoco, mas rapidamente fico sério e ponho a mão sobre a dela para fazer valer as minhas palavras. – Prometo que vou ter cuidado. Além disso, és o meu amuleto da sorte.

Ela abana a cabeça irritada, afastando a mão, embora não antes de beliscar a minha em retribuição pelo comentário.

– Não te trouxe muita sorte até agora, mas tudo bem – diz ela, a suspirar paciente. – Vai -te a eles.

■ ■ ■

Isto vai ser um caos.

Depois de uma volta de formação e de cinco segundos sentado na minha grelha de partida, torna -se óbvio. Não há como não ocorrer uma carnificina. Dois carros despistaram -se a caminho da grelha. Um deles acidentou -se, acabando com a corrida do piloto antes desta sequer começar. O outro recuperou, mas uma manobra destas abala a confiança inclusive do piloto mais seguro de si. Ele não deve estar disposto a correr riscos e, provavelmente, vai ser o último da competição no final da primeira volta.

Eu? Tenho sete carros para ultrapassar e não planeio falhar. Se há um único ponto positivo em competir por uma equipa que mal desenvolve o carro anualmente, é que conheço os seus limites. Sei o que posso e não posso fazer numa pista tão escorregadia. E se há uma coisa que este pedaço de fibra de carbono faz bem, é correr à chuva.

Aperto o volante com mais força, vendo as luzes vermelhas acima de mim acenderem -se uma a uma antes de se apagarem todas.

Carrego no acelerador, saio da *box*, e continuo a descer a reta à direita enquanto os carros da frente entram e saem. Um Omega Siluro abranda à minha frente, obrigando -me a entrar à esquerda no espaço que, milagrosamente, aparece quando preciso dele.

É nessa altura que se dá o desastre.

Mas não para mim, porque hoje é sem sombra de dúvida o meu dia.

O massacre que previ está a acontecer, mas é pior do que eu pensava. Em alguns segundos, um Mascort choca com um McMorris, depois um carro

da Specter Energy bate num D'Ambrosi a caminho da área de fuga. Consigo contorná -los e atravessar, escapando e desviando -me e depois...

Não. Mas que raio? Mas que *merda*?

Estou em segundo.

Só tenho o Zaid à minha frente, com o spray na traseira do carro distante o suficiente para não impedir a minha visibilidade. Dos seis primeiros, parece que ele foi o único piloto a escapar ao caos. Não consigo ver muita coisa nos espelhos retrovisores quando faço a curva seguinte, mas consigo ver a luta pelas posições e os detritos que continuam a voar. Merda, quando der a volta ao circuito, vou ter de me desviar daquilo tudo para não estragar os pneus.

– Em breve, pode aparecer algum carro de segurança – avisa o Branny, pelo rádio. Então, menos de cinco segundos depois, ele declara. – Carro de segurança acionado. Cuidado com a velocidade. E estás em P2. Fizeste um bom trabalho a desviar -te da confusão.

O homem nunca foi bom com elogios demasiado calorosos, mas aceito o que puder.

– Podes atualizar -me sobre os carros que estão atrás? – preciso de saber com quem vou ter de lutar para manter esta posição. Porque, agora que cheguei à frente, não a vou devolver.

Ele lê os cinco carros seguintes, mas o Reid, o Otto, o Thomas, o Lorenzo e o Axel não estão na lista. Porra. *Todos* os melhores pilotos, exceto o Zaid, foram excluídos. Mas esta é a minha hipótese. Se me aguentar, tenho a chance de chegar ao pódio. Contudo, o carro de segurança vai torná -lo difícil. A velocidade reduzida vai aproximar os carros e dar aos pilotos que estão atrás de mim a oportunidade de se reagruparem e recuperarem o atraso. E, se houver uma bandeira vermelha...

– E apareceu uma bandeira vermelha – diz o Branny. – Vem para a *box*, agora. Alinha -te na *pit lane* .

Fico desiludido. Se for uma repetição, posso voltar a ficar no meio e perder a chance de chegar ao pódio.

– Entendido.

Faço o que me mandam, sigo o Zaid até às *boxes* e alinho -me atrás dele, enquanto vejo os mecânicos das equipas a correrem com cobertores de pneus.

– Vou sair do carro, se não houver problema. – o Branny aprova o meu pedido e diz -me para me manter por perto.

Vamos receber um aviso de dez minutos antes do recomeço, mas preciso de acalmar alguma da adrenalina que ganhei com o início da corrida e o facto de estar em P2.

Um dos mecânicos ajuda -me e outro traz um guarda -chuva enquanto tiro o capacete e a balaclava, embora já esteja encharcado. Pelo que vejo, a chuva está quase a parar e, com o calor que está hoje, mesmo com aquele aguaceiro

torrencial, a pista vai secar depressa.

O que significa que temos de nos livrar destes pneus lentos para tempo chuvoso e mudar para pneus *slick* mais rápidos, o mais depressa possível.

Paro na parede das *boxes* para ver os ecrãs meteorológicos e conto ao Branny e aos engenheiros de corrida a minha ideia, depois dirijo -me para a garagem, à procura de uma pessoa. O Mark tenta apanhar -me quando entro, mas aceno -lhe que não e dirijo -me para o canto de trás. Alguma da tensão evapora -se dos meus ombros quando a vejo e juro que ela também parece aliviada por me ver.

É preciso muita resistência da minha parte para não a abraçar, embora não consiga resistir à vontade de lhe passar uma mão pelo braço e de a puxar ligeiramente mais perto. Aproximo a minha cabeça do ouvido dela, como se estivesse a tentar ter uma conversa privada. Estão câmaras por perto, por isso, se formos apanhados nas gravações, vai parecer completamente inocente. E é... mesmo que não haja nada de muito inocente na forma como me sinto quando estou tão perto dela.

Na verdade, não preciso de falar com ela acerca de nada. Tudo o que quero é estar perto dela, desfrutar da sua presença e deixar que me afaste do limite realista de que provavelmente não vou manter o P2 por muito tempo. Tenho de me lembrar de que sou capaz de fazê -lo, mesmo que as probabilidades estejam contra mim. Da parte dela, basta um olhar e um sorriso para que a confiança ressurgja.

O olhar que ela me entrega é um que passei a desejar. Um olhar do qual vou sentir muito mais falta do que podia imaginar quando o nosso tempo acabar.

Os olhos castanhos e grandes encontram -se com os meus e não há uma sombra de dúvida por detrás deles. Ela acredita que consigo fazê -lo. Que consigo fazer qualquer coisa. Isso preenche -me. Convence -me de que ela tem razão, que *consigo* fazer tudo, incluindo ganhar esta corrida, mesmo que tenha um campeão mundial por sete vezes à minha frente.

– Achas que me podes encorajar? – peço, embora não precise disso agora.

A sua gargalhada acelera -me o coração e traz um sorriso à minha cara. Faria qualquer coisa para continuar a ouvir aquele som.

– Muito bem, vamos ver o que consigo fazer – respira fundo e depois começa a falar. – Vi-te a ti e ao Oakley a competir numa corrida de *karting* quando tinhas catorze anos. Estava a chover e fiquei tão chateada com o meu pai por me ter arrastado nesse fim de semana, porque fiquei o tempo todo com um poncho de plástico muito feio. Escondia -me a roupa – que tinha escolhido na esperança de que olhasses para mim.

Pestanejo perante a sua confissão e afasto -me um pouco para a poder olhar nos olhos, mas ela agarra -me no braço, mantendo -me onde estou.

– Não que alguma vez o tenhas feito – continua ela, com um tom cheio de humor. Estou mortinho por lhe ver a cara, mas ela não larga o aperto. – Mas, isso não importa. O que importa é que me esqueci da roupa arruinada e do meu cabelo assustadoramente frisado assim que passaste a linha como se não houvesse uma gota de água no chão. Não tinhas medo de nada. O Oakley, por outro lado, jogou pelo seguro. Acabou em quarto lugar. Mas tu ganhaste.

Ao contrário do que a Willow pensa, estive cheio de medo o tempo todo, mas recusei -me a deixar que isso me detivesse. Aprendi cedo que podia sentir medo e continuar a conduzir com vigor. Nessa altura, já não deixava que fosse um impedimento.

– Eu sei que continuas a ser aquele rapaz de quatorze anos destemido – continua a Willow, forte e com certezas. – Por isso, volta lá para fora e conduz como tal. Vai ganhar.

Por fim, ela afasta a mão do meu braço e deixa -me recuar. Observo a sua expressão, as covinhas que se destacam em ambas as bochechas, embora o sorriso seja ligeiro e um bocadinho tímido.

Há uma mancha vermelha nos pontos mais altos do seu rosto tocado pelo sol, mas os olhos dela estão brilhantes. Sem sinal de vergonha ou de timidez. Ela está ciente das implicações daquela história, ao reconhecer a paixoneta que nunca acabou, e preciso de muito autocontrolo para não a beijar e mostrar -lhe que, agora, essa paixoneta é tudo menos unilateral.

– Porra, é capaz de ser o melhor discurso de encorajamento que já ouvi – admito, com a voz um pouco rouca devido ao esforço para me conter.

Ela faz uma vénia fingida, com as covinhas a aprofundarem -se enquanto sorri.

– Fico sempre feliz por ajudar.

Espero que esteja a falar a sério, porque agora acho que não consigo viver sem isso. Acho que não consigo viver sem ela.

– Recomeço em quinze! – ouve -se atrás de mim e sou arrastado de volta à realidade, forçado a sair daquela bolha de felicidade. – A corrida recomeça!

Suspiro, sabendo que preciso de voltar a concentrar -me no jogo. Mas, desta vez, há muitos anos que não me sentia tão confiante.

– É melhor voltar para lá – digo, embora não solte o braço dela.

A Willow acena com a cabeça, sem se afastar do meu alcance.

– Devias voltar, sim.

– Desta vez, não me vais dizer para ter cuidado?

Ela franze o nariz, e raios me partam se não me faz querer encostar ainda mais os meus lábios aos dela.

– Não. Tu sabes o que estás a fazer.

– Sim. Acho que sei.

Há um momento de silêncio entre nós, enquanto tento convencer -me a ir

embora, apesar de não ser um silêncio estranho. Por fim, pisco -lhe o olho e dou um passo atrás.

É tudo o que é preciso para me deixar levar outra vez pela loucura. Mas estou de novo determinado e tenho os olhos postos no pódio.

Regresso às *boxes*, mas franzo o sobrolho para os pneus intermédios do carro. São muito melhores do que os de chuva, mas não são os que pedi.

– Eu disse que queria os *slick* – grito, quando chego ao muro das *boxes*.

Um dos estrategas abana a cabeça, virando -se no seu lugar para me encarar.

– Dev, não é...

– Dá -me os pneus *slick* – já não estou somente a pedir. Não vou deixar que estas pessoas lixem as minhas hipóteses. Desta vez, não vai acontecer. – Conheço esta pista e o sol está a aparecer. Se quisermos manter a nossa estratégia de paragem e manter o P2, têm de me dar os *slicks*, *agora*, em vez ficar à espera.

– A Mascort vai enviar o Zaid com intermédios – argumenta. – Os únicos que se atrevem a usar *slicks*, neste momento, são os que não têm nada a perder e estão dispostos a correr esse risco.

– Sim, bom, também estou disposto a isso.

Ele para, observando -me cuidadosamente. Tenho o queixo firme e as mãos pousadas nas ancas. Não vou desistir. Ele pode discutir comigo mas, no fundo, sabe que tenho razão. Sabem todos. O que importa é se estão dispostos a correr o risco comigo.

– Pronto, está bem – o estratega suspira e olha -me atentamente. – Mas, se te despistares, a culpa é somente tua. Tem cuidado com o que estás a pedir.

■ ■ ■

Sentar -me na grelha do P2 é completamente surreal. É quase difícil lembrar -me da última vez que estive tão avançado – como era não ter nada além de uma reta lindamente marcada à minha frente.

No entanto, há uma coisa de que me lembro bem. Posso ainda não ter ganhado um campeonato de F1, ou sequer uma corrida, mas sou um campeão de F3 e F2 por direito. E os campeões nunca se esquecem da sensação de ganhar.

Estava certo acerca da superfície da pista. As manchas pequenas e escuras do asfalto molhado encolhem diante dos meus olhos, enquanto espero que os restantes treze carros terminem a volta de apresentação. É muito provável que pise uma dessas manchas e me despiste, especialmente com estes pneus, mas é um risco que tenho de correr para ter alguma hipótese de terminar no pódio – ou mesmo de ganhar.

Ultrapassar o Zaid vai ser o desafio da minha vida, mas ele vai começar com pneus intermédios.

Não vão durar muito tempo e ele vai, sem dúvida alguma, parar mais cedo. A única questão é: quando ele o fizer, será que vou estar avançado o suficiente para manter o P1?

As luzes apagam -se mais uma vez e saio da linha quase mais rápido do que o Zaid, mas ele tem uma fuga melhor e tenho de ceder na primeira curva. Voltamos a estar em pé de igualdade quando a curva termina, a lutar pela posição enquanto me afasto dos carros que estão atrás. Mas na reta seguinte, ultrapasso -o – sem a ajuda do DRS – tudo por causa dos pneus.

Acabei de ultrapassar o cabrão do Zaid Yousef, o meu ídolo e o homem com quem me igualava somente em sonhos. Contudo, ele foi campeão sete vezes por uma razão. Mesmo com pneus terríveis, continua a ter mais habilidade, mais experiência e um carro melhor, e está logo atrás de mim.

Mas a pista está demasiado seca para os intermédios e ele recua ligeiramente, a tentar encontrar uma zona com ar limpo, quando chegamos à curva seguinte. Em breve, vai ter de fazer uma *pit stop* e vai perder tempo com a mudança de pneus. Provavelmente, vai sair atrás de vários outros carros, se não mesmo em último lugar. Vai ser preciso muito para recuperar e, se eu conseguir esforçar -me mais e aumentar a distância, posso ganhar.

Tal como esperava, o Zaid entra na *pit lane* quando damos a volta e o meu próximo adversário está vários segundos atrás de mim, talvez graças à sua escolha infeliz de pneus.

– *Okay*, Dev, estás a liderar a corrida – diz -me o Branny, ao ouvido. A sua voz está um pouco mais alta do que o habitual, como se não conseguisse acreditar.

Não o posso culpar. A última vez que não tive ninguém à minha frente, estava a ganhar o meu último campeonato de F2. Mas liderar o meu primeiro Grande Prémio de F1? Meu Deus, espero que não me consigam ouvir a rir pelo rádio.

Ainda assim, mantenho a cabeça baixa e esforço -me. À medida que as voltas vão passando, o Zaid volta devagar a ganhar proximidade no circuito. Faço uma *pit stop* para trocar os pneus novos na volta trinta e sete, uma volta depois do Reid, que era o homem mais próximo de mim. A paragem é extremamente rápida e volto a ficar à frente do Reid, embora fique preso atrás de um McMorris que ainda não parou. Duas voltas mais tarde, o McMorris dirige -se à *pit lane* e volto a ser o líder da corrida.

Felizmente, é difícil ultrapassar neste circuito. E, por isso, tenho a chance de ganhar. Só preciso de aumentar a distância entre mim e o Reid e defender -me melhor que nunca quando o Zaid voltar a aproximar -se.

Eu consigo. Consigo ganhar.

O Branny continua a dar -me informações atualizadas acerca das posições dos pilotos e dos meus tempos por volta, guiando -me ao longo de todo o processo. Está tudo a correr na perfeição, mesmo que nada disto estivesse nos planos da Argonaut. Uma vitória pode não mudar muita coisa para eles, mas muda completamente para mim.

O futuro parece -me mais risonho do que nunca.

■ ■ ■

Os primeiros momentos depois de ter cruzado a linha em primeiro lugar são confusos.

Há o caos das felicitações pelo rádio enquanto me dirijo para o parque fechado e paro atrás da placa do primeiro lugar que pensei nunca mais voltar a ver. Há o aperto da minha equipa quando me aproximo deles na barreira destinada a mantê -los afastados. Recebo gritos, palmadas nas costas e abraços tão agressivos que possivelmente vou ficar com uma ou duas costelas partidas depois disto. Vislumbro os caracóis da Willow no meio da multidão, mas não consigo chegar até ela, por mais que tente. E, merda, estou a fazer tudo o que consigo para me aproximar dela.

Depois, os funcionários levam -me para ser pesado e conduzem -me para a entrevista pós-corrída. Agradeço à equipa e à minha família e tenho quase a certeza de que não disse nenhum palavrão, mas terei de ver o vídeo mais tarde para saber o que aconteceu. Depois, vou para a sala de arrefecimento com o Zaid e o Reid. Aperto -lhes a mão e recebo os seus elogios, mas é difícil lembrar-me das suas palavras exatas.

Mas no pódio, torna -se tudo mais claro.

Consegui. Cinco anos na Fórmula 1, mais de cem corridas, e, por fim, estou aqui. O hino nacional americano começa a tocar, representando -me e à Argonaut. Nunca gostei tanto desta canção.

Chove champanhe em cima de mim quando o Reid e o Zaid apontam as suas garrafas na minha direção, e borriço -os de volta, rindo tanto que não tenho a certeza se a humidade que escorre pela minha cara é champanhe ou lágrimas. É isto. Foi para isto que trabalhei e, agora que consegui, quero mais. Mas, por agora, vou deixar que seja suficiente.

Posamos para as fotografias quando as garrafas estão vazias e depois sou levado para fora do pódio e orientado para me limpar, antes de ser chamado para as entrevistas. Não consigo tirar o sorriso da cara – não que o queira – enquanto atravesso os corredores e volto para a autocaravana, aplaudindo com todas as pessoas que encontro pelo caminho. Queria que a Willow fosse uma delas, mas ainda não a encontrei. Ela é a primeira pessoa que vou procurar quando as coisas acalmarem. Esta vitória também é dela.

A adrenalina diminui à medida que subo os degraus para a minha sala de piloto. O Mark segue -me, mas depois de o abraçar com força prometo que podemos avaliar o meu corpo mais tarde. Por agora, preciso de uma oportunidade para me sentar e saborear isto sozinho.

Consegui. Consegui mesmo, caraças.

Quando ele se vai embora, abro a porta da sala – e paro de imediato.

São as fotografias que captam a minha atenção primeiro. Na parede à minha frente está uma colagem de fotografias. Algumas são minhas, outras de fãs vestidos com o meu número, outras da minha família nas minhas corridas de *karting* quando era miúdo. Depois, vejo as cartas e os pósteres, todos escritos à mão, todos a torcer por mim, todos a mostrar a força da crença que estas pessoas têm em mim. Vejo até um retrato meu, feito num estilo moderno com cores chamativas. O meu sorriso, claro, é a característica mais salientada.

Mas é a Willow ajoelhada por baixo daquilo tudo, ainda a preparar as coisas, que faz o meu coração bater mais forte do que alguma vez pensei ser possível.

Ela vira -se com os olhos arregalados e um suspiro suave quando a porta se abre. A fotografia que tinha na mão escorrega para o chão enquanto se levanta, usando a mesa de massagens ao seu lado como apoio, mas depois brinca com os dedos nervosamente.

– Pensei que ias demorar mais a voltar – diz ela, com uma oscilação ligeira na voz e um sorriso hesitante. – Ainda não está pronto, mas eu... queria fazer -te uma surpresa.

A minha garganta fica apertada, bloqueando as palavras que lhe quero dizer. Estou desidratado por causa da corrida calorosa, claro, mas não é isso que me deixa sem palavras. A culpa é da Willow.

– Fizeste isto tudo para mim? – consigo por fim perguntar enquanto observo o espaço, depois concentro -me nela outra vez. – E se não tivesse ganhado?

– Já o tinha planeado há algum tempo – admite, ainda a brincar com os dedos, mas o seu sorriso está a crescer. – Não é nenhum santuário à tua vitória. Só queria que visses como és amado por tanta gente. Queria lembrar -te porque é que deves continuar a lutar por aquilo que queres.

Aprecio o sentimento, sem dúvida. Mas a minha razão para continuar a lutar está à minha frente.

Talvez seja a adrenalina persistente. Talvez seja a imprudência que corre nas minhas veias. Ou talvez seja o facto de estar a olhar para ela. Mas o que quer que seja, faz -me avançar na sua direção antes que consiga pensar duas vezes.

Paro quando estamos perto um do outro. Estou tão próximo que ela tem de esticar o pescoço para olhar para mim. O seu olhar é incerto mas

esperançoso, como se estivesse preparada para que a desiluda meigamente, mas a desejar mais do que isso. Dou -lhe o que ela quiser.

– Adoro – digo -lhe, embora seja quase um adoro -te. – Está perfeito.

Ela suspira, suave e ligeiramente instável. Abre a boca como se quisesse dizer alguma coisa, mas as palavras dissipam -se quando lhe pouso a mão na nuca.

– És perfeita – murmuro.

Deslizo o olhar para a boca dela, depois volto a levantá -lo. Quando o olhar dela passa de inseguro a expectante, não perco mais tempo. Já desperdicei o suficiente.

Beijo -a.

¹⁴ Via adjacente à pista principal, utilizada pelos carros quando precisam de ir às boxes. (N. da T.)

¹⁵ Pneus lisos que só podem ser usados em competição e que permitem uma aderência inigualável com piso seco, mas que são um “suicídio” com piso húmido. (N. da T.)



Capítulo 21

Willow

Os lábios do Dev nos meus são uma vitória para mim.

Ele fez o trabalho árduo, mas sou eu quem recebe a recompensa, mesmo que não seja o prémio que esperava. Embora tenha lutado muito contra isto, é completamente o que eu quero. O que quis durante muito, muito tempo.

Por isso, devolvo o beijo.

A sua língua roça na minha e o meu corpo reage com um zumbido. O seu sabor é doce, como a bebida eletrolítica que bebe depois de cada corrida, com um toque de cereja e algo mais que não consigo identificar. É um lembrete da proeza que ele acabou de realizar, e uma nova onda de alegria sacode -me.

Ele conseguiu. Ganhou. E fê -lo com um carro pouco fiável e uma equipa que não o apoia como devia. É uma vitória que merece celebrar da forma que quiser. E, se é a mim que ele quer...

A barba por fazer raspa na minha pele e enfio os dedos no seu cabelo húmido de suor para o puxar para mais perto. Um gemido ressoa -lhe baixo na garganta enquanto ele me puxa para si, com as mãos firmes na minha cintura, possessivo, o seu toque quase ardente. Agarro -o com mais força, prendendo -o a mim, também eu possessiva por direito, sem querer desistir.

Só que não pode durar. Nunca foi suposto durar, como prova a data final do nosso acordo. E talvez isto seja parte disso – uma vantagem deste trabalho. Também vai acabar, quando nos afastarmos um do outro. O mais provável é que acabe quando um de nós sair por aquela porta.

Ponho esses pensamentos de lado e concentro -me no aqui e agora, na forma como a sua boca desliza sedenta sobre a minha, tirando o que quer e dando -me ainda mais em troca.

Inclino a cabeça como um convite e derreto -me nele, estremecendo quando as suas mãos sobem da minha cintura e passam por baixo dos meus seios, até à ligeira plenitude lateral. Os arrepios seguem rumo às minhas clavículas e pescoço. Ele termina a viagem acariciando -me a cara com tanta ternura que não consigo deixar de soltar um suspiro de leve. Serve, ao mesmo tempo, para lhe pedir mais e para agradecer pela sua delicadeza. Ele sabe como lidar comigo, sabe do que gosto. Ele até parece saber, enquanto abrandando os

movimentos e se acalma, que, se isto durar mais tempo, não vou ser capaz de me afastar.

O seu último beijo permanece, de alguma maneira, mais doce do que os outros, e ele acaricia as maçãs do meu rosto com os polegares enquanto acordo lentamente deste sonho.

– Desde o ano passado que queria fazer isto outra vez – murmura ele, com os lábios a um centímetro dos meus.

Solto -lhe o cabelo e deslizo as mãos para o seu peito, com os dedos a enroscarem -se no fato de corrida. Ainda estou zonzinha e embriagada, por isso, faço a pergunta sem pensar duas vezes.

– Então, porque não fizeste?

A boca dele eleva -se a um canto.

– Tenho quase a certeza de que ambos concordámos que seria má ideia.

Engulo em seco, mas não o deixo ir embora, mesmo que a realidade esteja a pressionar -me de novo.

– Tens razão. Concordámos.

Sinto -me a ficar nervosa. O fim já está a chegar. Estamos prestes a afastar -nos um do outro e, mais uma vez, a concordar que isto foi algo que aconteceu no momento. Que não significou nada, mesmo que ambos saibamos que isso é mentira.

Mas as mãos do Dev não abandonam a minha cara e o brilho nos seus olhos diz -me que não vai mentir sobre o que está a acontecer.

– Se é assim tão má ideia – diz ele, com a voz nervosa e os polegares parados na minha pele –, então explica -me porque será que te quero beijar outra vez. Por que não consigo tirar -te da cabeça. Porque será que, sempre que te vejo perto de outro homem, quero arrastá -lo para longe de ti e certificar -me de que nunca mais se aproxima. Diz -me, Willow. Diz -me porque será que me sinto assim.

Sinto um aperto na garganta quando ele olha fixamente para mim. A paixão ardente no seu olhar dá -me vontade de me pôr nas pontas dos pés e beijá -lo mais uma vez, só para o fazer fechar os olhos. Ele não pode olhar para mim assim, ou faremos escolhas que não podem ser esquecidas.

Em vez disso, tudo o que posso fazer é sussurrar:

– Não sei.

Ele afasta a mão do meu rosto e solta um suspiro pesado, deixando cair a cabeça para trás antes de a endireitar de novo. Mas não se afasta. Pousa as mãos na minha cintura, mantendo -me por perto. A sua mensagem é clara. Ele não vai deixar que me vá embora.

E eu não tenciono ir a lado nenhum. Não estou pronta para chegar ao final.

– Então, diz -me como te sentes – insiste ele, com um tom desesperado. – Diz -me que não sou o único a dar em louco.

Solto um suspiro trémulo. Ele deve saber como me sinto. Mas talvez ambos precisemos de o ouvir outra vez para acreditar.

– Não és só tu.

Ele encosta a testa à minha e abana um pouco a cabeça, como se não conseguisse acreditar na situação em que nos encontramos, apesar de ter sido ele a fazer a jogada – aquela que mais uma vez mudou tudo para nós.

– *Porra*, Willow.

– Eu sei – sussurro, apertando -o com mais força. Que confusão tão grande em que nos encontrámos.

O maxilar dele move -se enquanto ele respira com firmeza, os dedos pressionam as minhas costas. A pressão mantém -me de pé, numa altura em que facilmente conseguiria flutuar.

– Eu sei que isto... é muita coisa – diz ele, por fim. – Mas, não quero que mais tarde decidas que foi um erro. Não foi para mim. E também não o foi da última vez.

Não me arrependo de o ter considerado um erro. Era a coisa certa a fazer, a forma certa de agir na altura, mas não posso dizer o mesmo agora.

– Não é um erro – é a verdade, mas não é tão simples quanto isso. – Mas não sei o que pode querer dizer.

Podemos revelar todos os nossos segredos há muito guardados, fazer todas as confissões, mas não têm importância se não conseguirmos perceber para onde e como será que as coisas vão a partir daqui.

O Dev recua o suficiente para me olhar nos olhos.

– Significa que não quero fingir que é fácil para mim ficar longe de ti. Estou farto de agir como se não quisesse estar perto de ti cada segundo que posso – passa -me o cabelo por cima do ombro, com os dedos a demorarem -se na minha nuca. – Eu gosto de ti, Willow. Gosto tanto que às vezes me esqueço daquilo que é suposto separar -nos.

Ele pode esquecer -se, mas eu não. O meu irmão, este trabalho, o risco de relações e reputações arruinadas.... Há tanta coisa em jogo. E, no entanto, não me impede de dizer:

– Também gosto de ti. Muito.

O sorriso dele torna -se provocadoramente presunçoso, mas consigo praticamente sentir a excitação a vibrar sob a sua pele com a minha confissão.

– Sim, já sabia disso. Confessaste os teus sentimentos por mim quando estavas bêbada.

Gozo com ele para disfarçar a minha gargalhada.

– Cala -te.

O humor que ele trouxe a este momento faz com que algumas das minhas preocupações desapareçam. É como se voltássemos a ser nós próprios. O Dev e a Willow, o palhaço da turma e a rapariga que tenta não se rir das piadas

dele.

Ele enrola um dos meus caracóis à volta do dedo, com o sorriso de volta mas o olhar ainda doce.

– Não, porque depois não te posso dizer o quanto desejava não te ter deixado fugir de mim naquela altura. Devia ter ido atrás de ti.

Abano a cabeça.

– Eu não teria ouvido. Estava demasiado envergonhada.

– E agora? – observa cada centímetro do meu rosto. – Ainda estás muito envergonhada?

– Não. Nem um bocadinho.

Ele inclina -se outra vez e, desta vez, estou pronta para o beijo. Por isso, fecho os olhos e inclino a cabeça para trás, à espera que os seus lábios toquem nos meus.

Mas uma batida forte na porta faz -me recuar. Contudo, o Dev não me deixa ir longe. Reage mais rápido do que eu, colocando um braço à volta da minha cintura, mantendo -me perto dele. Como se não estivesse preocupado que a pessoa do outro lado da porta pudesse entrar e apanhar -nos assim.

Felizmente, ele tem razão. Ouve -se somente uma voz, dizendo ao Dev que precisam dele para as entrevistas.

Por cima da minha cabeça, ele responde, e depois volta a baixar o queixo para olhar para mim.

– Eles adoram interromper -nos, não é?

Desviando o olhar, forço uma gargalhada com aquele comentário engraçado. A ideia de ser apanhada não me parece muito divertida.

O Dev aperta -me o queixo, levando -me a olhar para ele outra vez.

– Ei – diz ele, suavemente, tendo o humor desaparecido. – Continuamos a falar sobre isto mais tarde, está bem? – espera que eu acene ligeiramente com a cabeça antes de continuar. – Tenho de voltar para ao pé da equipa, mas isto não sou eu a afastar -me de ti. É óbvio que existe alguma coisa entre nós. E temos de entender o que vai acontecer a partir de agora.

Aceno com a cabeça, engolindo com dificuldade.

– Pois temos.

– E vamos conseguir – os lábios dele encontram os meus para um beijo de despedida que me deixa sem fôlego. – Volta para o hotel – murmura ele, afastando -se apenas o suficiente para proferir as palavras. – Troca de roupa. Vamos sair hoje à noite.

■ ■ ■

– Vi a corrida! – grita a Chantal, quando atende a minha chamada. – Não acredito que o teu rapaz ganhou!

Solto uma gargalhada, imaginando -a aos pulos no nosso apartamento, enquanto estou aqui a arranjar -me sozinha noutro desinteressante quarto de hotel. Tenho ainda mais saudades dela, agora que tenho algo importante para lhe contar.

– Sim, foi uma surpresa enorme – digo, segurando o telemóvel entre a orelha e o ombro enquanto vasculho a minha mala à procura de uma roupa para vestir esta noite. – Ei, estás.... Estás ocupada, neste momento? Posso ligar mais tarde.

– *Pff*, como se tivesse alguma coisa melhor para fazer – ouço algo que soa a um saco de batatas fritas a romper. Deve estar a preparar -se para ver a *Ilha do Amor*. Normalmente, estaria ao lado dela. – Desembucha. O que se passa?

Estou mortinha por lhe contar acerca do que aconteceu com o Dev desde o segundo em que ele saiu pela porta da sala de piloto, deixando -me a pressionar os dedos nos meus lábios inchados e a repetir aquela memória. Foi... espantoso. Fantástico. Senti -me completamente tonta, mas o que vem a seguir deixa -me ansiosa. Sem dúvida que preciso de uma segunda opinião. Provavelmente, também vou obrigar a Grace a passar por tudo isto comigo, assim que ela responder às minhas mensagens.

– Eu... – como começo esta conversa? – O Dev, ele... – respiro fundo. Que se lixe, é só dizê-lo. – Eu e o Dev beijámo -nos hoje – desabafo.

O seu suspiro é seguido de um silêncio estonteante que dura tanto tempo que receio que a chamada tenha sido desligada. Mas não, ela ainda está em linha quando volto a agarrar no telemóvel para verificar. E ainda bem que o faço, porque o grito dela um segundo depois podia ter -me rebentado o tímpano se não o tivesse feito.

– Eu *sabia* que ia acontecer!

Espero mais um pouco antes de a pôr em alta -voz, pousando o telemóvel ao lado da minha mala e sentando -me de pernas cruzadas à sua frente.

– Sim, tu e a Grace avisaram -me – murmuro, ainda incrédula com o que aconteceu. – Se calhar, devia ter -vos dado ouvidos.

Podia ter -me poupado algumas noites agitadas e dias de lamentação se não tivesse insistido em que eu e o Dev mantivéssemos as coisas estritamente amigáveis. Mas, sendo honesta, não me arrependo do caminho que tomámos, porque significa que ambos tivemos tempo para pensar no assunto. Para deixar os nossos sentimentos crescerem sem a pressão de saber o que vinha aí. Gosto de como chegámos até aqui. Gosto de como nos encontrámos pelo caminho. Parece acertado, mesmo que tenhamos muitos pormenores para resolver.

– Eu perdoo -te por esse passo em falso – provoca a Chantal. – Então, já pararam de fingir que não estão apaixonados um pelo outro?

O meu rosto esquenta e imobilizo -me com a mão numa pilha de vestidos.

– Eu não iria tão longe – gaguejo. – Mas... acho que já não somos só amigos.

A sua voz é mais aprazível quando volta a falar.

– Não o são há algum tempo, querida.

Não está errada. Há muito que andamos a vacilar à volta dos nossos sentimentos. Mas, será que estou pronta para ceder à atração, ao magnetismo, que existe entre nós?

– Nem sei o que quero dele – confesso -lhe. – Estarmos juntos somente uma vez para nos livrarmos disto? Sermos amigos com benefícios? Uma relação séria?

Dizer as opções em voz alta faz com que tudo pareça demasiado real. Enquanto a ansiedade sobe no meu peito, continuo.

– Se calhar, não passa de um engate. Quando o meu contrato terminar, ele vai continuar a viajar pelo mundo, enquanto eu volto para Nova Iorque e há a possibilidade de não o voltar a ver durante meses. Como será que é suposto uma relação funcionar dessa forma?

– Há muitos pilotos que têm parceiros e famílias – salienta a Chantal. – Parecem estar a sair-se muito bem. Porque será que contigo e o Dev haveria de ser diferente?

De repente, não consigo pensar em nenhuma razão, mas tenho a certeza de que existem milhares à espera de surgirem e de nos deitarem abaixo. Será que quero arriscar? Será que consigo ter a fé necessária para sequer tentar ter alguma coisa com ele?

– Façamos o que fizermos, não vai ser fácil – digo, por fim. É a única conclusão a que consigo chegar, neste momento. Porque a ideia de ficar sem ele é igualmente difícil.

– A facilidade é sobrevalorizada – contrapõe ela. – O que importa é que façam o outro feliz.

E é aí que reside o problema – não sei como fazer isso.

Mas há uma coisa que sei.

– Tenho medo, Chantal – sussurro.

Estar com o Dev, seja de que forma for, significa abrir -me a outra possibilidade de ter um desgosto amoroso. Não consigo imaginá -lo a trair -me como o Jeremy fez, mas também não consigo imaginar ser a sua primeira escolha para sempre. Agora que a reputação está refeita, ele pode ter qualquer mulher, por isso, porque haveria de se contentar comigo?

Sou frágil e fraca, praticamente unida com cola e elásticos.

Há dias em que mal consigo acompanhar o ritmo alucinante de seguir a equipa pelo mundo e é um milagre não ter ficado completamente para trás ou gravemente ferida. Alguém devia colar-me um autocolante na testa a dizer: *Manusear com cuidado.*

Será que ele iria estar disposto a tolerá -lo? E durante quanto tempo?

E, depois, há o meu irmão. Já destruí o grupo de amigos do Oakley uma vez. Não quero ser a razão pela qual volta a acontecer. Se eu e o Dev acabássemos, não importa o quão amigável fosse, iria existir sempre um constrangimento persistente entre nós e não tenho dúvidas de que isso iria ser transferido para a relação dele com o Oakley. Não iria aguentar ser a razão pela qual o meu irmão perdeu outra ligação.

E, mesmo se *não* acabássemos, se, quem sabe, levasse a um casamento, a filhos e a um felizes para sempre, a amizade deles iria mudar na mesma. Será que consigo lidar com isso? Podia ser feliz com a minha escolha, sabendo que o Oakley continuava a ser afetado?

– Não acho que estarmos juntos seja uma boa ideia – digo à Chantal, mas as palavras têm um sabor amargo na minha boca.

Há um momento de silêncio decepcionado antes de ela dizer:

– Não podes acreditar mesmo nisso.

Não acredito, mas é o medo a falar. Neste momento, sinto apenas o ardor do pânico nas minhas veias. Sinto o meu modo defensivo a ser ativado e a dizer -me para fugir.

Mas, *não quero* dar ouvidos ao medo. *Não quero* deixá -lo privar -me da felicidade que estar com o Dev sem dúvida me iria trazer, mesmo com as consequências, mesmo que por pouco tempo.

Pode continuar a emitir o seu canto de sereia na minha cabeça, mas recuso -me a deixá -lo atrair -me. Não vou afogar -me na corrente das emoções e deixar que me levem, quebrada e ensanguentada, para a costa. Não vou deixar que me feche numa concha como antes. Ou que roube o fogo que trabalhei tão arduamente para avivar e avivar e avivar até que voltasse a brilhar outra vez.

Portanto, restam -me duas opções. Posso ser egoísta. Posso colocar -me em primeiro lugar e mergulhar no desconhecido. Ou posso submeter -me ao bem maior e deixar que isto acabe, mantendo o *status quo* intacto.

E isto significa que tenho de fazer uma escolha.

– Só tenho medo de ter de abdicar de alguma coisa para ficar com ele – termino, enfraquecida.

Ela fica em silêncio durante alguns segundos, a considerar as minhas palavras. Compreende o que estou a dizer, mesmo que eu não explique os meus pensamentos. Conhece todos os meus problemas e dúvidas e conheceu todas as minhas versões – desde a inocente de olhos arregalados que entrou na faculdade, à rapariga com o coração partido depois da situação com o Jeremy, até à mulher que sou agora, em parte graças à forma como ela e a Grace ajudaram a reconstruir -me.

– Eu percebo – diz ela por fim. – E é *assustador*. Mas, Willow... – respira fundo, as palavras seguintes são gentis, mas determinadas. – Tu podias ter *tudo*

com ele. Por favor, não deixes que o medo vença.



Capítulo 22

Dev

O meu telemóvel não para de tocar desde o final da corrida. Nem o do Chava e o do Mark. Acho que nunca falei com tanta gente na minha vida. Merda, nem *sabia* que conhecia tanta gente.

Estou num canto do meu quarto de hotel, a conversar por videochamada com a minha mãe, o meu pai, a minha irmã e um punhado de amigos que assistiram à corrida com eles. É uma confusão de vivas e brindes numa combinação de inglês e gujarati e não consigo perceber metade do que estão a gritar.

– Portaste -te bem, *beta* – diz a mãe pela milionésima vez, mas nunca vou cansar -me disso. Os elogios dela são um tesouro. – Traz esse troféu para casa para eu o ver com os meus próprios olhos.

– Se soubesse que planeavas ganhar, tinha estado lá! – grita o pai, com os braços à volta dos ombros da mãe. – Estou tão orgulhoso de ti, miúdo.

– *Acho* que te saíste bem – provoca a Alisha, a partir do canto do ecrã. – Mas é melhor aproveitares a atenção agora, porque no próximo mês vai ser toda minha.

O noivo bufa, tocando -lhe no queixo.

– Ah, sim, só tua. Porque não é o *nosso* casamento.

É óbvio, pela forma como ele olha para a Alisha, que está loucamente apaixonado. É assim que olho para a Willow? Se for, é um milagre que ainda ninguém me tenha chamado à atenção.

E é um milagre que tenha aguentado até hoje para, por fim, a beijar outra vez. Mas, vê -la na minha sala, a montar uma exposição para me lembrar de como sou amado... não consegui conter-me. Tinha de a fazer entender a minha obsessão.

Mas, agora, eu e ela temos muito que falar. A conversa vinha a caminho há algum tempo, mas sem dúvida que a acelerei com as minhas ações. E para mim, as coisas não podem voltar a ser como eram.

Quero mais. Mas cabe -lhe a ela decidir o que é *mais*. Os riscos são muito mais graves para ela do que para mim.

Depois de prometer que voltava a ligar amanhã, desligo a videochamada e

viro a minha atenção para o Chava, que também está a pousar o telemóvel.

– Falei com o Oakley – aquele anúncio repentino enche -me de nervos. – Ele disse para não te preocupares em ligar -lhe de volta. Só queria dar -te os parabéns.

Porra. Empurrei o Oakley para trás das ideias e este *não é* o lembrete de que precisava depois de ter andado com as mãos na sua irmãzinha há algumas horas. Por mais razoável que ele seja, acho que não ia gostar desse pormenor. Especialmente se soubesse que nem era a primeira vez.

Mas, a Willow é uma mulher independente. É capaz de tomar as suas próprias decisões. Só não sei se não levam à destruição de mais amizades. Acho que tudo o que posso fazer é esperar para descobrir.

– Vamos embora – diz o Mark do outro lado da sala, guardando o telemóvel no bolso das calças. – Esta noite, vou deixar -te sem vigia, Dev. É melhor aproveitares ao máximo.

– Oh, tenciono fazê -lo – respondo, a sufocar a culpa que ameaça ferver na minha garganta.

Desabotoo o botão de cima da camisa como se fosse ajudar, mas só atrai um assobio do Chava, que deve entendê -lo como um sinal de que estou pronto para ser livre, em vez de um tique nervoso.

Ele passa um braço à volta do meu pescoço, prendendo -me.

– Esta noite, vais por fim dar uma queca, mano. Toda a gente quer chupar a pila de um vencedor.

O comentário surpreende -me e solto uma gargalhada antes que consiga travá -la, mas alivia-me a culpa enquanto sou arrastado por ele até à porta. Se soubesse que esses não são os meus planos, iria gozar comigo até ao fim dos meus dias.

– Temos de ir buscar a Willow – lembro -lhe a ele e ao Mark quando estamos no corredor, acenando a alguns outros funcionários da Argonaut que também estão a sair.

Esta noite vai ser um caos – desta vez do bom – para a equipa. É uma sensação ótima saber que sou a razão pela qual todos estão felizes e estou entusiasmado para continuar assim. Mas, só pode acontecer se o Buck me deixar fazê -lo outra vez.

O Chava é quem lidera o ataque ao quarto da Willow, que fica no final do corredor, e bate na porta a cantarolar o nome dela enquanto eu e o Mark nos aproximamos. Abro a boca, pronto para lhe dizer para parar com aquilo, mas fico sem palavras quando a porta se abre.

Se havia alguma dúvida na minha cabeça referente à possibilidade de ter uma relação com a Willow, agora desapareceu. Porque tudo o que preciso está à minha frente.

– Estás pronta para sair? – pergunta o Chava, enquanto atravessa a soleira

do quarto. De alguma forma, ao contrário de mim, o homem consegue resistir -lhe.

Ela fica bem em tudo, inclusive no uniforme da Argonaut. Mas com o vestidinho preto desta noite, com um decote à frente e sapatos que só podem ser descritos como uns saltos altos provocadores? Manter as minhas mãos longe dela vai ser uma tarefa impossível – embora talvez seja esse o seu objetivo. Por esta altura, ela sabe muito bem o efeito que tem em mim.

Os lábios pintados de vermelho curvam -se num sorriso enquanto olha para o Chava. Tenho somente um bocado de inveja por o brilho nos olhos dela não ser para mim.

Okay, que se lixe. Estou muito ciumento. Ela devia estar a olhar assim para *mim*.

– Onde vamos? – pergunta ela, enquanto fecha a porta atrás de si. – Estou disposta a tudo, mas não me importava de saber os vossos planos.

Mal registo a resposta do Chava enquanto a observo a avançar pelo corredor, incapaz de desviar o olhar. Sempre tive consciência de que a Willow existia – de como se movia num espaço, como falava, como reagia – mas, agora é diferente. Essa consciência é muito mais forte, como se houvesse uma corda amarrada entre nós. Como se me puxasse para ela.

Só quando a atenção dela se vira para mim, por fim, é que me apercebo de que estava a suster a respiração e o cheiro a baunilha quente inunda os meus sentidos quando inspiro. Enquanto o Chava e o Mark caminham à nossa frente para chegar ao elevador, com o primeiro ainda a falar, ela fica ao meu lado. E, *por fim*, lá está ele – o sorriso por que estava à espera, aquele olhar de adoração pura e transparente, aquele que me ofereceu antes de eu sair e ganhar a corrida. Incendeia cada célula minha.

– Olá, campeão – provoca ela calmamente, com as pestanas longas a esvoaçarem enquanto olha para mim. – Animado com a noite?

Aceno com a cabeça, mas não estou interessado em falar sobre mim.

– Estás fantástica – digo -lhe, contente por estarmos fora do alcance auditivo dos outros.

É um elogio parco, mas vai ter de servir por agora. Guardo a poesia e as falas como nos filmes hindi para quando tiver mais tempo e privacidade para a adorar da forma que merece.

O sorriso dela transforma -se num sorriso malicioso e os olhos passam por mim. Há um novo ardor nas suas profundezas quando ela encontra o meu olhar outra vez.

– Tu também não estás nada mal.

Raios partam, estou tão louco por esta rapariga.

– Estás bem? – pergunto -lhe. Preciso de uma distração que me impeça de fazer algo insensato, como arrastá -la de volta para o meu quarto à frente de

todas estas pessoas.

– Sim – diz ela. As costas da mão dela roçam na minha, enquanto caminhamos lentamente em direção ao elevador que nos espera. – Estou bem.

Procuo o perfil dela. Tivemos algum tempo para pensar no que aconteceu e preciso de ter a certeza de que ainda estamos em sintonia.

– Juras?

– Juro.

A conversa que queremos ter vai ter de esperar até podermos fugir. Se pode acontecer esta noite, ainda não se sabe, mas estou ansioso para que aconteça. Não posso deixar que o que paira entre nós continue. Quero agir. Tomar decisões.

Fazer escolhas que podem mudar tudo, para sempre.

■ ■ ■

A discoteca é barulhenta, abafada e decorada com mais bandeiras americanas do que alguma vez esperei ver na Hungria, mas já tive noites piores. O champanhe corre, a música é decente e as pessoas aqui reunidas para celebrar estão a divertir -se. Nem sequer posso reclamar deste lugar estar cheio, visto ser por causa disso que a Willow tem sido praticamente pressionada contra mim na última hora.

Por insistência do Chava, estamos todos na pista de dança em vez de estarmos na zona VIP, como com certeza o Mark teria preferido. A Willow está no meio do grupo, movendo -se para trás e para a frente entre mim e o Chava. Nós os dois estamos a competir para ver quem consegue fazer os piores passos de dança para a fazer rir.

Eu *não* danço mal, a minha mãe deserdava -me se dançasse, mas finjo de bom grado que sou um tolo para fazer a Willow sorrir. Já o fiz antes e volto a fazer. Desde que me lembro, faço -me de palhaço para poder ver a cara dela iluminar -se. Para conseguir ver aquelas covinhas profundas aparecerem como crateras pequenas da Lua. E o que é mais bonito do que a Lua?

Por agora, é a minha vez de dançar com ela. Com o meu braço à volta da sua cintura, inclino -a para trás dramaticamente, arrancando -lhe um riso doce dos lábios. Quando a inclino ligeiramente mais, estende a mão para mim, com os dedos agarrados à minha camisa. Nunca a iria deixar cair, mas, mesmo assim, não a levanto de imediato. Com o coração aos saltos, saboreio a forma como ela se agarra a mim e a emoção que lhe passa pelo rosto. Ela ainda tem aquele traço de audácia, o que vi desvanecer -se à medida que ela ficava mais velha. Mas agora está a voltar à vida – o seu desejo de ultrapassar os limites e explorar as coisas que pensava estarem fora do seu alcance – e fico mais do que feliz por ser o seu guia.

Ela guincha quando a levanto de novo, com as mãos ainda pressionadas contra o meu peito. São tudo o que separa o meu corpo do dela. Não era preciso muito para a puxar para mais perto, para baixar a cabeça e procurar os seus lábios, para lhe roubar um beijo nesta pista de dança cheia de gente. E, se a faísca nos seus olhos significar alguma coisa, ela iria deixar -me fazê -lo.

Mas, antes que possa fazer algum movimento, o meu telemóvel toca no meu bolso. Mantendo um braço à volta da Willow, tiro -o para fora, preparando -me para enviar mais uma chamada de parabéns para o *voice -mail*.

Contudo, desta vez, é o nome do Howard que brilha para mim.

Hesito, dividido entre querer continuar a dançar com a Willow e precisar de saber o que o meu agente quer. Ele nunca foi de perder tempo com lisonjas, por isso é provável que haja outro motivo por detrás desta chamada.

Inclino -me para gritar: – Desculpa, tenho de atender! – ao ouvido da Willow, antes de fazer sinal ao Chava para se aproximar. Quando ele o faz, sou rápido com as minhas instruções. – Toma conta dela, está bem? Eu já volto.

Ele acena com a cabeça uma vez.

– Tudo bem.

Estou relutante em afastar -me da Willow e ela observa -me com os olhos desapontados, como se também se opusesse a deixar -me ir embora. Mas o Chava é rápido e abraça -a e os ciúmes não me invadem como esperava. Eu sou quem ela quer. E o Chava não se iria atrever a tentar influenciar -lhe os sentimentos – ao contrário do Mark, que passou a noite toda a lançar -me olhares indecifráveis. Quando me afasto do nosso grupo, recebo mais um desses olhares vindo dele.

Passo por entre uma multidão de membros da equipa da Argonaut, recebendo brindes e mais palmadas nas costas enquanto me dirijo a um corredor mais calmo nas traseiras. A batida do baixo ecoa pelas paredes, mas o volume é baixo o suficiente para que o meu agente consiga ouvir -me.

– Estás a ligar para me dar os parabéns, Howard? – saúdo -o, com o telemóvel encostado a uma orelha e a mão livre sobre a outra, subitamente quente de tanto champanhe. – Disseram -me que hoje ganhei uma corrida.

Fiel à sua pessoa, o Howard não reage.

– Estou a ligar porque ouvi rumores de que o Otto Kivinen vai deixar a Mascort no final da época.

As palavras do meu agente deixam -me sóbrio. Será que ouvi bem? Porque é impossível que tenha dito o que eu penso que disse.

– Estás a gozar comigo.

O Otto está na Mascort há tanto tempo quanto eu ando na Fórmula 1. Ele é a manteiga de amendoim para a geleia do Zaid, o piloto número dois perfeito. É exatamente o tipo de pessoa que uma equipa quer a apoiar o seu campeão na

luta pelo oitavo título. É um marcador de pontos consistente e um dos melhores defensores na grelha. É exatamente quem eu iria querer como companheiro de equipa se fosse um candidato ao título.

Tanto quanto sei, o Otto tem estado em negociações contratuais com a Mascort, mas, se os rumores forem verdadeiros, não devem estar a correr bem. O Zaid tem falado muito sobre o respeito que tem pelo Otto e o quanto o quer na equipa. E a Mascort apoia -o sempre, por isso deve ser o Otto quem quer sair.

Nem toda a gente quer ser o piloto número dois para sempre. Eu percebo a sensação.

– Como disse, foram rumores – continua o Howard. – Dos barulhentos. E ouviram -se rumores de que a Mascort está à procura de um substituto. Estão a considerar algumas opções.

Sinto que consigo ouvir o meu coração a bater, o sangue quente e a correr -me pelas veias. O Howard não iria partilhar esta informação a não ser que estivesse relacionada comigo.

– Sou uma dessas opções?

– Mais do que uma opção, depois da tua atuação de hoje – revela. – E sei de fonte segura que a Argonaut está disposta a deixar -te ir embora pelo preço certo.

Claro que sim. O Buck pode ter os seus milhões, mas prefere ganhar mais dinheiro livrando-se de mim do que deixar -me ficar e levar a equipa à vitória. É óbvio que já andava à procura de alguém para me substituir no próximo ano. Isto significa somente que não terá de me pagar a saída.

– Tens sorte de teres dado a volta à tua situação – continua o Howard. – As pessoas estão a começar a ver o teu autêntico potencial.

– Não foi sorte – respondo automaticamente. – Foi a Willow.

E ela é a primeira pessoa a quem quero contar a novidade. Quero correr para ao pé dela agora, abraçá -la e murmurar -lhe nos lábios que tudo aquilo pelo qual trabalhámos está ao nosso alcance.

O Howard resmunga.

– Seja o que for, continua assim – faz uma pausa, deixando -me assimilar a notícia, deixando-me imaginar o que posso vir a ter. – Parabéns pela sua vitória de hoje, Sr. Anderson. Entro em contacto quando souber mais alguma coisa.

Começo a andar antes de ele desligar, fugindo do corredor e escapulindo -me pela multidão outra vez, determinado a voltar para ao pé da Willow. Eu juro que o tempo desacelera quando a vejo. Num piscar de olhos, estou à frente dela. Acho que arranquei o Chava do meu caminho, o que me fez ouvir uma série de palavrões em espanhol durante o processo, mas não me importo.

As minhas mãos encontram a cintura da Willow e baixo a cabeça para que

me possa ouvir quando digo:

– Preciso de te dizer uma coisa.

Ela afasta -se para olhar para mim, com os olhos cheios de preocupação.

– Está tudo bem?

– São boas notícias, prometo – aperto -lhe a cintura, depois agarro -lhe numa das mãos. – Vem comigo.

Guio -a pelo clube e para o corredor dos fundos de onde acabei de sair. Estão algumas pessoas a uns metros de nós, à espera na fila para ir à casa de banho, mas não prestam atenção quando encosto a Willow à parede.

Ela encosta -se de bom grado, como se estivesse agradecida pelo alívio da dança e do esmagamento dos corpos. A sua postura pode ser relaxada, mas o olhar é expectante e esperançoso.

– Então? – diz ela, apertando -me a mão. – Quais são as novidades?

Respiro fundo para me acalmar. Será que estou mesmo prestes a dizê -lo?

– Acabei de falar ao telemóvel com o Howard. Ele acha que tenho hipóteses de ir para a Mascort no próximo ano.

Há um segundo de silêncio enquanto a Willow processa a informação. Os olhos dela arregalam -se quando a regista e leva uma mão à boca para cobrir um grito silencioso antes de a deixar cair no meu peito.

– Dev, oh, meu Deus! Isso é incrível!

Levanto a minha mão para cobrir a dela, para a manter encostada ao meu coração que bate descontroladamente.

– Nada é certo – tento moderar a reação dela e a minha, mas não consigo extinguir o sorriso estampado na minha cara. – No entanto, acho que tenho boas hipóteses.

– Estou tão feliz por ti – afasta os dedos dos meus e pousa os braços à volta do meu pescoço. – Vais conseguir o que queres. Eu sei disso.

O abraço dela força -me a baixar ao seu nível, portanto envolvo os meus braços ao redor da sua cintura estreita e puxo -a para mim. O abraço da Willow é feroz, como se estivesse a derramar cada gota de amor, força e crença que ela possui por mim, como se soubesse que vou precisar disso para a jornada que estou prestes a iniciar. E preciso. Preciso mais do que tudo. Porque, por mais entusiasmado que esteja com a possibilidade de em breve ter o lugar de corrida que sempre desejei, o desafio de lá chegar continua a ser assustador.

A Willow sabe disso, mas acha que sou mais do que capaz de o conseguir.

O seu aperto abranda um pouco, e viramo -nos de modo a ficarmos olhos nos olhos. Como sempre, há uma corrente de energia entre nós, mas agora crepita, ameaçando incendiar -se nalguma coisa maior. Mais brilhante. Num inferno que não pode mais ser ignorado.

– Isto é -me familiar – sussurra ela.

Pois é. Demos por nós noutro corredor de uma discoteca, outro sítio que posso acrescentar à nossa lista de locais infelizes para confissões não planeadas, mas não o mudava por nada deste mundo.

– Não me digas que o teu irmão vai sair pela porta da casa de banho – provoco.

O olhar dela desce até à minha boca e os dedos envolvem -se na minha nuca, deixando perfeitamente claras as suas intenções.

– Neste momento, não quero pensar nele.

– Nem eu.

Desta vez, quando nos inclinamos um para o outro, não há interrupções.

A sua boca quente e macia encontra a minha e tudo o resto no mundo desaparece. Todas as tretas. Todo o drama. Toda a preocupação. Desaparece tudo e foco -me somente na sua pessoa. O meu raio de sol. A minha lua a guiar -me pela escuridão. A minha Willow.

Seguro -a com força enquanto aprofundo o beijo, forçando a minha entrada nos seus lábios até as nossas línguas se tocarem. Não é indeciso, não há hesitação da parte dela como outrora existiu. Aquele segundo à espera que me beijasse de volta tirou -me anos de vida, mas isto devolve-mos todos. Deu -me uma existência completamente nova.

Um gemido baixo escapa -me do fundo da garganta quando ela finca as unhas no meu couro cabeludo. As minhas mãos encontram a curva generosa do seu rabo e puxam -na para mais perto de mim, o meu joelho escorrega por entre as suas coxas e sobe ainda mais a bainha do vestido. O suspiro que ela deixa escapar diz -me que consegue sentir cada centímetro de mim a esticar -se por detrás do fecho, mas permanece no lugar.

– Dev – diz entre beijos, com os dedos ainda entrelaçados no meu cabelo. – O que estamos a fazer?

– A comemorar – murmuro contra a boca dela. – Não é óbvio?

O seu riso é doce e ofegante. Inspiro -a como ao oxigénio mais puro antes de me baixar para a saborear outra vez.

Ela deixa -me fazê -lo, o corpo moldado ao meu, as ancas a roçarem contra mim, mas recua apressadamente. E, ainda bem que o faz porque, depois de meses sem sexo, há uma forte hipótese de me vir aqui mesmo, agora mesmo, por causa da forma como se move contra mim. A maior loucura é que, prova velmente, ainda lhe agradecia por isso.

– Precisamos de falar sobre isto – diz ela.

Passo a língua pelo seu lábio inferior, a precisar de mais.

– Eu sei.

– Devíamos falar agora.

– Devíamos – beijo -a mais uma vez.

– Tens de parar de me beijar.

– Não quero.

Ela suspira de alívio, afundando -se ainda mais em mim.

– Ótimo. Eu também não.

Dessa vez, a forma como os nossos lábios colidem não é nada menos do que imprudente. É como um relâmpago durante uma tempestade de verão – quente e brilhante, ameaçando queimar-nos. Este não é o local apropriado para deixar que isto continue, mas não quero parar.

– És tão saborosa – sussurro. Por fim, reúno forças para me afastar, mas a minha boca continua a pairar sobre a dela. – Estar tão perto de ti durante todas estas semanas e não poder tocar -te como queria? Tenho andado a perder a cabeça. Não consigo voltar ao que éramos.

Tem os lábios inchados, os caracóis sobre um dos ombros, os olhos ligeiramente toldados mas fixos nos meus.

– Acho que também não consigo – a confissão é ofegante e suave, mas as palavras são claras. Está a falar a sério.

– Mas não quero comprometer a tua carreira ou a tua reputação – forço -me a continuar, afastando -me um pouco mais ao mesmo tempo. Olho para o corredor em ambas as direções, mas as poucas pessoas que estavam perto da casa de banho já se foram embora. – Não quero fazer nada que não te agrade.

Ela acena com a cabeça, os olhos aclaram e há um vislumbre de apreensão neles juntamente com a claridade.

– Não devíamos apressar nada – concorda ela, passando os dedos pelo meu pescoço e pousando -os nos meus ombros. – Mesmo que seja somente uma atração física.

Sem pressas. Há quase um ano que ando a lidar com os meus sentimentos por ela e, no tempo que passámos juntos, tornou -se o meu porto de abrigo. Mas, a Willow esteve sempre do meu lado. Não é novidade nenhuma. Agora é constante, e tenho medo de ficar sem ela.

O que me diz que não é somente uma atração física. Sinto -me atraído por muito mais do que apenas os seus olhos arregalados, o sorriso brilhante e as curvas que quero traçar em cada centímetro.

Estou farto de lutar contra a atração que sinto por ela. Vão existir consequências? De certeza que sim. Contudo, estou disposto a lidar com elas.

– Não quero que seja apenas atração física – digo -lhe. Não faz sentido mentir ou esconder dela a verdade. – Eu quero -te por inteiro, Willow. Há muito tempo que o quero. E acho que não consigo contentar -me com nada menos do que isso.

A pulsação na sua garganta bate descontroladamente enquanto ela observa o meu rosto, provavelmente à procura de qualquer vestígio de engano. Quando não o encontra, o seu olhar volta a fixar -se no meu, cheio de aceitação hesitante. Se ela não consegue perceber que a quero – de corpo, mente e alma

– então tenho de esforçar -me mais para o provar.

No entanto, é ela quem me vai dizer o que quer. Ela sabe qual é a minha posição.

– Pensa no que queres – insisto. Pouso as duas mãos no rosto dela, para que não possa desviar o olhar. Para que não perca o peso das minhas palavras.

– Leva o tempo que precisares. Não te apresses. E não forces nada – deixo os meus polegares percorrerem as suas maçãs do rosto, rezando para que esta não seja a última vez que lhe toco desta forma. – Mas tem em mente que vou estar aqui à espera, porque sei exatamente o que quero... e és tu.



Capítulo 23

Willow

O meu corpo dói -me como se tivesse sido atropelada por um caminhão quando me levanto da cama na manhã seguinte.

Na noite anterior quase não bebi, por isso não posso culpar a ressaca, mas exagerei noutras coisas. Fiquei de pé demasiado tempo, dancei demasiado e usei sapatos pouco práticos sem pensar nas consequências. Agora, estou a pagar por isso.

O *labrum* acetabular ¹⁶ rasgado na minha anca esquerda – aquele que os médicos já refizeram três vezes e se recusam a refazer outra vez – prende -se na articulação quando dou um passo hesitante em direção à casa de banho e ameaça ceder. A dor é aguda e intensa mas felizmente passageira, embora, quando tento andar novamente, já saiba que vai acontecer a mesma coisa.

Preciso de me hidratar, tomar um anti -inflamatório e fazer uns alongamentos ligeiros o mais depressa possível. Tenho -me desleixado a cuidar do meu corpo e agora sofro as consequências.

No entanto, se esta é a consequência da noite passada, aceito -a sem queixumes.

Tento conter um sorriso quando a memória do beijo com o Dev, naquele corredor escuro, vem à tona. Claro, não era o cenário mais romântico, e sim, foi mais uma vez resultante do calor do momento. Mas, *meu Deus*. Se a minha anca não me doesse tanto, estaria aos pulos como uma criança.

Prometi ao Dev que não me iria apressar a tomar uma decisão sobre o que vamos fazer a partir daqui, mas se ele batesse à porta neste momento, provavelmente atirava -me a ele. E *isso* significa que tenho de evitá -lo até ter a chance de pesar os prós e contras e chegar a uma conclusão acerca do que quero. O que quero *mesmo* e o que fazer com as consequências que podem provir disso.

Envio uma mensagem à Grace e à Chantal enquanto me deito no tapete de ioga, fazendo uma careta com o desconforto dos alongamentos e acolhendo a distração das mensagens quase incoerentes das minhas amigas, enquanto as atualizo da situação com o Dev. Vinte minutos depois, o meu corpo não se sente muito melhor, mas a minha cabeça está ligeiramente mais limpa. As

minhas duas melhores amigas encorajaram -me com todo o seu coração a seguir o meu. Saber que tenho o apoio delas torna tudo mais fácil, embora nunca me tenha preocupado com elas e com as suas opiniões.

No entanto, ao descer para o pequeno -almoço, atinge -me uma das minhas preocupações. Literalmente.

O Mark segura -me, as suas mãos fortes agarram -me os ombros. A colisão é culpa minha – estava distraída a construir a minha lista mental de prós e contras e só o vi sair do quarto quando já era tarde demais – mas talvez seja o destino a intervir, obrigando -me a encarar a minha ansiedade.

– Estás bem? – pergunta ele, com as sobrelhas franzidas de preo cupa ção genuína.

Tendo em conta que é quarenta e cinco centímetros mais alto do que eu, a preocupação faz sentido. Podia, sem dificuldades, ter -me varrido da face da terra.

– Estou bem – digo, embora o facto de ter parado tão depressa tenha feito com que as minhas dores voltassem a aumentar.

– Não pareces nada bem – sei que posso sempre contar com a sinceridade do Mark.

Enquanto me afasto dele, penso em mentir outra vez, mas a dor de hoje é tão aguda que não há maneira de não estar evidenciada na minha cara.

– A minha anca anda a chatear -me – explico. – Mas não é nada de mais. Garanto.

Ele franze o sobrolho e dá alguns passos atrás, acrescentando pelo menos três metros entre nós. Depois, levanta a mão e faz -me sinal para avançar.

– Caminha na minha direcção. Deixa -me ver como está a afetar o teu andar.

Pestanejo surpreendida. Ele entrou em modo fisioterapeuta num instante, observando -me com expectativa, à espera de que cumpra as suas ordens. É um profissional e provavelmente vai contar ao Dev se tentar disfarçar a minha dor outra vez, por isso faço o que me manda e caminho na sua direcção. Não consigo disfarçar o coxear ligeiro.

Ele franze ainda mais o sobrolho à medida que me aproximo, depois agarra -me pelo cotovelo para me apoiar quando chego ao pé dele.

– Não te deves apoiar nessa anca durante algum tempo – diz -me ele. – Posso ajudar -te. Ver se conseguimos que assente ligeiramente melhor na articulação.

O meu maxilar descai, enquanto averiguo.

– Fazias isso por mim?

– Claro – diz ele, num tom de gozo. – Achas mesmo que sou assim tão idiota?

– Não – digo eu. A minha cara fica quente com a vergonha, mas ele

percebe de imediato o que quis dizer. Não sabia que gostava de mim o suficiente para sair do seu caminho e vir em meu auxílio. – Só... não sabia... achei que estavas aqui pelo Dev e por mais ninguém.

Ele revira os olhos, enquanto aperta o meu cotovelo com mais força, sustentando o meu peso e virando -me para os elevadores.

– Estou aqui pelas pessoas com quem me preocupo e tu és uma delas – empurra -me gentilmente para eu andar, analisando cada um dos meus passos. – Vamos lá. Vamos tomar o pequeno-almoço e, depois, vemos se conseguimos diminuir a tua dor.

Deixo -o guiar -me, agradecendo -lhe tanto pelo apoio literal como por estar tão pronto a ajudar -me.

– Obrigada – digo -lhe baixinho, enquanto ele carrega no botão do elevador.

Ele não olha para mim quando diz:

– Eu ajudo -te como puder, Wills. Devias saber disso.

Agora, com certeza que sei.

O Mark não me larga, mesmo quando o elevador desce. Surpreendentemente, o silêncio não é nem um bocadinho constrangedor, mas tenho de o quebrar.

– Não quero que o Dev saiba disto.

Consigo sentir os olhos do Mark em mim, embora continue concentrada nas portas de aço à minha frente. Não tem nada a ver com querer esconder do Dev com quem passo o meu tempo, mas não quero que saiba que estou a sofrer. Não quero que se preocupe com isso.

Felizmente, não preciso de elaborar. O Mark percebe.

– Vou mandá -lo para o ginásio depois do pequeno -almoço – responde ele. – De qualquer maneira, precisa de suar todo o álcool que ingeriu ontem à noite.

Rio -me, por fim, olhando para ele.

– És maldoso. Gosto disso.

Um sorriso pequeno surge na cara dele.

– Tenho a sensação de que não vais gostar por muito tempo.

...

Uma hora depois, estou deitada na mesa de massagens que o Mark mantém no quarto, para poder cuidar do Dev a qualquer altura. Respeito a sua praticidade mas, neste momento, odeio -o por isso.

– *Porra* – grito.

Desta vez, o sorriso do Mark faz -me questionar se ele é um sádico.

Está empoleirado ao meu lado, na borda da mesa, com o meu joelho preso

a um dos seus ombros e as mãos circundam a minha coxa por cima dos meus calções de compressão. Estamos em cima um do outro, mas não há nada de *remotamente* sexual nisso. Sendo honesta, tem sorte de ainda não lhe ter dado um pontapé na cara.

– Expira – diz ele, calmamente.

Obedientemente, forço uma lufada de ar a sair da minha boca enquanto ele dá um puxão controlado à minha perna.

O alívio é imediato, como se a parte redonda da minha anca já não estivesse encravada na junta. A «massagem» excruciante que ele fez primeiro até encorajou os músculos habitualmente tensos à volta da articulação a relaxar. Estou no céu.

Sinto a cabeça nas nuvens quando o Mark pergunta:

– Então, tu e o Dev, hum?

O pânico ataca, arrastando -me de volta à terra, antes de gaguejar.

– Eu...eu não...

– Para – desce um pouco as mãos pela minha coxa, para a poder puxar num ângulo diferente. – Eu já sei.

Respiro com maior dificuldade quando ele puxa a perna outra vez. Este ajuste é quase melhor do que o primeiro.

– Ele contou -te? – engasgo -me.

Não tenho como evitar as perguntas do Mark; neste momento, estou mesmo à sua mercê, por isso mais vale ser honesta.

Ele abana a cabeça.

– Não foi preciso. Vi -vos a beijarem -se ontem à noite.

Sinto o nervosismo a percorrer -me a barriga. Oh, não. Se ele nos viu, isso significa que *qualquer um* pode ter visto. Significa que fomos descuidados e precipitados. Deixámo -nos levar pelas nossas emoções sem pensarmos nas consequências. Embora o Dev me tenha pedido para pensar bem no assunto, já deitámos tudo a perder e agora posso estar a preparar -me para um pesadelo.

– Achas que mais alguém viu? – pergunto, sentindo o medo a invadir -me as entranhas.

– Não – a sua resposta é firme. – Mas, mesmo que tivessem visto, todas as pessoas que estavam lá ontem à noite eram da Argonaut e assinámos acordos de confidencialidade. Não podemos contar nada.

O medo diminui um pouco, embora não por completo. Se eu e o Dev continuarmos a agir como adolescentes excitados, não há maneira de mantermos segredo, seja *isto* o que for ou que possa vir a ser.

– Okay – respondo fracamente. O que posso dizer mais? Ele já sabe do meu segredo.

O Mark continua a cuidar da minha anca em silêncio, proporcionando -me

mais alívio do que ao que sentia há meses. Só quando me pede para me virar de barriga para baixo para poder alongar o meu tendão é que a nossa conversa recomeça.

– Tens de contar ao teu irmão, antes que descubra por outra pessoa.

Tenho a cara apoiada nos braços cruzados, por isso as minhas palavras são abafadas quando digo:

– Ainda não há nada para contar.

Tudo o que eu e o Dev fizemos foi dar uns beijinhos aqui e ali. O meu irmão, o mulherengo que diz ser, não teria como argumentar que um par de beijos equivale a alguma coisa séria. Eu não concordei em sair com o Dev. Não estamos numa relação. E não fizemos mais nada sem ser divulgar que sentimos alguma coisa um pelo outro. Pode desaparecer tudo com facilidade.

E ainda há uma pequena hipótese de que isso aconteça.

– O que se passa entre mim e o Dev... – calo -me, o meu coração parte -se ligeiramente com as palavras na ponta da língua –, não sei se vai dar nalguma coisa. Nem sei se pode.

Independentemente da questão do Oakley, tenho de pensar na minha reputação profissional. Não quero ser assinalada com rótulos misóginos e enfrentar rumores de que dormi com alguém para conseguir trabalho. Independentemente da verdade, os dramas dão dinheiro, e um como este pode arruinar a minha carreira antes mesmo desta começar. Por muito que queira, não posso alterar sozinha a forma como as mulheres são vistas e tratadas, e não posso seguir o meu coração para um sítio que iria levar à destruição daquilo por que trabalhei tão arduamente.

No entanto, há uma parte de mim que acredita que o Dev vale esse risco.

– Pode dar – diz o Mark, outra vez num tom firme. – E se tu quiseses, vai dar. O rapaz está apaixonado por ti, Willow.

– Eu sei – sussurro, a desejar conseguir estar tão confiante no meu futuro possível com o Dev. – Sinto o mesmo por ele.

É estranho confessá -lo a um dos melhores amigos do meu irmão – a um dos melhores amigos do Dev. Eu e o Mark nunca fomos próximos. Andámos sempre afastados um do outro e esta é, de longe, a conversa mais direta que alguma vez tivemos. Não há nada que me obrigue a partilhar o que quer que seja, mas confiar nele parece -me a escolha certa.

– Vou ser muito honesto – continua o Mark, cravando os polegares no músculo atrás do meu joelho. – Não gostei nada da ideia do Dev te contratar. Tu distraíste -o. Fizeste -o desviar a atenção do prémio – os seus polegares deslizam mais para cima, embora esteja decididamente a ser brando comigo. As suas palavras já são duras o suficiente. – Sabias que teve um acidente em Austin, no ano passado, porque estava a pensar em ti?

Inspiro com dificuldade, levantando a cabeça para poder observar a

expressão do Mark.

– Não. Não é possível. Ele disse que se despiستou porque travou e...

– Foi por tua causa – o Mark baixa o queixo e concentra -se na minha perna. – Foi ele que mo disse.

Fico a olhar para ele, incrédula, durante mais alguns segundos, depois deixo cair a testa nos braços, envergonhada.

– Oh, meu Deus – murmuro. – Tinhas razão em não me querer por perto – se calhar, continuo a correr o risco de ser uma distração. De arruinar -lhe tudo. – Talvez deva parar com isto. Estava tão preocupada com a minha carreira que nem sequer pensei na dele. Não quero ser a razão pela qual está desconcentrado, não posso...

– Não és. Já não és – o seu toque desaparece da minha coxa, depois empurra -me o ombro, fazendo -me sinal para me deitar de costas. – Agora, se te afastares, receio que ele se desfaça em pedaços.

Absorvo o que me diz o Mark, dividida entre acreditar na sua primeira impressão ou na atual.

– Acreditas mesmo nisso?

– O Dev tem tentado ocultar os seus sentimentos por ti porque sabe que não aprovo. Ou, enfim, que não aprovava. Ontem, percebi... – respira fundo e pousa a mão no meu joelho dobrado. – Willow, tu fazes com que ele queira ser melhor. Queira *fazer* melhor. Antes de regressares à vida dele, ele estava quase a desistir. Nunca quis admitir, mas tinha perdido a faísca. Podia falar o quanto quisesse sobre afastar -se da Argonaut e trabalhar para ser campeão, mas não fazia nada em relação a isso. Tu mudaste -o.

Não sei o que dizer. Se essas palavras tivessem vindo de outra pessoa, poderia não acreditar. Podia pensar que me estavam a querer agradar. Contudo, o Mark não mente nem age com falinhas mansas. Se ele o diz, então é a sério. E ele acredita mesmo que o Dev está melhor comigo por perto.

Por isso, mais vale fazer -lhe a pergunta que resume tudo.

– Achas que devo dar -nos uma oportunidade? – a minha voz é baixa. Tenho tanto medo que corra tudo mal. Continuo com medo de destruir amizades de uma vida inteira. – Eu e ele?

– Acho que sim.

Ele aperta -me o joelho ao de leve. É quase impercetível, mas alivia um pouco do peso esmagador desta decisão dos meus ombros.

– Está bem – suspiro. – Desde que tu o aproves. Eras tu que tinha mais medo de chatear.

O Mark ri -se, enquanto volta a endireitar -me a perna e começa a cuidar da parte exterior da minha coxa.

– Mais do que o Oakley? Porra, será que sou assim tão assustador?

Lanço -lhe um olhar aborrecido e faço uma lista das razões com os dedos.

– És gigante. Pareces estar sempre zangado. Há anos que estou convencida de que me detestas. *E*, neste momento, estás a cravar a minha banda iliotibial, o que significa que estou com dores *inimagináveis*. Por isso, sim. És, sim.

– O erro foi meu – com um olhar astuto, pressiona com mais força.

Deixo escapar um guinchinho, mas a pressão dá -me um alívio repentino. É incrível e horrível.

– Meu Deus, és tão *idiota*.

Ele abana a cabeça enquanto tenta, sem sucesso, conter um sorriso.

– Cá está. A ameaça de que me lembro.

Rio -me.

– Provavelmente, vais arrepender -te de me teres dito para ir atrás do Dev. Assim, também tens de aturar -me.

– Que terrível – diz ele.

Antes desta conversa, podia acreditar que ele estava a falar a sério. Mas, afinal, o Mark não é meu inimigo. Se é alguma coisa, é o melhor braço direito do mundo.

Deixo -o torturar -me mais dez minutos antes de me fartar e deixá -lo ajudar -me a sentar lentamente. Porém, antes que possa saltar da mesa de massagem, ele pousa uma mão no meu ombro e olha -me nos olhos.

– Fala com o teu irmão – insiste ele. – Depois do fracasso com o Jeremy, não sei até que ponto se vai sentir confortável. Ele sabe que o Dev nunca te iria magoar de propósito, mas pode precisar de tempo para se conformar com isto tudo.

Inspiro profundamente e expiro.

– Eu falo com ele – prometo. – No entanto, tem de ser cara a cara.

O Mark acena com a cabeça e levanta a mão do meu ombro, oferecendo -se para me ajudar a descer da mesa. Quando estou de pé, aperto -lhe os dedos com força.

– Obrigada, Mark – digo, contente com este companheirismo recém -descoberto. – Por ambas as sessões de terapia. Devias cobrar -me o dobro.

O que digo fá -lo rir mais alto do que alguma vez ouvi. Continua relativamente baixo em comparação com outras coisas, mas aceito -o.

– Desta vez, é por conta da casa – brinca ele. – No entanto, da próxima, vais pagar o preço total.

■ ■ ■

Na segunda -feira à tarde, sento -me com o Chava no avião para a Bélgica, a caminho da última corrida antes das férias de verão da F1 – e a última corrida em que me junto a ele na estrada. O voo dura menos de duas horas, mas é demasiado tempo para estar sentada ao lado do Dev.

Na terça e na quarta -feira, deambulei pelo Spa Francorchamps, a tirar fotografias para publicar nas minhas redes sociais e nas do Dev.

Na quinta -feira, observo do fundo da multidão, enquanto o Dev lança o seu charme nas entrevistas e *meet and greets*, depois esgueiro -me antes de ele me poder procurar.

Na sexta -feira e no sábado, escondo -me atrás do Mark e do Chava na garagem, dando o meu melhor para reduzir ao máximo as minhas interações com o Dev. Ele está sempre a tentar chamar-me a atenção, mas parece saber que é melhor não interagir comigo.

Estar longe dele tem sido uma tortura, mas preciso de espaço para poder decidir como quero que avancemos a partir daqui. A minha cabeça fica confusa quando ele está demasiado próximo e todos os pensamentos plausíveis desaparecem quando o calor familiar do seu perfume me atinge. Deus me livre de o ter a tocar -me na mão ou a passar os meus caracóis por cima do meu ombro, não iria resistir. Ficaria reduzida a um monte de baba no chão.

Ficaria enojada comigo mesma se não soubesse que os sentimentos dele são recíprocos. Na verdade, talvez eu seja a menos obcecada, embora não muito.

Quero estar com ele. Essa parte está decidida. Contudo, estou a trabalhar no como e quando vai acontecer. Provavelmente, era melhor esperarmos até ao fim do meu contrato com ele e com a Argonaut, no final de agosto. Acho que só iríamos poder oficializar publicamente alguns meses depois, ou pelo menos até conseguir um trabalho por mérito meu.

Mas parece -me uma linha temporal dolorosamente longa. No entanto, se é a forma mais segura de ficarmos juntos, então talvez seja como as coisas têm de ser. Mesmo assim, aguentar vai ser afitivo.

Espero que a minha determinação se mantenha enquanto subo as escadas até à sala de piloto do Dev. Faltam algumas horas para a corrida e preciso de tirar umas fotografias dele a preparar -se, visto que esse tipo de publicações tem sempre um bom desempenho. Por alguma razão, as pessoas gostam muito de o ver com os fatos justos à prova de fogo...

O Chava e o Mark desapareceram quando eu ainda estava a beber o meu café com leite, por isso, já devem estar lá em cima. Ao menos podem atuar como intermediários. Até agora tem funcionado bem, especialmente depois da minha conversa com o Mark. Ele quer que eu tenha a certeza da minha decisão, então se me puder ajudar, ajuda. Mesmo que isso signifique manter -me a mim e ao Dev separados, por enquanto.

Mas não vejo os rapazes em lado nenhum quando entro na sala do Dev e fecho a porta atrás de mim. Eu e ele ficamos completamente sozinhos – e ele está meio desnudo.

– Oh – ouço -me a dizer, encolhendo -me quando o faço. Contudo, isso

não me impede de ficar a olhar para ele com aquelas calças incrivelmente justas que deixam pouco à imaginação. – Desculpa, eu posso...

– Ótimo, estás aqui – agarra na camisola à prova de fogo que está pendurada no corrimão junto ao qual se encontra. – Queres tirar umas fotos? Parece que as pessoas gostam do meu capacete deste fim de semana.

Quando estou a olhar para os seus músculos dorsais torcidos, estou -me nas tintas para o novo *design* do capacete e para o facto de as pessoas gostarem dele.

– Hum, hum – meu Deus, tenho de me concentrar. Pigarreio quando ele, por fim, veste a camisola. – Onde estão o Chava e o Mark?

Quando a cabeça do Dev sai pela camisola, tem o cabelo espetado em todas as direções.

– O Mark teve de ir buscar uma coisa e o Chava tinha de fazer uma chamada – ele penteia o cabelo para trás. – Devem voltar daqui a pouco – vira -se para me observar, com uma sobrelanceira levantada em desafio. – Já te cansaste de me evitar?

Não estava a tentar ser manhosa, mas aquece -me saber que ele sabe exatamente o que estava a fazer.

– Não faço ideia do que estás a falar – digo levemente, certificando -me de que ele consegue ver o meu sorriso.

Ele ri -se, enquanto agarra no fato de corrida.

– Se não te tivesse dito para pensares nas coisas com tempo, ficava ofendido.

– Sim, a culpa disto é tua.

– Posso fingir que não estás aqui, se te fizer sentir melhor.

Não consigo não rir.

– Não faz mal. Acho que podemos coexistir no mesmo espaço.

O olhar que ele me lança diz que duvida disso, mas acena com a cabeça para a estante do outro lado da sala.

– Então força, tira mais algumas fotos do meu capacete.

Fico agradecida por ele não estar prestes a convencer -me a conversar acerca da decisão a que cheguei. Não que ele fosse querer ter uma conversa tão profunda mesmo antes da corrida, mas é um alívio à mesma.

Dirijo -me ao local onde se encontra o capacete e o equipamento de apoio, mas uma caixinha cor de laranja pastel na prateleira ao lado dos mesmos capta -me a atenção. Pego na caixa da Stella Margaux e viro -me para ele com um sorriso.

– Os *macarons* são o teu novo lanche antes das corridas?

Ele mantém -se de costas para mim, enquanto veste o fato de corrida e o coloca por cima das calças à prova de fogo.

– Não, esses são para ti – diz ele.

Pestanejo, confusa.

– Para... mim?

– Sim, sei como gostas deles.

Sinto a cabeça rodopiar, ao tentar lembrar -me onde fica a Stella Margaux mais próxima... e não fica perto.

– Tenho quase a certeza de que o sítio mais próximo onde os podias ter arranjado fica em Paris.

– Sim – com as costas ainda viradas, enfia os braços nas mangas do fato. – Mandeí -os vir de avião esta manhã.

Ele diz aquilo com tanta casualidade. Como se não tivesse dado trabalho, embora eu saiba que deu muito mais do que demonstra.

– E se não me tivesses visto hoje? – pergunto, com a garganta a ficar apertada. – E se eu ainda estivesse a evitar -te?

Ele encolhe os ombros e ouço o som do fecho do fato a subir.

– Pedia ao Chava para os levar até ti. Só achei que podias precisar de um mimo.

Sinto um aperto no peito, um que só ocorre quando ele está por perto, o meu coração está a ser comprimido por todos os sentimentos que tenho por ele. Fiz bem em manter -me distante nos últimos dias, porque este homem... este homem torna -me imprudente. Ele faz -me esquecer todas as minhas preocupações.

Faz -me esquecer que existe um mundo para além de nós os dois.

– Dev.

Por fim , ele vira -se para olhar para mim.

A minha respiração torna -se fraca. A caixa de *macarons* volta a pousar na prateleira. E, depois, começo a andar.

Paro à frente dele antes que a minha cabeça consiga orientar o meu corpo. As minhas mãos encontram o seu maxilar, segurando -o, os meus polegares traçam as cavidades das bochechas dele. Puxo -lhe o rosto para o meu, ignorando os seus olhos surpreendidos.

E, depois, beijo -o intensamente.

Apesar do choque, ele responde quase de imediato, envolvendo os braços à volta da minha cintura e levantando -me. Envolver as pernas à volta dele, a saia a subir até às ancas, e agarro -me com toda a força. Sinto uma prateleira chocar contra as minhas costas quando ele me empurra para trás, mas mal registo qualquer sensação para além da pressão dos seus lábios contra os meus.

Inclino a cabeça para aprofundar o beijo, querendo mais dele. Todo ele. Já me decidi.

A logística pode ser lixada. Resolvemos isso quando tivermos de o fazer.

Não há nada de controlado ou gentil neste beijo. Já não conseguimos ir devagar. É urgente, ávido e faminto, uma explosão de emoções que estiveram

engarrafadas durante dias, semanas e meses. Talvez até anos. É desesperado. É um pedido de muito mais.

É exatamente o que eu quero.

– Já acabaste de pensar? – diz ele, quando nos separamos para recuperar o fôlego. – Já decidiste?

Aceno, quase batendo na prateleira atrás de mim, mas não me importo. O Dev está pronto para me entregar o coração e eu estou pronta para o ter.

– Se queres isto, se me queres a *mim* – diz ele –, vou lutar por isso. Vou lutar por nós.

– Sim – suspiro, afundando os dedos no seu cabelo. – Eu quero que resulte.

A felicidade que inunda a expressão dele faz o meu coração bater contra a minha caixa torácica. Inclino a cabeça para o beijar de novo, para selar a promessa que fizemos. Mas, antes que o consiga, a porta abre -se.

Olhando para trás, desta vez bato mesmo com a cabeça e fico a tremer quando o Mark e o Chava aparecem. Os dois olham para nós durante um instante antes de o Chava praguejar em espanhol, enfiando a mão no bolso dos calções do uniforme e tirando a carteira.

– A sério? – resmunga ele, entregando uma nota de cem euros na palma da mão estendida do Mark. – Pensava que ao menos fossem esperar até *depois* da corrida.

Fico a olhar para eles. Eles *apostaram* em mim e no Dev?

– Vocês estão a falar a sério?

O Dev observa -os, obviamente a conter um sorriso.

– Não é nada fixe – diz ele, evidentemente a pensar o contrário, mas fazendo o seu melhor para me apoiar.

Empurro -lhe o peito até ele me pousar no chão. Abaixando a bainha da minha saia, olho para os rapazes à porta.

– Não acredito que fizeram uma coisa dessas.

O Mark levanta as mãos em sinal de rendição, mas o dinheiro que tem na mão não o ajuda em nada.

– Ei, pelo menos conseguiste o que querias, Wills. Não podes ficar muito zangada.

Respiro fundo, pronta a responder, mas não me ocorre nada. Porque ele tem razão. Eu *consegui* o que queria.

Como que para me lembrar disso, o Dev roça os nós dos dedos contra o meu maxilar, tão leve como uma pluma. O calor sobe pelo meu pescoço e amoleço outra vez quando olho para ele.

– Deixa -me ir ganhar outra corrida – diz ele calmamente, as palavras destinadas somente a mim. – Depois podemos conversar. *Okay?*

Engulo com dificuldade, ignorando os ruídos de beijos que o Chava emite ao fundo.

– Está bem – murmuro. – Eu fico à espera.

16 Anel de fibrocartilagem que envolve quase totalmente a articulação da anca. (*N. da T.*)



Capítulo 24

Willow

O Dev não volta a ganhar.

Contudo, um nono lugar naquele carro que mais parece um trator é louvável, e estou imensamente orgulhosa dele. Espero que seja mais do que suficiente para o manter no radar da Mascort.

Ele vem ter comigo à garagem depois da corrida, o cabelo húmido roça na minha têmpora quando se aproxima.

– O Sturgill está a chatear -me por causa da reunião. Vamos ter de conversar no hotel. Espera por mim acordada, querida.

A ordem e o carinho acenderam uma chama dentro de mim. Há horas que estou ao rubro, alternando entre andar de pijama pelo quarto de hotel, fazer freneticamente as malas para voltar para casa amanhã e fazer exercícios de fisioterapia numa tentativa de gastar alguma da minha energia nervosa. No entanto, é quase meia -noite e – ignorando o facto de que o meu corpo nunca iria aguentar – estou excitada o suficiente para correr uma maratona.

Quando por fim batem à porta, abro -a e encontro o Dev com uma mão apoiada na ombreira. O sorriso torto num dos lados da sua boca é tão dolorosamente familiar que me aperta o peito.

– Olá – diz ele. – Posso entrar?

As palavras mal lhe saíram da boca antes de eu dar um passo atrás e lhe fazer sinal para entrar, o meu ritmo cardíaco a acelerar quando a porta se fecha atrás dele. Nenhum de nós fala durante um instante, o zumbido silencioso do ar condicionado é o único som enquanto olhamos um para o outro. Passei o dia inteiro à espera deste momento mas, agora que chegou, não sei como reagir.

Felizmente, o Dev sabe. Ele diminui a distância entre nós, depois penteia um caracol solto para trás da minha orelha, a sua mão demora -se no meu pescoço quando termina.

– Peço desculpa por ter demorado tanto tempo a chegar – diz ele, com o olhar fixado em mim. – Ainda queres falar?

Neste momento, interessam -me muito mais outras coisas. Mesmo assim, aceno com a cabeça e agarro -lhe a mão, guiando -o até à cama. Sentamo -nos

de forma a ficarmos inclinados um para o outro, com os joelhos a tocarem -se. O contacto é mínimo, mas por enquanto é suficiente.

– Estava a falar a sério quando disse que queria que isto resultasse – começo, capaz de ouvir a minha própria pulsação. Ainda há tanto para entender. – Não sei o que isto significa para nós. Mas quero que haja um *nós*.

– Eu também quero – os seus dedos atravessam o edredão, o mindinho encontra o meu e enlaça -se nele. – Não precisamos de entender tudo agora. Ou sequer entender alguma coisa. Só temos de ser honestos um com o outro acerca dos nossos sentimentos. Não vai funcionar se não o fizermos.

– Estou a ser muito honesta contigo, neste momento – digo. Sinto, decididamente, um buraco de vulnerabilidade no meu peito.

Ele ri -se.

– Eu sei. Mas não vai ser fácil e preciso que me digas se sentires que é demasiado para ti.

Ele tem razão. A única maneira de fazermos com que funcione é se formos sinceros um com o outro, porque, neste momento, existem mais do que algumas barreiras pelo caminho para termos uma relação pública.

– Sim, prometo.

– Vamos viver um dia de cada vez, sim?

– Sim – respiro. Sabe tão bem seguir o meu coração, apesar dos riscos.

– Apesar disso, *um dia de cada vez* pode incluir levar -te a sair? – pergunta ele. A voz dele é hesitante, como se estivesse preocupado que eu pudesse dizer que não. – Não quero fazer nada pela metade, Willow. Quero sair contigo – estar contigo. Eu quero que funcionemos, completa e verdadeiramente.

Aceno com a cabeça, aproximando os dedos dos dele.

– Podes, com toda a certeza, levar -me a sair. De facto, insisto que o faças.

Ao ouvi -lo, ele solta um suspiro de alívio.

– Graças a Deus. Não sei o que faria se tivesses dito que não – agarra a minha mão, depois leva -a aos lábios e deposita alguns beijos rápidos nos nós dos meus dedos. – É por aí que vamos começar. Prometo que vai ser o melhor encontro da tua vida.

– É bom que seja – digo, rindo com uma leveza que só ele faz sobressair em mim. – Boa sorte para tentares impressionar-me.

– Não te preocupes, já pesquisei no Google *Ideias para encontros fixes em San Diego* para me inspirar – ele puxa -me para me levantar, indo em direção à porta. – Da próxima vez que nos virmos, já terei planeado a *magnum opus* dos encontros.

Fico nervosa ao ouvir o *da próxima vez*.

– Vais-te embora?

Ele para na entrada estreita, a sua expressão suaviza -se quando aperta a minha mão.

– Foi um dia longo – diz ele, gentilmente. – Tenho a certeza de que estás exausta.

– Não estou assim tão cansada – a minha resposta é rápida, sem hesitações. Entrelaço os dedos nos dele, olhando -o fixamente, enquanto me preparo para pedir o que quero. Agora, não faz sentido recuar. – Não vás, Dev.

A sua respiração é lenta e ritmada, enquanto me observa em silêncio.

– Tens a certeza? – pergunta, por fim, com a voz ligeiramente rouca.

– Absoluta.

– Só para confirmar, estás a pedir -me que durma aqui?

Aperto -lhe a mão com mais força.

– Sim.

– Está bem – concorda ele, desviando o olhar por um segundo; depois, volta a olhar para mim e analisa -me o rosto. – Sim. Se calhar, podíamos ver outro filme. Que tal o *Dilwale Dulhania Le Jayenge*? É um clássico.

– Tu e a tua obsessão pelo SRK – reviro os olhos na brincadeira, mas volto a ficar séria apressadamente. – Mas, não. Não quero ver um filme.

A julgar pela forma como o humor nos seus olhos escuros é substituído por fervor, ele está a começar a perceber o que quero dizer.

– Preferes petiscar e bisbilhotar sobre as nossas paixonetas? – diz ele, dando um passo em frente.

– Estou a pensar numa coisa ligeiramente menos fofa.

Ele solta um suspiro suave mas dramático.

– Não me digas que queres jogar ao Gira a Garrafa.

– Se calhar, é mais ao Sete Minutos no Céu – sugiro. – De preferência, durante mais do que sete minutos.

Ele fica imóvel, agora, o divertimento evaporou -se da sua cara.

– Cuidado, Willow – avisa ele.

Ele pode avisar -me o quanto quiser. Eu sei como quero passar a noite.

– Estou farta de ser cuidadosa – está na altura de me livrar deste rótulo de inocente que me foi impingido. Ser a irmã mais nova, a frágil, a rapariga que ficou com o coração partido, não significa que sou ingénua. Não quero que ninguém, muito menos ele, pense que isso é verdade. – Percebes o que quero dizer?

A sua maçã de adão agita -se, enquanto ele engole em seco.

– Acho que estou a começar a perceber.

Para o fazer entender, passo as mãos pelo seu peito firme, sobre os seus peitorais. Depois, desço pelos abdominais, abrandando, mas sem parar quando chego à cintura das calças de ganga. Eu não sou virgem. Se o meu *ex* merece algum reconhecimento, é por me ter mostrado os pontos altos a que o meu corpo consegue chegar.

Contudo, tenho a sensação de que o Dev pode fazer -me sentir melhor do

que qualquer outra pessoa.

Quando os meus dedos roçam no botão das calças de ganga, ele agarra -me os pulsos. A sua expressão é tensa e, por momentos, fico apavorada com a ideia de ter feito algo de errado.

A preocupação desaparece quando ele me puxa para si. Depois, leva as mãos às minhas coxas e coloca -as à volta das costas, e levanta -me num movimento leve. Por instinto, cruço as pernas à volta da sua cintura, enquanto ele sustém o meu peso. É uma reminiscência do encontro que tivemos na sala de piloto, mas ninguém nos vai interromper esta noite. Não vou permitir.

Voltamos a atravessar o quarto num instante. Ele baixa -se para o cadeirão a um canto e puxa-me para o colo. Os meus calções de pijama são quase inexistentes de tão finos que são, e sinto-o a ficar duro debaixo de mim. Não há dúvida de que queremos a mesma coisa.

Ele olha -me fixamente, com as mãos pousadas no ponto onde as minhas coxas se encontram com as ancas, o peito a arfar com cada respiração. A voz é respeitosa quando diz:

– És tudo o que eu quero. Vais mesmo permitir que te faça minha?

Passo os lábios pelos dele e respondo:

– Já sou tua.

O nosso beijo torna -se ardente com a minha admissão. Ele desliza as duas mãos para o meu rabo e aperta -o, puxando -me para mais perto. Movo as ancas contra as dele em resposta, e ele deixa cair a cabeça para trás, interrompendo o nosso contacto o tempo suficiente para gemer:

– *Porra, Willow.*

Um segundo depois, a boca dele encontra a minha outra vez, consumindo -me. Agarro -me ao algodão macio da sua *T -shirt* da Argonaut, enquanto os seus dentes raspam o meu lábio inferior. Não há nada de gentil no que estamos a fazer e a rudeza faz -me arquear ainda mais contra ele.

As minhas mãos caem para a parte de baixo da *T -shirt* dele e puxam -na para cima, sobre os contornos dos abdominais. Ele percebe rapidamente a dica, tira -a por cima da cabeça e atira -a para o chão antes de voltar a agarrar -me. Mas eu aperto as mãos firmemente contra o seu peito, para que não me possa puxar para ele. Preciso de um segundo para apreciar a obra -prima que está debaixo de mim.

Já vi o Dev sem camisola inúmeras vezes, mas esta é diferente. Desta vez posso admirar e tocar e fazer tudo aquilo que imaginei à noite debaixo dos lençóis, durante anos.

– Tu não existes – suspiro, passando os dedos pelos recortes do seu corpo, deliciando -me com a forma como os músculos se flexionam ao meu toque. – O que foi que eles fizeram, criaram-te num laboratório?

O som que ele deixa escapar é um cruzamento entre uma gargalhada e um

gemido.

– Se tivessem criado, teria pedido para me fazerem ligeiramente mais alto.

Rio -me e inclino a cabeça, encontrando -lhe o maxilar coberto de barba com os meus lábios enquanto as minhas mãos continuam a explorar.

– Gosto de ti como és – ele tem praticamente mais trinta centímetros do que eu, nenhum de nós precisa de estender ainda mais o pescoço. – Não mudava nada.

– É mútuo – enrola os dedos na bainha da minha *T -shirt*, com uma pergunta nos olhos quando me afasto outra vez. – Posso? Quero ver -te.

Sinto um arrepio percorrer -me a espinha.

– Sim. Por favor.

Retira -a pela minha cabeça e atira o tecido para o chão para se juntar à dele, deixando -me apenas com o sutiã. E, tal como eu, o Dev leva o seu tempo a admirar a visão.

A sua respiração é interrompida e juro que a dureza das suas calças de ganga aumenta ainda mais à medida que me absorve. Normalmente, estaria consciente de todos os meus defeitos – das estrias pálidas no topo dos meus seios e das que descem pela minha cintura e passam pelos calções – mas tal como já o vi meio despido, ele também já me viu assim.

Há algo de emancipador no facto de o ter conhecido a vida toda. Ele viu -me em todas as fases da minha vida – uma criança de cinco anos com os joelhos esfolados, borbulhas na cara aos catorze, a tropeçar bêbada aos vinte e um. Ele viu -me na praia, a ser derrubada pelas ondas e a tirar a areia do cabelo. Viu -me dez segundos depois de ter saído da cama, com os olhos semicerrados e calças de fato de treino vestidas.

Não tenho de lhe esconder uma única coisa sobre mim. Ele já viu tudo. E, no entanto, continua aqui, a olhar para mim como se fosse o centro do seu universo.

– És perfeita – diz ele, abanando ligeiramente a cabeça como se não conseguisse acreditar. Inclina o queixo para cima para encontrar os meus lábios mais uma vez, dando -me um beijo suave para validar o elogio.

– Eu? – murmuro, com os olhos quase fechados, demasiado intoxicada por ele. – Tu é que és perfeito.

Ele não responde ao que digo, como se nem sequer tivesse ouvido. Continua a traçar a minha espinha para cima e para baixo, o calor do seu toque a infiltrar -se em mim.

– Porra, não tens defeitos – continua ele. – Meu Deus, olha para ti. Como foi que tive tanta sorte?

Arrasta os lábios pelo meu pescoço e pela minha clavícula, depois deposita beijos suaves por entre os meus seios, tocando -me como se fosse uma honra fazê -lo. Enquanto o faz, desço até à cintura das suas calças de ganga,

procurando o botão. Quero mais dele.

– Ainda não – diz ele. – Quero sentir -te primeiro.

Afasta os meus dedos do fecho, depois desliza a mão entre os nossos corpos, com a palma a roçar no meu íntimo através do tecido fino dos meus calções de pijama. Ofego com a eletricidade que sobe e atravessa a minha barriga. No entanto, perco o fôlego por completo quando ele empurra os meus calções e cuecas para o lado, as pontas dos dedos a deslizarem pela minha pele sensível.

– Estás tão molhada – murmura ele, enquanto introduz um dedo dentro de mim.

O movimento arranca -me um gemido da garganta. Quando acrescenta um segundo dedo e o curva para tocar um ponto sensível, deixo a cabeça cair para trás e agarro -me aos seus ombros, tentando evitar que as minhas ancas se mexam.

– Não te contendas – insiste ele contra o meu pescoço, arrastando os dentes sobre a minha pele. – Balança -te nos meus dedos.

Os meus olhos fecham -se enquanto faço o que ele manda, balançando -me para a frente no seu colo. Os dedos dele movem -se ao ritmo dos meus movimentos, ajudando -me e, quando acrescenta o polegar à mistura, girando -o à volta do meu clitóris, juro que vejo estrelas. Se conseguisse formular palavras, dir -lhe -ia como é bom.

– Assim mesmo. Linda menina.

Mesmo no nevoeiro de prazer, consigo ouvir a crueza da sua voz, o esforço que ele faz para se conter. Quando consigo abrir os olhos, ele observa -me, com um olhar sombrio e pesado. É o suficiente para me afundar nele e, quando o faço, as chamas atravessam -me o corpo.

A minha respiração torna -se frenética, como se não houvesse oxigénio suficiente na sala. Foi todo roubado, alimentado ao fogo que arde no meu núcleo. O Dev aproxima -me ainda mais do limite quando exige a minha boca na dele, roubando a última porção de ar. E, quando o seu polegar se move ligeiramente mais depressa, atinjo -o, a cabeça cai para trás, sem vontade de parar.

Viro -me para respirar, baixando a testa para o ombro dele e apoiando as mãos no seu peito. Ele tira os dedos de dentro de mim e a humidade desce com eles pelas minhas coxas. Se não estava encharcada antes, agora estou e, apesar de me ter acabado de vir, continuo desesperada por ter mais dele.

Pelo canto do olho, vejo -o levar os dedos à boca. Um som de satisfação sai -lhe do fundo da garganta.

– Tens um sabor tão doce, tal como imaginava.

É isso. É tudo o que preciso.

Levanto a cabeça, com o peito ainda a tremer enquanto absorvo o ar.

– Preciso que me fudas. Agora mesmo.

– *Willow* – avisa, mas o seu sorriso é perverso. – És gananciosa, não és?

– Cala -te – gemo, e pressiono os lábios contra os dele, saboreando -me na sua língua. – Quero -te dentro de mim.

Ele respira bruscamente, virando a cabeça para interromper o beijo.

– É mesmo isso que queres?

– Sim – seguro -lhe o rosto entre as palmas das mãos, para que seja forçado a olhar para mim. Para que possa ver como tenho a certeza. – Muito.

Olha para mim com tal adoração que tenho vontade de me banhar nela, mas, depois, um lampejo de desilusão toma conta da sua expressão.

– Não tenho preservativo – explica. – Não estava à espera de que isto fosse acontecer.

Beijo -o de novo, com as mãos ainda a segurar -lhe o maxilar.

– Está tudo bem – digo, quando me obrigo a afastar -me dele outra vez. – Estou a tomar anticoncepcionais e não estou com ninguém há... muito tempo.

De repente, estamos a mexer -nos, as mãos dele debaixo do meu rabo enquanto se levanta, levando -me para cima com ele.

– Acho que já sabes que não tenho nenhuma DST.

Abafo o riso, envolvendo os braços à volta do seu pescoço para me segurar enquanto ele atravessa a sala.

– Não sei. Se calhar, devíamos fazer um daqueles testes da IYK Resultados Rápidos, só para ter a certeza. Ouvi dizer que são muito precisos.

– És horrível – diz ele, enquanto me deita na cama e se ajoelha na borda. Entrego -lhe um sorriso presunçoso.

– Tu amas -me na mesma.

– Tens razão. Amo, sim.

O meu coração gagueja quando as palavras dele me inundam. O comentário foi uma frase impertinente que saiu da minha boca sem pensar. E, com certeza, não estava à espera deste tipo de resposta.

– Dev... – sussurro, dando -lhe a oportunidade de retirar o que disse, caso não seja a sério.

Não me apercebo de que estou a afastar -me até ele me agarrar pelas pernas para que não possa fugir. Segura -me e fica a pairar sobre mim, sabendo que não deve puxar -me para ele.

– Não foi assim que imaginei dizê -lo – admite ele, com uma risada suave e autodepreciativo. – Mas é o que sinto, Willow.

Os braços dele rodeiam -me, mas não me sinto presa por ele ou pelas suas palavras. Sinto-me... segura. Com ele, sempre me senti assim, mesmo quando éramos jovens e ele me encorajava a ser um pouco imprudente. Certificava -se de que nunca me magoava e aqui está ele, a fazer a mesma coisa agora. Como poderia não o amar por isso?

– Não tens de responder – continua ele, com o nariz a roçar o meu. – Não espero que o faças. Sei que é uma coisa importante. Mas preciso que saibas isso.

Engulo o nó que se forma na minha garganta e pestanejo para afastar o ardor atrás dos meus olhos.

– Está bem – arquejo, mas o que realmente quero dizer começa a borbulhar. – Mesmo assim, amo -te.

É a vez de ele ficar imóvel, somente a perscrutar a minha cara com os olhos.

– Porra – respira ele, após uns segundos. – Ouvir isso sabe ainda melhor do que imaginei.

Deixo escapar uma risada, com uma onda de vertigem a correr -me nas veias. O Dev ama -me. E eu amo -o. Se pudesse voltar atrás e dizer à Willow de treze anos que íamos acabar assim, a rapariga não teria acreditado. Contudo, aqui estamos nós.

– Então, agora, vais foder -me? – pergunto, ao mesmo tempo provocadora e esperançosa, e o riso dele faz saltar o meu coração.

– O que quiseses, *jaanu* – diz ele, antes de beijar o que resta de mim. – Eu dou -te tudo.

Respiro com dificuldade quando ele se aproxima por trás de mim para desapertar o fecho do meu sutiã. Quando desliza as alças pelos meus braços e o deixa cair no chão, os meus mamilos já estão duros, desejosos de serem tocados.

Ele fica mais algum tempo a admirar -me.

– Linda. És tão bonita – repete.

Acho que nunca me vou cansar de o ouvir.

Ele baixa a cabeça e leva um mamilo à boca, enrolando -o com a língua, arrancando -me um suspiro trémulo. Quando se afasta para passar para o outro seio, cobre o primeiro com a mão, salvando -me do choque de temperaturas por causa do ar condicionado. É tão atencioso que quase choro.

O Dev continua a explorar o meu corpo, pressionando beijos pelo meu esterno até à suavidade da minha barriga. Sinto a barriga às voltas quando ele enfia os dedos na cintura dos meus calções e da minha roupa interior e lhes dá um puxão, um pedido silencioso para que eu levante as ancas para os poder tirar.

É agora. Sei que posso desistir a qualquer altura e que ele iria respeitar a decisão. Não que eu *queira* parar, mas... merda, isto está mesmo a acontecer. Resta saber se a realidade está à altura das minhas fantasias. No entanto, até agora, estou mais do que satisfeita com esta reviravolta de acontecimentos.

Por isso, levanto -me como me pede. E então, por fim, cada centímetro meu está à mostra.

Mais uma vez, ele demora -se a admirar, com os olhos a percorrerem o meu corpo, o maxilar tenso como se estivesse a impedir -se de me devorar. Pela forma como baixa a cabeça para continuar a beijar os ossos das minhas ancas, está prestes a fazer isso mesmo.

Detenho -o com uma mão trémula quando os seus lábios estão a um centímetro do meu ponto mais sensível e ele olha para mim com um ar interrogativo.

– Noutra altura – insisto, embora o ardor nos seus olhos quase me faça arrependê-lo da minha escolha. – Eu quero -te dentro de mim.

– Gananciosa e impaciente – provoca ele, subindo os beijos pelo meu corpo. – Mas tudo bem. Vou demorar o tempo que quero quando fizermos isto outra vez.

Outra vez. Ainda nem sequer acabámos e ele já me deixou a pensar no quão alucinante vai ser a próxima vez. Depois da rapidez com que me satisfiz só com os dedos, só posso imaginar o tipo de estragos deliciosos que a sua língua consegue fazer.

– Despe isso – faço sinal para as calças de ganga dele. Também o quero ver por inteiro. Se ele pensa que estou impaciente agora, vai ter uma surpresa. – Despacha -te.

– Está bem, está bem – entende ele, a rir, enquanto se levanta da cama e desaperta, por fim, o botão de cima das calças de ganga.

Observo, extasiada, enquanto ele desce o fecho, vendo os seus *boxers* pretos e a saliência por detrás deles quando ficam à vista. Mas quando empurra as calças de ganga pelas coxas abaixo, suspiro.

– Tens uma tatuagem – levanto -me sobre os cotovelos para ver melhor a sua coxa esquerda, onde desabrocha um mosaico de flores, um tigre rugir e existem linhas escritas em várias línguas que não consigo decifrar completamente. – Eu *sabia*.

O Dev ri -se enquanto tira as calças de ganga e, mais uma vez, ajoelha -se à minha frente no colchão.

– Não digas à minha mãe.

A sua posição dá -me uma melhor visão da tatuagem e... de mais coisas.

– O teu segredo está seguro comigo – prometo, mas a minha boca fica subitamente seca.

Quero deitar -me e olhar para ele, mas quero tocar -lhe mais. Sento -me mais direita e enfio os dedos na cintura elástica da sua roupa interior. Ele deixa os braços pendurados ao lado do corpo, permitindo -me fazer o que quero. Inspiro com força quando puxo o material para baixo e a pila dele se liberta.

– Oh, meu Deus– nem me apercebo que murmurei aquelas palavras até ele falar.

– Não te preocupes, querida – diz, com a voz áspera. – Tu aguentas.

Não tenho tanta certeza disso, mas não sou de desistir. Especialmente quando estou à espera há tanto tempo. Enrolo uma mão à volta dele. As pontas dos meus dedos nem sequer chegam a tocar-se.

A respiração dele é tensa, mas silenciosa. Estou demasiado concentrada na visão à minha frente.

– Vais fazer alguma coisa com isso? – pergunta ele, por fim, chamando -me a atenção. – Ou devo mostrar -te o que quero fazer contigo?

Engulo em seco, procurando pela minha voz.

– A segunda opção – digo, com a garganta seca.

– Podemos fazer com que isso aconteça.

Num instante, ele põe -me de costas, as suas ancas encaixadas entre as minhas coxas, sem cuecas. Agora, não há nada entre nós. As minhas pernas abrem -se com facilidade para ele. Conseguia abri -las muito mais, mas não devo, a não ser que queira ir parar a uma urgência belga para meter a anca no sítio certo.

As minhas estrias e cicatrizes da cirurgia já não me incomodam muito, mas continuo a sentir-me envergonhada por ter de salvaguardar o meu bem -estar. Não devia sentir -me envergonhada, eu sei disso. É uma condição sobre a qual não tenho qualquer controlo e é um facto da minha vida. Sempre será. E, no entanto, estou a corar da cabeça aos pés, a tentar não me encolher enquanto olho para o Dev.

– Sê gentil comigo, está bem? – sussurro, tocando -lhe no pescoço enquanto ele se apoia nos antebraços.

Não preciso de lhe pedir. Ele sabe como deve lidar comigo. Tem -lo feito durante toda a minha vida. Ainda assim, digo -o para a minha própria paz de espírito.

– Eu sei que conseguias meter uma perna atrás da cabeça. Para com as brincadeiras – finaliza a piada com um beijo suave. Depois, afasta -se o suficiente para murmurar –, prometo que nunca te vou magoar.

Este homem poderia partir -me ao meio que eu iria agradecer. Mas, se quero que volte a acontecer, temos de ter cuidado.

Os nossos lábios prendem -se e soltam -se, preguiçosos e doces, mas as nossas respirações ficam pesadas e a minha impaciência apodera -se de mim mais uma vez.

Como se pudesse senti -lo, o Dev passa uma mão pelo meu corpo, introduz dois dedos em mim e deixo escapar um gemido dos lábios.

– Estás pronta?

– Por favor – digo, com um sufoco.

É todo o incentivo de que ele precisa. Passa o polegar sobre o meu clitóris, à medida que arrasta os dedos para fora. A minha humidade brilha neles, enquanto ele se agarra e se alinha com a minha abertura.

Meu Deus, é agora.

A cabeça da pila dele toca -me, encontrando alguma resistência ao avançar. Respiro com a sua insistência murmurada ao meu ouvido e, logo de seguida, estou a levantar as ancas para ele conseguir ir mais fundo. Ele penetra -me pouco a pouco, dando -me tempo para me adaptar à sensação dele, à forma como me expande, como me preenche. Estava à espera de dor ou de um desconforto maior. Já se passou muito tempo desde a última vez que tive relações sexuais e não há como ignorar: ele é enorme. Contudo, fá -lo com tanta facilidade e cuidado que estou convencida de que fomos feitos um para o outro.

– Porra, és tão apertada – geme, contra o meu pescoço. Levantando a cabeça, estuda -me. – Está bom assim?

Aceno com a cabeça. O sim que o acompanha abriga -se na minha garganta e tudo o que escapa, quando os meus lábios se separam, é um gemido ofegante.

Ele balança -se para trás e para a frente para me esticar ligeiramente mais, os seus movimentos são suaves mas confiantes, e depois está completamente dentro de mim, as ancas pressionadas contra as minhas.

– Ainda está bom? – pergunta ele, pouco mais alto do que um sussurro.

– Meu Deus, sim – desta vez as palavras fluem livremente, como se ele tivesse quebrado todas as paredes dentro de mim. – Não pares.

O pulsar exigente entre as minhas pernas só consegue ser saciado pelos seus movimentos. Estou pronta para me perder nele.

Agarro -lhe os ombros enquanto faz as suas investidas, primeiro lentamente, ainda ligeiras. Mas depois dá -me mais, pouco a pouco. As ancas dele rebolam contra mim, aprofundando a penetração, cada estocada ligeiramente mais forte do que a anterior. Arqueio as costas e atraio -o para dentro de mim, o meu corpo a implorar por mais, porque a fricção é espetacularmente incrível.

– Mais depressa – suplico, o instinto a apoderar -se de mim.

Ele está mais do que disposto a obedecer e o seu controlo cauteloso vacila.

Não demora muito para que eu esteja a ir desesperadamente ao encontro dele, impulso por impulso. Os meus mamilos roçam o seu o peito, e a combinação de sensações faz -me pressionar contra ele, desesperada por sentir cada centímetro da sua pele contra a minha, à medida que a pressão aumenta e aumenta e aumenta. Pairo no precipício, pronta a cair. Só preciso de um empurrãozinho extra para tombar.

Recebo -o quando ele desliza uma mão entre os nossos corpos e pressiona a parte inferior do meu estômago, encontrando o meu clitóris com o polegar. De repente, estou elétrica, cada centímetro meu aceso, a cair pelo despenhadeiro com tanta força que também lhe arranca um gemido a ele.

– É isso, querida – diz, ainda a mexer -se enquanto me agarro a ele. – Vai até ao fim. Eu agarro -te.

Ele fá -lo. É por isso que me deixo derreter nele, que me rouba o fôlego com outro beijo intenso. Quero flutuar e fechar os olhos, perder -me em todas as sensações, mas ele ainda não acabou.

Move -se lentamente, dando -me a oportunidade de recuperar antes de acelerar o seu ritmo. Um grito suave escapa -me dos lábios quando o faz, ainda mais sensível agora. Puxando as pernas para cima, prendo os tornozelos atrás das costas dele para o agarrar num ângulo diferente. A sensação já não é tão aflitiva. É mais como um sofrimento que cresce e cresce e, rapidamente, estou a implorar. Por quê, não tenho a certeza, mas estou a sussurrar *por favor, por favor, por favor*, uma e outra vez.

– Dá -me outro – exige ele ao meu ouvido, com a barba por fazer a arranhar -me a pele enquanto roça a bochecha na minha.

Abano a cabeça, a tremer.

– Não consigo – suspiro, apertando os olhos com força.

Ele agarra -me no queixo.

– Olha para mim.

Obrigo -me a abrir os olhos, absorvendo a intensidade do seu olhar. Ele prende -se ao meu enquanto me penetra, sem hesitação nas suas investidas, determinado a extrair o que quer de mim, determinado a dar -me tudo em troca.

É o suficiente para me arrancar outro orgasmo. Os meus gritos são abafados quando ele baixa a cabeça para me beijar. A euforia perfura -me e a minha cabeça gira. Estou tão absorvida por ele que mal reparo quando as suas ancas fraquejam. Mas o louvor e a adoração sussurrados e murmurados ao meu ouvido penetram profundamente na minha consciência. Nem tudo é dito em inglês, mas entendo os sentimentos na perfeição.

Ele está muito, muito dentro de mim. Sou uma mulher possuída, cada centímetro do meu corpo está a arder. Não há pensamentos coerentes na minha cabeça. Nada mais do que ele. Nada mais do que nós.

Quero isto para sempre.

Ele enterra o rosto no meu pescoço quando explode dentro de mim, a sua boca contra a minha pulsação, os seus dentes a roçarem a minha pele. Acaricio -lhe os ombros, saboreando a forma como colapsa contra mim, embora tenha o cuidado de não me esmagar ou magoar. Dá -me apenas o suficiente do seu peso para que eu saiba que ele não me quer deixar ir embora.

Não é o único. Agarro -me a ele pela minha vida, se for preciso.

Porque, agora, não há como voltar atrás.



Capítulo 25

Dev

Posso não ter ganhado a corrida hoje, mas ter a Willow nos meus braços é melhor do que ganhar.

Limpámo -nos os dois, mas a visão das suas coxas peganhentas quando ela saiu da cama despertou algo no meu cérebro. Quase me tornei num homem das cavernas e a atirei de novo para o colchão, para a deixar com a minha marca outra vez.

Consegui resistir. Por pouco.

Ver a cara dela quando se veio... *Porra*, nunca tive uma visão tão fascinante. O som dos seus suspiros ínfimos e gemidos ofegantes ficarão gravados na minha memória para o resto da minha vida. O dia em que os esquecer será o dia em que morri. Já se passaram cinco minutos e tudo o que quero é ouvi -los de novo.

E mais uma vez, e mais uma vez, e mais uma vez.

A minha confissão amorosa pode ter saído da minha boca como uma resposta simples à sua provocação, mas é verdade. Esta rapariga é *a tal*. Só gostava de o ter percebido mais cedo, porque não importa quanto tempo passemos juntos, nunca será suficiente.

Estendo o braço para a convidar a encostar a cabeça ao meu peito e ela aceita de bom grado, encostando -se ao meu lado e encaixando a coxa sobre a minha. Sonhei com isto tantas noites, mas agora está mesmo a acontecer. Merda, talvez *esteja* a sonhar.

– Tens de voltar para o teu quarto em breve? – murmura ela contra o meu peito, com os grandes olhos castanhos a olharem para mim, dizendo -me exatamente qual deve ser a minha resposta. – Provavelmente, não queres ser apanhado a sair daqui às escondidas de manhã.

– Não me interessa – qualquer pessoa que me veja neste andar sabe que deve manter a boca fechada. – Posso ficar o tempo que quiseres.

Ela aconchega -se mais, com um som satisfatório a escapar -lhe dos lábios.

– Ótimo. Não quero que esta noite acabe.

Nem eu. E peço apenas que todas as nossas noites, daqui para a frente, sejam exatamente como esta.

Dou -lhe um beijo na testa, depois dou outro nos caracóis até ela se rir e afastar a minha cara. Com um sorriso, preparo -me para a puxar e prendê -la para lhe roubar todos os beijos que quiser, mas o som abafado do meu telemóvel no bolso das calças de ganga pousadas no chão distrai -me. Considero ignorá -lo, mas pode ser o Howard e não estou disposto a perder a chamada que pode moldar o resto da minha vida.

– Ainda não acabei – declaro, depositando mais um beijo ávido nos seus lábios antes de me inclinar na borda da cama.

Mas, quando agarro no telemóvel, não é o nome do Howard que aparece no ecrã. É o do Oakley.

A Willow leva uma mão ao meu peito, com uma ruga preocupada entre as sobrancelhas.

– Quem é? – pergunta ela. Não quero acabar com a paz dela, mas não serei desonesto.

– O Oakley.

Como previa, ela fica tensa ao meu lado, embora, não se afaste.

– Atende – diz ela.

Sem pensar duas vezes, deslizo o dedo pelo ecrã e digo:

– Olá, mano.

Ao início, só ouço o ruído do ar, como se ele estivesse a conduzir depressa com os vidros para baixo e a chamada em alta -voz.

– Amanhã, chegas a que horas? – grita o Oakley, por cima do barulho.

Franzo o sobrolho, observando a Willow. Ela provavelmente consegue ouvi-lo no silêncio do nosso quarto.

– Já estás em San Diego? – pergunto.

– Cheguei mais cedo – responde ele. – As nossas mães já me forçaram a comer pelo menos seis refeições. Tive de sair para dar uma volta antes que me obrigassem a comer outra – bufa ele. – Ainda bem que não sou eu quem anda em corridas, hoje em dia. Não iria caber no carro.

Forço uma gargalhada.

– Então, se calhar, vou adiar o regresso a casa por mais uns dias. Não posso arriscar.

– Não, que se lixe. Volta o mais depressa possível. Estou aborrecido sem ti, e a tia Neha está a começar a ficar ligeiramente doida com todas as coisas do casamento. Preciso de reforços. O que me leva de volta à minha pergunta inicial: chegas quando?

Olho para o relógio na mesa de cabeceira. São duas da manhã, o que significa que são cinco da tarde de *ontem* na Califórnia. A maior parte da minha vida tem sido a viajar pelo mundo e os fusos horários continuam a deixar -me completamente lixado.

Hoje é, tecnicamente, o primeiro dia das minhas férias de verão. Prometi

ao Oakley e à minha família que voltava para casa o mais rápido possível para passar bastante tempo com eles, além de relaxar antes de começar a confusão do casamento de vários dias da Alisha. É suposto apanhar um avião para a Califórnia hoje – juntamente com a Willow, o Mark e o Chava – mas dizer quando é difícil. Estava demasiado ocupado a ter relações sexuais com a irmã dele para me dar ao trabalho de ver o meu itinerário ontem à noite.

Fecho os olhos, depois abro -os e concentro -me na cara perfeita da Willow.

– Não sei – murmuro. – Fala com o Chava. É ele quem comanda a minha vida.

– Já lhe liguei umas três vezes. Ele não atendeu – contra -argumenta o Oakley. – Talvez a Willow saiba. Ela costuma ser uma maníaca controladora e organizada com este tipo de coisas. Vou ligar -lhe agora. Falo contigo depois...

– Não! – grito, enquanto a Willow arregala os olhos. Merda, agora tenho de inventar uma desculpa. – Cá são duas da manhã, mano. Para de ligar às pessoas e de as acordar. Quando descobrir, mando -te mensagem.

O Oakley solta um suspiro que quase se perde no barulho do vento.

– Está bem. Mas não me deixes aqui sozinho durante muito tempo. Tenho saudades tuas, idiota.

Embora tenha a barriga a revirar de culpa, as palavras dele fazem -me sorrir um pouco.

– Também tenho saudades tuas. Vemo -nos em breve.

Desligo e atiro o telemóvel para o chão, gemendo enquanto esfrego as mãos na cara.

Quando volto a abrir os olhos, a Willow tem o queixo encostado ao peito e o lábio inferior apertado entre os dentes.

A chamada telefónica rebentou oficialmente a bolha que criámos.

– É suposto funcionar como, Dev? – pergunta ela. A voz é baixa. Assustada. – É suposto fazermos isto como?

Passo -lhe a mão pelo cabelo, para a acalmar, mas estou igualmente aterrorizado.

– Como queres lidar com isto?

– Não sei – murmura ela. – Quero estar contigo. *Estou* contigo. Mas tenho medo de contar ao Oakley – respira fundo e levanta o queixo, mesmo estando ligeiramente a tremer. Neste momento, está a ser o mais forte que consegue. – Podemos manter isto entre nós, durante um tempo? Sem distrações. Sem dúvidas. Sem termos alguém a tentar dissuadir -nos. Quero que tenhamos a certeza disto, pela nossa cabeça, antes de contarmos a alguém.

Já tenho a certeza, há muito tempo, mas ela tem razão. Quando dermos o salto, não pode haver uma única dúvida de qualquer um dos lados. As mudanças vão ser grandes, e amarmo -nos pode não ser suficiente para

evitar que nos afastem.

– Acho que o Chava e o Mark já devem saber – brinco, numa tentativa de aliviar a tensão que rapidamente se tornou pesada.

O que digo arranca -lhe um riso suave.

– Talvez tenhas razão – brinca ela, mas rapidamente volta a ficar séria. – Acho que também não vou conseguir escondê-lo da Grace e da Chantal. Elas vão descobri-lo num instante.

– Então, parece que o Oakley vai ser o único a ficar de fora – suspiro. Não gosto da ideia, mas percebo. Se existe alguém nos vai tentar convencer a não ficarmos juntos, é ele, e não precisamos desse tipo de influência tão ao início.

– Sim – a Willow molha os lábios, com a cabeça a andar à roda. – Mas não podemos esconder-lhe durante muito tempo. E se... E se lhe dissermos logo a seguir ao casamento da Alisha? É daqui a duas semanas – ela espera que eu acene com a cabeça, antes de continuar. – Podemos aproveitar esse tempo para perceber como vamos lidar com o facto de oficializarmos a relação. Além disso, é no fim do meu contrato contigo e com a Argonaut.

Ela tem razão. Mas não quero pensar em como as coisas vão ficar quando o contrato dela acabar e ela não estiver sempre ao meu lado. Por outro lado, quando não for a minha funcionária, o que estamos a fazer não será tão mal visto.

– Está bem – concordo, puxando -a de novo para ao pé de mim. – Parece que vamos andar escondidos durante uns tempos. Estás disposta a isso?

Ela apoia uma palma da mão no meu peito enquanto paira sobre mim. Mesmo com a luz fraca do candeeiro da cabeceira, consigo ver a lasca de caramelo nos seus olhos. A sua imperfeição perfeita.

– Se isso quer dizer que posso estar contigo – diz ela –, então, estou disposta a tudo.

Deslizo os dedos pelo seu pescoço e enterro -os nas madeixas de cabelo na parte de trás da cabeça.

– Ei. Eu amo -te.

O alívio passa -lhe pelo rosto.

– Então não foi uma coisa accidental, dita no calor do momento?

– De forma nenhuma. E tu?

– Não. Estava a falar a sério – franze os lábios, como se estivesse a pensar em contar -me um segredo. – Acho que estive apaixonada por ti durante a maior parte da minha vida – é uma confissão vulnerável, mas ela alivia a seriedade com uma provocação – Já era tempo de te pores a par.

Ela pode brincar o quanto quiser, mas tem razão. Demorei demasiado tempo a abrir os olhos e a correr para ela.

Mas, pelo menos, chegámos até aqui. Só espero que consigamos cá ficar.

As primeiras coisas em que reparo quando acordo, antes mesmo de abrir os olhos, são o cheiro a baunilha doce e o calor do corpo da Willow a infiltrar-se no meu.

Consigo perceber que está acordada, embora esteja de costas para mim e a tentar manter os seus movimentos mínimos e limitados. O sono dela sempre foi agitado. Acabava sempre fora do saco -cama ou a meio do chão da tenda quando as nossas famílias iam acampar juntas. Evidentemente, nada mudou ao longo dos anos, embora agora me preocupe que ela o faça por se sentir desconfortável. Imagino que ficar na mesma posição durante muito tempo seja difícil para o corpo dela – especialmente depois das várias voltas que lhe dei ontem à noite.

– Sei que estás acordada – murmuro contra o seu ombro nu.

Ela fica quieta perante as minhas palavras e vira um pouco a cabeça, ainda que não olhe para mim.

– Não queria acordar -te – sussurra. – Desculpa.

– Hum, não peças desculpa – tiro -lhe o cabelo do caminho e beijo -lhe a nuca, deliciando -me com o arrepio que ela sente. – Não quero perder um único momento contigo.

Ela vira -se mais para mim e, desta vez, consigo ver -lhe o sorriso.

– Vais dormir com as falinhas todas planeadas?

Em resposta, sorrio contra a sua pele.

– Queres ouvir outra? – quando acena com a cabeça, sussurro. – Estou convencido de que foram os deuses que te puseram meu caminho.

– Oh, essa é boa – diz ela, mostrando -me aquelas covinhas. – É de que filme de Bollywood?

Rio -me, com a cara já a doer devido à amplitude do meu sorriso e à alegria pura que ela me inspira. – Se descobrires, avisa -me – volto a beijar -lhe o pescoço e, desta vez, sou recompensado com um suspiro satisfeito. – Mas estou a falar a sério. Acho que esteve sempre destinado a acontecer.

– O quê, irmos para a cama? – brinca ela, virando -se de costas e olhando para mim com um ar sonolento.

– E tudo o que levou a isso – cerro a minha teoria com um beijo no canto do maxilar dela. – A maneira como precisámos da ajuda um do outro. O tempo que passámos juntos por causa disso – os meus lábios deslocam -se para a clavícula dela. – O quanto nos aproximámos sem sermos questionados pelo porquê – passo a língua pela pulsação na base da garganta dela. – Foi tudo perfeito. Como se estivesse escrito nas estrelas.

– Escrito nas estrelas, é?

– Foi o destino. *Kismet*. Um fio vermelho a ligar -nos e isso tudo.

– E tu acreditas nisso?

– Tendo em conta que estás nos meus braços neste momento, tenho de acreditar.

– Parvinho – murmura ela, passando os dedos pelo meu cabelo. – Continua a falar.

Podia falar com ela a manhã inteira, mas o telemóvel da Willow toca na mesinha de cabeceira, interrompendo a minha tentativa de lhe contar como os astrólogos indianos, em que a minha mãe diz não acreditar, mas utiliza, não iriam conseguir negar a nossa compatibilidade.

A Willow bufa, enquanto se afasta de mim para agarrar no telemóvel.

– É o Chava – diz ela, com a cara ligeiramente abatida ao ler a mensagem.

– Quer ir para o aeroporto daqui a uma hora.

A realidade chama -nos e está na hora de a encarar. Temos muito que enfrentar.

– Está bem – beijo -lhe o canto da boca, sabendo que esta é a última vez que o posso fazer até estarmos outra vez sozinhos. E não faço ideia de quando isso vai acontecer. – Vamos para casa, *jaanu*.



Capítulo 26

Willow

– Estou tão dorida – queixo -me baixinho ao Dev, enquanto saímos em direção à luz do sol. – Como é que vou ficar sentada num avião durante... – sinto a barriga andar à roda, com a ideia de viajar de Bruxelas para San Diego no dia de hoje. – Oh não. O voo dura quanto tempo?

– É longo – responde ele, agarrando na pega da minha mala, enquanto os nossos dedos se tocam.

Vou aceitar todo o contacto físico que conseguir. Agora que deixámos a privacidade do meu quarto de hotel, temos de agir como se não houvesse nada – como um fio vermelho predestinado – entre nós. Somos entidades separadas, em vez de um par.

O meu peito dói ligeiramente com a ideia. Não importa o quão nova seja esta ligação, não quero sequer imaginar não estarmos juntos, por mais falso que seja o distanciamento.

Concordámos manter -nos em segredo, mas à luz do dia andar às escondidas parece muito mais difícil do que quando criámos este plano. Tudo o que quero fazer é enlaçar os nossos dedos e declarar ao mundo que somos um casal.

Pelo menos... acho que somos. Não pusemos propriamente nenhum rótulo.

Mas, aparentemente, não vou perguntar ao Dev o que somos, porque o Mark e o Chava juntaram -se a nós a caminho do SUV que nos espera. Eles podem ter -nos apanhado aos beijos e até apostado que iria acontecer, mas não os devíamos envolver mais do que já estão. Afinal, são amigos do Oakley e quem sabe o que um deles – *okay*, com certeza seria o Chava – pode deixar escapar.

Não são os únicos com quem tenho de ter cuidado. Tenho de me lembrar que o Dev é uma celebridade, por mais difícil que seja metê -lo na cabeça. Por causa disso, ele está sob constante escrutínio e, por associação, eu também tenho estado. A minha cara já apareceu em várias publicações. São inofensivas, normalmente, apenas fotografias minhas e do Dev a caminhar lado a lado no *paddock*, mas o meu nome já é conhecido. Fui identificada como a gestora das

redes sociais dele e, por enquanto, esse deve ser o meu único título.

Quando chegamos ao SUV, troco um olhar acidental com o Mark enquanto ele arruma as nossas malas no porta-bagagens e sim, ele, sem dúvida, sabe o que eu e o Dev andámos a fazer ontem à noite. A minha cara fica a escaldar quando ele me pisca o olho, mas pelo menos ele aprova.

O Chava, felizmente, não parece saber de nada quando passo por ele e entro na terceira fila do SUV. O Dev junta-se a mim de imediato, a sua mão encontra a minha coxa enquanto os restantes rapazes ficam lá fora no passeio. É um momento privado o suficiente, por isso deixo-o perdurar, até me ajeito para que os seus dedos deslizem por baixo da borda dos meus calções.

– Antes de ficarmos presos às nossas famílias – murmura, perto do meu ouvido –, deixa-me levar-te a sair.

Olho-o de relance pelo canto do olho, resistindo à vontade de me virar e encostar os lábios aos dele.

– Vai ser o tal melhor encontro de sempre que me prometeste?

– Merda, tenho de superar as expectativas, não é?

– Tu é que és o responsável por isso, amigo.

– Acho que tens razão – ele solta um suspiro pesado, mas há humor implícito e a forma como a sua mão desliza um pouco mais para cima diz-me que não está preocupado. – Assim que aterrarmos, vou sequestrar-te. Dizemos a toda a gente que o nosso voo se atrasou.

Franzo o sobrolho.

– O Chava e o Mark estão, literalmente, no mesmo voo que nós. Ninguém vai acreditar se eles aparecerem e nós não.

– Eles protegem-nos. Prometo.

E é então que reparo no Chava. Tem o rosto sorridente encostado à janela, com as mãos sobre os olhos para poder ver através do vidro fumado, observando-nos como se estivéssemos em exposição no jardim zoológico.

É evidente que aqui não há segredos.

Suspiro.

– Está bem. Acho que é o mínimo que podem fazer.

■ ■ ■

Dezasseis horas depois, estou tensa, dorida e pronta para dormir, apesar de serem três da tarde na Califórnia. Neste momento, não estou apta para qualquer tipo de saída. Nem sequer estou apta para ser vista por outros humanos.

Mesmo assim, o Dev leva-me para outro SUV que está à nossa espera e despede-se do Mark e do Chava antes de entrar para o meu lado. Tento acenar-lhes em sinal de agradecimento, mas estou tão exausta que a minha mão cai

mole.

– Acho que não estou pronta para nada – digo, cansada.

– Vais estar pronta para isto, prometo.

Não tenho a certeza disso. Mas ele não me desiludiu até agora e é suposto que este seja o melhor encontro de sempre, por isso... acho que vou alinhar.

Mas, quanto mais conduzimos, mais confusa fico. Estamos nitidamente a aproximarmo-nos da costa, em direção a um dos bairros mais chiques de San Diego. Se calhar, estamos a ir para uma zona de acesso privado à praia. Não me importava de dormir uma sesta ao sol, mas podemos fazê-lo num dia qualquer. Não é propriamente o «melhor encontro de sempre».

Por isso, quando chegamos à entrada do que é facilmente uma casa de dez milhões de dólares, franzo o sobrolho e lanço um olhar curioso ao Dev.

– Não me digas que compraste uma casa para este encontro.

Ele resmunga e desaperta o cinto de segurança dele, depois o meu.

– É só alugada. Não te preocupes. Não que não fosse capaz de comprar uma casa só para te impressionar. Mas escolhia uma cidade mais entusiasmante.

O que diz arranca -me uma gargalhada.

– Não me vou esquecer disso.

Ele sai do SUV primeiro, depois ajuda -me a descer, as suas mãos quentes envolvem as minhas por breves instantes antes do braço encontrar a minha cintura. Subimos o caminho empedrado até ao alpendre grande da frente. Está decorado com cadeiras de vime e um balouço, mas são os sacos de papel com compras que captam a minha atenção.

– Encomendaste alguma coisa?

O Dev faz -me um meio sorriso, com os olhos a brilhar.

– Estás mesmo decidida a estragar a minha surpresa, não estás? – deixa cair o braço que tem à minha volta para pegar nos sacos, e depois introduz um código na porta para a destrancar. – Primeiro as senhoras – diz ele, afastando -se para o lado.

Girando a maçaneta, obedeço, mas só porque confio nele o suficiente para saber que não me leva para uma armadilha ou em direção a um assassino armado à nossa espera. São as vantagens de o ter conhecido a vida toda.

Felizmente, não há nenhuma surpresa horrível nem nenhum assassino do outro lado da porta. Somente um deslumbrante espaço aberto, com um chão cor de carvalho quente, mobiliário acolhedor de cor neutra e uma cozinha que seria o sonho de qualquer chefe. Porém, a vista é o que vende realmente a casa.

Numa parede com janelas do teto ao chão, surge uma vista para o oceano e para a escada estreita e sinuosa que desce a encosta rochosa até à praia. Há um pátio escondido ao lado do penhasco, com mais móveis de vime e uma fogueira. O melhor de tudo é que está escondido de qualquer pessoa que possa

passar pela estreita faixa de praia lá em baixo.

Descalço os tênis e dirijo -me para as janelas, apreciando a vista enquanto o Dev pousa os sacos na ilha da cozinha.

– É lindo – suspiro, olhando para as ondas azul -escuras a dar à costa. – E pacífico.

O riso dele atravessa a sala.

– Exatamente. Não vamos ter muita paz quando chegarmos a casa. Quis uma última escapadela, antes do caos do casamento começar.

Imagino a confusão que vai ser o casamento da Alisha. Da última vez que estive em casa, vi alguns dos planos e pareciam todos entusiasmantes, luxuosos e muito caros. Mas, por muito incrível que seja o evento de três dias, vai ser uma altura exaustiva para todos os envolvidos.

– Vamos lá. Vamos ver o andar de cima – diz o Dev, aproximando -se de mim e estendendo-me a mão. Ele tem um saco branco pequeno no outro braço, mas não consigo perceber o que está lá dentro.

Guia -me para o topo da escadaria larga, passando por todas as fotografias bonitas da natureza a preto e branco que cobrem as paredes, até ao segundo andar. O quarto principal está praticamente suspenso sobre o oceano, com uma vista ainda mais deslumbrante. Sinto -me, de imediato, tentada a deitar -me na cama e deixar que o rugido monótono das ondas me embale até adormecer.

– Estamos quase lá.

Ele contorna o colchão *king -size* e puxa -me para outra porta, que conduz a uma elegante casa de banho privada em mármore. A banheira com pés enorme, que se encontra perto de outra janela ampla, é o que capta a minha atenção.

– *Tchanan* – anuncia o Dev. Larga a minha mão e abre a torneira cromada da banheira. – Achei que fosses gostar de tomar um banho de imersão antes do encontro começar. Despe -te.

– Ei, leva -me a jantar primeiro.

Ele ri -se.

– Isso é a seguir. Mas, primeiro, precisas de um banho – pousa o saco no balcão. São sais de Epsom com aroma a lavanda. – Espero que ajudem os teus músculos. Depois de ontem à noite e daquele voo, sei que estás a sofrer.

Sinto a garganta apertada e juro que o meu coração começa a bater descontroladamente. Nunca ninguém se preocupou tanto em cuidar de mim. Nunca ninguém compreendeu o que sinto tão bem como ele.

– Obrigada.

Ele pisca -me o olho, enquanto deita uma quantidade generosa de sais na água quente. Imediatamente o aroma calmante da lavanda enche a divisão.

– Quando acabares, desce as escadas – diz ele, depositando um beijo na

minha testa antes de se dirigir à porta. – Tenho mais surpresas.

Ele sai e eu fico sozinha, a sorrir para mim mesma enquanto seco as lágrimas que ameaçam derramar -se pelas minhas pestanas. Se o meu coração rebentar devido a uma abundância de amor, sei exatamente quem culpar.

Dispo -me rapidamente e apanho os caracóis no topo da cabeça, depois mergulho na água, gemendo enquanto o calor solta lentamente todos os meus músculos. Fico submersa até as pontas dos dedos ficarem enrugadas e, quando por fim me convenço a sair, tenho a toalha mais macia do mundo à minha espera.

Quando estou seca, vou para o quarto. A minha mala está ao lado da cama, mas em cima do colchão está um frasco da minha manteiga corporal preferida com aroma a baunilha e um vestido novinho em folha. É branco com as violetas mais delicadas estampadas e é de uma marca com um preço considerável. Mesmo que não seja o melhor encontro a minha vida, é sem dúvida o mais caro.

Depois de hidratada e vestida, desço as escadas e encontro o Dev a sair da cozinha com um tabuleiro de sanduíches, limonada e o que tenho a certeza serem *macarons* da Stella Margaux. Ele acena com a cabeça para a porta de correr aberta que dá para o pátio.

– Anda, vamos fazer um piquenique.

Sigo -o até lá fora e instalo -me no sofá almofadado. Viro o rosto para o sol e deixo que a brisa do mar agite os caracóis frisados que escaparam do meu carrapito. Neste momento, é tudo perfeito.

Em silêncio, pausa o tabuleiro e dá -me um copo de limonada antes de se sentar ao meu lado.

– Como é que planeaste isto tudo tão depressa? – pergunto, enquanto a bebida arrefece a palma da minha mão.

Com um braço sobre mim, ele faz pressão com um único dedo no meu ombro.

– Primeiro, sou *muito* rico. Consigo pagar para que quase tudo aconteça. E, segundo – faz pressão com outro dedo na minha pele –, sei usar a Internet para encomendar algumas coisas.

Levanto o copo até aos lábios para esconder o sorriso.

– Parvalhão – murmuro, para dentro da bebida.

– Oh, sou sim. Mas gostas?

Enquanto olho para a paisagem deslumbrante, bebo a limonada e finjo que estou a pensar na minha resposta.

– Hum... *acho* que te saíste bem.

Ele passa os lábios pelo meu maxilar e mordisca o canto como vingança. Quando viro a bochecha para a encostar à dele, sinto o seu sorriso.

– Espertinha – murmura ele. – A propósito, o vestido fica -te bem. Acho

que fiz a escolha certa.

– Nem vou perguntar como sabias o meu tamanho exato.

– Então, não vou admitir que mexi na tua roupa enquanto estavas no banho hoje de manhã.

Rio -me e afasto -me ligeiramente, pegando -lhe na bochecha e perdendo -me nas profundezas escuras dos seus olhos.

– Sei que já o disse, mas obrigada. Isto é... fantástico. É tudo o que podia querer num encontro – porque ele é tudo o que preciso.

O olhar dele passa pelo meu rosto, as sobrancelhas juntam -se.

– Não tens de me agradecer por coisas como estas, Willow. É assim que mereces ser tratada.

As lágrimas voltam a arder -me no fundo dos olhos. Afasto -as, encostando os lábios aos dele. O beijo é puro e cerrado, mas é dolorosamente doce.

O Dev afasta -se primeiro, observando -me por um segundo. Com uma risada suave, baixa a cabeça e bagunça o cabelo como um adolescente envergonhado que acabou de dar o seu primeiro beijo. Para um homem que consigo descrever com entusiasmo como incrivelmente atraente, o gesto é adorável.

– Muito bem, já chega – diz ele, agarrando num prato de mini sanduíches do tabuleiro. – Come.

De bom grado, pego numa e sento -me, mordendo o pão macio e o queijo.

– Estás contente por poderes descansar das corridas? – pergunto, quando acabo de mastigar.

Acena com a cabeça e pega também numa sanduíche.

– Por muito que goste das corridas, também aprecio as pausas. É bom não ter de andar a correr de um lado para o outro durante algumas semanas.

Depois de o ter seguido pela Europa inteira, percebo o que quer dizer. Contudo, apercebo-me então de que não vou continuar a fazê -lo. Já... acabou. Não vou ter de apanhar voos cansativos nem de me enfiar em carrinhas que nos levam aos circuitos. Malibu é a nossa última paragem nesta aventura e, no final do fim de semana do casamento da Alisha, o meu contrato com o Dev termina.

A dor é como um murro no peito, quase me tira o ar dos pulmões. Não quero que esta parte acabe, mesmo que nos permita trazer a nossa relação à tona. Foi uma honra ajudá -lo a retirar a reputação da lama. Adorei conhecer as pessoas da Argonaut – menos o Buck e o Nathaniel que nunca me dirigiram uma única palavra – e adorei agradecer -lhes através das contas do Dev por todo o trabalho que fazem. Adorei... tudo.

Nunca pensei que fosse gostar de um trabalho como este, cheio de viagens e eventos apressados. Durante muito tempo, imaginei -me a trabalhar num grande departamento de *marketing* de uma equipa desportiva, sentada a uma

secretária, a clicar no rato o dia todo. Algo calmo e seguro. Ao início, trabalhar somente com uma pessoa pareceu -me ser um retrocesso. Mas agora? Não consigo imaginar -me a passar os dias num cubículo e, provavelmente, sem conhecer os atletas com quem trabalhava. Os dias em que trabalhei para que isso acontecesse parecem ter sido há muito tempo. Noutra vida.

– O que vais fazer quando já não trabalhar para ti? – pergunto ao Dev, fazendo o meu melhor para manter o timbre, embora o meu coração esteja a bater com força.

– Vou contratar uma empresa de relações públicas, como o Howard pediu ao início – a sua resposta é tão simples que é evidente que não é a primeira vez que considera o que pode fazer a seguir. – Puseste tudo em ordem, por isso só têm de o manter. E, quando estiver na Mascort...

– Não dês azar!

– Quando, *com sorte*, estiver na Mascort – emenda –, provavelmente vão ter uma lista de pessoas para eu escolher, já examinadas e aprovadas. Eles são os melhores. Ao contrário da Argonaut, que praticamente disse para resolver tudo sozinho – revira os olhos.

Tenho de reprimir o desejo de dizer que quero ficar com ele. Que quero continuar o que estou a fazer, mesmo que ele já não precise da minha ajuda.

Mas engulo as palavras. Não é uma opção viável se quisermos ter uma relação pública e, sobretudo, se eu quiser ter uma carreira sem ser assombrada pelos rumores de que dormi com o meu patrão para chegar a algum lado.

– Faço figas para que consigas o contrato com a Mascort – digo.

O Dev solta um suspiro, felizmente alheio à confusão que se passa dentro de mim.

– Eu também. Sei que não vai ser de um dia para o outro, mas não aguento mais uma época na Argonaut.

E a Argonaut, provavelmente, também não iria aceitar mais uma época com ele.

– Posso perguntar -te uma coisa? – começo, desnecessariamente. Ele iria responder a qualquer pergunta que faça, mas há muito tempo que ando curiosa acerca disto. – Há alguma razão para odiar tanto o Nathaniel? Para além da equipa lhe dar sempre prioridade. E de ser um parvo.

O Dev ri -se e termina a sua sanduíche. Limpa as mãos num guardanapo, abre a boca como se estivesse prestes a responder, mas depois fecha -a de novo e observa o pátio durante alguns segundos demorados.

– Quando o Buck comprou a equipa – começa ele, por fim –, deu uma festa para se apresentar a nós. Toda a gente na Argonaut estava entusiasmada por o receber a ele e ao Nathaniel. Provavelmente porque estávamos desesperados por ver algum dinheiro a entrar. Mas, de qualquer forma, a equipa precisava de sangue novo. Não vou mentir, estava entusiasmado. Mais dinheiro significava

que podíamos, por fim, ser competitivos. Além disso, o Nathaniel tinha -se saído bem na F2 no ano anterior, e como não fui eu quem foi demitido com a sua chegada, fiquei contente por recebê-lo – o Dev dá uma risada curta e seca. – Devia ter percebido logo.

Pego na mão dele, numa demonstração silenciosa de apoio. Ele enrola os dedos à volta dela, mas olha para as ondas quando volta a falar.

– Apresentei -me a ele e ao Buck, e ele... ignorou -me, simplesmente – diz o Dev, abanando um pouco a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar. – Agiu como se eu nem estivesse presente. O Buck foi o único que falou comigo, mas até isso foi apressado. Nessa noite, vi o Nathaniel sozinho e perguntei -lhe se havia algum problema. Não me lembro exatamente do que ele disse, mas deixou claro que não tinha qualquer interesse em ser meu amigo, conhecido ou até mesmo companheiro de equipa. Falou comigo como se eu não fosse digno da sua atenção.

O Dev solta um suspiro pesado, olhando por fim para mim.

– É por isso que raramente fazemos vídeos ou eventos juntos. E, quando o fazemos, temos sempre mais alguém connosco. Eu juro que não ficamos sozinhos numa sala desde aquela noite. O que é ótimo. Não estou interessado em passar tempo com pessoas que me tratam daquela forma – aperto -lhe a mão, sinto a barriga a revirar. Ninguém merece ser tratado daquela maneira, muito menos o Dev. Ele pode muito bem ser a encarnação humana do sol.

– Lamento que isso te tenha acontecido – digo baixinho, com a intenção de aliviar o ambiente outra vez. – *Okay*, portanto, é óbvio que ele é o piloto que respeitas menos. Quem é o que respeitas mais?

Ele senta -se ligeiramente mais direito e a sua expressão ilumina -se.

– O Zaid. Sem dúvida. Foi ele quem abriu caminho para pessoas como eu. Mostrou -me que os rapazes morenos também tinham lugar no automobilismo. Sem ele, não sei se teria aguentado as alturas mais difíceis.

– E, agora, estás prestes a ser companheiro de equipa dele. Que incrível. Ele olha -me de lado.

– Não *acabaste* de dizer para não dar azar?

– Vais ficar bem – aceno com a cabeça, a sorrir. – Estou tão orgulhosa de ti. Vais ter de me arranjar passes para o *paddock*. Eu *tenho* de te ver naquele carro. Espero encontrar um trabalho que me dê férias desde o início.

O sorriso dele vacila por um segundo, antes de voltar com toda a força, mas os seus olhos escureceram ligeiramente. Também não gosto de me lembrar que já não o vou seguir pelo mundo, mas é ele que já tem um plano pronto para quando isso acontecer. Mesmo assim, talvez ainda não se tenha apercebido de que vou voltar à minha vida em Nova Iorque dentro de poucas semanas.

Talvez seja altura de abordar o assunto, por muito que receie a tristeza que

o acompanhá-la.

– Acho que devíamos falar sobre como vamos lidar com a distância – digo, rapidamente continuando. – Se for o que decidirmos fazer.

– Não é o que eu *quero* – responde o Dev, com as palavras ponderadas. – Mas, se é a única maneira de estarmos juntos, então é assim que vai ter de ser – suspira com um riso sarcástico, olhando para mim de lado. – Posso confessar - te uma coisa? Há muito tempo que não tenho uma namorada.

O meu coração bate -me no peito. Será que ele.... Será que acabou de oficializar a nossa relação? Quero dizer, eu gosto, mas parece... significativo. De alguma maneira, mais significativo do que professarmos o nosso amor um pelo outro.

Escolho ignorá -lo. Neste momento, não estou pronta para discutir o que somos.

– Ah, sim? – pergunto, com a voz falsamente leve. – Quando foi a última vez?

– Eu...– interrompe, franzindo as sobrancelhas concentrado. – Merda, no primeiro ano do secundário? A Priya. A mãe dela *odiava* -me.

Fico a olhar para ele.

– A sério?

– Oh sim, aquela mulher pensava que eu era...

– Não, quero dizer, não tens uma namorada desde o início do *secundário*?

Ao longo dos últimos anos, tentei ao máximo não o acompanhar nem ler notícias acerca da sua vida amorosa. Não queria deparar -me com alguma coisa de que não gostasse. Mas ele não tem uma namorada desde que tinha o quê? Quinze anos? Ele sempre foi um romântico – este encontro é prova disso – por isso presumi que tinha tido imensas relações monogâmicas ao longo dos anos. Acho que me enganei.

O Dev encolhe os ombros.

– Este estilo de vida torna difícil ter alguém. Tenho de estar mesmo empenhado numa relação para querer que funcione. O que não quer dizer que não me tenha envolvido com mulheres. Sendo sincero, Willow. Tive... muitas – ele parece somente um pouco envergonhado por o admitir.

– Ah – reflito. A admissão não me incomoda particularmente. É um homem bem-sucedido, rico e atraente, capaz de seduzir qualquer pessoa. E parece que o fez. Contudo, não tenho o direito de o julgar por isso. Além disso, foi para mim que ele alugou uma casa inteira, só para podermos ter o nosso encontro. As mulheres que teve no passado não me dizem respeito.

– Não admira que aquela coisa da DST te tenha afetado tanto. Podia ser verdade.

Ele solta uma gargalhada, surpreendido.

– Okay, uau. Tive sempre cuidado, obrigadinho – dá -me uma cotovelada

nas costelas e sorri. – Mas sim, podia ter acontecido. O *paddock* pode muito bem ser um antro de vírus e doenças, por isso, é importante ter cuidado.

Vem -me à cabeça uma memória – nós os dois, pele com pele ontem à noite – e, de repente, estou corada da cabeça aos pés. Sim, uma conversa sobre DST não me deixa muito excitada, mas este escândalo significava que ele não tinha estado com mais ninguém durante esses meses. Tendo em conta que esclarecemos os rumores há séculos, ele podia muito bem ter encontrado alguém entretanto para levar para a cama, mas mesmo assim aguentou -se. Por mim.

Ele escolheu -me a *mim*.

– Estás bem? – ouço -o perguntar. O tom preocupado na pergunta arranca -me dos meus pensamentos. – Está demasiado calor aqui fora? Podemos voltar para dentro se quiseres.

Abano a cabeça, tanto para recusar a oferta como para afastar os pensamentos que me levam a querer atirar a cautela ao vento e declarar a nossa relação ao mundo neste mesmo instante.

– Estou bem aqui – aproximo -me dele o mais possível. – Na verdade, estava a pensar que não me quero ir embora. *Temos* mesmo de voltar para casa?

Ele ri -se e ajeita -me debaixo do braço, pousando o queixo no cimo da minha cabeça.

– A não ser que queiras que a minha mãe nos persiga até ao fim do mundo, é melhor arrastarmo -nos para casa nas próximas horas. Mas, até lá... – a outra mão dele encontra o meu joelho e sobe por debaixo do meu vestido. – Tenho algumas ideias de como podemos passar o nosso tempo aqui.



Capítulo 27

Dev

Tenho mais medo de enfrentar uma casa cheia de tias do que de entrar no carro antes de uma corrida.

O casamento da Alisha vai ser em Malibu, a três horas de carro de San Diego, por isso, de forma otimista, achei que fosse evitar que a nossa família viesse ter connosco a casa na semana que antecede o grande dia. Infeliz mente, parece que toda a gente decidiu juntar -se a nós e eu não consigo escapar.

Sempre que tento, sou encurralado e interrogado sobre para onde vou, o que vou fazer da minha vida e quando tenciono assentar. Se não estivesse a ganhar tanto dinheiro, também se iriam queixar da minha escolha laboral não tradicional, ou seja, tudo o que não tenha a ver com medicina, advocacia ou engenharia. Mesmo assim, continuam a lançar comentários maldosos acerca do facto de o meu pai me ter encorajado a seguir o sonho de ser piloto.

Felizmente, a mãe defende -me sempre que ouve esses mesmos comentários. Ela é ótima a lembrar -lhes que tenho mais sucesso do que a maioria dos membros da nossa família. Também não consegue resistir a gabar -se humildemente, dizendo que pelo menos um dos filhos seguiu as suas pisadas e é médico.

Tem sido uma semana assim. Uma semana em que fui perseguido por primos mais novos e abordado por tios que queriam bilhetes para o Grande Prémio. Uma semana a construir lembranças para o casamento e a puxar do cartão de crédito para pagar compras de última hora. Uma semana em que fui obrigado a ficar longe da Willow.

Eu sabia que a transição de passarmos a maior parte do tempo juntos para termos de manter a distância seria difícil, mas tem sido uma tortura do caraças, especialmente sabendo que ela está mesmo aqui ao lado.

O Oakley, por outro lado, já vi bastante. Ele também foi obrigado a ajudar com as coisas do casamento, enquanto a Willow teve sorte e acabou por ser convidada para ir às compras com a minha mãe e sair com a Alisha para fazer o que for que as noivas fazem antes de se casarem.

Por muito feliz que esteja por passar tempo com o Oak, está a matar -me não poder dizer:

– Mano, estou apaixonado pela tua irmã e, por alguma razão estranha, ela também me ama. Por favor, não me partas a cara.

Sim. Estou em sofrimento.

– Não acredito que me convenceste a mim e ao Chava a dançarmos na noite de *garba* – resmunga o Oakley pela milionésima vez, enquanto enfiamos bugigangas dentro de sacos com monogramas das iniciais da Alisha e do noivo. Estamos sentados na sala de estar dos meus pais, a levantar a voz para nos ouvirmos por cima do som das tias a rirem -se e dos miúdos a gritarem. – Porque será que não obrigas o Mark a fazê -lo?

– Porque ele é demasiado – aponto para a cor da pele na palma da minha mão – para isso.

– Tu e eu somos literalmente cinquenta por cento brancos – diz o Oakley, a gozar. – Como é que sabes que não herdei o ritmo horrível do meu pai e o seu amor pelo Steely Dan?

– Perdes a cabeça cada vez que passa uma canção do Panjabi MC. Para de agir como se não estivesses entusiasmado – enfio uma caixa de trufas de chocolate horrendamente caras num saco.

– Além disso, queres mesmo ver o Mark a tentar sacudir os ombros?

O Oakley faz uma careta, com certeza a imaginar o nosso amigo com pernas extremamente longas a tentar fazê -lo, tal como eu.

– Está bem, esquece. Ninguém precisa de ver isso.

Não, ninguém precisa. Para ser sincero, também não quero ser visto a dançar. A lista de convidados é enorme e de certeza absoluta que vídeos meus a dançar irão parar à Internet logo depois de eu e o resto dos rapazes da parte da Alisha terminarmos a nossa atuação.

Merda, com a minha sorte, provavelmente vai ser transmitido em direto. Talvez possa arrasá-los na dança e ter a Willow a gravar. Se não os podes vencer, junta -te a eles, não és?

Mais uma vez, pelo que deve ser a milionésima vez hoje, os meus pensamentos voltam a ser ocupados por ela. O nosso encontro da semana passada parece ter sido há uma eternidade e, se não a apanhar sozinha nas próximas vinte e quatro horas, posso explodir. Mas a única maneira de isso acontecer é se sair daqui às escondidas esta noite... e sair às escondidas de uma casa cheia de tias bisbilhoteiras? Esquece lá isso.

Enquanto o Oakley continua a enfiar lembranças dentro de sacos e a queixar -se, pego no meu telemóvel e envio uma mensagem à Willow.

Dev: Mais tarde, passo por aí. Deixa a janela do corredor destrancada.

A sua resposta chega em segundos.

Willow: Mais tarde quando exatamente?

Dev: Só não te deites cedo.

Tudo o que recebo em troca é uma série de pontos de interrogação, mas não me dou ao trabalho de responder. Ela vai entender, esta noite.

– Quem te fez sorrir assim para o telemóvel?

A minha cabeça levanta -se. Merda. O Oakley olha -me de soslaio, com o lábio superior levantado em tom de gozo, mas com curiosidade por detrás.

Pigarreio, bloqueio o telemóvel e volto a metê -lo no bolso.

– Foi só a conversa de grupo dos pilotos. O Thomas estava outra vez a dizer merdas.

O Oakley resmunga em resposta, embora eu não consiga entender se ele acreditou na minha mentira. Felizmente, somos interrompidos quando a Alisha entra pela porta da frente, debatendo -se sob o peso do que parecem ser cinquenta sacos de roupa.

– Será que algum de vocês cabrões me quer ajudar? – resmunga ela, olhando para nós e depois para os outros homens sentados à nossa volta.

– Tento na língua – diz a mãe, ao entrar pela porta atrás da Alisha, mas o seu olhar expectante pausa em mim. – E, então? Vão ajudar ou vão ficar aí sentados como uns idiotas?

O Oakley é o primeiro a levantar -se. Murmura um pedido de desculpas à minha mãe e corre para ajudar a Alisha. Reparo no olhar de soslaio que ele lhe lança, demorando mais do que o necessário. Ele costumava ser mais óbvio, quando achava que eu não estava a prestar atenção. No entanto, eu prestava.

Ele sempre teve um fraquinho pela minha irmã, mesmo que nunca o admitisse e eu nunca insisti no assunto. Não era como se a Alisha alguma vez fosse olhar para ele. Sendo cinco anos mais velha do que nós e (infelizmente) mais fixe do que alguma vez poderíamos sonhar vir a ser, ela era muita areia para o camião dele. Acho que foi por isso que ignorei o assunto.

Mas dá -me uma vantagem na situação com a Willow. Ele não me pode culpar por me apaixonar pela irmã dele quando obviamente se apaixonou pela minha. E, aqui está ele, ainda a olhar para ela daquela maneira uma semana antes do casamento.... Sim, vou usá -lo como defesa se for preciso.

Só espero que não chegue a esse ponto.

À meia -noite, a casa está sossegada. As tias têm sido um grupo barulhento nas últimas noites, ficando acordadas até às duas ou três da manhã, mas talvez se tenham finalmente cansado de falar tanto. Melhor para mim. Ao menos a Willow não vai ter de ficar acordada até meio da noite à minha espera.

Depois de descer as escadas e passar pela cozinha às escuras, espreito pela porta das traseiras e atravesso o quintal. E eis que a luz do quarto da Willow ainda está acesa. O resto da casa dos Williams está às escuras. Espero que signifique que não vou encontrar inesperadamente ninguém esta noite.

Com um último olhar por cima do ombro, dirijo -me para o quintal. Deslizo para o lado e aproximo -me da nossa vedação comum, depois entro na propriedade deles. Já fiz isto tantas vezes que é como se fosse uma memória muscular. Mas só o fiz para me esgueirar para jogar consola com o Oakley depois do recolher obrigatório. Nunca para (faço figas) fazer coisas menos inocentes com a irmã dele.

Depois de chegar à casa dos Williams sem fazer disparar o projetor ativado por movimentos, agarro a treliça coberta de glicínias que fica mesmo por baixo da janela do corredor do andar de cima, a janela que disse à Willow para deixar destrancada. Agora, só tenho de esperar que ela o tenha feito.

Começo a subir, pondo uma mão por cima da outra e pousando as sapatilhas nos buracos da treliça que, juro, ficaram significativamente mais pequenos desde a última vez que fiz isto. Mas também, a última vez que o fiz tinha provavelmente quinze anos. Porra, estou demasiado velho para esta merda.

Mesmo assim, chego à janela sem suar e sustenho a respiração enquanto empurro a vidraça. Ela move -se sem ruído.

Posso ter sido muito pouco gracioso quando escorrego pela abertura e dou uma cambalhota para o tapete macio que, felizmente, amortece o meu impacto. Estou cá dentro. E parece que estou a salvo, uma vez que as luzes ainda estão apagadas e não há ninguém...

Oh, *porra*. Não estou a salvo. Esqueci -me completamente de um membro da família. O pior de todos. Esqueci -me do Herman.

O São Bernardo está a um metro e meio de distância, com a cabeça baixa, os olhos fixos em mim e a cauda a abanar lentamente. Ponho -me de pé e levanto as mãos para afastar o ataque iminente de baba e beijos. Este cão gigantesco nunca me iria morder, mas, quando se entusiasma, faz *barulho*.

– Herman – sussurro, aproximando -me lentamente da parede enquanto a sua cauda ganha velocidade. – Tu és um bom cão – avanço ao longo da tapete, com a porta fechada da Willow à vista. – Faz -me um favor e não estragues isto, está bem?

O cão aproxima -se, o abanar da cauda transforma -se num abanar de corpo inteiro.

– Herman – aviso eu, ainda a desviar -me lentamente. – *Herman*.

Esta noite, os deuses devem estar do meu lado, porque consigo pousar a mão à volta da maçaneta da porta da Willow quando o Herman se aproxima de mim e entro no quarto dela um segundo antes de a sua língua enrolada conseguir encontrar a minha perna. Mas entrei e ele está lá fora e correu tudo bem.

– Dev? O que estás a fazer?

Com o som da pergunta surpreendida da Willow, viro -me de costas para a porta. Ela está muito bonita com o cabelo apanhado e um pijama de linho azul estampado com limões pequenos. A escolha da fruta e a paleta de cores lembram -me da Costa Amalfitana, portanto planeio levá -la lá da próxima vez que tiver férias.

Como lhe disse antes: Eu sou rico. O mundo é nosso. E vou levá -la a todo o lado assim que puder.

– O que estou a *fazer*? – repito, mantendo a voz baixa e à espera de que o Herman não me consiga ouvir. Se ele ficar mais entusiasmado, pode começar a ladrar. – Estou a fazer um grande gesto romântico, entrando sorrateiramente na tua casa à meia -noite e tentando evitar os beijos que o teu cão insiste em dar. Acho que mereço uma saudação melhor do que «o que estás a fazer»?

A Willow revira os olhos, mas está a tentar conter um sorriso.

– Se vieste aqui para dormires comigo, mais vale ires -te embora. Não vai acontecer de maneira nenhuma com o meu irmão e os meus pais do outro lado do corredor.

– Não foi para isso que vim cá – foi mais ou menos para isso que vim cá. – Queria mesmo ver -te. E à Ellie – aceno com a cabeça para o elefante de peluche que continua na mesa de cabeceira. – Vim aconchegar -vos às duas.

Os cantos da sua boca levantam -se mais.

– Que atencioso.

– Não subia uma treliça e arriscava ser atacado por um cão por qualquer pessoa. É demasiado perigoso.

– Diz o piloto profissional de automobilismo.

Por fim, faço um sorriso tão grande que quase me dói a cara. Estou tão contente por a ver outra vez, de perto e pessoalmente.

– Vem cá, Wills.

Apesar dos comentários sarcásticos, ela não perde um segundo a atirar -se para os meus braços. Junto o corpo dela ao meu e abraço -a, inalando a sua doçura. A cada respiração, desaparece cada vez mais o *stress* dos últimos sete dias.

– Tive saudades tuas – murmura ela, com a cara enterrada no meu peito. –

Estiveste sempre aqui ao lado, mas parecias estar a quilómetros de distância.

– Sabes que podias ter ido lá a casa, não sabes? – provoco, enquanto esfrego as suas costas, agradecido por sentir cada costela e cada sulco da sua coluna vertebral. Quero memorizar cada centímetro dela. – Podias ter arranjado uma desculpa para ficarmos sozinhos. De certeza que havia coisas para fazer nas redes sociais. Estou desiludido com a tua falta de criatividade e de esforço.

Ela bufa para dentro da minha camisa.

– Sim, claro, e chamar a atenção de todas as tuas tias para cima de mim? Não me parece. Além disso... – ela solta as mãos da minha cintura e afasta -se o máximo que eu deixo. – Não quis interromper o teu tempo com o Oakley.

É simpático da parte dela dar -me essa oportunidade, mas está a esquecer -se de que, em breve, terei de aprender a equilibrar o meu tempo entre ela e o irmão, se quisermos que a nossa relação funcione. Espero que isto não signifique que ela está a repensar o assunto.

– Ainda queres estar comigo? – pergunto, baixando a cabeça para a ver. – Não estás com dúvidas?

Ela olha para de frente, com os olhos quase negros à luz fraca.

– Sem dúvidas – diz ela, com firmeza. – Quero contar ao Oakley depois do casamento. Não quero arriscar estragar o dia da Alisha – bem, os dias – se lhe contar e correr mal.

– Sim, se ele me der uma tarefa, não consigo dançar – brinco.

A Willow não parece achar muita piada.

– Espero mesmo que não chegue a isso – preocupa -se ela, com o lábio inferior entre os dentes, olhando para o lado. – E acho que não vai acontecer. Ele só fez aquilo ao Jeremy porque ele foi horrível comigo.

– Ou seja, se não for um idiota, fico bem. Entendi.

Ela solta um suspiro, com os ombros descaídos.

– Dev...

– Desculpa – digo rapidamente, segurando -lhe no rosto para que ela volte a olhar para mim. – Sabes que recorro a piadas péssimas quando estou nervoso.

Estou desesperado para mudar de assunto, para me afastar de qualquer coisa que lhe roube o brilho. Observo o quarto dela, concentrando -me nas roupas *desi* penduradas no canto da porta do armário.

– São os teus trajes para o casamento?

Ela ilumina -se outra vez, deixando -me soltar um suspiro de alívio.

– Sim, ainda preciso de os arrumar – diz ela. – Gostas das cores? A tia Neha ajudou -me a escolhê -las.

Analiso os *chaniya cholis*, os *lehengas* e os saris, observando -os mais de perto, incomodado com alguma coisa.

– Estão por ordem? Ou seja, para todos os eventos?

– Sim – aponta para cada um deles à medida que vai descendo a fila. – *Pithi, mehndi, garba*, cerimónia de casamento e receção de casamento – Amarelo, rosa, verde, laranja e roxo.

É nessa altura que se faz luz.

– Não posso acreditar naquela mulher.

– O quê?

Solto -me da Willow e passo uma mão pelo cabelo, enquanto luto contra o calor que me sobe pelo pescoço.

– Espero que não te importes de combinar as cores comigo, porque são exatamente iguais a todas as minhas roupas – que a minha mãe também escolheu.

– Oh, *meu Deus* – sussurra a Willow, ferozmente. – *Não*. Ela não faria isso.

– Faria, sim, e fez.

– Mas ela não sabe que estamos juntos! – grita, praticamente. Os seus olhos arregalam -se de imediato e baixa outra vez a voz. – Espera, espera, espera. Naquela manhã em que tomei o pequeno-almoço em tua casa, logo depois de ter começado a trabalhar para ti, disseste -lhe qualquer coisa em gujarati e ela quase caiu da cadeira a rir. Porquê?

Eu já devia saber que a Willow não se iria esquecer e, agora, tenho uma confissão vergonhosa a fazer.

– Porque... eu disse -lhe que nunca iria acontecer nada entre nós os dois.

A Willow pestaneja os olhos por um instante e, então, curva -se a rir silenciosamente

– Não posso *acreditar* – suspira ela, com o corpo a tremer. – Literalmente, um minuto depois, disseste -me que eras obcecado por mim!

Dou -lhe uma palmadinha no ombro, agradecendo à pouca luz por ela não ver o quão vermelha deve estar a minha cara neste momento.

– Sim, está bem. Se calhar, disse isso. Mas, eu...

– Nem tentes negá -lo – diz ela, com um sorriso tão grande e covinhas tão profundas que, quando olha para mim, não consigo deixar de sorrir de volta, cego pela alegria pura que ela emana. – Acho que ela teve razão em rir.

– De facto – solto um suspiro e abano a cabeça. As mãos são as melhores adivinhas do mundo. – Anda, vamos meter -te a ti e à Ellie na cama.

Por fim, ela endireita -se. Agarra na minha mão, leva -me até à sua cama e eu seguro os lençóis enquanto ela entra. Aconchego -a como prometido, pondo a Ellie ao lado dela antes de me sentar na beira da cama.

– Bons sonhos, *jaanu* – murmuro, passando um polegar pela sua bochecha. Ela parece tão tranquila que não me atrevo a estragar tudo subindo para o seu lado, por muito que me apeteça. – Amanhã vejo -te de longe.

¹⁸ *Garba*: dança tradicional originária do estado de Gujarat, Índia. (N. da T.)

¹⁹ Peças que compõem os trajes tradicionais femininos indianos – corpete [*choli*], saia comprida [*lehenga*], e *écharpe* [*dupatta*]. (N. da T.)

²⁰ *Pithi* [cerimónia hindu pré -casamento em casa da noiva]; *Mehndi* [cerimónia hindu pré -casamento em que a noiva é “decorada” com uma tinta cor de laranja feita à base de plantas]; *Garba* [dança tradicional hindu que celebra a fertilidade feminina, em honra da deusa Durga] (N. da T.)



Capítulo 28

Dev

Por fim, chegou o grande fim de semana e juro que passei metade do dia a esfregar manchas de *haldi* da cara.

– Esta merda é um pesadelo – resmungo, ainda chateado por eu, o irmão da noiva, ter de ser coberto com aquela estúpida pasta amarela de curcuma como parte da cerimónia do *pithi*. – A Alisha não iria suportar que lhe espalhassem isto em cima. Em miúda, a rapariga tinha ataques quando eu a pintava com marcador lavável enquanto desenhávamos.

O Chava lança -me um olhar desinteressado, deitado na minha cama, a mexer no telemóvel, enquanto o Mark e o Oakley fazem o mesmo ao lado dele. Eles têm os seus próprios quartos nesta casa de praia em Malibu que minha família alugou, mas, é claro, fixaram -se aqui em vez disso. Odeio dizê -lo, mas acho que, por esta altura, estamos todos ligados como quadrigêmeos siameses.

Lá em baixo, as batidas do tambor tornam -se mais altas e a música é acompanhada por gritos e risos entusiasmados. É a primeira noite do casamento e os homens de ambas as partes estão aqui para celebrar, enquanto as mulheres fazem o *mehndi* na sua própria festa, na porta ao lado. Não sei como é que a Alisha encontrou três casas luxuosas para alugar na mesma rua, mas o meu extrato bancário diz -me que foi possível. As casas são tão fixes que nem consigo ficar zangado.

A casa do outro lado da rua, com o seu quintal verdejante, vai acolher a *garba* amanhã à noite e a cerimónia de casamento no domingo, mas esta casa e a da porta ao lado serão utilizadas para os restantes eventos e cerimónias. Além disso, hospedámos aqui os nossos familiares e amigos mais próximos. É a maneira perfeita de manter a festa a decorrer 24 horas por dia.

– Eu vi -a – diz o Chava casualmente, com a atenção ainda no telemóvel. – Ela está maravilhosa. A brilhar. E tu pareces...

– Que tens icterícia – termina o Mark por ele.

Atiro o pano amarelo para o lava -louça.

– Vai -te lixar.

– Estás bem – diz o Oakley, quando saio da casa de banho da *suite*. –

Também não é como se tivesses de impressionar alguém. Hoje são só os homens.

Tenho o cuidado de não reagir ao que diz, porque não tenciono ficar aqui a noite toda. Não, escapo para a porta ao lado assim que puder, sem dar nas vistas.

Parece uma amostra de como será a vida quando eu e a Willow formos obrigados a viver a nossa relação à distância. Mensagens intermináveis, chamadas feitas à socapa nos momentos livres e a sós, envio de fotografias parvas das coisas mais mundanas. Esta manhã, fiquei a olhar para uma foto de uma pilha de panquecas durante vários minutos, enquanto imaginava que estava sentado à mesa ao lado da Willow. Foi muito patético.

Estou apaixonado por ela. Já o sabia há algum tempo e já o confessei, mas não esperava que o amor doesse desta forma. Que magoasse. Que se enterrasse profundamente nos meus ossos e me *puxasse* fisicamente para ela. Ela faz parte de mim, está envolvida em cada nervo, músculo e osso, e separar -me dela é como perder um pedaço de mim.

E ela está mesmo aqui ao lado. Quão miserável vou ser quando ela estiver a meio mundo de distância?

Porra. Neste momento, preciso de ser o irmão alegre da noiva, não o chorão apaixonado que acabou de levar uma chapada de realidade. Mas, *porra*, isto é péssimo.

– Estás assim tão chateado por causa de um bocado de açafraão? – pergunta o Oakley, observando -me de perto. – Nunca te vi tão chateado. Nem sabia que era possível.

Fazendo o meu melhor para controlar a minha expressão, viro -me para o espelho e ajusto o colarinho da minha camisa azul -marinho. Amanhã, volto a vestir roupas indianas, outra vez a combinar com a Willow, mas espero que ninguém além da minha mãe manhosa o perceba.

– Estou só nervoso – admito, quando não consigo alterar para uma expressão relaxada.

– Continuo sem notícias do Howard. É o meu futuro que está em risco e estamos na *época morta*, por isso... – Encolho os ombros, sem terminar o raciocínio.

Com um suspiro, o Oakley levanta -se da cama e fica ao meu lado, batendo -me no ombro e olhando -me pelo espelho.

– Podias reformar -te – diz ele, a sorrir. – A vida é muito boa por aqui.

O que diz faz -me rir. Abano a cabeça.

– Dispenso, obrigado. Gosto do meu trabalho.

– É uma pena – ele usa a mão que estava no meu ombro para me dar uma palmada na cabeça. – Deixa -te de lamúrias. Vamos lá embebedarmo -nos. Não tens de conduzir este fim de semana.

Ele tem razão e tenciono tirar partido disso – mas não da forma que ele sugere.

– Tudo bem, tudo bem – aceito, conseguindo sorrir desta vez. – Queres apostar quanto tempo vai demorar até um dos meus tios lá em baixo me pedir passes para o *paddock*?

O Oakley bufa e guia -me até à porta.

– Não lhes dou mais de dez segundos.

■ ■ ■

Se as corridas não resultarem, talvez consiga uma carreira como espião.

Depois de ter enchido os rapazes de bebida e de os ter deixado a cantar um *karaoke* de Bollywood completamente incompreensível, consegui fugir. Passa pouco das dez da noite, ainda é muito cedo visto haver festividades matrimoniais em andamento, mas não aguento nem mais um segundo à espera.

Mandeí uma mensagem à Willow há vinte minutos e disse -lhe para se encontrar comigo aqui – na lavandaria da casa onde as senhoras estão a festejar esta noite. Foi o único sítio de que me lembrei onde não seríamos interrompidos, porque quem *lava roupa* numa festa? E com *mehndi* molhado nas mãos? Não vai acontecer. Além disso, todas aquelas roupas brilhantes só podem ser limpas a seco.

A festa está a decorrer no quintal, o que significa que posso entrar em casa sem ser visto. Sinto borboletas na barriga quando entro na sala minúscula ao lado da cozinha e me apercebo de que a Willow ainda não chegou. Ela respondeu à minha mensagem com um emoji de um beijo, mas agora que penso nisso, não foi exatamente um *sim, eu vou ter contigo*.

Bem, merda. Se calhar, estraguei tudo. Devia ter pedido que confirmasse. Podia mandar -lhe outra mensagem ou talvez até ligar...

A porta, que tinha deixado entreaberta, abre -se de repente, quase me acertando no nariz.

– Oh, merda! – ofega a Willow. Ela entra na sala com o seu *chaniya choli* bordado e pesado, batendo na porta com a anca. – Estás bem? Magoei -te?

Estou mais surpreendido com o palavrão que sai da boca da Willow do que com o facto de quase ter levado com a porta no nariz.

– Estou bem – digo -lhe, ainda a pestanejar para afastar o choque.

E, quando o faço.... Caramba, ela fica maravilhosa em tons rosa suave e dourado. A Willow vestida com as roupas da minha cultura faz -me sentir coisas. É a segunda vez hoje que quase fico de rastos ao vê -la. A primeira foi na cerimónia do *pithi*, quando vestiu aquela roupa amarela e encarnou deveras o raio de sol mais caloroso. É a prova de como se encaixa bem na minha vida,

a facilidade com que se adapta e aprecia esta parte do meu mundo. Tudo lhe assenta lindamente bem e não me refiro apenas às roupas.

– Okay, ótimo – respira ela, antes de soltar uma gargalhada. – Estou tão feliz por te ver, mas não posso ficar muito tempo.

As bochechas estão coradas e segura as mãos à frente do corpo de forma desajeitada. A sua pose chama a minha atenção para os redemoinhos intrincados de desenhos *mehndi* que se entrelaçam até aos cotovelos. Ao que parece, tem estado a divertir -se muito com a minha família.

– Prometo que ninguém vai reparar – digo -lhe. – As coisas estão prestes a ficar agitadas lá fora.

Ela pestaneja algumas vezes, o brilho das pálpebras a captar a luz.

– A sério?

– A sério – encosto -me à máquina de lavar e sorrio. – Em breve vão contar à Alisha como deve cumprir os seus deveres de esposa.

A Willow para de pestanejar e fica a olhar para mim.

– Não estás a dizer...

– Oh, estou mesmo a falar a sério. Viste alguém lá fora com uma beringela na mão?

Ela faz uma careta.

– Vou assumir que isso é um sim.

– Pensei que estavam a falar de culinária – diz ela, cansada. – Devia mesmo aprender gujarati. Não admira que se estivessem a todas a rir. O caril não tem assim tanta piada.

Rio -me da sua inocência, pondo as mãos à volta da sua cintura e puxando -a para mim.

– Não te preocupes – asseguro -lhe. – Um dia ensino -te. E vou ajudar -te a praticar os teus futuros deveres de esposa.

Ela vem ter comigo de boa vontade, embora não se atreva a tocar -me.

– Ah, sim? Quando é que começamos com estas lições de futura esposa?

– Quanto mais cedo melhor.

A Willow guincha quando a levanto e me viro para pousá -la em cima da máquina de lavar.

– Dev – avisa ela, com as mãos levantadas entre os nossos corpos. – O meu *mehndi* ainda está a secar.

Inclino -me, encontrando os seus tornozelos e a bainha da saia comprida.

– Então, tudo o que podes fazer é ficar aí sentada e bonita enquanto te arruíno.

– Dev!

Observo -a através das pestanas e levanto o tecido até às suas canelas sem vergonha.

– Posso?

– Não devíamos fazê -lo – sussurra ela, mas os joelhos abrem -se.

– Pois não – concordo, enquanto empurro lentamente a saia dela até às coxas. – Mas eu quero. Tu queres?

Passa um momento de tensão, enquanto ela observa atentamente todos os meus movimentos. Depois, acena com a cabeça.

– Preciso de te ouvir dizê -lo, Willow.

– Sim – suspira ela, deslizando para a frente até à borda da máquina, a saia a subir com o movimento. – Sim, quero.

– Assim, sim. Agora, abre as pernas para mim, querida.

Ela faz o que lhe mando, deslizo as mãos até às suas ancas e enrolo os dedos à volta da borda das cuecas de algodão. Tudo o que quero fazer é louvá -la e saboreá -la como sempre sonhei. Arrasto o tecido encharcado pelas suas pernas.

– Já estás tão molhada – murmuro. Já sinto a pila a latejar, mas é tudo culpa dela. É tudo o que quero.

– É o que me fazes – diz ela, aproximando -se ainda mais. – Toca -me, por favor.

Como iria conseguir resistir a um pedido tão doce?

De joelhos, subo -lhe a saia brilhante pelas ancas, revelando -a. Empurro -lhe o rabo com a palma da mão, puxando -a para mais perto de mim enquanto me inclino, traçando lentamente a sua entrada com a minha língua. Ela sabe a tudo o que faz a vida valer a pena.

O gemido que lhe escapa é a coisa mais obscena que alguma vez ouvi, como se ela tivesse estado ao rubro durante todo o tempo em que estivemos separados, à espera que lhe tocasse. E, agora, a vulgar pela forma como as suas ancas se inclinam para a frente, ela desistiu de ser paciente.

Cerro os lábios no seu clitóris e chupo -o, provocando outro estremecimento de prazer. Ela arqueia as costas e as suas mãos pairam sobre a minha cabeça. Ela quer tocar -me, agarrar -me o cabelo. Mal consegue resistir à vontade, para não sujar a pasta que lhe mancha a pele. Eu não quero que se manche. Quero que escureça até ao castanho mais profundo para que possa traçar as linhas, os redemoinhos e as flores durante semanas. A pele dela já é a tela mais bonita, merece uma arte sem manchas.

Contudo, não tenho qualquer problema em corromper o resto.

Deslizo as pontas dos meus dedos sobre as suas pregas enquanto a devoro com avidez, a pele é escorregadia e ardente, e tomo o que quero. Introduzo -lhe primeiro um dedo, saboreando a forma como as paredes dela se agitam à minha volta. Depois, acrescento um segundo, provocando outro som divinal. Ela está praticamente a cantar o meu nome, a implorar por mais, esmagando -se contra a minha cara como uma mulher possuída.

– Dev, por favor – queixa -se ela.

Olho para cima e vejo -a com a cabeça virada para trás e as mãos levantadas como se estivesse a rezar. Escolho acreditar que está a rezar para mim.

– Eu estou... estou...

Recuo um pouco e murmuro:

– Deixa -te ir, querida – e, então, a minha língua está de novo no seu clitóris e os meus dedos estão a enrolar -se, a trabalhar dentro dela para a levar ao limite.

Ela atinge -o com um gemido alto. Mantenho a minha boca pressionada nela, enquanto ela aguenta, continuando a saboreá -la, abrandando os meus movimentos até ficar lânguida contra mim. Com beijos suaves na parte interna das coxas, tiro os meus dedos de dentro dela, satisfeito com a forma como brilham sob as luzes fluorescentes.

– Queria fazer isto há dias – digo, sentando -me nos calcanhares e passando as costas da mão pela boca. Sorrio maliciosamente para ela. – É pena que não me tenhas deixado, quando me esgueirei para a tua casa.

Ela olha para mim com um olhar dividido algures entre o apaixonado e o irritado. Como se estivesse indecisa entre dizer que me ama ou dar -me um pontapé na cara.

– Se o tivesses feito – diz ela, com o peito a arfar e a respiração ainda pesada –, não havia maneira de ainda mantermos segredo.

Ela tem razão. A minha miúda é barulhenta e selvagem quando, por fim, se solta, e eu nunca a iria querer deter.

Nessa altura, os olhos dela arregalam -se.

– Oh, meu Deus, não achas que alguém nos ouviu, pois não?

Abano a cabeça.

– Com a música tão alta? Ficava espantado se alguém conseguisse ouvir as próprias ideias.

Ela baixa os ombros e suspira, e eu acalmo -a com um beijo na parte interior do joelho. Depois, ajeito -lhe a saia, deixando -a cair até aos tornozelos, transformando -a de novo na imagem da decência – tirando as cuecas que lhe faltam e o brilho nas bochechas.

– Em breve não vamos precisar de manter segredo – prometo. – Só mais dois dias.

– Só mais dois dias – repete ela, sem fôlego.

E vão ser os dias mais longos da minha vida.



Capítulo 29

Willow

O Dev manchou o meu *mehndi*.

Não é muito perceptível, mas eu sei porque é que as linhas nas pontas dos meus dedos não são tão nítidas como deviam ser ou porque é que a flor no meu pulso se parece mais com uma erva daninha invasora. É o nosso segredo, tal como a nossa relação será por mais um dia.

Não o vejo desde ontem à noite. Ele tem estado ocupado com cerimónias religiosas e almoços com os avós durante toda a manhã e tarde, mas eu tenho estado a contar as horas até ao início do *garba*. De acordo com o relógio que está na mesa de cabeceira, falta somente uma hora. Estou tão entusiasmada que era capaz de gritar.

Para me distrair, liguei à Grace e à Chantal para ter uma conversa animada e contei -lhes tudo o que se passou nos últimos dias. Passei a ferro o meu *lehenga* e o da mãe para esta noite. Lavei, condicionei, alisei e penteei o cabelo. Pinte as unhas para combinarem com o verde -esmeralda da minha roupa. Até fui dar um longo passeio pela praia, como se fosse um cliché. Estou tão pronta para ver o Dev.

Depois de ajudar a mãe a arranjar -se no quarto dos meus pais, desço para o primeiro andar, onde fica o meu. Os Anderson deram tudo por tudo neste casamento. Esta casa – e as outras duas – é prova disso. Provavelmente, vou demorar algum tempo a adaptar -me quando voltar a Nova Iorque, porque o meu apartamento inteiro cabia nesta sala de estar.

Não querendo pensar no meu regresso à cidade, afasto a ideia. Adoro Nova Iorque e vou adorar sempre, mas não estou pronta para voltar à vida que representa. Desistir deste turbilhão a que me afeiçoei tanto nos últimos meses vai ser difícil, e ficar no mesmo sítio, em vez de apanhar um avião para uma cidade nova quase todas as semanas, parece tão... enfadonho. Aborrecido. Entediante.

Viajar pelo mundo com o Dev trouxe cor à minha vida. Cor que não sabia que me estava a faltar. Nunca pensei que fosse encontrar a minha paixão no mundo do automobilismo. Sempre fez parte da minha vida, foi o sonho do meu irmão até ele decidir que não o era mais, e algo que pensei não ser para

mim devido a várias razões. No entanto, é para mim e não quero que acabe. Eu, com certeza, não quero abandonar o Dev.

O universo deve saber o quanto estou desesperada por ficar com ele, ou pelo menos para me fartar dele antes de nos separarmos oficialmente, porque aqui está ele à porta do meu quarto. Está encostado à ombreira da porta, com o telemóvel na mão, vestido com um *kurta* verde que combina tão bem com a cor do meu *lehenga* que parece que foram cortados do mesmo tecido.

Aproximo -me antes de compreender o que estou a fazer. Como se me pressentisse, ele levanta os olhos do telemóvel. E, depois, sorri.

Sim. Não é possível afastar -me deste homem.

Um segundo depois, estou ao lado dele, a respirá -lo da cabeça aos pés.

– Uau, pareces... – endireita -se. Juro que até o vejo a erguer o peito.

– Bonito? – fornece -me ele. – Atrevido? Podre de bom?

– Errado – minto. – Eu ia dizer que pareces um duende.

– Isso é uma falta de educação por tantas razões que nem tenho tempo de as explicar.

Por muito que o queira admirar e elogiar, sinto -me nervosa. Ele está aqui à minha espera, ao ar livre, onde qualquer pessoa com um quarto ao fundo deste corredor pode ver. O Oakley, felizmente, está na casa ao lado com o resto dos rapazes, mas qualquer pessoa nos pode apanhar.

– O que estás a fazer aqui? – pergunto, baixando o tom de voz e olhando por cima do ombro para me certificar de que estamos sozinhos.

O Dev está despreocupado. Tem o sorriso de sempre no lugar e o corpo relaxado.

– Estou responsável por te escoltar a ti e aos teus pais até à festa.

– Tenho quase a certeza de que podíamos ter encontrado o caminho sozinhos – digo, mas relaxo ligeiramente. Ao menos, tem uma razão válida para estar aqui.

– É melhor prevenir do que remediar. Disseram -me que viram algumas pessoas doidas de pele escura nesta zona.

Rio -me da sua piada terrível e abano a cabeça. Depois, encorajada, abro a porta e arrasto -o comigo.

– Vais ter de esperar para seres o nosso acompanhante – digo -lhe, assim que entramos.

– Como podes ver, não estou vestida.

Ele dá -me uma vista de olhos minuciosa, observando cada centímetro, embora ainda esteja a usar outro vestido simples e rosa, mais um dos quais ele já viu mil vezes. E, no entanto, olha para mim como se fosse a primeira vez, avaliando cada curva e cada centímetro de pele à mostra.

Fico corada com a atenção e viro -me para o outro lado. Se me deixar levar,

não chegamos a lado nenhum a tempo.

Agarrando no *lehenga choli* pendurado no armário, dirijo -me para a casa de banho.

– Volto já.

Contudo, o Dev agarra -me o pulso.

– Não vale a pena seres modesta, querida. Tenho a certeza de que já te vi nua – algumas vezes. E posso ajudar -te com os laços da tua *lehenga*.

Ele não está errado em nenhum dos casos, por isso... que se lixe.

Atiro -lhe a roupa e tiro o vestido por cima da cabeça.

Apesar de ter sido ele a sugerir que mudasse de roupa à sua frente, a boca descai e volta a observar -me quando fico diante dele somente com as minhas cuecas de renda. Ontem à noite, quando pensei que ninguém ia ver o que tinha vestido por baixo, optei pelas de algodão básicas. Hoje, com certeza, não ia voltar a cometer o mesmo erro.

– Estou a ver que não gostas de sutiãs – murmura o Dev, enquanto se concentra outra vez na minha cara.

Encolho os ombros, deliciando -me com a forma como ele tenta resistir a olhar para os bicos dos meus mamilos.

– Não vale a pena. Não é como se tivesse muita coisa.

A voz dele é rouca quando diz:

– Oh, tens o suficiente.

Sorriso e aceno com a cabeça para o *choli*.

– Ajudas -me?

Demora um ou dois segundos até ele ganhar juízo suficiente para tirar a blusa do cabide e fazer -me sinal para levantar os braços. Faço o que me é pedido e ele dá um passo em frente. Enquanto puxa a camisola cuidadosamente por cima da minha cabeça, fecho os olhos e absorvo o seu calor.

– O teu *mehndi* está fantástico – murmura ele. Não se afasta quando termina de me vestir o *choli*, deixando -nos praticamente com os pés encostados. – Está muito escuro. O que significa que alguém te ama muito.

Arregalo os olhos.

– Tu manchaste -o, sabias?

Ele levanta uma sobrancelha em desafio.

– Parece que me lembro de te ter dito para te sentares e ficares quieta. Tu é que ficaste louca.

– Tudo porque me obrigaste – sussurro.

– Cuidado, Willow – ele encosta o nariz ao meu, os seus lábios a centímetros dos meus. – Se continuares, não vamos a lado nenhum esta noite.

Sinto -me tentada a aceitar a oferta dele. Podia tirar a blusa num instante, deixar cair as cuecas no chão e deitar -me de costas no colchão em segundos.

Podíamos ser rápidos. Podíamos...

Pigarreio e afasto -me, mas o meu coração bate com o esforço que preciso de fazer para resistir.

– Tens de ir dançar – lembro -lhe, soando demasiado ofegante. – E eu tenho de o gravar para o mundo.

O Dev hesita, com os dentes a afundarem -se no lábio inferior, mas, por fim, dá um passo atrás.

– Mal posso esperar para voltar a fazer figura de parvo na Internet – diz ele. Depois agacha-se e abre a saia para eu entrar. – Vais torcer por mim, *jaanu*?

– Tenho de ficar calada por causa do vídeo – sorrio, aliviada pela facilidade com que conseguimos pôr a tensão de lado e voltar à nossa conversa simples. – Mas, na minha cabeça, vou estar a torcer por ti. Vai correr muito bem.

Ele bufa, enquanto levanta a saia. Coloca -a à volta da minha cintura e faz o laço lateral como um profissional – nem muito apertado, nem muito solto.

– Sim, vou canalizar o meu Shah Rukh Khan interior – os olhos dele focam -se nos meus, o canto da boca levanta -se num daqueles sorrisos lindamente íntimos. – Era capaz de dançar em cima de um comboio por ti.

Aquela declaração é quase melhor do que uma confissão de amor. Já estou a ouvir a *Chaiyya, Chaiyya* a tocar na minha cabeça.

– Eu adorava vê -lo.

Com as duas mãos na minha cintura, segura -me e inclina -se para dar um beijo afetuoso na minha bochecha.

– É bom que não mudes de ideias depois de me veres a dançar esta noite.

Nada iria mudar a minha opinião acerca dele.

– Nem em sonhos.

■ ■ ■

Posso dizer com facilidade que é o maior divertimento que tenho tido desde há muito tempo. É claro que viajar à volta do mundo e ver carros velozes a andar às voltas é ótimo, mas dançar, aplaudir e comer o que devem ser cerca de dez mil *jalebi*? Não há nada melhor.

O Dev, o Oakley, o Chava e alguns primos do lado da noiva vão atuar em breve. O que é perfeito, porque os meus pés já estão a doer dentro dos saltos altos e, se não quiser vomitar todos os doces que comi até agora, preciso de me sentar e descansar. Mato dois coelhos com uma cajadada só – preparo -me para a próxima ronda de dança e filmo o Dev a fazer figura de parvo. Só benefícios.

Assim que me acomodo no meu lugar à beira do palco baixo no quintal, o Dev aparece. Ele devia estar a preparar -se para a sua grande entrada, mas em

vez disso, está agachado à minha frente, a segurar o telemóvel.

– Guardas -me isto, por favor? – pergunta ele, com os grandes olhos castanhos e aquelas pestanas grossas das quais tenho inveja fixos em mim. – Não quero que fique a saltitar no meu bolso enquanto estou em cima do palco.

Aceno com a cabeça e tiro -lho, com os nossos dedos a roçarem -se. O toque envia uma corrente de eletricidade pelo meu braço acima e estou mais uma vez desesperada por ficar a sós com ele. Desesperada por revelar o nosso segredo.

– Eu guardo – guardo -o no meu colo, o ecrã refletindo as luzes vermelhas e douradas penduradas à nossa volta. – Boa sorte. Não caias de cara no chão.

Ele revira os olhos enquanto se endireita, com as mãos nas ancas como um herói de Bollywood.

– Nunca. Sou um profissional.

– Hum. Claro que sim.

Com uma piscadela, ele sai para ir ter com o resto dos rapazes. Tiro algumas fotografias da multidão e da decoração, tendo já obtido autorização do Dev e da Alisha para publicar acerca do casamento. Por uma questão de segurança, não vou publicar nada até partirmos todos na segunda-feira, embora o meu contrato com o Dev esteja tecnicamente terminado por essa altura. No entanto, não importa. Desde que não me expulse das contas dele, quero continuar a ajudar.

A minha atenção regressa para o palco quando o volume da música que sai dos altifalantes aumenta. As luzes diminuem até o palco ficar às escuras e, depois, os holofotes brilham e a batida da canção começa. Não é uma canção que reconheça, mas a parte *desi* da audiência certamente conhece-a e eu passo rapidamente das fotografias para um vídeo.

O meu irmão aparece primeiro, com um aspeto surpreendentemente elegante na sua *kurta* rosa brilhante. O Chava é o próximo a entrar e, um a um, aparecem quatro primos do Dev. Depois, lá está ele, o Dev maravilhoso, com os braços bem abertos enquanto se dirige para o centro do palco. Noutro cenário qualquer, toda esta dança iria deixar -me com vergonha alheia, mas é um casamento indiano grande e dispendioso. É suposto ser exatamente assim.

Intercalo entre ver o Dev a sincronizar os lábios e dançar na vida real, e olhar para o ecrã do meu telemóvel, já a imaginar como vou editar isto. Juro que ele está a cantar diretamente para mim e, mesmo que não faça ideia do significado da letra, continua a ser um clássico de Bollywood – não há como não ser extremamente romântico.

Quase solto uma risada quando o Oakley e o Chava por pouco não chocam um com o outro durante uma transição, mas distraio -me quando o telemóvel do Dev toca no meu colo. Segurando o meu telemóvel com firmeza, olho para baixo.

O nome do Howard pisca no ecrã.

O meu coração salta. Olho para o meu telemóvel, ainda a gravar, e depois para o do Dev.

Que *merda*. O Howard não iria ligar a não ser que tivesse novidades, mas o Dev está apenas a meio da dança. É tarde e é fim de semana, por isso se deixar que a chamada vá para o *voice -mail*, o Howard pode não atender quando o Dev voltar a ligar. Isso iria deixar o Dev à espera, em agonia sabe -se lá por quanto tempo, especialmente com as festividades do casamento amanhã. Ele vai ter poucas oportunidades para atender chamadas. O que significa que tenho de fazer uma escolha. Agora mesmo.

Enquanto mordo o lábio, toco no ecrã do meu telemóvel para parar a gravação. Pouso -o no meu colo e agarro no do Dev. Depois de respirar fundo, respondo.

– Olá, Howard, é a Willow – cumprimento, à espera que ele me consiga ouvir por cima da música barulhenta.

A pausa que se segue dura tanto tempo que volto a afastar o telemóvel para me certificar de que a chamada não caiu.

– Willow? – pergunta ele, depois de mais um segundo, o tom cheio de desdém.

Solto um ligeiro suspiro de alívio com a resposta dele, independentemente dos seus modos.

– Sim, sou a gestora de redes sociais do Dev...

– Eu sei quem és – interrompe -me ele, bruscamente. – Há alguma razão para o Sr. Anderson não estar a atender o próprio telemóvel, neste momento?

– Ele está... – interrompo, a observar o Dev no palco, vendo o seu sorriso e os movimentos francamente muito bons. – Neste momento, ele está ligeiramente ocupado. Posso ficar com o recado?

– Não – o tom do Howard não me dá possibilidade de discordar. – Ligo de manhã.

– Espere! – grito tão alto que as pessoas sentadas perto de mim se viram e olham. – Posso ao menos saber se são boas notícias?

Ele faz uma pausa tão longa que me pergunto se terá desligado, mas depois diz, por fim:

– São – oh, meu *Deus*. É mesmo a chamada que o Dev não iria querer perder.

– *Okay* – suspiro.

Não posso terminar a chamada. O Dev tem de ouvir isto agora.

– Por favor... espere um segundo, está bem? – levanto -me e aceno para os rapazes no palco com a minha mão livre, na esperança de chamar a atenção de pelo menos um deles. – Ele vai querer ouvi -lo o mais rápido possível.

– Não tenho a noite toda – resmunga o Howard, mas mal o ouço.

De alguma forma, é o Dev quem me vê e, assim que olha na minha direção, aponto para o telemóvel e grito:

– É o Howard!

É tudo o que é preciso fazer para ele entender.

Um segundo depois, salta do palco, aterra como um verdadeiro herói e vem a correr na minha direção. O Dev tira -me o telemóvel da mão antes que eu possa pestanejar, parando e levando o dispositivo ao ouvido.

– Howard? O que se passa?

A música ainda está a tocar e os outros rapazes a terminar a dança, um pouco mal feita, mas pelo menos estão a fazê -la. Contudo, mantenho o foco no Dev, a observar cada mudança na sua expressão.

– É oficial? – pergunta ele. Aperta os lábios enquanto o ouve, com o rosto ilegível. – Está bem. Sim. Obrigado, Howard. Agradeço a tua chamada.

O meu coração bate com tanta força que ameaça saltar para fora das minhas costelas. A antecipação faz com que seja difícil respirar.

– Então? – pergunto. – O que se passa? Quais são as novidades?

Passa mais um segundo. A música chega a um crescendo ensurdecedor. E, depois, o Dev sorri, grande, brilhante e bonito.

– Vou para a Mascort.

²¹ Camisa comprida, solta e sem colarinho, típica da região da Ásia do Sul. (*N. da T.*)



Capítulo 30

Dev

Após cinco horas exaustivas de negociações através de uma videochamada na noite passada, o Howard envia o contrato da Mascort pela manhã.

Assino -o com os meus pais atrás de mim. A minha mãe cobre -me de beijos e bênçãos, enquanto o meu pai me aperta o ombro, com lágrimas nos olhos. A Alisha também iria estar aqui se não estivesse ocupada a maquilhar -se. De alguma forma, ela não estava zangada comigo por lhe ter roubado somente um pouco da atenção do dia. Mesmo assim, estou determinado em garantir que recebe toda a atenção de hoje.

O resto da manhã passa rapidamente. A Alisha esconde -se quando começa o *baraat* 2. A música do cortejo é alta o suficiente para ser ouvida na rua toda. E, por fim, chega a altura de começar o dia do casamento.

Saio de casa para me juntar aos convidados que já estão nos seus lugares e cumprimentar os que estão a chegar da parte do noivo. Quando o noivo chega, por fim, a minha mãe cumprimenta -o primeiro e, depois de invocar algumas tradições que nunca vou compreender – como agarrar -lhe o nariz, acompanha -o até ao *mandap* 3 elevado.

O estrado de quatro colunas está ornamentado com rosas vermelhas, brancas e rosa, e dezenas de outras caem em cascata do drapeado de seda creme que o cobre. Diante dele estão seis cadeiras enfeitadas, duas de frente para a multidão e duas de cada lado. Estão perfeitamente arrumadas à volta de um tapete vermelho e dourado onde se encontram vários objetos. É lindo, tal como todos os outros aspetos deste fim de semana.

Olho para a multidão crescente, que será de duzentas pessoas quando a cerimónia começar, à procura de uma cara em particular.

Ao sentir um toque no ombro, viro -me.

A Willow está a usar o sari laranja -escuro que vi pendurado no seu quarto na noite em que entrei à socapa, e a cor realça o castanho quente da sua pele. Está ao lado dos pais e do Oakley, o que significa que não posso libertar as coisas que quero desesperadamente dizer e, com certeza, também não as posso deixar transparecer no meu rosto. Por mais difícil que seja, não nos posso denunciar. Ainda não.

Já fui acusado de ser um romântico. De ser um idiota. Mas, como podia ser diferente? Cresci a ver filmes de Bollywood com homens a rodopiar em campos de flores, a cantarem sobre como a rapariga que amam é mais bonita do que todas as margaridas, rosas e tulipas do mundo. Como não hei de dizer à Willow que ela é mais brilhante do que todas as estrelas do céu? Como posso olhar para ela e dizer *Estás bonita*, quando me apetece gritar do cimo de uma montanha coberta de neve que só o som da voz dela me podia fazer erguer da sepultura?

E, no entanto, obrigo -me a aclarar a garganta e a dizer:

– Estás bonita.

A sua felicidade é ofuscante, tal como olhar para o sol. Não quero desviar o olhar. Deixá-la-ia roubar a visão dos meus olhos, a respiração dos meus pulmões. Deixava que fizesse o pior que pudesse e iria continuar eternamente agradecido.

– Tu não estás mal – brinca ela, antes de olhar para a família e de se lembrar do nosso público. – Mal posso esperar para ver a Alisha.

Solto uma gargalhada.

– Acho que vais adorar a grande entrada dela. Eu e os rapazes carregamo-la como a uma princesa – depois, obrigo -me a cumprimentar a Dr.^a e o Sr. Williams. – Obrigado por terem estado aqui este fim de semana. Sei que tem sido muito cansativo.

A Dr.^a Williams sorri para mim. As mesmas covinhas que marcam as bochechas da filha aparecem nas dela.

– A Neha disse -me para estar preparada, mas nunca podia ter imaginado tudo isto. No entanto, adorei todos os segundos. Mal posso esperar pelo teu casamento.

O último comentário é dito de forma provocadora, mas já me estou a imaginar debaixo daquele *mandap* com a Willow.

Vai com calma, meu amigo.

Pelo canto do olho, vejo uma das damas de honor da Alisha a inclinar -se para a porta das traseiras da casa, acenando para chamar a minha atenção.

– É a minha deixa – digo aos Williams, com um aceno de cabeça para o Oakley. Ele vai ajudar nesta parte, uma vez que é praticamente da família. – Está quase na hora de acompanhar a noiva. Vemos -vos mais tarde.

A Dr.^a Williams dá -me um abraço rápido antes de nos mandar embora. Contudo, antes de me virar e ir embora, olho para a Willow.

É esta noite. Vamos, por fim, contar ao Oakley.

■ ■ ■

A minha irmã é oficialmente uma mulher casada. O que significa que me

tornei o alvo de todas as atenções das tias casamenteiras.

– *Beta*, a minha amiga Sonali tem uma neta que é traumatologista – diz uma das mulheres mais velhas. – Ela ia dar uma ótima esposa. Podia curar -te depois de teres um acidente!

As mulheres que me rodeiam riem -se, com as pulseiras e as joias a tilintarem, enquanto batem palmas como se fosse a coisa mais engraçada que alguma vez ouviram.

A receção está a decorrer há meia hora e já me deparei com mais ofertas como esta do que as que consigo contar. Se continuar assim, vai ser uma noite longa.

Afasto -me do grupo de tias o mais suavemente possível e atravesso a multidão de pessoas que convivem, comem e dançam, a rezar para não ser apanhado por outra mulher que me quer ver casado. Sou cumprimentado por algumas pessoas quando me afasto, mas felizmente deixam -me sair da tenda gigante.

Rodeado pelo ar da noite, respiro fundo, aliviado por ter escapado ao barulho depois de um dia tão agitado. Felizmente, todos os pormenores correram bem, desde os votos até à hora do *cocktail* e, por fim, a grande entrada dos recém -casados na receção. Mas preciso de uma pausa.

Vi a Willow algumas vezes, mas sempre que tentei aproximar -me dela fui interrompido por alguém que queria falar sobre o meu futuro e perspetivas românticas. Hei de vê -la mais tarde. O quanto mais tarde, no entanto, ainda não sei.

– Que dia longo, não foi? – ouço de trás de mim.

Olho por cima do ombro e vejo o Reid a vir na minha direção.

Tento rir, mas o som que escapa é mais um grunhido de dor.

– E nem está perto de acabar.

O Reid conseguiu o seu convite para o casamento graças à minha mãe, que praticamente adotou o miúdo quando vivíamos juntos no Mónaco. Sempre que os meus pais nos visitavam, ela insistia que era o seu dever certificar -se de que ele era bem tratado, especialmente quando descobriu que a mãe dele tinha falecido há alguns anos e que a avó idosa era a única família que lhe restava. Depois disso, foi convidado para todas as férias da família, embora recusasse sempre educadamente. Contudo, este era um convite que ele não podia recusar.

– Tenho de admitir – diz o Reid, chegando -se para perto de mim enquanto olha para as luzes cintilantes que cobrem as nossas cabeças como um dossel. – Esta é provavelmente a melhor festa em que já estive. Vocês sabem mesmo como tornar um casamento divertido.

– Isso sim – concordo, batendo com a taça de champanhe na dele.

Ele ri -se e bebe um gole da sua bebida, observando -me pensativamente.

– Vi a Willow a tirar fotografias. Ela ainda gere as tuas redes sociais?

Aceno com a cabeça, mas detenho -me rapidamente.

– Na verdade, hoje é o último dia dela.

– Não me digas? – pestaneja, com a sobrelance erguida. – Surpreende -me que a deixes ir-se embora. Ela livrou -te mesmo do abismo.

Sem dúvida que sim e, se pudesse, insistia para que continuasse a trabalhar para mim. A trabalhar *comigo*. No entanto, a sua reputação é demasiado preciosa para ser destruída, e quero que ela tenha os maiores sucessos na vida.

– Estava pronto a suborná -la para a conseguir afastar de ti – continua o Reid. – Preciso de alguém como ela a gerir as minhas redes sociais.

– Não vou mentir, a tua reputação é bastante... escassa – concordo, o mais respeitador possível.

Ele suspira, quase derrotado.

– Eu sei. Há dias em que fico espantado por as pessoas se lembrarem do meu nome. Estou à frente do Lorenzo nos pontos, mas ele ultrapassa -me em todos os outros aspetos – lança -me um olhar de lado. – Por acaso, a Willow não está à procura de um novo trabalho?

Fico impressionado com a pergunta. Não falei com ela acerca do que vai fazer a seguir, mas presumi que iria voltar para Nova Iorque. Por outro lado, se o Reid está a oferecer o que penso que está...

Porra, será que pode ser a solução para o nosso problema de relação à distância?

– Possivelmente – arrisco, o meu cérebro já a pensar como podíamos fazê -lo acontecer. – Deixa -me falar com ela e depois digo -te.

O rosto do Reid ilumina -se, ativando o seu charme de menino de ouro.

– Diz -lhe que eu estou totalmente interessado – insiste ele. – Se ela quiser o trabalho, é dela. Com início imediato. Vou ligar ao meu advogado e à D'Ambrosi esta noite. Podemos conseguir -lhe o contrato pela manhã.

– Não perdes mesmo tempo, pois não?

Ele ri -se, erguendo a taça de champanhe num brinde brincalhão.

– Vi o que ela fez por ti e quero o mesmo. Não a parte do «sou um idiota apaixonado», mas as outras coisas.

Encolho -me e solto um suspiro.

– Reparaste nisso?

O sorriso do Reid é ténue, mas amável.

– Olhas para ela como se fosse a lua, Dev. É difícil não reparar.

É exatamente *por isso* que eu e a Willow precisamos de falar com o Oakley muito, muito em breve. Não tenho como continuar a escondê -lo.

– Deixa -me falar com ela acerca da tua oferta – digo -lhe, antes de beber o resto do meu champanhe. Ele dá -me uma palmadinha no ombro.

– Sê persuasivo. Quero -a na minha equipa. Na equipa *vencedora*.

– Sim, sim. Vou fazer o meu melhor, idiota.

O riso do Reid segue -me enquanto caminho de volta para a multidão. O meu único objetivo é encontrar a Willow. Agora que sei que há uma hipótese de ficarmos mesmo juntos, de não acabarmos separados da forma que esperávamos, estou desesperado por falar com ela. Mas, será que ela vai aceitar?

É um pedido imenso. Ela tem uma vida para onde regressar e isto nunca foi suposto ser mais do que um trabalho temporário. O seu objetivo, quando começámos a trabalhar juntos, era conseguir um lugar numa equipa de *marketing* muito maior, por isso, será que está disposta a dar mais de si? Especialmente se for a alguém que ela não conhece bem?

Por fim, vejo -a a um canto da tenda. Está a segurar um *jalebi* fresco nas mãos e, quando a alcanço, já o comeu e tem os dedos pressionados contra a boca numa tentativa de esconder as bochechas inchadas.

– Olá – porra, pareço apressado, como se o que tenho em mente fosse urgente. Porém, de certa forma, acho que é. – Posso falar contigo? Em casa?

Ela engole, a franzir as sobancelhas preocupada.

– Está tudo bem?

Aceno com a cabeça, já virado para a levar dali.

– Está tudo ótimo. Não te preocupes. Vamos lá.

Não me questiona. Limita -se a seguir -me enquanto regresso ao exterior, olhando por cima do ombro de vez em quando para ter a certeza de que me está a seguir. Quando estamos longe da tenda e na relva, abrando e ofereço -lhe o braço para que não tenha problemas se os calcanhares se afundarem na terra. Ela aceita sem hesitar e deixa -me levá -la para dentro de casa.

Quando estamos sozinhos no corredor escuro das traseiras, desliza a mão da dobra do meu braço, as pontas dos dedos a roçarem -me o pulso, e pressiona a palma da mão contra a minha. Abro os dedos por reflexo e, quando os dela se encaixam nos meus, envolvo -os para manter a mão dela no sítio. É um encaixe perfeito.

Faço -a parar entre a porta da casa de banho e a impressionante biblioteca da casa. Não consigo dar mais um passo enquanto não desabafar.

– Dev, o que se passa? – pergunta ela suavemente, com os olhos fixos nos meus.

A cara dela é tão pura e cheia de amor que a minha garganta parece ficar apertada por um segundo.

– Eu... – engulo com dificuldade, enquanto tento desalojar o caroço que se formou. – Tenho uma pergunta meio maluca para ti.

Ela inclina a cabeça, com os lábios pintados de vermelho a subirem nos cantos.

– Okay, força.

Respiro fundo, à espera de que as palavras não saiam apressadas e confusas.

– Se pudesses continuar a trabalhar na F1, gostavas de o fazer?

Surge -lhe uma ruga entre as sobrancelhas e confusão nos olhos.

– Isso é que era assim tão importante? – quando aceno com a cabeça, ela morde o lábio inferior e desvia um pouco o olhar, como se estivesse a ponderar verdadeiramente a resposta. – Sendo sincera? Nunca pensei que fosse dizer isto, mas... *sim*. Adoro mesmo a F1. Parece... o correto.

Fico aliviado e juro que sinto o meu coração saltar. Ela quer ficar. Porém, preciso de mais certezas antes de lançar a oferta do Reid.

– E não é só porque me amas, pois não?

– Tem um pouco a ver com isso – diz ela, com uma gargalhada ligeira. – Mas é uma indústria fascinante, por isso gostava de ver mais.

Quando não respondo de imediato, o seu divertimento desvanece -se, deixando -a a perscrutar o meu rosto, e a ruga por entre as sobrancelhas reaparece.

– O que estás a tentar dizer, Dev?

Desta vez, passo o polegar pela testa dela, apagando a pergunta.

– Estava a falar com o Reid e... ele disse -me que precisa de alguém que o faça destacar -se – explico, descendo a mão até à sua bochecha – Ele viu o que fizeste por mim e quer a mesma coisa. Concordei que és a pessoa perfeita para o trabalho.

Ela baixa os ombros.

– Estás a brincar comigo.

– Nem um bocadinho.

Ainda a olhar para mim como se não percebesse o que se está a passar, suspira calmamente.

– Quer mesmo que eu trabalhe para ele?

– Sim. Disse -me que ia ligar à D'Ambrosi esta noite para que acontecesse.

A pulsação no pescoço dela bate contra o meu pulso, ou talvez seja a minha própria pulsação. Porque se ela decidir que não vai resultar, não sei o que hei de fazer. Não posso deixá -la ir -se embora, agora que sei como é abraçá -la, beijá -la e tocá -la. Como é amá -la. Ser amado por ela.

Preciso de a ter comigo. Sempre. Tão perto quanto possível.

– Pensa nisso – digo -lhe, aproximando -me mais. Preciso de estar perto dela, especialmente se decidir que a vida em Nova Iorque é o que ela quer. – Não tens de tomar uma decisão de imediato...

– Não preciso de pensar – diz ela, cobrindo -me a mão com a sua para que as palavras fiquem bem claras. – Eu quero fazer isto. Pelo menos durante o resto da época. Não estou pronta para terminar. E não estou... – respira fundo.

– Não estou pronta para te deixar.

Antes de me conseguir conter, começo a rir sem fôlego. Nada disto tem piada, mas estou tão aliviado que o meu corpo não consegue fazer mais nada. Só me resta libertar -me da forma mais natural que ele conhece.

– Tínhamos de ser cautelosos na mesma – prossegue. Ela sorri contra a palma da minha mão, o que atenua o peso das palavras, mas tem razão. – Mas acho que podia funcionar. E não íamos ter de nos separar.

Pois, não. Não teria de desistir do meu raio de sol. Da estrela que me guia. Do meu coração e da minha alma.

– Quero tanto beijar -te agora – suspiro. Quero selar este acordo com os nossos lábios apertados, com o seu corpo moldado ao meu.

O sorriso dela torna -se provocador.

– Vais borrar -me o batom.

– Podes arranjá -lo.

– Tudo bem – sussurra ela, enquanto levanto também a outra mão para tocar no seu rosto.

– Beija -me, Dev.

– Não tens de me pedir duas vezes.

Inclino a cabeça e fecho os olhos. Não preciso de ver para encontrar o seu beijo. Somos ímanes atraídos um pelo outro. É tudo inevitável. É como estava destinado a ser.

É o destino.

Mas os meus olhos voltam a abrir -se quando a porta da casa de banho ao nosso lado bate contra a parede. Ambos estremecemos com o som, embora não me afaste dela, com as minhas mãos ainda a segurar -lhe o maxilar.

E, então, o Oakley entra no corredor.

²² Procissão do noivo nos casamentos indianos. (*N. da T.*)

²³ Em hindi, refere -se a uma espécie de pérgula elevada com uma estrutura de madeira, geralmente decorada com flores, e é usado para a celebração de cerimónias de casamento hindus (*N. da T.*)



Capítulo 31

Willow

O Oakley sabe.

Consigo entender pelo olhar dele. Posso não ter o batom manchado, mas não há como negá -lo como fizemos há quase um ano. Fomos apanhados.

– O que raio se passa aqui?

É só então que as mãos do Dev se afastam da minha cara. Contudo, para minha absoluta surpresa, ele enrola os seus dedos à volta dos meus, ao meu lado. Ou seja, vamos mesmo fazer isto. Não foi assim que imaginei que iríamos dar -lhe a notícia, mas fomos apanhados. Não faz sentido mentir quando o Oakley sabe muito bem para o que estava a olhar, não obstante a sua pergunta.

Meu Deus, acho que vou vomitar.

– Bem, Oak – diz o Dev, depois de inalar demoradamente algum ar. – Estava prestes a beijar a tua irmã.

Estremeço. O meu irmão não vai reagir bem a essa resposta. As emoções que lhe atravessam a cara, começando pelo nojo, transformando -se em surpresa e depois em raiva, confirmam essa mesma suspeita.

– Seu *idiota* de merda – grunhe ele, avançando, embora seja forçado a parar quando me meto entre os dois e estendo um braço. – Eu já devia *saber* que se passava alguma coisa.

– Oakley, por favor – digo, mas já sei que não me consegue ouvir por causa dos seus próprios pensamentos. – Vamos só...

– E *isto* – ele acena com uma mão, fazendo um movimento selvagem entre mim e o Dev. – Obviamente, não é recente.

À primeira vista, já nos apanhou por completo. Conhece -nos tão bem – demasiado bem – que a nossa relação é perceptível para ele. Em circunstâncias diferentes até o podia ter apreciado, mas, neste momento, as suas palavras atingem -me diretamente no coração.

Enquanto me esforço para explicar, o Dev interrompe.

– Tens razão – diz ele, sem dificuldade. – Não é recente. Nem por isso.

Tudo o que posso fazer é lançar -lhe um olhar de súplica por cima do meu ombro, enquanto o meu irmão o encara. Provavelmente, o Oakley esperava alguma negação e olhares de culpa, mas o Dev está a encará -lo de frente,

mesmo que eu queira encolher -me.

– Há quanto tempo? – diz, por fim, o meu irmão. – Há quanto tempo é que isto se anda a passar?

Abro a boca, pronta a responder desta vez, mas o Dev aperta -me a mão, como se quisesse dizer que tem tudo sob controlo.

– Bem, a Willow tem um fraquinho por mim há muito – responde ele, mantendo a voz baixa e uniforme. – E eu sou obcecado por ela desde o fim de semana do teu aniversário, no ano passado, quando ela acidentalmente confessou a sua paixão. Mas *é* recente, no sentido em que só agora, nas últimas semanas, é que decidimos agir consoante os nossos sentimentos.

– Semanas – repete o Oakley, e a sua atenção, por fim, desce na minha direção, os seus olhos endurecem. – Desde que começaste a trabalhar para ele?

A minha garganta fica apertada e as lágrimas queimam os cantos dos meus olhos.

– Não – digo, a palavra vacilante enquanto abano a cabeça. – Não foi assim há tanto tempo – é a verdade, mas se o Dev vai ser corajoso e contar a história toda, então devo -lhes a ambos fazer o mesmo. – Mantivemo -lo profissional – *amigável* – durante algum tempo. No entanto, não quis continuar a ignorar o que havia entre nós.

– Não *quisemos* ignorar – corrige o Dev, apertando a minha mão com mais força, deixando a sua coragem fluir para dentro de mim. – Percebemos que queríamos ficar juntos.

A garganta do Oakley move -se enquanto ele engole com dificuldade, os olhos ainda semicerrados a alternar entre mim e o Dev. Não posso culpá -lo por estar chocado e chateado, e o meu coração dói por ter descoberto desta forma.

– Então, se não te tivesse deixado trabalhar com ele – diz ele, outra vez concentrado em mim, com aquele olhar de traição esmagadora –, isto não teria acontecido.

Quero negá -lo, mas ele tem razão. Sem a ideia do Dev e a aprovação do Oakley, não nos teríamos aproximado. Foi a armadilha perfeita. E o meu irmão não fazia ideia do que estava a autorizar.

– Jesus – diz ele quando não respondo, com um tom maníaco na voz enquanto abana a cabeça. – Não posso acreditar nisto. Não posso acreditar que me tenhas *mentido* desta maneira. Os olhos focam -se no Dev. – Que tenham mentido *os dois*.

O meu coração bate e, depois, para de repente. Recomeça com uma *batida* dura e dramática, enquanto percebo a sua acusação. Ele está zangado por... termos mentido?

– Durante este tempo todo, escondeste -me isto – continua ele. – Houve tantas oportunidades para me contares, mas, em vez disso, mentiste. Percebes

como é lixado?

Olho para trás, para o Dev, que está a olhar para o Oakley como se ainda estivesse a tentar perceber o que ele está a tentar dizer.

– Desculpa? – gagueja ele, hesitando pela primeira vez desde que o meu irmão saiu da casa de banho.

O Oakley revira os olhos e passa uma mão pela cara.

– Não *interessa* se estão juntos – insiste. – Tu és crescido e ela também. Não mando na porra das vossas vidas. Mas interessa que me tenham mentido.

Oh, meu Deus. Percebemos tudo mal. Estávamos tão preocupados com a aprovação do Oakley que nos esquecemos de pensar como se iria sentir quando descobrisse o que lhe estávamos a esconder.

– Não sabíamos como ias reagir – diz o Dev, a sua voz baixa e gentil de novo. – Literalmente, disseste -me para nunca ter nada com ela. Quando aconteceu com o Jeremy...

– O Jeremy era um homem patético que devíamos ter descartado muitos anos antes de fazer o que fez – diz o Oakley. – Não o uses para justificar as tuas tretas. Ele mereceu o que lhe aconteceu, depois do que fez à Willow.

– Está bem – aceita o Dev, levantando a mão livre. – No entanto, tu sabes que não terias aprovado nada entre mim e a Willow. Não podes simplesmente esquecê-lo.

O Oakley move o maxilar de um lado para o outro, os dentes rangem como se estivesse a conter a raiva até a poder exprimir mais claramente.

– Tudo bem – admite ele. – *Não* gosto da ideia de vocês estarem juntos. De todo. Não gosto da ideia de outro dos meus amigos namorar com a minha irmã.

Atrás de mim, consigo sentir o Dev a preparar -se para defender o que fizemos, o peito a inchar enquanto respira. Contudo, antes de poder falar, o Oakley continua.

– No entanto, o que sinto não importa. Porque é um problema *meu*. Não é vosso. Por isso, parem de me tratar como se fosse um idiota que não consegue lidar com o próprio desconforto e parem de *mentir*.

Percebemos mesmo tudo mal e não sei como não o entendemos antes.

– Desculpa – sussurro, estendendo a minha mão livre para lhe tocar no braço. Felizmente, ele não o afasta de imediato. – Eu não...

– Se me tivesses contado – diz ele –, provavelmente teria ficado surpreendido, sim. E, definitivamente, não ficava feliz. Mas ultrapassava -o muito mais depressa do que vou ultrapassar isto.

O Oakley respira fundo, observando -nos aos dois. Alguma da raiva que o tinha encurralado diminui, mas é substituída por uma expressão magoada que me faz sentir ainda mais enjoada.

– Olha – diz ele calmamente, dirigindo -se ao Dev. – Vou ser sempre

protetor com a Willow. Mas também quero que ela seja feliz. E tu és, supostamente, o meu melhor amigo. Também quero que sejas feliz.

– Mesmo que estejamos os dois felizes por estarmos juntos? – hesita o Dev.

Só posso esperar que estejamos, por fim, a fazer progressos.

– Tens mesmo boas intenções para com ela? – exige saber o Oakley.

Não há hesitação nenhuma quando o Dev responde.

– Sim.

Os olhos do meu irmão voltam a fixar -se nos meus.

– E tu queres *mesmo* estar com ele?

– Sim – digo, com a garganta de alguma forma ainda mais apertada. – Quero mesmo.

O Oakley respira fundo e acena bruscamente com a cabeça. Com um passo rápido para trás, estende as palmas das mãos.

– Então está bem. *Tudo bem*. Só tenho de o aceitar. Ultrapassar isto é problema meu.

Quase desmaio de alívio. Sinto os joelhos bambos e tenho de me apoiar no Dev para me manter de pé. O que não escapa à atenção do Oakley e o maxilar dele endurece.

– Mas, se lhe a magoares – avisa ele o Dev –, parto -te as duas mãos para que nunca mais conduzas.

O Dev acena solenemente com a cabeça, sem duvidar da ameaça.

– Entendido. Contudo, não está nos meus planos que isso aconteça.

– E tu – rosna -me ele, com os olhos semicerrados. – Se o magoares...

– Não vai acontecer – interrompo -o, antes que possa terminar a ameaça. – Eu prometo, não o vou fazer.

O Oakley olha para nós durante alguns segundos longos, enchendo -me a barriga de ansiedade. Mas depois, abruptamente, dá uma palmada na cabeça do Dev e bate -me no ombro, embora não o suficiente para me magoar.

– Vão -se lixar os dois – geme ele.

E depois puxa -nos para um abraço.

– Vocês são pessoas horríveis – murmura ele contra o topo da minha cabeça, agarrando -me ao peito enquanto prende o Dev com um braço. – Espero que sejam felizes juntos, seus falhados.

Solto uma gargalhada, e as lágrimas que tenho estado a conter transbordam, por fim.

– Somos, sim.

– Ótimo. Haja alguém feliz, porque eu com certeza não estou.

Com um último aperto, ele empurra -nos para longe.

– Não me esqueci disto – diz ele, apontando para o Dev e depois para mim. – Porém, como hoje estamos aqui para celebrar o amor, vou aguentar. Está bem?

– Entendido – guincho. – Obrigada, Oak.

Com isto, ele revira os olhos e vai -se embora.

Passam alguns segundos antes de, por fim, ter coragem de me virar para olhar para o Dev, a pestanejar em choque.

– Isto... – arrasto -me. – Aconteceu mesmo?

O Dev molha os lábios, lutando à procura da voz.

– Acho que sim.

– Ele sabe. Ele sabe e não nos matou.

– Hum, hum.

– Já não somos um segredo.

– Pois, não – concorda ele, com certa descrença. – Não temos de nos esconder mais dele.

– Não temos de nos esconder – repito, esfregando os olhos para limpar as lágrimas que se vão acumulando. A minha maquilhagem está certamente destruída, mas não me preocupo. – Não posso acreditar.

O Dev solta uma gargalhada.

– Sim. Nem eu. Mas aceito.

Passa um braço à volta dos meus ombros e puxa -me para ele. Aceito de bom grado, deslizo os braços à volta da sua cintura e encosto -me ao seu peito maciço. Parece que sobrevivemos a uma batalha.

– Não quero voltar lá para fora – murmuro, contra a seda roxa do seu *kurta*. – Não depois do que aconteceu. Preciso de algum tempo para... respirar.

– Não temos de voltar para a festa – diz ele. – Mas quero levar -te a outro sítio.

Ele afasta -se, entrelaçando os nossos dedos mais uma vez, enquanto me leva pelo corredor. Viramos numa esquina, depois noutra, antes de chegarmos a uma porta de vidro deslizante que dá para um pátio na lateral da casa. O Dev solta a minha mão para a destrancar e abrir, depois guia -me para fora.

Daqui, consigo ouvir a música a tocar dentro da tenda, mas estamos protegidos da vista do quintal por uma parede de rosas trepadeiras. As flores perfumam o ar, as pétalas esvoaçam com a brisa suave da noite. É o sítio mais romântico onde já estive. Até rodopio para absorver tudo, com o sari a rodar à volta das pernas.

– Adoro – suspiro, inclinando a cabeça para trás para contemplar as estrelas brilhantes e a lua crescente.

Quando volto a olhar para baixo, o Dev oferece -me a sua mão estendida.

– Vem – diz ele. – Dança comigo.

O riso que solto é leve. Afasta a tensão persistente do nosso encontro com o Oakley. Ainda não me sinto bem, mas a dor diminui.

– Sabes que não sei dançar – relembro -o, embora descalce os sapatos de

salto alto e os empurre para o lado para me preparar. – Lembra -te da festa de aniversário dos meus pais?

– Nunca me vou esquecer do uivo do Jeremy quando lhe pisaste os pés com os saltos altos – ri -se, fazendo -me sinal com um braço estendido. – Sobe para os meus pés. Eu danço pelos dois.

– Dev, não quero magoar... – o meu protesto é terminado quando ele passa um braço à volta da minha cintura e me levanta. Um momento depois, coloca os meus pés em cima dos dele.

– Agarra -te a mim.

É o que faço. E ele balança -se comigo nos braços, movendo os nossos pés em passos curtos.

– Não deve ser confortável para ti – rio -me, olhando para os meus pés descalços em cima dos seus sapatos de marca muito caros.

– Sinto -me sempre confortável quando estás nos meus braços.

– És encantador.

– Tu sabes que sim.

Não tenho mais nada a dizer, por isso encosto a cabeça ao seu peito e deixo -o tomar conta de mim. Quase de imediato, a música muda para uma lenta e romântica. Como se o universo soubesse.

O seu batimento cardíaco é lento e constante sob a minha bochecha, uma lembrança do atleta extraordinário que ele é. Quando o ritmo aumenta, levanto a cabeça e olho para ele.

– O que se passa?

– Vais achar que sou maluco – diz ele. – Mas tu deixas -me nervoso, Willow Williams.

– Eu? – só me resta rir. – Porquê?

– Porque estou tão apaixonado por ti que até dói.

A minha respiração é interrompida e o meu coração estremece perante a honestidade na sua expressão. Quase me desfaço em lágrimas outra vez, porque sei exatamente do que ele está a falar. Conheço essa dor profunda na alma. E sinto o mesmo por ele.

– Eu também – sussurro de volta.

Ele segura a parte de trás da minha cabeça com uma mão, guiando a minha bochecha de volta para o seu peito, para a batida constante do seu coração.

Ficamos assim durante mais algumas canções até o ritmo mudar de novo e o rugido da multidão na tenda quebra a magia do momento.

– Estava a pensar – digo, enquanto me afasto dos pés dele e pouso os meus na pedra lisa do pátio, com o coração acelerado. – Será que devíamos... dar um nome ao que somos? Quero dizer, *tecnicamente* já disseste que era tua namorada, mas mesmo assim...

E lá está ele, o famoso sorriso, aquele pelo qual os poetas da Internet escrevem tanto.

– Willow – diz ele, escandalizado e com os olhos arregalados. – Estás a pedir -me que seja teu *namorado*?

Recusando -me a sorrir, aperto os lábios com força. Mas não tenho como esconder o que sinto. Não dele.

– Talvez.

– Então, aceito de todo o coração.

Ele encosta os lábios aos meus. E, por fim, o Dev esborrata -me o batom.



Capítulo 32

Dev

Fico desapontado quando a cara da Willow não é a primeira coisa que vejo na manhã seguinte.

Estou sozinho na cama na casa que fica ao lado da dela. É como se estivéssemos de volta a San Diego, em vez de estarmos em casas alugadas e a condizer em Malibu. O sítio está tão sossegado que consigo ouvir o som suave das ondas a rebentarem ao longe, mas, daqui a mais ou menos uma hora, os outros hóspedes já vão estar acordados e a andar de um lado para o outro. No entanto, tendo em conta que a receção se prolongou pela noite dentro, é muito provável que a maioria não se levante antes do meio -dia.

Não muito contente por ter acordado tão cedo, deito -me de costas e fico a olhar para o teto, enquanto os meus pensamentos regressam à noite passada. Eu e a Willow já não temos de manter a nossa relação escondida dos nossos amigos e familiares, e esse pensamento enche -me de mais alegria do que a que senti ontem, quando assinei contrato com a Mascort. Mas ainda não quero tornar as coisas demasiado públicas. Não até ela estar a trabalhar com o Reid há algum tempo. Dessa forma, deve garantir que a sua reputação não sofre qualquer dano, porque não quero que nada ofusque a carreira que ela está a construir.

Há de ser revelado, é claro. E, quando acontecer, vou gritar ao mundo o quanto adoro aquela rapariga.

Ainda assim, sinto um vazio pela forma como decorreu a conversa inesperada com o Oakley. Fizemos mal em escondermo -nos dele, agora entendo -o. Mas o que está feito está feito, e tudo o que posso fazer é esperar que ele encontre forma de nos perdoar.

Gostava que esse dia chegasse rápido. No entanto, se quero que aconteça, tenho de fazer um esforço para corrigir o que fizemos. Uma vez que ele vai voltar para Chicago no final da semana o meu tempo é limitado, mas não posso deixá -lo partir sem pelo menos tentar restabelecer a nossa amizade.

E como não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje... empurro os lençóis para trás e levanto -me da cama, determinado a resolver a situação.

Visto uns de calções de banho, enfio o fato de mergulho debaixo do braço e saio para o corredor. Estou pronto para entrar no quarto do Oakley e exigir -lhe que desça comigo até à praia, mas paro quando chego à sua porta aberta. O quarto está vazio. A cama feita. Não há sinal dele.

Sou atingido pela desilusão, que é rapidamente seguida pelo pânico. Será que já se foi embora? Ao menos, sei que voltou ontem à noite, pois vi -o esgueirar -se para o quarto assim que subi as escadas. Mas, se calhar, acordou ainda mais cedo do que eu, fez as malas e foi -se embora. Não era capaz de o criticar se o tivesse feito.

Com um suspiro, afasto -me da porta e dirijo -me às escadas. Mais vale deixar as ondas acalmarem a minha ansiedade, mesmo que esperasse ter companhia. Se o Oakley se foi embora, se ele quer espaço, tenho de o respeitar. Não vou sufocá -lo com chamadas ou persegui -lo... por agora. Dou -lhe um dia, mas depois não tem como escapar.

O caminho até à praia está deserto e quase me arrependo de não ter acordado o Chava ou o Mark para os obrigar a surfarem comigo quando vejo como as ondas estão perfeitas. Contudo, quando avisto a figura sentada à beira da água, sei que fiz a escolha certa.

Atiro a prancha para o chão quando chego ao pé do Oakley e sento -me na areia a uns centímetros distância – perto o suficiente para que possamos conversar, mas longe o suficiente para que me possa esquivar se ele me atacar. Só porque não o fez ontem à noite, não significa que não vá fazer agora, sem a Willow aqui para me proteger.

Nenhum de nós fala. Não sei bem o que dizer. Um *desculpa* parece inútil e não resolve o que fiz. Não vai apagar a dor. E não me arrependo de ter feito nada que me tenha levado até onde estou com a Willow, portanto, para quê dizê -lo se vai soar vazio?

O Oakley não olha para mim e eu não olho para ele. Observamos as ondas, com as respetivas pranchas ao nosso lado, mas nenhum de nós dá um passo para a água. Talvez fiquemos aqui sentados o dia todo, mas, mesmo que fiquemos, é importante para mim que ele não se tenha levantado e afastado.

– Ainda estou chateado – diz ele, por fim.

É uma afirmação simples, mas que faz com que a culpa se torça nas minhas entranhas.

– Eu sei.

Há outra longa pausa antes de ele voltar a falar.

– Quanto mais pensava nisso – continua –, mais zangado ficava. Tiveste tantas oportunidades para me dizeres o que sentias por ela. Ela também teve. E, no entanto... não o fizeram. E, para ser sincero, tanto o Mark como o Chava souberam antes de mim – ele abana a cabeça, como se ainda não conseguisse acreditar. – *Odeio* ser apanhado de surpresa. Se me tivesses dito logo que

estavas interessado nela...

– Terias feito o quê, se te tivesse dito? – interrompo, embora tenha cuidado para não o fazer num tom muito acusatório. O Oakley tem de entender que me teria tentado afastar da Willow, como fez na noite do seu aniversário. – O que terias feito se chegasse ao pé de ti e dissesse «Ei, amigo, estou interessado na tua irmã. Posso sair com ela?»

A forma como o Oakley estremece diz -me tudo o que preciso de saber. Tal como a forma como baixa a cabeça e agarra a parte de trás do pescoço como se estivesse a tentar evitar uma dor de cabeça.

– Porque haveria de te dizer que estava interessado nela depois de me teres dito para nunca me aproximar? – continuo a insistir. – Deixaste bem claro que não me querias perto dela.

– Eu não tive nenhum problema com o facto de ela trabalhar para ti, pois não? – responde ele.

– Porque pensaste que era estritamente profissional – contrapus. – E era. No início.

Os ombros dele descaem ainda mais. Ele sabe que tenho razão e, provavelmente, está a perceber que qualquer argumento que possa utilizar é fraco face ao que estou a dizer.

– Eu não sabia o que ia acontecer, Oak – digo -lhe, com a voz suave o suficiente para quase se perder no rugido das ondas. – A Willow também não. Tentámos manter as coisas platónicas, mas o que sentimos um pelo outro... Não conseguimos ignorá -lo.

Ele respira profundamente pelo nariz, com o maxilar tenso.

– Tu ama -la?

– Sim – respondo, sem um único pinga de dúvida na palavra. – Amo.

Mais silêncio depois da minha confissão. Ao meu lado, o Oakley pondera, obviamente dividido entre querer ficar furioso e querer esquecer o que não pode mudar.

No entanto, nada do que ele possa dizer vai fazer com que acabe com a Willow. Se o aviso anterior não foi suficiente para me manter afastado, ele tem de saber que não há uma única ameaça que funcione agora.

– Porra – por fim, suspira, deixando cair as mãos do pescoço para a areia. – É uma confusão, Dev. Sabes disso.

Sei, sim. Mas aprendi que a vida é melhor com um pouco de caos à mistura. Especialmente se esse caos me tiver trazido o raio de sol mais quente.

Deixo que o silêncio se prolongue, dando ao Oakley tempo e espaço para desabafar.

– Acho que não te posso culpar muito – começa ele, e identifico vergonha no tom de voz. – Eu tinha um fraquinho gigante pela Alisha.

Tinha. Okay. É óbvio que esses sentimentos perduram, mesmo depois de

ontem a ver casar com outro homem, mas não vou corrigir as palavras dele. Há uma parte de mim que sofre por ele, sabendo o quão mau é querer alguém que não se pode ter – ou que não corresponde. Contudo, vai sobreviver ao desgosto e um dia encontrar a pessoa que lhe está destinada.

– Sim, mano – digo, a rir -me. – Eu sei que sim.

– Sabíamos *todos* – diz outra voz, vinda de trás de nós.

Viro -me para ver o Mark a aproximar -se, com a sua própria prancha de *surf* debaixo do braço.

Parece que tivemos todos a mesma ideia esta manhã. Menos o Chava, que ainda deve estar a curtir a ressaca.

– É inteligente que nunca tenhas ido atrás dela – continua o Mark, enquanto se senta no outro lado do Oakley. – A Alisha nunca te teria dado hipótese.

O Oakley faz uma careta e pontapeia areia na direção do Mark.

– Mano, vai -te lixar – resmunga. Mas, depois, torce os lábios para o lado em sinal de aceitação. – Mas... sim. Teria sido uma perda de tempo.

– No entanto, uma perda de tempo hilariante – acrescento, dando -lhe uma cotovelada nas costelas. – Ela ter -te -ia comido vivo.

Solta uma gargalhada. Termina -a logo de seguida, como se não quisesse achar piada a alguma coisa que eu tenha dito. Mas é um progresso.

– Acho que interrompi uma conversa acerca do facto de gostarem das irmãs um do outro – diz o Mark, depois de um momento de silêncio. – Posso dizer, para que fique registado, que nunca me interessei pela Alisha ou pela Willow? Ou por qualquer uma das *cinco* irmãs do Chava?

Reviro os olhos e, embora o Oakley esteja outra vez a olhar para as ondas, posso garantir que também o fez. Pelo menos há uma coisa em que ainda podemos concordar – o sentido de justiça irritante do Mark.

– Mas enfim – continua ele. – Oak, sei que estás zangado. A Willow e o Dev não lidaram com a situação da melhor forma possível, mas o que podiam eles fazer? A Wills tinha a sua reputação com que se preocupar e estava aterrorizada com a possibilidade de nos separar a todos. Sabias que ainda se sente culpada por ter destruído o nosso grupo depois do que aconteceu com o Jeremy?

A memória arrepia -me e, pela forma como as mãos do Oakley se fecham em punhos na areia, ele também está zangado.

– Eu e ela tivemos uma grande conversa acerca disso – o Mark solta um suspiro, olhando para a água antes de se voltar para nós. – Era óbvio o quanto estava a lutar contra o que sentia.

Ela falou com o Mark sobre os seus sentimentos? Quando é que *isso* aconteceu? E o que terá ele dito para a fazer querer *vir ter* comigo em vez de se *afastar*? Ele tem criticado a situação desde o início, embora este discurso prove

que isso mudou.

– Ela não escolheu estar com o Dev de ânimo leve – diz o Mark, com o tom firme, não permitindo ao Oakley argumentar. – E vi como são os dois juntos. Trazem o melhor do outro à tona. Só um idiota egoísta haveria de querer separá-los.

Bem, é uma crítica muito direta.

A careta do Oakley diz -me que também sabe disso.

– Sim, está bem – resmunga ele. – Agora, podemos falar de outra coisa?

– Claro, como do quão mal dançaste ontem à noite? – questiona o Mark.

– *Desculpa*? Pelo menos eu sei como mover -me com ritmo.

– Foste *tu* quem quase matou uma multidão de tias com os teus cotovelos.

O Oakley resmunga.

– Ah, sim? Vou mostrar -te que tipo de estragos posso fazer com os meus cotovelos. Vem cá, seu filho da...

– Sim, está bem, não – interrompo, agarrando no Oakley para os distrair de irem atrás um do outro, mas já estão a lutar.

Abano a cabeça, retiro a minha mão e espero. Pelo menos não é comigo que o Oakley está a lutar. Não descartaria que o Mark o tivesse provocado de propósito. Mais tarde, tenho de lhe agradecer por se ter sacrificado pela equipa.

Quando, por fim, se separam, o Oakley tem uma concha colada à testa e o Mark um grande arranhão vermelho no ombro, onde o Oakley lhe bateu com um pedaço de madeira, mas de resto estão ilesos. E a animosidade geral também está reduzida.

– Como nos velhos tempos – diz o Mark, apoiando -se nos cotovelos e observando -me a mim e ao Oakley. – Nós a lutar na praia e o Chava ainda desmaiado, a perder a diversão toda.

– No entanto, o pequeno -almoço preparado por ele vai estar à nossa espera quando voltarmos – lembra -nos o Oakley, tirando a concha da cara. – O facto de ele ter desistido da escola de culinária foi a nossa sorte.

O Mark inclina -se à volta do Oakley para me lançar um sorriso.

– E, como são férias de verão, até te deixo comer rabanadas.

Deixo escapar um gemido de alívio.

– Oh, obrigado, *porra*.

A tensão entre nós diminui e o companheirismo volta a instalar -se. Não significa que o Oakley me tenha perdoado ou esquecido os meus erros, mas é uma prova de que podemos seguir em frente.

– Vamos, mexam esses rabos – diz o Mark, pondo -se de pé. – Estas ondas são demasiado boas para ficarmos sentados a olhar.

Seguindo o exemplo, levanto -me e testo a minha sorte, estendendo a mão ao Oakley. Sustenho a respiração enquanto ele a observa, porque ambos

sabemos que é mais do que uma simples oferta para o ajudar a levantar -se. É um ramo de oliveira. Uma oferta de paz. Uma pergunta – *será que vamos ficar bem?*

Quando passa outro segundo e ele não se mexe, quase começo a suar. Mas, depois, ele bate com a palma da mão na minha.

– Continuo a odiar -te – diz ele, depois de o ter ajudado. – Contudo, eu percebo. Não tenho de gostar, mas percebo. E a situação não muda nada entre nós, está bem?

– Tirando o facto de me odiares – digo, mas a sorrir.

– Não é novidade nenhuma – dá -me um encontrão no ombro e empurra -me. – Vou superar. Como sempre.

Tenho a certeza de que sim. Só temos de ver quanto tempo vai demorar.

■ ■ ■

Quando volto para as casas, estou dorido e maltratado. Ao subir o caminho, vejo a minha mãe no pátio a bebericar da sua chávena de café matinal. Ela levanta a mão para me chamar e não me atrevo a ignorá -la.

Como uma criança exausta, deixo -me cair à frente das suas pernas e encosto -me às suas canelas. O meu cabelo molhado e cheio de areia cai -lhe no colo, mas ela não se queixa. Não, como a mãe incrível que é, passa os dedos pelas madeixas.

– Parece que perdeste uma luta – diz ela, calorosamente. – Presumo que o oceano ganhou?

Com um suspiro, fecho os olhos e deixo -a massajar o meu couro cabeludo. É como voltar a ser criança.

– Deixei -o ganhar.

– Rapaz inteligente – suspira ela e ouço o tilintar da chávena de café na mesa antes de voltar a falar. – Agora, está tudo bem entre ti e o Oakley?

Fico paralisado sob a mão dela. A pergunta é demasiado inocente, como se ela estivesse a fingir que não sabe exatamente o que se está a passar. No entanto, ela sabe. Sabe *sempre*.

Depois de um instante, inclino a cabeça para trás para olhar para ela, mas a sua expressão não revela nada.

– É a tua maneira de perguntar se ele não se importa que eu e a Willow namoremos?

O canto da boca dela encolhe -se um pouco, mas é o brilho nos olhos que a denuncia.

– Talvez.

Gemo quando me sento e recuo, virando -me para a fitar. Embora fragilizado.

– Portanto, tu sabes?

– Oh, *beta* – o sorriso espalha -se pela cara dela. – Eu tinha as minhas suspeitas, mas tive a certeza quando te vi esgueirares-te para casa dela na semana passada. Tens sorte de não teres caído daquela treliça, seu malandro.

A minha mandíbula descai.

– Tu viste -me?

Ela brinca e faz círculos no pulso.

– Eu vejo tudo.

Sim, não me digas.

– Estou feliz por ti – diz ela suavemente, tocando -me na face. – Sempre gostei dela. E ela sempre gostou de ti. Ainda bem que, por fim, reparaste.

Solto uma gargalhada, ainda envergonhado por ter sido tão cego.

– Como vais lidar com a relação? – continua ela. – A Willow vai voltar para Nova Iorque? Sei que o contrato dela acabou.

O meu coração anima -se com a pergunta dela. Porque a Willow não se vai embora. Posso mantê -la perto de mim e ela pode continuar a seguir os seus sonhos.

Respiro fundo.

– Quanto a isso...



Capítulo 33

Willow

Após seis horas de desemprego, voltei a ter trabalho.

Os contratos com o Reid e a Scuderia D'Ambrosi estão oficialmente assinados, e tenho a certeza de que a Chantal e a Grace já estão fartas de me ouvir falar desta nova oportunidade e da minha relação com o Dev. No entanto, elas estão felizes por mim. Especialmente a Chantal, uma vez que ganhou a aposta que ela e a Grace fizeram de quanto tempo eu e o Dev iríamos demorar até ficarmos juntos. Estou tão entusiasmada com a forma como está tudo a acontecer que nem consigo ficar chateada com elas por causa disso.

– Achas que vais voltar para Nova Iorque? – pergunta a Grace, com o rosto no topo do ecrã do meu telemóvel. – Ou devemos empacotar as tuas coisas e enviá-las para a Europa?

Rio -me.

– Volto em dezembro para resolver algumas coisas. Concordei em ficar o resto da época com o Reid, mas quem sabe o que vai acontecer depois disso.

No entanto, estou ansiosa para descobrir. Continuar no mundo da F1, mesmo que seja apenas por mais alguns meses, deixa -me entusiasmada. É exatamente onde quero estar. O facto do Dev também lá estar com certeza também não faz nenhum mal.

– Então não vamos subalugar o teu quarto – provoca a Chantal, a partir do fundo do meu ecrã. – Ou deitar fora todas as tuas tralhas.

– Oh, obrigada, és tão simpáti...

Sou interrompida por uma batida na porta.

Mas não é uma batida qualquer. É a batida do Oakley. A *nossa* batida.

– Merda, tenho de ir – digo às meninas, com pânico a invadir -me. – O Oak está aqui.

A Grace e a Chantal despedem -se rapidamente – e desejam -me boa sorte – antes de desligarmos. Atiro o telemóvel para a almofada e levanto -me da cama, mas faço uma pausa em frente à porta enquanto respiro fundo e torço as mãos. Não tenho *medo* de enfrentar o meu irmão, mas não quero que a culpa e os remorsos me atinjam de novo, especialmente num dia em que tudo o que quero é celebrar.

Porém, devo -lhe uma conversa. Esconder -lhe o que se passava foi errado e a forma como ele descobriu só tornou a situação mais dolorosa. Devo -lhe um grande pedido de desculpas, mas ter de enfrentar as consequências das minhas próprias ações? Não é muito divertido.

Depois de respirar fundo mais uma vez, abro a porta e entrego ao meu irmão o que espero ser um sorriso radiante. Infelizmente, parece -me mais uma careta.

– Olá, desculpa, estava na casa de banho – digo -lhe.

O Oakley revira os olhos.

– Literalmente, ouvi -te a falar com as tuas amigas. Não precisas de mentir. Outra vez.

Raios, *touché*.

– Pronto, está bem – admito, com a cara a ficar quente. – Estava com medo de abrir a porta.

– És ridícula – ele passa por mim e cai na cama, com os dedos entrelaçados sobre a barriga enquanto olha para o teto.

Fico no mesmo sítio, à espera de que fale. Ele está a agir como se estivesse tudo bem, embora esteja ligeiramente mais calmo do que eu esperava. Tem um arranhão na testa que, definitivamente, não tinha ontem à noite, talvez tenha a ver com o facto de ele estar tão calmo. Meu Deus, ele e o Dev andaram à bulha? Está aqui para me dizer que matou o meu namorado e atirou o corpo dele ao mar?

– Falei com o Dev – diz ele.

Não sei se devo sentir -me encorajada ou preocupada com a afirmação. Examinando -lhe o corpo, verifico sub -repticiamente se tem manchas de sangue, mas parece que tomou banho há pouco tempo. Qualquer hipótese de encontrar alguma prova desapareceu.

Engulo com dificuldade.

– Como correu?

Ele passa as mãos sobre o cabelo curto e depois coloca -as atrás do pescoço. *Okay*, talvez não tenha havido um assassinato, não consigo imaginá -lo tão calmo depois de ter matado um homem.

– Continuo descontente com o facto de vocês os dois... estarem juntos – ele tem de forçar as duas últimas palavras. – Mas não há nada que possa fazer em relação isso. Ou que *vá* fazer.

Uma parte da tensão nos meus ombros é aliviada.

– Não me vais obrigar a acabar com ele? – tento soar alegre, mas, na verdade, o meu tom é demasiado sério para ser interpretado dessa forma.

– Já és adulta, Wills. Podes fazer o que quiseses – por fim, vira a cabeça para olhar para mim, com os olhos castanhos -escuros e solenes. – No entanto, ajo assim porque não quero que te magoes. Não importa a idade que tenhas,

vou sempre proteger -te. Falhei contigo quando foi com o Jeremy e não quero que volte a acontecer. Não que ache o Dev parecido com ele, mas pensei que o mais seguro era manter -te afastada – ele solta uma risada, curta e sem graça. – Parece que falhei nisso também.

Sinto o coração apertado com as suas palavras. Ele tem tentado manter -me a salvo, de uma forma ou de outra, desde sempre. Porém, nem sempre consegue proteger -me e isso incomoda -o. No entanto, deu o seu melhor. É mais do que lhe podia ter pedido.

– Não me podes proteger de tudo, Oak – digo -lhe baixinho. Vou até à beira da cama e sento-me ao lado dos joelhos dele. Não estamos a tocar -nos, mas estamos próximos. – Às vezes tenho de me magoar. A vida é assim mesmo. Especialmente a minha. Mas acho que o Dev não me vai magoar, e também não o quero magoar.

Tenho -me sentido culpada por ter destruído o grupo de amigos do Oakley e, ao mesmo tempo, parece que ele se tem culpado por não me ter protegido deles. Contudo, começo a aceitar que a culpa não foi minha e preciso que ele perceba o mesmo.

– Eu sei – diz ele, alguns segundos depois. Hesitantemente, mas já é alguma coisa. – Porém, não me vai impedir de tentar.

Bato no joelho dele com o meu cotovelo.

– Podes tentar reduzir as tentativas.

Ele levanta a cabeça o suficiente para me lançar um olhar duro, mas o lábio superior contrai-se, como se estivesse a tentar não sorrir.

– Só não te magoes demasiado.

Eu resmungo.

– Vou fazer o meu melhor – do outro lado do quarto, o meu portátil recebe um novo e -mail. Pela pré -visualização no ecrã, parece ser da D'Ambrosi. Provavelmente, é o pacote de boas -vindas que o Reid disse que ia enviar. – O Dev falou -te do meu novo emprego?

– Novo emprego? – desta vez, ele senta -se. – O teu contrato com ele não acabou?

– Sim. Mas ele ajudou -me a arranjar um novo. Vou trabalhar com o Reid Coleman e a D'Ambrosi a partir do fim das férias. Já assinei o contrato.

Ele pestaneja um par de vezes, quase sem palavras, penso, mas depois sorri.

– Que fixe, Wills. Parabéns.

– Obrigada – imito a sua expressão. – Não teria acontecido se não me tivesses empurrado para trabalhar com o Dev.

– Também não estarias a namorar com ele – murmura o Oakley, mas a alegria no seu rosto não diminui. – Neste momento, posso detestar -te, mas estou orgulhoso de ti. O que fizeste com o Dev não foi fácil e parece que

causou uma boa impressão a mais pessoas. É preciso talento.

Faço uma vénia fingida.

– Dei o meu melhor.

O meu irmão revira os olhos perante o meu dramatismo, antes de se levantar da cama e se dirigir para a porta, terminando a nossa conversa honesta.

– Agora levanta esse rabo – diz ele, por cima do ombro. – O Chava fez o pequeno -almoço. E se queres uma rabanada é melhor ires lá abaixo antes que o Dev as coma todas.

■ ■ ■

O Chava merece um troféu por me ter guardado uma rabanada, porque o Oakley tinha razão – o Dev é um viciado em hidratos de carbono quando o deixam sem rédeas.

– Vá lá, tu sabes que não queres comer isso tudo – diz ele do outro lado da mesa, com o garfo em cima do meu prato. – De qualquer forma, devias comer mais proteínas. Acaba lá essa omelete.

Bato no garfo dele com o meu e o barulho ecoa pela sala de jantar.

– Não te atrevas – a seguir, lanço um olhar ao Mark. – Criaste um monstro, sabias?

O Mark levanta as mãos à sua frente, mas não parece minimamente arrependido.

– Esta é a única semana em que ele pode comer o que quiser. Não o vou impedir de nada até sexta -feira, por isso, ou te habituas ou saís.

Nesse caso...

Afasto a cadeira da mesa e pego no meu prato, observando a cara de desapontamento do Dev e o riso do meu irmão enquanto o faço.

– Vou fazer companhia ao Chava na cozinha. Come a comida de outra pessoa.

– Mas tu és a minha namorada – diz o Dev, nas minhas costas. – É suposto partilhares!

Fico feliz por estar de costas, para que ele não veja o sorriso que estou a esboçar. Estou satisfeita e aliviada com a forma como ele e o meu irmão se estão a dar bem, apesar das mudanças que a noite passada trouxe. O Oakley vai precisar de tempo para se adaptar e, no entanto, está sentado ao lado do Dev, a rir-se. Não sei se devo acreditar nas suas palavras ou nas suas ações, por isso, por agora, estou a considerar isto uma vitória.

Na cozinha, instalo -me na bancada, onde posso observar o Chava ao fogão e comer em paz. Ele lança -me um olhar compreensivo por cima do ombro, como se não estivesse surpreendido por eu estar aqui com ele, mas

antes que possa dizer alguma coisa, um par de braços desliza à volta dos meus ombros.

– Compro -te todos os *macarons* que quiseses se me deixares comer isso – murmura o Dev ao meu ouvido.

Apesar da distração, estou consciente da forma como o garfo dele se dirige outra vez para o meu prato. Hum. É uma oferta tentadora. E, por muito deliciosas que sejam as rabanadas do Chava, preferia estar a comê -los agora mesmo.

Aproximo o meu prato do dele.

– Está bem. Mas vamos buscá -los assim que acabares de comer.

– Combinado – diz ele, já a cortar um pedaço. – Também te vou levar noutro encontro.

– Ah, sim? – pergunto, com o coração aos saltos no peito. – O que tens em mente desta vez? Alugaste outra casa para mim?

– Bem, na verdade... aluguei três.

Rio -me e afasto -o enquanto ele enfia outro pedaço de rabanada na boca.

– Isso não conta, não o fizeste especificamente para mim.

– Raios, está bem, és tão picuinhas – termina o que resta do meu prato antes de deslizar para o banco ao lado do meu. – Como ainda estamos a tentar manter tudo semissecreto, andarmos demasiado em público não é uma opção. Estás de acordo?

Para já, estou. Não me importo de manter a nossa relação privada. Todas as pessoas importantes já sabem e isso é que importa. Mas vou querer mais. Vou querer exibi -lo e falar dele a quem me quiser ouvir. Embora, enquanto as coisas ainda são recentes, não me importe de as manter contidas no nosso mundo.

– Não me importo – respondo, inclinando -me para beijar o xarope no seu lábio inferior. É tão doce como ele. – Não me importo de te guardar como se fosses o meu segredo.

O seu sorriso é atrevido quando larga o garfo e passa um braço à volta da minha cintura, puxando -me para o banco dele.

– Posso ser o teu segredinho *sujo*?

– Podes ser o que quiseses...

– Oh, vá lá – resmunga o Chava do outro lado da ilha, atirando a espátula para o chão. – Adoro ver -vos juntos, não me interpretem mal, mas estou demasiado ressacado para assistir às vossas nojices logo de manhã. Vão para outro lado.

Há uma faísca astuta nos olhos do Dev.

– Então, vamos lá para cima? – murmura ele.

– Por pouco tempo – respondo, agarrando -lhe a *T -shirt*. – Mas debes -me *macarons*.

Os seus lábios encontram os meus enquanto o Chava pragueja ao fundo, mas estou demasiado perdida no beijo para me preocupar. Este momento é demasiado perfeito para que seja arruinado.

– Tudo o que quiseres, *jaanu* – diz o Dev quando se afasta, com nada mais do que amor nos olhos. – Dou -te tudo.



Epílogo

UM MÊS DEPOIS, SETEMBRO – SINGAPURA

Dev

Como cidade, adoro Singapura. No entanto, o tempo pode ser lixado.

– Detesto dizer, mas isto está um forno – diz o Chava, ofegante, enquanto nos dirigimos da área de hospitalidade para a garagem. – Tenho os testículos *quentes* e juro que o ar está à mesma temperatura. Acho que estou a suar do rabo. Merda, *estarei* a suar do rabo? – contorce o corpo, tentando olhar por cima do ombro para poder avaliar o próprio rabo nos calções azuis da Argonaut.

– Enquanto não fores tu a usar o fato à prova de fogo e a ficar sentado num carro durante horas, não te podes queixar – resmungo, dando -lhe uma olhadela sem abrandar. – E não estás a suar do rabo.

Ele volta -se para trás, radiante.

– Obrigado por olhares para o meu rabo.

– Por favor, nunca mais digas isso.

Quando chegamos à garagem, dá -me uma palmada nas costas e deseja -me boa sorte para a corrida, antes de se dirigir para o lugar que lhe foi destinado nas traseiras, com os outros membros da equipa que não são engenheiros. Por hábito, o meu foco permanece no sítio, mesmo que a Willow não esteja lá. Por esta altura, ela está num local semelhante na garagem da Scuderia D'Ambrosi.

Mesmo depois de duas corridas a trabalhar para eles, ainda é estranho vê-la com o vermelho da D'Ambrosi da cabeça aos pés, mas não há como negar que ela fica incrível. Ela passou a última semana das férias de verão em Itália, na sede da equipa, a organizar as coisas para poder começar a trabalhar para o Reid. Ligou -me várias vezes por dia, enquanto estivemos separados, para contar todas as atualizações recentes que a entusiasmavam e eu tinha todo o gosto em atender sempre.

Esta é a distância com que consigo lidar. Estar na mesma esfera, estar perto o suficiente para podermos passar as nossas noites e dias de folga juntos. Se não a posso ter diretamente ao meu lado, então estar em extremos opostos do *paddock* é um compromisso que aceito. O facto de saber que ela está a apenas

alguns metros de distância traz -me paz no meio da loucura.

E essa loucura começa quando entro no carro.

Graças a algumas penalizações verdadeiramente insanas que vários pilotos sofreram na qualificação e a um punhado de carros que partiram das *boxes* por necessitarem de modificações, vou partir na sexta posição da grelha. Continua a ser uma loucura sentar -me num lugar na terceira fila, mas no próximo ano já não será fora do normal. A não ser que a Mascort estrague completamente o carro com as manutenções de inverno, agora vai ser raro começar mais atrás. É um sonho e vai tornar -se realidade muito, muito em breve.

Flito os dedos à volta do volante, enquanto espero que os condutores atrás de mim arranquem para os seus lugares. À frente, o Zaid está na pole com o Axel ao seu lado, o cenário clássico. O Otto está mesmo à minha frente, em quarto, com o Lorenzo à esquerda. Ao meu lado, o Thomas, na McMorris, e atrás de mim, o Reid. Foi penalizado por ter bloqueado outro piloto numa *flying lap*, embora não tivesse espaço na pista para sair do caminho a tempo.

Contudo, ele está atrás de mim e tudo o que importa é ficar à frente dele.

Quando as luzes se acendem uma a uma, inspiro lentamente. À espera. Preparado. E, depois, as luzes apagam -se.

Saio da linha rapidamente, perto do Otto, mas o Thomas está a apertar -me. Cerro os dentes e mantenho -me firme durante as primeiras curvas. Quando surge a segunda reta à nossa frente, passo à frente do Thomas, ainda a defender -me do Reid lá atrás e à espera de uma abertura.

Quando a obtenho, não hesito. Coloco -me a centímetros da roda dianteira do Thomas, obrigando -o a travar para evitar a colisão na curva seguinte. É mau da minha parte, claro, mas é legal.

Porém, o nosso confronto não é nada. O drama real está a acontecer mais à frente, no que parece ser uma batalha a três entre o Zaid, o Axel e o Lorenzo. Estou afastado o suficiente para poder observar, sabendo que tenho de reagir rapidamente para não me envolver. E é esse o meu plano, porque o Lorenzo é um terrorista na pista, e parece que...

Porra.

Pestanejo. É o suficiente. Um segundo. Uma roda traseira atingida. Uma volta de 360 graus. Um desvio.

Uma reação ligeiramente lenta demais.

Uma chama.

Um fogo.

Vejo tudo a acontecer antes de chocar contra a parede.

Tenho os ouvidos a zumbir. Dói -me o pescoço como se quase tivesse sido arrancado. As minhas mãos ainda estão no volante, a tremer, a adrenalina a bombar numa tentativa de me ajudar a bloquear a dor.

Volto a pestanejar, desta vez mais devagar, o meu cérebro consciente a

tentar acompanhar as ações subconscientes. Contudo, é o fumo tenaz que me faz virar a cabeça para olhar para o meu único espelho intacto.

Nem preciso de o ver. Consigo sentir o calor do fogo. Apesar disso, obrigo -me a olhar. Para contar. Um. Dois. Três.

Três carros. Uma confusão de estragos. O risco que corremos em plena exibição.

- Dev.

Ouçõ uma voz ao ouvido, a chamar -me pelo nome. Demoro um segundo a aperceber -me de que a pessoa não está ao meu lado.

- Dev, estás bem? - diz o Branny, com o tom ansioso, como se já tivesse feito a pergunta mais do que uma vez. Mas é a primeira vez que o estou a ouvir com clareza.

Sinto o pânico na voz dele. O Branny nunca entra em pânico. Ele é calmo, frio e controlado. É o meu capitão destes mares tempestuosos.

- Dev, por favor, fala comigo - suplica ele. - Preciso de saber se estás bem.

Engulo com dificuldade, a garganta seca, sentindo o sabor do fumo no ar, tentando lembrar -me de como falar.

- Estou bem - engasgo -me. - Estou bem.

E estou. Apenas abalado e desorientado com a força do impacto. Os meus pensamentos estão confusos enquanto os tento expelir pela boca.

- Mas o Zaid. E... e o Axel. O Lorenzo. Estão - O que aconteceu?

O mundo gira à minha volta. Vejo um fiscal da pista debruçado sobre mim, a gritar, a querer saber se estou ferido. Não consigo perceber o que o meu engenheiro de corrida está a dizer. Digo ao fiscal que estou bem, para ir ajudar os outros.

O fogo arde com mais intensidade nos meus espelhos.

- Branny, diz -me o que aconteceu - peço outra vez, com o ardor do ácido a subir -me à boca enquanto luto para desapertar o cinto de segurança com mãos trémulas. - Estão todos bem? - Eles estão bem?- a minha voz está a falhar. - Branny, tens de me dizer. Por favor.

Há mais silêncio à medida que o fumo se torna mais espesso. Um frio horrroso apodera -se de mim.

- Não me parecem bem, Dev - diz ele, por fim. - Não me parecem bem.

Willow

Vou vomitar.

Quero vomitar. Quero deitar cá para fora a bÍlis que se agita nas minhas entranhas enquanto vejo o inferno a desenrolar -se à minha frente. Não há nada além de chamas, barreiras retorcidas e fibra de carbono estilhaçada. Quero que desapareça. Quero que seja tudo apagado do meu ser. Enquanto viver, não quero lembrar -me disto.

O fumo do incêndio chegou até nós, nas *boxes*, poucos segundos depois do acidente. As luzes intermitentes dos veículos de emergência são silenciadas pelas nuvens escuras, mas as sirenes são ensurdecedoras. Pessoa após pessoa corre em direção ao caos para ajudar os condutores envolvidos. Quem me dera poder fazer alguma coisa – qualquer coisa – mas, tal como a maior parte da garagem D'Ambrosi, estou estática no meu lugar, sabendo que o pior aconteceu.

E o Dev está algures ali.

Sempre achei que seria mais reativa perante uma emergência. Não pensei que o choque se instalasse nos meus ossos e quase me pusesse de joelhos. Pensei que iria correr, gritar e abrir caminho por entre todos os que tentassem deter -me.

Mas não. Estou somente... dormente.

Não posso ficar a ver as coisas a acontecerem, mas estou presa, enraizada ao chão, a cabeça a andar à roda com o ruído branco mais alto e doloroso. Recuso -me a acreditar. O rapaz que amo não pode estar preso naquelas barreiras. Não o posso perder desta forma. Não o posso perder *de forma nenhuma*. Não posso, não posso, não posso...

O telemóvel toca -me na mão, tenho os punhos cerrados. A sensação de dormência desaparece e foco a minha atenção. As palavras piscam no ecrã. Demoro alguns segundos a entender o seu significado.

O Chava. Uma mensagem. Todas as letras em maiúsculas.

ELE ESTÁ BEM. O DEV ESTÁ
BEM.

...

O Dev está bem. Mas o Zaid, o Axel e o Lorenzo não estão.

Já se passaram algumas horas desde o acidente e tudo o que sei é que estão os três nos cuidados intensivos. Que estão vivos.

A garagem da D'Ambrosi estava solene e silenciosa antes de eu sair. Saí assim que recebi a notícia de que o Dev recebeu alta do hospital, depois de ter sido avaliado por precaução. Toda a equipa ficou sem palavras, enquanto esperávamos por notícias do estado do Lorenzo. Mas tudo o que ouvimos foram rumores terríveis. De todos os pilotos envolvidos, ele era o que estava em pior estado quando o helicóptero o levou para fora do circuito.

E parece que continua a sê -lo.

– Tenho algumas novidades – diz o Dev, esticado na cama de hotel. Com

uma mão, segura um saco de gelo pressionado na parte de trás do pescoço e tem o telemóvel na outra. Ficou com nódoas negras e com um torcicolo, mas foi o pior de tudo. – Os pulsos do Zaid estão fraturados. O Axel está muito queimado. E o Lorenzo... Dizem que pode ficar paralisado da cintura para baixo.

Não sei o que dizer. Depois de ter chorado no seu peito quando nos reunimos e lhe ter dito o quanto o amava e o quanto estava feliz por ele estar bem – o quanto estava agradecida por ele se ter desviado mesmo a tempo – mal disse uma palavra ao Dev. Porque podia ter sido ele. Podia *muito facilmente* ter sido ele.

Agora, porém, na privacidade do quarto de hotel, voltei a ficar entorpecida e sem palavras. Sento -me na poltrona do canto, com as pernas esticadas até ao peito e os braços à volta delas, tentando manter -me firme.

Já vi acidentes antes. Péssimos. Acidentes que originaram tantos ferimentos, alguns até piores. Estava lá na última corrida de F3 em que o Oakley participou antes de se reformar. Nesse dia, estava lá quando um rapaz quase morreu. Foi a razão final pela qual o Oakley abandonou este desporto. Na altura, achei que tivesse compreendido a sua decisão, mas também sentia algum ressentimento dele ter decidido desistir de um futuro tão promissor. Um futuro que eu nunca iria poder ter.

Agora, gostava de nunca ter sentido esse ressentimento. Não há vergonha nenhuma em não querer pôr a vida em risco para entreter os outros. Posso nunca lhe ter dito o que realmente sentia, mas, mesmo assim, pedi desculpa quando ele ligou há pouco para saber como estávamos, eu e o Dev, mesmo que ele não entendesse do que estava eu a falar.

No entanto, ao contrário do meu irmão, o Dev esforça -se ainda mais quando o medo aumenta. Ele não desiste. Não se afasta. Ele continua.

O que aconteceu hoje não o vai parar.

É como se ele estivesse a ler -me o pensamento quando diz:

– Sabemos todos os riscos quando entramos no carro.

Levanto o olhar da mancha da carpete para onde tenho estado a olhar distraidamente, sabe Deus há quanto tempo. A sua expressão é solenemente determinada, como se estivesse pronto para convencer -me da sua escolha de conduzir – e continuar a correr – se tiver de o fazer. Será que está a pensar no Oakley e na sua decisão de sair da F3? Será que ele acha que o iria pressionar a fazer o mesmo?

Será errado da minha parte não querer que ele desista dos seus sonhos, por mais perigosos que sejam para ele e para o meu coração?

O silêncio paira enquanto consideramos os dois o que foi dito, um desafio passa entre nós. Contudo, não há nada para desafiar. Nada para contestar. Estamos na mesma página.

– Não te vou dizer para parares de conduzir, se é disso que estás à espera – digo, com as palavras tensas por causa das lágrimas que ainda estou a conter. – E não é por não gostar de ti. Meu Deus, Dev, tenho medo sempre que entras no carro. Mas foi o que escolheste fazer. O que amas – engulo o nó que sinto na garganta, mas a minha voz continua trémula quando volto a falar. – Tudo o que posso fazer é pedir -te que voltes sempre para mim.

A sua expressão suaviza -se de imediato, o maxilar tenso relaxa e os olhos tornam -se suaves.

– Vou dar sempre o meu melhor. Prometo – senta -se lentamente, colocando o saco de gelo e o telemóvel na mesinha de cabeceira. Depois estende as mãos para mim. – Vem cá, Willow.

Hesito antes de me levantar da cadeira, os joelhos, as ancas e os ombros protestam a cada movimento. A dor penetra em mim enquanto rastejo pela cama até ao abraço do Dev que me espera. Esforço -me por me concentrar no seu peito firme, nos braços fortes e na frescura das mãos. O seu nariz roça no meu, atraindo os meus lábios para cima e a minha cabeça para trás e deixo -o beijar -me enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Está longe de ser perfeito, mas diz tudo o que precisamos que diga. Ele compreende e respeita os meus receios. Não há garantias de que sairá vivo e ileso de todas as corridas. E eu aceito que ele vai continuar a fazê -lo até ao dia em que não puder ou não quiser mais.

Quando me aperta para ele, os meus ombros descaem, o corpo perde a adrenalina que tem estado a vibrar nas últimas horas. Estou a salvo nos braços do Dev e ele a salvo nos meus.

É tudo o que posso pedir, mesmo que não possa ser sempre assim.

Dev

– Como *assim*, não vão cancelar a corrida?

Sigo todos os movimentos da Willow, as palavras falham -me. Está furiosa porque a corrida do próximo fim de semana, em Suzuka, vai decorrer como previsto. A FIA anunciou -o há alguns minutos e pensei que contar -lhe durante o nosso pequeno -almoço na cama seria somente mais uma parte da nossa conversa. Não esperava começar a segunda -feira a vê -la andar de um lado para o outro no quarto com o pijama estampado de morangos, os caracóis a esvoaçarem em todas as direções, enquanto abana a cabeça em descrença pura, mas aqui estamos.

– Continuam três pilotos no hospital! – reclama. – Sim, estão vivos, mas podem não voltar a conduzir! Porque não cancelam?

A única resposta que consigo dar é um fraco:

– O espetáculo tem de continuar.

O comentário fê -la dar uma volta e apertar os dedos ao lado do corpo,

como se estivesse pronta para gritar outra vez.

Antes que o faça, levanto as mãos.

– Eu sei que é uma merda. Mas é por isso que as equipas têm pilotos de reserva. Os outros desportos também têm substitutos. Que são chamados se um jogador se magoa. É a norma.

– É tudo muito *ridículo*.

Ela está furiosa, mas arde tão brilhantemente. E esta paixão é por minha causa. Ontem à noite, disse -me que nunca me iria impedir de seguir os meus sonhos, mas a sua preocupação é a paga e hoje está a manifestá -la através da raiva.

Provavelmente, dava -me um pontapé no cu se eu o dissesse em voz alta, mas está tão *sexy* quando se aproxima da varanda e abre as portas. Faz uma pausa e respira fundo, embora isso faça pouco para apagar a chama que continua a arder dentro dela.

– E se todos recusarem conduzir? – sugere ela, voltando a olhar para mim.
– Se toda a Associação de Pilotos se unir contra isto, talvez cancelem a corrida.

Tento não desvalorizar o que diz.

– Isso nunca vai acontecer. Ninguém o mencionou no nosso grupo de WhatsApp, depois de o anúncio ter sido feito. Para ser sincero... acho que a maioria quer conduzir.

– A *maioria* são vândalos em busca de alguma emoção e precisam de tirar a cabeça do próprio... –interrompe, inspirando outro suspiro trémulo. – Desculpa. Sou...

– A mulher mais atraente que eu já vi? – digo, com um meio sorriso que consegue arrancar-lhe uma gargalhada, mesmo com a sua raiva. – Continua a gritar, querida. Estás a deixar-me com tesão.

– És ridículo – repreende -me, mas está sobretudo zangada consigo mesma por me ter oferecido aquele som tão bonito.

Estou prestes a sair da cama e a convencê -la a voltar e a acalmar -se – e, está bem, talvez a fazer mais do que isso – quando o meu telemóvel toca na mesa de cabeceira. Fico paralisado quando vejo o nome no ecrã.

– É o Howard.

Os meus olhos voltam a fixar -se na Willow e vejo como arregala os olhos, as mãos selvagens a moverem -se para o telemóvel.

– Atende – resmunga ela, como se estivesse preocupada que o Howard a pudesse ouvir.

– Pode ser importante.

Ela tem razão. Mas, e se forem más notícias? É a última coisa de que preciso depois do espetáculo de merda de ontem. Mesmo assim, por insistência dela, pego no telemóvel e atendo em alta -voz.

– Olá?

– A Mascort entrou em contacto – diz o Howard, ignorando as cortesias.

A minha barriga enche -se de nervos. Que merda. O tom de voz dele é impossível de decifrar e deixa -me a temer o pior.

– O Zaid não vai voltar o resto da época – continua.

Embora já tivesse a sensação de que fosse acontecer isso mesmo ao meu futuro companheiro de equipa, detesto ouvi -lo.

– Merda – respiro fundo, pronto para perguntar se ouviu alguma coisa acerca do estado do Axel, ou mesmo do Lorenzo, mas ele fala antes de mim.

– A Mascort quer que ocupes o lugar dele durante o resto da época.

O meu coração dispara quando olho para a Willow. Será que o ouvi bem?

Pela forma como ela diz *Oh, meu Deus*, sei que não estou a alucinar.

– Estás a brincar comigo – digo.

Como de costume, o meu choque não o diverte.

– Vais acabar a época ao lado do Kivinen – explica – e ocupas o lugar do Kivinen quando o Zaid voltar no próximo ano.

O que diz dá -me algum conforto. Estão a assumir que o Zaid vai ficar bem o suficiente para voltar e a julgar pelo suspiro suave da Willow, ela sente o mesmo. No entanto, não ameniza o meu choque.

– E a Argonaut vai deixar -me *ir embora*?

– A Argonaut vai receber uma boa quantia para te deixar sair antes do tempo. Na verdade, houve uma certa confusão por tua causa. A D'Ambrosi queria que substituísse o Lorenzo – alegando que tinha direitos sobre ti devido ao acordo dos motores que a Argonaut tem com eles. Mas o dinheiro fala mais alto e a Mascort ofereceu mais.

Ficava mais lisonjeado se não estivesse zangado por o Howard ter feito tudo nas minhas costas.

– Não te lembraste antes de me perguntar o que eu queria ou de me envolver nas conversas?

– Aconteceram quando estavas a fazer exames para ver se o teu cérebro ainda estava intacto.

Bem, porra.

– Estou -te a contar agora – continua o Howard. – Obviamente, a escolha é tua, mas a oportunidade está aqui.

Solto um suspiro, enquanto observo a forma como a Willow pressiona os lábios numa linha fina. Também está visivelmente atordoada com as jogadas loucas que estes homens têm feito.

– Não perderam tempo nenhum, pois não?

– Não pode existir empatia quando estão em causa milhões de euros. Tu sabes isso.

Ele não está errado, por muito que a ideia me enoje.

– Ou seja, a notícia de que vou para a Mascort na próxima época também

vai sair em breve? Não podem mantê-lo em segredo por muito tempo, se esperam que esteja a conduzir o carro deles na sexta -feira.

– Diria que na próxima hora, se não tiver saído já. E suponho que significa que estás disposto a aceitar o acordo?

Olho para a Willow e observo a sua expressão cautelosa. Obviamente, preciso de ver o contrato com os meus próprios olhos e preciso que o Howard e os meus advogados me acompanhem, mas... quero -o. Quero mesmo.

E, quando começo a ver um indício das covinhas da Willow, sei que ela também o quer.

– Sim – digo ao Howard, espantado por a minha voz soar tão forte como soa, porque, *porra*, a situação quase me faz tremer. – Manda -me os contratos.

– Já estão no teu *e -mail* para revisão – faz uma pausa, deixando -me processar tudo. – Prepara-te, Dev. A tua vida está prestes a mudar.

Willow

Sem surpresa, sinto -me bastante confortável em hospitais. O mesmo se aplica aos centros de cuidados urgentes e aos consultórios médicos. Tudo graças ao tempo que lá passei em criança, a fazer exames e a colocar as minhas articulações no sítio. O Dev, no entanto, está muito desconfortável. E não o posso censurar. Para ele, os hospitais são do piorio.

– Detesto isto – resmunga ele, mantendo -se ao meu lado enquanto avançamos pelo corredor em direção aos quartos dos doentes. – Porque será que os desinfetantes têm de ter este cheiro? É tão *nojento*.

– Vais ficar bem – acalmo -o. Tenho de conter uma gargalhada perante as suas lamúrias. Ele está mesmo nervoso. – O Zaid quer ver -te. E não se diz que não ao Zaid Yousef.

Não podemos ficar muito tempo, tendo em conta que o nosso voo para o Japão parte dentro de duas horas, mas quando se é convocado por alguém que foi campeão mundial sete vezes – e é o nosso futuro companheiro de equipa – o Dev fez exatamente o que lhe foi pedido.

Ele endireita -se ligeiramente, recompondo -se.

– É verdade.

Vim dar apoio moral, mas o facto de saber que o Zaid está bem o suficiente para receber visitas diminuiu o peso que sinto no peito. Continuo sem saber muito das condições do Axel e do Lorenzo. Só espero que também estejam a melhorar.

Contudo, o Dev tinha razão. É o mundo da Fórmula 1. E tenho de o aceitar. É um desporto de alto risco e alta retribuição, e não há nada que possa fazer para o mudar. Posso somente apoiar os pilotos que devo apoiar e fazer o meu melhor para me manter forte.

E fá -lo -ei. Porque faço qualquer coisa pelo Dev. Qualquer coisa para

permanecer no mundo dele.

No nosso mundo.

Quando chegamos ao quarto do Zaid, ele para à porta e aperta -me a mão, com uma pergunta.

– Entras comigo?

Tenho quase a certeza de que é uma conversa entre eles os dois, mas se ele me quer ali e o Zaid não se importar, fico feliz por estar ao lado dele.

– Claro.

Demora alguns segundos a animar -se. Depois de algumas respirações profundas e de sacudir os ombros, acena -me com a cabeça. Depois, bate à porta e abre -a quando uma voz nos diz para entrarmos. A mão dele continua bem apertada à volta da minha quando me guia para dentro e sigo atrás dele, a espreitar por cima dos seus ombros para ver a sala.

As máquinas, os fios e os tubos são as primeiras coisas que vejo e sigo -os até à cama onde o Zaid está a descansar. Antes do dia de hoje, nunca tinha pensado que ele tinha quase quarenta anos – os bons genes e a rotina de cuidados com a pele provavelmente ajudam – mas vestido com a bata de hospital e com olheiras, parece ter esses anos todos. Porém, quando vê o Dev e este começa a sorrir, perde uma década de imediato. O Dev é, sem dúvida, o mais atraente da grelha, mas o Zaid... Digamos que é o segundo por pouco.

– Anderson – cumprimenta ele, com uma voz surpreendentemente forte. – Obrigado por me vires ver.

O Dev acena com a cabeça, puxando -me gentilmente para ficar ao seu lado.

– Claro, amigo. Não te importas que a minha namorada esteja aqui?

– Claro que não – a atenção do Zaid volta -se para mim e, de repente, sou alvo do olhar mais intenso do mundo, mas surpreendentemente gentil. – É um prazer conhecer -te finalmente, Willow.

Ele sabe o meu nome? O meu choque deve transparecer na minha cara, porque ele se ri ligeiramente.

– Vi -te no *paddock* – explica ele. – Apertava -te a mão, mas... – olha ironicamente para baixo, para onde os braços engessados repousam sobre uma almofada no seu colo. – De momento, estou ligeiramente ferido.

– Fica para outra altura – respondo, descontraindo -me quando ele solta uma gargalhada.

– Como te sentes?

– Como se tivesse sido atropelado por um carro a duzentos quilómetros por hora e depois explodisse.

Deixo escapar um suspiro surpreendido devido à sua resposta seca e bato imediatamente com a mão na boca, envergonhada, mas o sorriso do Zaid deixa -me menos acanhada.

– Vou recuperar – assegura ele, os olhos escuros a avaliarem -me antes de se virarem para o Dev. O Axel também. Vamos voltar.

Não se fala do Lorenzo. E apercebo -me do brilho cansado dos seus olhos, quando fala do próprio regresso.

– Mas somente na próxima época – acrescenta o Dev, chegando ao que assumimos ser o objetivo desta reunião – o Dev ocupar o lugar do Zaid na Mascort, conforme o que assinou nos contratos mesmo antes de irmos ao hospital.

O Zaid acena com a cabeça, com o cabelo preto a cair -lhe na testa.

– Antes de mais, queria dar -te as boas -vindas à equipa. Ocupar o meu lugar não era, obviamente, a forma como devias ter começado na Mascort, mas fico contente por seres tu a manter o meu lugar à minha espera.

O Dev inclina a cabeça e reprimo um sorriso quando um tom rosa lhe surge nas bochechas.

Demasiado fofo.

– Mereces o lugar – o Zaid faz uma pausa, à espera que o Dev volte a olhar para cima. A expressão dele é agora séria. – Tenho -te visto a conduzir ao longo dos anos. No carro certo, acho que te podes sair bem. Muito bem.

Mantenho os olhos no Dev, enquanto ele recebe os elogios do seu ídolo. Estas palavras significam mais do que qualquer outra coisa que alguém no ramo alguma vez lhe tenha dito, e o Zaid parece falar a sério.

– Obrigado – diz o Dev, após uma pausa. – Vou dar o meu melhor para estar à altura disso.

O sorriso do Zaid torna -se num meio sorriso, enquanto ele relaxa nas almofadas que o apoiam.

– É bom que o faças. Se a Mascort perder o Campeonato de Construtores este ano para a Specter Energy por tua causa, faço com que rasguem o teu contrato. Percebeste?

Embora tenha quase a certeza de que o Zaid está a brincar, provavelmente tem o poder e a influência para o fazer acontecer. E não me surpreendia. Ele é visivelmente boa pessoa, mas os campeonatos não se ganham com bondade.

O Dev pigarreia e acena com a cabeça, e juro que se endireita.

– Sim, percebi perfeitamente.

– Ótimo – o Zaid lança -lhe uma vista de olhos, a avaliá -lo. – Muito bem, vai lá. Conduz o meu carro este fim de semana. Tens a minha bênção. E não o estragues, está bem? Já sofreu traumas suficientes.

– Farei o meu melhor.

Com isso, desejamos ao Zaid uma recuperação rápida antes de voltarmos para a entrada. Ficamos em silêncio enquanto percorremos o corredor, cada um a processar aquela interação tão singular. Estou, com certeza, estupefacta. E, *okay*, talvez a desenvolver uma paixoneta mínima que *nunca* irei contar ao

Dev.

Por fim, o meu namorado passa o braço à volta dos meus ombros e puxa -me para perto de si, dando -me um beijo na têmpora.

– Vou conduzir para a Mascort este fim de semana – murmura ele, em pura incredulidade, como se tivesse acabado de se aperceber.

Uma imensidão vertiginosa de borboletas invade -me a barriga. Estou tão orgulhosa dele que era capaz de gritar.

– Vais mesmo.

– Vou ocupar o lugar do Zaid até ele estar melhor.

– Isso mesmo.

– Tenho de estar à altura do cabrão do Zaid Yousef.

Sem dúvida que é importante, mas a forma como o diz faz com que eu também sinta uma pressão esmagadora. Não o culpo por estar ansioso.

– Tenho a certeza de que vais ficar...

– Estou tão entusiasmado.

Ao inspirar, observo -lhe a cara, surpreendida com a confissão efusiva.

– A sério? Não estás nervoso?

Ele encolhe os ombros.

– Quero dizer, se a excitação que estou a sentir significar alguma coisa...

– Desculpa – gaguejo, parando no meio do corredor. – Estás a dizer que o *Zaid Yousef* te dá tesão?

Ele sorri de forma atrevida.

– *Okay*, correção, saber que vou conduzir para a equipa de que sempre sonhei fazer parte deixa -me *muito* excitado.

– Oh, credo, Dev.

Ele encosta -me a uma parede, ao virar da esquina e fora da vista do corredor principal. E sim, consigo sentir o quão *excitado* está.

– Mas o melhor é saber que posso ter -te comigo o tempo todo – murmura ele, baixando a cabeça para que os lábios se aproximem dos meus. – Não o conseguia fazer sem ti, Willow. Nada disto. Não depois de ter descoberto o que é amar -te e ser amado por ti. É isso que me dá força. *Tu* és a minha força.

Um nó cresce na minha garganta e as lágrimas de felicidade queimam -me a parte de trás dos olhos. Ontem foi um dos piores dias da minha vida. O medo e a angústia que senti quando não sabia se o Dev estava envolvido, e que surgiram com tanta rapidez, quase me despedaçaram. No entanto, o regresso dele ergueu -me outra vez. Endureceu -me os ossos e fortaleceu cada músculo e ligamento dentro de mim. Tornou -me mais forte do que alguma vez pensei poder ser, e fi -lo por ele.

Nunca mais quero viver sem este poder.

Quero viver ao lado dele. Para sempre.

La dizer -lhe isso mesmo, mas o Dev continua, com aquele sorriso dele a

espalhar -se lentamente.

– A sério – diz ele. – Quão sortudo sou, não só por poder viajar pelo mundo e conduzir carros velozes, mas também por o fazer com a mulher que amo ao meu lado?

– Muita sortudo – concordo, pousando a mão sobre o seu coração acelerado. O meu bate igualmente depressa. – Acho que até pode ter sido o destino.

– Ter sido escrito nas estrelas, não é?

Levanto o queixo, num convite.

– Achas que as estrelas podem escrever um futuro em que me beijas nos próximos cinco segundos?

– Acho que podem fazê -lo acontecer.

E, quem diria, as estrelas dão -me exatamente o que quero. Fazem -no sempre.

²⁴ Volta feita à velocidade máxima (*N. da T.*)



UM ANO DEPOIS – NOVA IORQUE

– Posso tirar a venda agora, *por favor*?

Juro que tenho o pedaço de seda sobre os olhos há pelo menos meia hora, e os sons de Nova Iorque estão intensificados por causa disso. É tudo tão barulhento, e tenho medo de tropeçar enquanto o Dev me conduz pela calçada. Ele, provavelmente, vai ficar com marcas permanentes de unhas no antebraço, por causa da força com que o estou a agarrar.

– Ainda não – responde ele, de forma enigmática. É o mesmo tom que tem usado desde que interrompeu a minha visita à Chantal e à Grace, para me sentar num SUV que estava à nossa espera. – Estamos quase lá.

É bom que estejamos, ou vou dizer que se lixe ao quer que seja esta surpresa e tirar a venda.

Era a última coisa que esperava hoje, especialmente porque o Dev nem sequer era suposto estar na cidade. Concordámos em passar separados as férias de duas semanas entre corridas, não porque precisássemos de uma pausa um do outro, mas porque os nossos horários estavam em discórdia. Eu precisava de estar em Nova Iorque com o Reid, enquanto ele fazia uma mini visita de imprensa, e o Dev precisava de estar no Reino Unido, na sede da Mascort, para testar as novas atualizações dos carros no simulador.

Por isso, o aparecimento dele em si já foi uma surpresa. Contudo, quando me raptou para um encontro qualquer? Foi um choque ainda maior.

– Mais cinco passos – anuncia. – E... para.

Uma brisa de ar condicionado atinge -me quando uma porta se abre e sinos tilintam acima da minha cabeça. Basta um passo para saber onde estou. O cheiro é sinal de que estou a chegar.

– Trouxeste -me à Stella Margaux? – pergunto, a rir. – Não precisavas de me vender os olhos para isto.

– Talvez não – cede o Dev, desatando o nó na parte de trás da minha cabeça. – Mas queria que esta parte fosse uma surpresa.

Antes dele tirar a seda dos meus olhos, apercebo -me do silêncio que reina no edifício, o que nunca acontece. Eu iria saber – tenho vindo cá todas as tardes desde que cheguei há três dias. De todas as vezes, a fila tem dado a volta ao quarteirão. As minhas suspeitas são confirmadas quando a venda cai e revela que eu, o Dev e um outro homem vestido de cozinheiro somos as únicas pessoas na loja.

De olhos arregalados e com a barriga às voltas, viro -me para o Dev.

– Alugaste a loja toda?

– Aluguei – sorri, balançando -se nos calcanhares com um prazer presunçoso. – Achei que não ias querer testemunhas quando voltasses a tentar cozinhar *macarons*.

Resmungo, mas o meu entusiasmo cresce e toma conta de mim. Um encontro para cozinarmos *macarons* é mesmo a coisa mais à *Willow* que ele podia ter planeado.

– Arrependo -me muito de te ter contado os meus fracassos culinários.

– Vamos certificar -nos de que ficam perfeitos – promete o chefe.

– Não a subestimes – diz o Dev, e dou -lhe uma cotovelada na barriga.

O que só o faz sorrir mais.

O outro homem dá um passo em frente com a mão estendida.

– Chamo -me Antoine. A Stella tem pena de não poder vir, mas disse que te vê no *paddock* na próxima semana. Estás pronta para começares a cozinhar?

Aceno com a cabeça e aperto -lhe a mão.

– Por favor, ensina -me os teus métodos. Há *anos* que os tento reproduzir.

Não acredito que estou mais entusiasmada com isto do que com o facto de conhecer a Stella na próxima semana. Porém, se há uma vantagem de ter um namorado na F1, é poder conhecer as celebridades com quem sempre sonhei interagir.

O Antoine leva -nos para a cozinha.

– Venham. Vou ensinar -vos todos os nossos segredos.

■ ■ ■

Uma hora depois, consegui o impossível. Fiz um *macaron* perfeito.

Na verdade, fiz *vários*. Tenho uma série de obras -primas de baunilha e pêssego à minha frente. Talvez me orgulhe mais delas do que de qualquer outra coisa que já tenha feito.

Como prova das fantásticas capacidades de ensino do Antoine, até o Dev fez um tabuleiro cheio de *macarons* lindos e uniformes. O homem é um cozinheiro decente, mas não sabia que a pastelaria era uma das suas habilidades. Não há nada que ele não consiga fazer. É mais uma razão pela qual o amo com todo o meu coração.

– Toma – diz o Dev, entregando -me uma das caixas clássicas da Stella Margaux. – Junta as tuas criações às minhas.

Tiro -lhe a caixa, concentrada em escolher os mais perfeitos para levar para casa. Quando tenho os meus dez selecionados, tiro a tampa laranja da caixa e agarro no primeiro *macaron* para o colocar gentilmente ao lado do dele.

E, então, paro. O *macaron* escorrega -me dos dedos e cai no chão.

Entre dois *macarons* magníficos de morango está um anel. Um anel de diamantes. O maior, mais brilhante e mais bonito anel de diamantes que já vi.

Quando volto a olhar para cima, com o coração a estremecer e os lábios entreabertos de surpresa, o Dev já não está à minha frente. Está de joelhos e a olhar para cima.

– Willow Williams – começa ele. Está a tentar ser sério, mas luta contra o que deve ser o maior sorriso do mundo. – Meu raio de sol. Minha amante de *macarons*. Amor da minha vida inteira. Queres casar comigo?

Raios, isto está a acontecer. Está *mesmo a acontecer*. Estamos juntos há mais de um ano, e não me imagino a viver a minha vida com mais ninguém, mas *mesmo assim*. Estou em choque.

– Oh, meu Deus – gaguejo, com os olhos a desviarem -se entre a sua cara expectante e o enorme diamante. – Oh, meu Deus, Dev, *sim*. Sim, sim, sim!

A caixa bate na bancada de aço inoxidável e o riso do Dev serve de banda sonora para o momento em que me atiro a ele.

– Foi por isso que hoje a Chantal disse que as minhas unhas estavam feias e me obrigou a arranjá -las? – soluço, agarrando -me a ele. Estou tão feliz que podia explodir. – Ela sabia?

Ele ri -se e abraça -me, com os seus braços fortes e quentes.

– Sim, avisei -a e à Grace. De qualquer maneira, tinha de ter a aprovação delas.

– E foi por isso que o Oakley ligou esta manhã? – pergunto. Todas as peças se estão a encaixar no devido lugar. Deus, como foi que não o previ? – Ele estava todo sentimental e doce! Pensei que estava a tentar dar -me graxa para conseguir passes para a garagem da D'Ambrosi!

– É um milagre que ele não tenha dado com a língua nos dentes – diz o Dev. – Disse -lhe há algumas semanas o que estava a planear e fi -lo prometer que não ia estragar a surpresa. Nunca vi um homem tão stressado por guardar um segredo.

É incrível o quão longe chegámos desde o dia em que o Oakley descobriu o nosso segredo. Estava preocupada com a possibilidade de ele nunca vir a ultrapassar a situação, mas, em vez disso, tornou -se um dos nossos maiores apoiantes. O Dev e o Oakley são outra vez os melhores amigos – a única diferença agora é que não sou o terceiro elemento indesejado. Faço parte do grupo. Nunca pensei ver o dia em que isso fosse acontecer.

Pressiono a cara contra o peito do Dev, sem me importar que as lágrimas estraguem a minha maquilhagem e lhe manchem a camisa.

– Não acredito que fizeste isto!

– Achei que estava na altura – murmura ele contra o topo da minha cabeça. – Teria feito mais cedo, mas estamos sempre tão ocupados.

Volto a recuar e apercebo -me de outra coisa. – Espera, o Reid também sabia? É por isso que insistiu tanto para que eu tirasse o dia de hoje? Quem é que *não* sabia?

O sorriso do Dev é brincalhão.

– Digamos que houve muita gente metida nisto – inclina a cabeça mais uma vez e murmura ao meu ouvido. – A propósito, o Reid também não está à espera que trabalhes amanhã. Ou até estarmos outra vez na estrada. És toda minha, Willow.

Fico a olhar para ele, com o coração quase a rebentar.

Ele tem razão. Sou toda dele. Tal como ele é todo meu.

Acho que deve ser o destino.



AGRADECIMENTOS

É impressionante a quantidade de pessoas que são necessárias para dar vida a um livro, mas eu não teria conseguido fazer isto sem nenhuma delas.

À minha fantástica agente, Silé Edwards, que respondeu ao meu primeiro e-mail frenético trinta minutos depois de o ter enviado, num sábado à noite, e ficou acordada até tarde para atender as minhas chamadas em pânico. Segurou a minha mão (muito suada) ao longo de uma experiência tão turbulenta, e eu não podia estar mais grata.

À minha editora da Pan Macmillan, Kinza Azira, por ter acreditado nesta história e por ter ajudado a torná-la muito mais consistente. Adoro a forma como as nossas visões para o livro se alinharam, e trabalhar em conjunto tem sido um sonho absoluto.

À minha editora da Berkley, Mary Baker. Soube desde a nossa primeira conversa sobre Danny Ric que este livro iria ficar em boas mãos.

À Beth Lawton, por ter pegado no primeiro rascunho deste livro e ter ajudado a transformá-lo em algo coerente com as suas mágicas edições. À Leni Kauffman, por ter criado a capa mais espetacular. Deu vida às minhas ideias melhor do que eu alguma vez poderia ter imaginado.

À Soraya e à Mahbuba, por terem lançado as bases para que este livro pudesse chegar a mais pessoas. Vocês fizeram tanto para ajudar a tornar os meus sonhos editoriais realidade. A vossa bondade significou o mundo para mim e nunca serei capaz de vos agradecer o suficiente por isso.

Aos leitores que me seguiram através de pseudónimos, plataformas e géneros. Obrigada por me acompanharem e por crescerem comigo. Percorremos um longo, longo caminho.

A todos os leitores beta do CTL que dedicaram tempo a ajudar a moldar a história.

O vosso feedback foi inestimável!

Jenna, Deidre, Norhan, Ruqi, Bei, Naorès, Moon, Ann, Tiyasa, Vivian, Nat, Teigan, Chloe, Aaliyah e Zarin, obrigada por serem as maiores apoiantes e por divulgarem este livro. Vocês são todas umas superestrelas.

Ao Esquadrão Classe A, por me aturarem no karaoke e por estarem

presentes em alguns dos momentos mais difíceis. Desta vez, não vos vou perguntar se gostaram.

Kate, eu literalmente não teria conseguido passar por isto sem ti.

Obrigada por cuidares tão bem da célula cerebral partilhada quando eu não podia, por ouvires tão pacientemente todas as minhas ideias loucas e por te sentares ao meu lado em Palm Springs enquanto eu me queixava do que pensava ser a última edição deste livro. Também eu espero que continuemos a escrever livros acidentais durante décadas.

Kell, estou tão contente por termos conseguido escapar de Tu Sabes Onde, mas encontrar -te lá foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Obrigada por todo o teu encorajamento para continuar a escrever e por seres a pessoa mais fixe de sempre. Está na altura de planear a nossa próxima viagem a Vancouver.

À Marlene, por seres a minha terceira mãe e por me incentivares a continuar a seguir os meus sonhos, mesmo quando me sentia impedida. Ajudaste -me a ultrapassar alguns dos piores minutos, horas e dias da minha da minha vida, e nunca me vou esquecer disso.

À Sammy, por seres a irmã que, sinceramente, nunca pedi, mas com quem fiquei na mesma. Não há mais ninguém com quem eu quisesse partilhar um quarto de motel assustador à beira da estrada.

À minha avó, por me trazer chai, por me ligar para me acordar para as corridas de F1 e por tomar conta dos meus cães para eu poder trabalhar.

Mãe D, se estás a ler isto, significa que finalmente te deixei ler um dos meus livros. Parabéns! Nunca mais vamos falar sobre isto! Mas obrigada por respeitares a minha privacidade durante a minha infância e adolescência, porque isso permitiu -me ter espaço para me tornar na escritora que sou hoje. Obrigada por seres a minha cozinheira, a minha motorista e a minha terapeuta. Amo -te mais do que as palavras podem dizer.

E à mãe J. Sei que não gostavas de romances, mas gosto de pensar que terias gostado deste (só porque fui eu que o escrevi). Tenho saudades tuas. Obrigada por me trazeres até aqui.



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Rua dos Lusíadas, 63 B
1300-366 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2024, Simone Soltani

© 2024, Planeta de Livros Portugal

Publicado originalmente por Pan Macmillan,
uma chancela de Pan Macmillan, uma divisão de Macmillan Publishers International Limited
Edição espanhola publicada mediante o acordo com Casanovas & Lynch Literary Agency

Título original: *Cross the Line*

Ilustração da capa: © Leni Kauffman

Edição em epub: Junho de 2024

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-900-8 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

1. *Introduction*

2. *Methodology*

3. *Results*

4. *Discussion*

5. *Conclusion*